INÊS 249

FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921  UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA



ANO 104 ★ Nº 34.829 | DOMINGO, 11 DE AGOSTO DE 2024 | R$ 9,90



Histórias sem fim nem limites

Pai da Vaga-Lume, Jiro Takahashi critica revisionismo e pensa futuro dos livros C4

Mundo A14

Com visita de Xi em vista, Brasil chega a meio século de relações com a China

paris 2024

Pela 3ª vez, a prata

Na despedida de Marta, seleção perde por 1 a 0 e algoz EUA fica com o ouro p.2

VÔLEI FEMININO

Brasil vence Turquia e leva o bronze; país encerra Jogos com 20 medalhas p.3 e p.5

MÔNICA BERGAMO

Futebol masculino está em decadência e precisa investir em técnicos, diz Raí p.4

AGENDA DOS JOGOS

MARATONA
3h Prova feminina

BASQUETE
10h30 EUA X França disputam medalha de ouro no feminino

ENCERRAMENTO
16h Cerimônia ao vivo

dia dos pais

Licença-paternidade ampliada vira trunfo para empresas

Mercado p.10

Registros de crianças sem o nome do genitor crescem 24%

Cotidiano B3

Filhos ressignificam a data diante de ausência paterna

Equilíbrio B5

Laura M. Machado

A presença do pai importa?

A Pnad nos permite ver o impacto de um pai que mora no mesmo domicílio. Um menino negro que não mora com o pai tem 20% de probabilidade de deixar a escola aos 16 anos; um que mora, 12%. Mercado p.9



Bombeiros trabalham no resgate dos passageiros do avião modelo ATR 72-500, em Vinhedo (SP); análise das caixas-pretas já começou Bruno Santos/Folhapress

Bombeiros resgatam todos os mortos; total de vítimas chega a 62

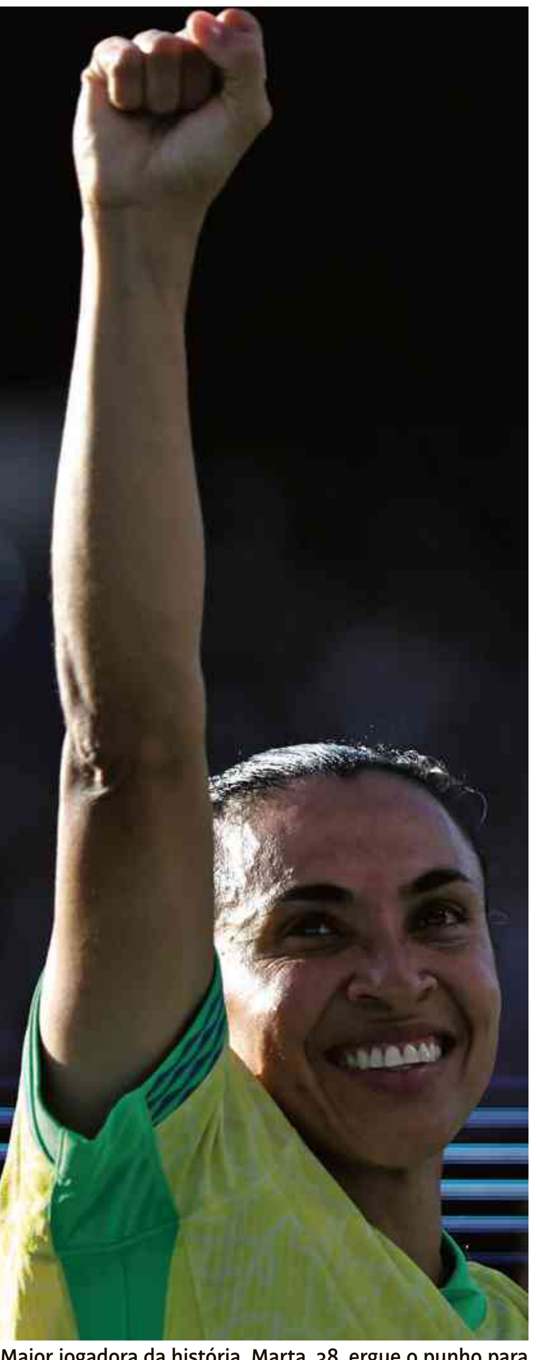
Corpos estavam sentados nas poltronas da aeronave; relatório sobre causas do acidente deve sair em 30 dias

O Corpo de Bombeiros conclui ontem o resgate dos 62 corpos que estavam no avião da Voepass que voava de Cascavel (PR) para Guarulhos (SP) e caiu sobre um condomínio em Vinhedo (SP) —a companhia aérea incluiu mais um passageiro na lista. Apenas piloto e copiloto foram identificados.

Os corpos estavam praticamente sentados em seus assentos, relatou o capitão Michael Cristo. Complexa e sem prazo definido, a identificação no IML da capital incluirá análise de impressões digitais e arcadas dentárias, entrevistas com parentes e coleta de material genético para exames de DNA.

O relatório preliminar sobre as causas do acidente deve ser concluído em 30 dias, segundo a FAB. Entre as possibilidades, estão acúmulo de gelo nas asas e falha na posição das hélices.

O primeiro voo para Cascavel após a tragédia foi marcado por atraso, apreensão e homenagens. Cotidiano B1



Maior jogadora da história, Marta, 38, ergue o punho para comemorar a sua 3ª medalha de prata Mathilde Missioneiro/Folhapress

ENTREVISTA **Kate Darling**

Robôs 'humanos' são chatos, afirma pesquisadora do MIT

Por que não criar algo diferente? Essa é a pergunta da especialista em robótica Kate Darling, do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts), diante de robôs humanoides. Ela propõe algo menos antropocêntrico.

Para isso, programadores, cientistas e empresas precisariam abdicar de tentar reproduzir aspectos humanos nas máquinas e fazê-las boas em outras coisas. "É preciso esforço para se afastar do padrão", diz. Mercado p.5

Oposição aposta em negociar com Maduro

Duas semanas após o anúncio da vitória do ditador venezuelano, a oposição acredita, diante da pressão internacional, na possibilidade de forçá-lo a negociar e destaca o papel do Brasil nessas conversas, mas não descarta um mediador europeu. Mundo A12

Guerra quintuplica frete e expõe gargalos marítimos

A crise no Oriente Médio quintuplicou o preço médio de fretes pagos por empresas de transporte marítimo, embora a demanda ainda continue alta.

Mais relevante, os ataques no mar Vermelho e o risco de uma guerra regional centrada no Irã expõem os gargalos globais do comércio por navios. Mercado p.1

EDITORIAIS A2

Temor de recessão nos EUA ainda é prematuro

Sobre queda provável do juro e reação do mercado.

O público e o privado

Acerca de conflitos de interesses no funcionalismo.

ATMOSFERA

São Paulo hoje

20° 6°

0h 6h 12h 18h 24h

	Hoje	Amanhã
Rio	13° 23°	13° 25°
Brasília	12° 30°	16° 31°
Ribeirão	09°25°	10° 26°

Comissão com R$ 1 bi recebe instruções de auxiliar de Lira

Política A4


ISSN 1414-5723
9 771414 572018 34829

05

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Pérsio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)*, João Cestari *(tecnologia)* e Marcelo Benez *(comercial)*

Jean Galvão



EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Temor de recessão nos EUA ainda é prematuro

Após reação exagerada, mercados se acalmam ante indicadores americanos; juros menores lá facilitam o trabalho do BC aqui, mas governo tem de ajudar

Nos últimos dois meses consolidou-se uma mudança relevante no quadro econômico internacional. Evidências de desaceleração na atividade e preços sob controle devem levar a menores taxas de juros nos Estados Unidos, o que é notícia positiva, desde que não haja uma recaída recessiva.

De fato, no período houve notável redução no ímpeto da inflação, que parece agora se aproximar da meta de 2% ao ano perseguida pelo Federal Reserve (Fed), o banco central americano. O crescimento do Produto Interno Bruto ainda se mantém perto de 2%, mas com cada vez menos exuberância.

A combinação vinha sendo bem recebida, mas os resultados mais recentes do mercado de trabalho sugerem que pode estar aumentando o risco de uma recessão.

Na leitura relativa a julho, divulgada em 2 de agosto, pela primeira vez em vários meses a criação de novas vagas ficou abaixo das expectativas. Mais preocupante, no mês o desemprego subiu de 4,1% para 4,3%. Numa média de três meses, a taxa cresceu 0,5 ponto percentual, algo que no passado se mostrou compatível com retração da atividade econômica.

Esse foi um dos motivos para a reação abrupta dos mercados financeiros, com queda notável e rápida nas Bolsas de Valores pelo mundo e ampliação da expectativa de cortes mais rápidos dos juros.

Nos dois dias seguintes à divulgação da alta no desemprego, as ações americanas caíram cerca de 5%, o dólar perdeu força ante outras divisas e a taxa de juros de prazo mais longo, dez anos, passou de 4% para 3,8% anuais.

Tais movimentos já foram em parte revertidos, o que mostra seu caráter efêmero e especulativo. Outros indicadores, como a geração de renda das famílias e a situação financeira das empresas, indicam ser prematuro concluir que uma recessão se aproxima.

De todo modo, a mensagem de que o dinamismo excepcional da economia americana possa estar ficando para trás deve ter certa permanência. Uma consequência por ora favorável é que se consolidou a expectativa de que o Fed começará a cortar os juros em setembro. As projeções atuais sugerem redução de até 2 pontos percentuais, para 3,5%, até o final de 2025.

Para o Brasil, trata-se a princípio de um quadro positivo. Menor restrição monetária global e dólar menos valorizado, desde que sem recessão, tendem a facilitar o trabalho do Banco Central.

Ao contrário do que se observa nos EUA, contudo, por aqui a inflação e os juros permanecem com viés altista, pois persistem a incerteza em relação à gestão autônoma do BC e a gastança no Orçamento federal. Reduzir essas fontes de pressão é, pois, urgente.

O público e o privado

Gestão federal dá um exemplo e um contraexemplo de controle de possíveis conflitos de interesse

Não há Estado democrático de Direito sem transparência. A população precisa ter acesso a informações a respeito do poder público, tanto para exercer algum controle sobre suas ações como para assegurar a eficácia de suas medidas.

Mas a transparência não é absoluta. Por óbvio, nem toda reunião de governo deve ser filmada e divulgada, sob o risco de afetar a sinceridade e a espontaneidade de servidores, piorando a qualidade do processo deliberativo.

O grau exato depende, portanto, do tipo de atividade envolvida, suas especificidades e possíveis repercussões dos atos. Idealmente, cada setor do poder público deveria obedecer a um conjunto de regras claras sobre o tema.

Se tal tarefa já é complexa, o desafio fica ainda maior quando se trata de potenciais conflitos de interesses do funcionalismo. Recentemente, o noticiário estampou um exemplo e um contraexemplo de como se deve proceder.

No primeiro caso, o Banco Central anunciou novas regras para as reuniões entre seus diretores e agentes do mercado financeiro e outros grupos. A norma, bastante detalhista, descreve até como deve dar-se o agendamento.

Se há o risco de que que a burocracia soe excessiva, ele é amplamente compensado pelo benefício legado à instituição, que assim se mostra empenhada em aprimorar seu trabalho e sua imagem.

O contraexemplo vem do governo federal. Sem passar por nenhum tipo de quarentena, dois funcionários do alto escalão que atuaram na regulamentação de sites de apostas e deixaram o serviço público foram liberados para trabalhar como advogados de empresas do setor.

Pode-se considerar que a quarentena é pouco eficaz. Um intervalo de meses não diminuiria o valor do conhecimento que os ex-servidores levam para a outra parte.

O que está em jogo, no entanto, são também atitudes. O Estado precisa deixar claro à sociedade que se preocupa em evitar relacionamentos promíscuos entre agentes públicos e privados.

Essa simples disposição contribui para o fortalecimento das instituições; já ignorar os conflitos de interesse mina seu prestígio.

Alexandre no fim do mundo

Hélio Schwartsman

Você sabe que vive tempos interessantes quando até o passado se torna incerto. Avanços no campo da arqueologia, da antropologia e até da linguística vêm fazendo com que a história, particularmente a de períodos mais antigos, passe por uma pequena revolução. O best seller "O Despertar de Tudo", de David Graeber e David Wengrow, é talvez o melhor exemplo disso, mas nem de longe um caso isolado.

Esse movimento de ampliação das fontes de pesquisa afeta até biografias. Acaba de sair "Alexander at the End of the World", de Rachel Kousser.

A vida de Alexandre, o Grande, fascina terráqueos há 24 séculos. Inúmeras biografias do rei macedônio já foram escritas. O que distingue a de Kousser de outras é que, embora a autora não dispense as fontes gregas e romanas clássicas, como Arriano e Plutarco, recorre também a escritos orientais (em acádio e aramaico), além de achados arqueológicos.

Outro traço distintivo da biografia de Kousser é que a autora se centra nos sete últimos anos da vida de Alexandre, da destruição de Persépolis em 330 a.C. até 323 a.C., um período ao qual biógrafos anteriores não deram tanta atenção.

Uma das teses de Kousser é que o poder transformou Alexandre. Não que ele tenha um dia deixado de ser o general impetuoso, megalomaníaco e que combinava gestos de misericórdia com lances de crueldade. Mas, à medida que foi avançando para o Leste e passando por batalhas, insurreições e motins, percebeu que a única forma de administrar um império tão vasto era recorrer a um exército e a uma burocracia multiculturais, no que se tornou uma das primeiras experiências do mundo com a globalização.

Kousser é cuidadosa. Alerta-nos para não confundir o multiculturalismo atual com o de Alexandre, que era essencialmente instrumental e sem elucubrações filosóficas. Vale notar que os sucessos do general foram efêmeros. O império se desmilinguiu logo depois que ele morreu.

helio@uol.com.br

A extrema direita vai às ruas

Bruno Boghossian

A extrema direita foi às ruas no Reino Unido para propagar uma onda de ódio contra imigrantes. O bando espalhou medo e fúria, mas não fez muito sucesso. Depois de invadir abrigos, incendiar carros e agredir policiais, a turma despertou grandes atos antirracistas que, na prática, frearam os ataques. A maioria da população condenou a violência.

Mesmo assim, os políticos que usam a xenofobia como língua corrente não acharam que era o caso de voltar para a toca. O desprezível Nigel Farage tentou convencer o público de que repudia a violência, mas aproveitou para dizer que os protestos exigiam uma iniciativa urgente para conter a imigração.

A ação política da extrema direita é uma aula do jogo baixo que é possível fazer para contaminar o debate público. Partido anti-imigração por natureza, o Reform UK de Farage foi derrotado na última eleição do Reino Unido e ficou com 1% das cadeiras do Parlamento. A legenda, no entanto, tenta explorar os ataques para fazer valer suas preferências.

A manipulação de rancores não é uma tarefa difícil quando ocorre num ambiente inflamável. No Reino Unido, grupos extremistas estimularam a perseguição a imigrantes depois que informações falsas nas redes deram conta de que um imigrante em situação ilegal teria sido o responsável por assassinar três crianças na cidade de Southport.

A ultradireita conhece bem esse território. Ainda que 85% da população tenha rejeitado protestos violentos, 42% dos britânicos disseram ao YouGov que as manifestações que ocorreram de forma pacífica eram justificadas —ainda que tenham sido convocadas por radicais, a partir de um estopim xenofóbico e mentiroso.

A violência pode até ser condenada, mas o espetáculo que ela produz é capaz de ampliar o alcance de um assunto e até amplificar a adesão à retórica de grupos que, em tempos de calmaria, são vistos como radicais. Em certos casos, com alguma boa vontade coletiva, essa mudança é suficiente para que mais gente passe a considerá-los normais.

O nome dela é Barbra

Ruy Castro

Barbra Streisand acaba de lançar sua autobiografia, "My Name is Barbra", ainda sem edição brasileira. Saiu nos EUA pela Viking Press e tem 970 páginas. Sou fã de Barbra, tenho curiosidade por ela e pensei em encomendar o livro. Mas a perspectiva de que, pelo peso, tivessem de fretar um transatlântico para trazê-lo e isto me custasse as calças, me fez desistir. Por sorte, ganhei-o de um amigo que o trouxe de Nova York, pagando excesso. A capa é um belo close de Barbra, realçando o nariz que, como conta no prefácio, escrito por ela, a fez ouvir chacotas desde que nasceu e que, por isso mesmo, nunca sequer cogitou operar.

Tanto quanto o nariz, faz parte da personalidade de Barbra não se curvar para ninguém. Ao contrário, desde o começo, em 1962, aos 20 anos, ela é que dobrou à sua vontade os empresários, gravadoras, maestros, diretores de cinema, estúdios e maridos. Foi dela a palavra final em tudo o que fez, correu os riscos e venceu. E agora nos brinda com sua vida em quase mil páginas.

Que vida é esta que justifica um livro tão grande? Do ponto de vista comercial, é arriscado: quanto maior o livro, mais caro custa, o que influi nas vendas. Além disso, sabendo-se que a maioria das pessoas prefere ler na cama antes de dormir, um volume dessas dimensões pode ser mortal. Se o leitor cochilar, ele cairá de suas mãos e lhe partirá uma ou duas costelas. Pois a Viking aceitou e ainda permitiu a Barbra fazer o design da capa. É provável que ela tenha escrito também o texto das orelhas.

Como biógrafo, não costumo levar muito a sério as autobiografias. Os biógrafos ouvem cerca de 200 pessoas para contar a vida de alguém. O autobiógrafo ouve apenas a si mesmo, e sua memória será inevitavelmente seletiva. Mas, num livro desse tamanho, Barbra, quem sabe, pode ter contado tudo. É o que vou descobrir assim que, um dia, acabar de lê-lo.

Comecei ontem.

A gaiola de Maduro

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "Pensar Nagô" e "Fascismo da Cor". Escreve aos domingos

Tempo biográfico de infância, interior nordestino. Bastava Seo Zezinho, o barbeiro local, estender a mão para que um passarinho, qualquer um, na rua ou no quintal, nela pousasse. Coisa bizarra, mas ninguém falava em poderes, nem o confundia com São Francisco. Era só a natureza de Seo Zezinho.

Mas existe segunda natureza. Nas autocracias sul-americanas é a bizarrice enganosa, manipulada pelo marketing político. Na Argentina, o presidente aconselha-se com um cachorro morto. Na Venezuela, um protoditador diz falar com um passarinho, suposta reencarnação do predecessor. Maduro, claro, autor do prodígio de vencer eleições antes do total apurado, bizarramente referendado por uma gaiola ideológica brasileira. Ideologia de asas curtas.

Lula tem conselheiro político de excelso saber, consta. Mas a força maior do vexame os deixa inermes. Por mais que se pretenda racional qualquer avaliação do momento sul-americano, é impossível separar o convencional do extravagante. O realismo mágico que imanta de forma encantatória a narrativa de um Gabriel Garcia Marques ganha vida real como folhetim de segunda classe, não em busca de leitores, mas de eleitores. O rito de calendário democrático, objeto tentativo da literatura especializada, é praticado como bufonaria autocrática.

À esquerda e à direita, finge-se que não vê. A primeira é geopolítica, ciosa da unidade subcontinental, nostálgica do tempo em que a Venezuela se aproximou de Cuba. Foi quando trocou a antiga classe dirigente pela "burguesia bolivariana", um empresariado mais disperso e mais includente de generais, sob o engana-olho de "revolução bolivariana", na verdade um slogan de golpismos anteriores. O líder era Chávez, hoje aquela pessoinha que come alpiste mediúnico na mão de Maduro.

A direita sempre assestou canhões contra Chávez, "suspeito" de socialismo. Leia-se um popularismo antenado ao estado psíquico dos marginalizados que respaldou o autoritarismo do regime, de brutal repressão a opositores e à independência dos Poderes. A democracia dos anos 70 degringolou junto com uma corrupta economia de cleptocratas, o desemprego virou onda imigratória, e o chavismo tornou-se espiritismo popular. Uma extrema direita, carnavalizada como esquerda.

Agora, como antiamericanismo de gogó não mata fome nem inspira respeito, os EUA logo proclamaram a vitória da oposição. Mas internamente cabe a generais, e não a votos, dar a última palavra. De qualquer forma, com mortos na plateia e milhares de prisões, o teatro burlesco da política fechou a cortina, palmas deram lugar a pedradas. Não são novidade, mas aumentaram de tamanho. Podem ter feito Chávez alçar voo: afinal, passarinho que come pedra sabe o rabicho que tem.

INÊS 249

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Lula está soltando a nossa mão?

Avanço da Ferrogrão é 'progresso' a qualquer preço

Raoni Metyktire, Mydjere Kayapó e Alessandra Munduruku

Cacique Kayapó, lidera há mais de 60 anos a luta pelos direitos indígenas
Relações públicas do Instituto Kabu e liderança Kayapó Mekrãgnoti
Presidente da Associação Indígena Pariri e liderança Munduruku

Recentemente, a imprensa noticiou a nossa saída do Grupo de Trabalho (GT) da Ferrogrão como se as lideranças indígenas tivessem desistido de chegar a uma solução. O grupo reunia governo federal e sociedade civil para atualizar os estudos de viabilidade e impacto socioambiental da ferrovia de transporte de grãos, projeto que pretende ligar Sinop, no norte de Mato Grosso, a Miritituba, no sul do Pará.

Mas foi o governo que nos tirou do GT. Ele o fez quando anunciou para empresários, e não para nós, que os estudos (dos quais não participamos da produção, nem sequer vimos) estavam prontos e seriam entregues até 18 de agosto, como determinou o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal.

Tentamos defender a integridade do bloco de terras indígenas Kayapó, dos territórios Munduruku (parte ainda não demarcados) e de todas as 16 terras indígenas que serão afetadas. Só que as propostas dos nossos técnicos, buscando salvaguardar nossos direitos e territórios, foram ignoradas. Soubemos pelos jornais que, enquanto conversávamos e discutíamos com uma ala do governo, outra recontratava a empresa que já havia feito os primeiros estudos na década passada e ignorou nossa existência.

Sempre estivemos aqui. Denunciamos que a multiplicação dos portos em Miritituba (PA) estava destruindo locais sagrados para os mundurukus e modificando o modo de vida de aldeias —uma delas fica a 3 km de um porto. Também cansamos de dar entrevistas dizendo que a especulação imobiliária no entorno do traçado ampliou as ameaças de invasão e que temos de aumentar a vigilância nos limites das terras indígenas.

Repetimos sem parar que a consulta prévia, livre e informada, direito de populações tradicionais reconhecido há mais de 20 anos pelo Brasil, também nunca aconteceu. A soja já chegou aos limites dos nossos territórios com a expectativa do projeto. Temos um documento de 2017 assinado, com a promessa do governo de nos consultar antes de enviar o projeto para o Tribunal de Contas da União. O projeto foi enviado em 2019 e a promessa, descumprida.

O julgamento do mérito da ação do PSOL no Supremo, que paralisou a Ferrogrão em 2021, estava marcado para junho de 2023. Ele foi suspenso porque a Advocacia-Geral da União propôs o GT de conciliação, coordenado pelo Ministério dos Transportes. A ação questiona a forma com que foi feita a desafetação de mais de 800 hectares do Parque Nacional do Jamanxim —onde há áreas sagradas dos kayapós.

Era para o GT ser um espaço de diálogo. Foi uma manobra. A Casa Civil, responsável por coordenar ações interministeriais, nunca enviou representante às reuniões. Mas o ministro Rui Costa vai tentar convencer Alexandre de Moraes de que o Brasil precisa trocar a floresta pelo frete de grãos para os portos do Norte.

A Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) divulgou o cronograma de leilões para 2025 incluindo a Ferrogrão, contrariando a decisão do STF que brecou o projeto pelo risco de "prejuízos irreversíveis" ao meio ambiente.

Participar do GT não nos deu respostas sobre como vamos lidar com a chegada de 14 mil trabalhadores no entorno das nossas terras. Nossas mulheres já falam do medo de ir para a floresta buscar açaí e encontrar estranhos rondando. Lembremos de violências e invasões em outras grandes obras.

Na posse, o presidente Lula subiu a rampa de mãos dadas com um chefe Mebêngôkre (Kayapó) que representava todos os indígenas do Brasil. Lula esteve de novo comigo, Raoni, em março deste ano e pedi a ele para desistir do projeto. Ao apoiar o avanço da Ferrogrão, o presidente solta as nossas mãos e nos deixa novamente sozinhos para lutar pela conservação de nossas florestas e nossas culturas, e para lidar com todas as consequências desse projeto de morte.

Se o governo der a canetada para prosseguir, desobedecendo o STF, Lula chegará à COP30 de Belém com as mãos sujas de sangue e de soja. Mostrará para o mundo que sua equipe, assim como outras anteriores, não é capaz de planejar uma ferrovia sustentável com um traçado viável. Mais do que isso, mostrará que nossa luta em defesa da floresta e do clima não é nada perto da luta pelo desenvolvimento a qualquer preço.

Martin Kovensky

Conquistas e desafios da advocacia

Classe trabalha para fortalecer a democracia

Beto Simonetti

Advogado, é presidente nacional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB)

Neste domingo (11), Dia da Advocacia, destaco vitórias da profissão, obtidas por meio da atuação da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), que contribuem para fortalecer a democracia no país. São inst rumentos legais inéditos que, agora em vigor, impulsionam a defesa da Constituição e do exercício do direito de defesa.

Um exemplo é a lei 14.365, de 2022, que reforçou a inviolabilidade do escritório, do sigilo das comunicações profissionais e do direito de o advogado ser recebido em audiência pelos juízes e de proferir sustentações orais. Esses atos são praticados pela advocacia não em causa própria, mas em favor das empresas e dos cidadãos brasileiros.

Muitos desafios e riscos, no entanto, ainda são impostos à democracia e à advocacia no Brasil. Em 2024, os assassinatos de advogados motivados pela atuação profissional ou cometidos perto do local de trabalho têm sido constantes no noticiário —uma triste realidade que também se fez presente em anos anteriores. Lembremos de Brenda Oliveira, Andreia Teixeira, Carla Silva, Pedro Mendonça, Renato Nery, Rodrigo Crespo, Joacir Montagna, Marcus Chaves, Frank Assis, Angelina Silva, Lucimara Stasiak, Itomar Dória, Nilson Mônico, Danillo Pereira, Roberto Caldart e Kelson Feitosa.

A OAB atua para fazer justiça por esses colegas. Além da responsabilização dos culpados, buscamos segurança e proteção aos advogados para evitar novos crimes contra a classe. Defendemos que o Congresso aprove os projetos de lei 212/2024, que tipifica o homicídio qualificado contra advogados, e 5.154/2023, que assegura medidas protetivas para colegas ameaçados ou vítimas de violência e coerção. A Casa da Advocacia também combate o estímulo à violência contra advogados, que é dado por autoridades que praticam abusos contra aqueles que exercem o múnus de batalhar pelo direito de seus representados.

A Ordem, maior entidade civil do país, usa sua voz para defender a Constituição. É por isso que apontamos, por exemplo, que o valor proibitivo das custas judiciais impede boa parte da população de exercer o direito fundamental do acesso à Justiça. Respondemos às adversidades sempre com instrumentos constitucionais, como a proposta de emenda à Constituição que elaboramos para assegurar a sustentação oral —que já é garantida por leis sistematicamente descumpridas por algumas autoridades.

A união e a combatividade da advocacia foram nosso trunfo para conquistar, desde 2022, posicionamentos dos Três Poderes sobre o cálculo correto dos honorários, assegurando o direito fundamental à remuneração justa. Devemos nos manter unidos e implacáveis em relação às prerrogativas profissionais.

Neste Dia da Advocacia, em homenagem aos colegas assassinados, reafirmamos que a defesa da democracia só se faz com expedientes democráticos. Celebremos nossas vitórias e, por meio do trabalho da Ordem em defesa da advocacia, reafirmamos nosso compromisso com a segurança e a proteção dos advogadas e dos advogados, classe que trabalha para fortalecer a democracia.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Queda de avião

Quanta dor, meu Deus ("Queda de aeronave mata 61 pessoas no interior de São Paulo", Cotidiano, 9/8)! Que Deus conforte essas famílias.
Zelis Pereira S. Junqueira (São Paulo, SP)

Ouro no vôlei de praia

Comecei a gostar de vôlei de praia assistindo à incrível final olímpica entre Jacqueline/Sandra e Mônica/Adriana Samuel, em Atlanta-1996. De lá para cá, outras duplas, como Adriana Behar/Shelda e Juliana/Larissa, brilharam mundo afora, mas o ouro olímpico batia na trave ("Ana Patrícia e Duda levam ouro em noite memorável aos pés da Torre Eiffel", Paris 2024, 10/8). Vinte e oito anos se passaram, e Ana Patrícia/Duda devolveram o Brasil ao lugar mais alto do pódio e escreveram seus nomes na história dos Jogos. Ouro mais que merecido!
Celso Nobuo Kawano Junior (Embu das Artes, SP)

E os verdadeiros golpistas?

Pelos anos de punição parece que Dona Fátima foi mentora, gerenciadora e executora de toda a estúpida tentativa de golpe ("STF forma maioria para condenar bolsonarista Fátima de Tubarão por atos golpistas", Brasília Hoje, 9/8). Ela ficará encarcerada por mais de 16 anos, enquanto os verdadeiros golpistas seguem livres, espalhando fake news e insuflando outras Donas Fátimas.
Maria Eloisa Montero Miguez (São Bernardo do Campo, SP)

Conselho de medicina

Esses senhores que dizem ser as vacinas ineficazes e favoráveis a cloroquina contra a Covid são opostos dos gênios ("CFM elege conselheiros antiaborto, contra CPI da Covid e a favor da cloroquina", Saúde, 9/8).
José Maria Pires do Nascimento (Manaus, AM)

Moraes e a eleição de SP

Independentemente do que disse o ministro, membros do Judiciário deveriam guardar para si suas opiniões, em especial as de natureza política ("Moraes diz que eleição de SP tem piores candidatos", Painel, 9/8). Só deveriam se pronunciar nos autos dos processos que lhes foram designados e de modo técnico. O Brasil mergulhou na bagunça institucional.
Aristides da Rocha Oliveira Junior (Manaus, AM)

*

Alexandre de Moraes quer dar pitaco em tudo. Já está "se achando" há muito tempo. Passou da hora de vestir "as sandálias da humildade"!
Alexandre Chaves (Rio de Janeiro, RJ)

Debates eleitorais

Hoje está assim ("Prefeito de Teresina agride adversário durante debate ao vivo na TV", Política, 10/8). Até mesmo agressão física está valendo. Ficou normal bater nos outros.
Mônica Casarin Fernandes Elsen (Rio de Janeiro, RJ)

*

"Discussão sobre enchente histórica domina debate em Porto Alegre" (Política, 10/8). E estão corretos pois não foram feitas manutenções nas casas de bombas.
Ailton Souza (Cascavel, PR)

Reflorestamento

Fiz curso da ONG Formigas-de-embaúba pela Secretaria de Educação de São Paulo e plantei com os alunos na nossa escola municipal no Campo Limpo ("Miniflorestas viram oásis de mata atlântica em escolas públicas de SP", Social+, 10/8). Foi e está sendo ótimo, os alunos adoraram. Vamos regar e cuidar semanalmente. Por mais ações dessas.
Rodrigo Luiz Barbosa (São Paulo, SP)

ASSUNTO COMO É O SEU RELACIONAMENTO COM SEU PAI, LEITOR(A) DA FOLHA?

Ótimo, ele é meu mentor e amigo.
Gustavo Satoshi Satake (Taubaté, SP)

*

Meu relacionamento com o meu pai é o melhor possível. Ele é uma referência para mim. Sempre me incentivou e me deu aporte para tudo o que eu fiz.
Caio Murilo Teodoro Carneiro (Toledo, PR)

*

Não me lembro dele. Sumiu no meu aniversário de três anos e abandonou minha mãe. Hoje não temos contato. Cresci com o meu padrasto, mas não nos damos bem.
Lara Karolini de Oliveira Bernardes (Itacaré, BA)

*

Péssimo! Hoje em dia não nos falamos mais. Nunca participou de nada de nossas vidas nem se interessava em saber mais sobre os filhos. Segundo minha mãe, não esteve presente no parto de nenhum. Só "aparecia" como pai na hora de dar bronca ou colher os louros por algum mérito dos filhos.
Amanda Silva (São Paulo, SP)

*

Tranquilo se está distante. Procuro sempre saber como ele está e cuidar, mas as mágoas estão lá no fundo. Foram muitas injustiças e muita violência desnecessária.
Sirlene Vicente de Jesus (Aripuanã, MT)

*

O relacionamento com meu pai é a mais bela e linda amizade de acolhimento, amor, respeito e cuidado. Há um elo de atenção e de reciprocidade que eu me encanto a cada encontro.
Maria Eliza Pereira dos Santos (Tamboril, CE)

*

Perfeito. Nós somos um o complemento do outro, eu diria que somos companheiros inseparáveis. Sinceramente, eu não sei o que eu seria sem ele!
Murilo Oliva Mantovani (Catanduva, SP)

*

Meio conturbado. Meu pai foi diagnosticado com esquizofrenia, e sou responsável por cuidar dele, algo que não é fácil. Muitas vezes, perco a paciência pelo jeito dele, pela forma como ele desorganiza os móveis da casa, pela total dependência dele em mim. Mas, em meio a tudo isso, reconheço o quão importante ele foi e é para mim, não o abandono por nada nesse mundo.
Guilherme Silva França (Guarulhos, SP)

*

Ele estava ali, no ambiente doméstico, porém ausente da dinâmica doméstica. Confesso que invejo as meninas que tiveram baile de debutante. Não pela festa ou pelo vestido e muito menos pelo príncipe. Mas gostaria de que meu pai tivesse expressado que estava feliz por mim, por eu estar viva e crescendo. Imagino que ele se alegre pela minha existência, porém dói não ter certeza.
Lilian Casemiro Matos (Extrema, MG)

*

Neste momento, inexistente. Ele escolheu a ignorância em várias formas. Ele sempre machão. Ouvi muito que fazer xyz era coisa de gay, de viado e, com zero surpresa, eu tenho muito orgulho em ser um homem gay, que se sustenta e não precisa da presença dele hoje. Mas, sem dúvida, se na infância eu tivesse maior participação dele, de forma saudável, seria bom.
Marcio Lucena (São Paulo, SP)

*

Foi maravilhoso! Meu pai foi um amigo, um conselheiro, um professor! Com todas as dificuldades e advertência da vida, ele pôde dar atenção, carinho e muitos ensinamentos.
Larissa da Rosa Lemos (Castanhal, PA)

*

Ele é um ser humano incrível. Sempre me apoiando, incentivando e me direcionando na vida. Sou muito grata por ter tido esse privilégio de um pai presente e que ama incondicionalmente.
Nivia Moreira (Pinheiro, MA)

INÊS 249

política

PAINEL

Guilherme Seto (interino)
painel@grupofolha.com.br

Sem segredo

O governo Lula (PT) discute mudar a lei que trata de informações pessoais de agentes públicos para extinguir o sigilo de até 100 anos. A minuta em discussão, atualmente na Casa Civil, propõe que as pessoas que tenham acesso negado a um documento possam pedir reavaliação após 10 anos. Na campanha de 2022, Lula prometeu acabar com as restrições a esses dados. No mês passado, no entanto, o governo vedou acesso à declaração de conflito de interesses do ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira.

VALE? Hoje, a lei prevê restrição de acesso a informações de intimidade, vida privada, honra e imagem de agentes públicos legalmente autorizados pelo prazo máximo de 100 anos. O que o governo discute agora é, antes de impor o impedimento, avaliar o interesse público dos documentos.

MUDANÇAS Está em estudo, por exemplo, a possibilidade de disponibilização parcial das informações solicitadas ou de adoção de procedimentos de tarjamento. Outro ponto discutido é acabar automaticamente com a proteção das informações cinco anos após a morte da pessoa a que se referem.

O HAITI... A Justiça do Trabalho no Paraná vai lançar em setembro uma cartilha destinada a trabalhadores haitianos no Brasil, com direitos e deveres. O material, produzido pelo TRT-9 (Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região), está escrito em crioulo haitiano.

...É AQUI Cópias impressas serão entregues à Polícia Federal, para que fiquem disponíveis para haitianos assim que chegarem ao país. Mas a ideia é que o arquivo em PDF do material também circule nos grupos de WhatsApp ligados à comunidade haitiana.

CHAPA... O governador Tarcísio de Freitas (Republicanos-SP) vetou projeto aprovado na Assembleia Legislativa de SP que propunha a proibição do uso da palavra "carne" na divulgação de alimentos de origem vegetal ("plant based").

...QUENTE Ele argumentou que se trata de tema de competência da União. Autor do projeto e aliado de Tarcísio, o deputado Lucas Bove (PL) disse que o governador "cedeu às pressões das grandes indústrias e da militância".

TABELA Os governos Tarcísio de Freitas e Ratinho Junior (PSD-PR) decidiram fazer uma dobradinha em defesa das escolas cívico-militares no STF. Os dois pediram para ingressar como "amicus curiae" em ações de partidos de oposição que contestam as leis estaduais que instituíram o modelo.

SÓ NÃO FAZ IGUAL Caso as solicitações sejam aceitas, um governo poderá participar do processo do qual o outro é alvo e fornecer informações. As petições são semelhantes, e há trechos integralmente iguais, embora assinados por procuradores de estados diferentes.

QUER PAGAR... O ministro Flávio Dino, do STF, marcou audiência de conciliação para 3 de outubro para tentar chegar a um valor de ressarcimento ao governo de Santa Catarina devido a uma briga de 30 anos sobre royalties de petróleo.

...QUANTO? Em 2023, o STF homologou novo traçado marítimo entre SC, Paraná e São Paulo, corrigindo desenho feito em 1986 pelo IBGE. A corte também determinou que o Paraná ressarça SC por royalties que recebeu de campos de petróleo que estavam equivocadamente em seu território. Mas, até agora, quase um ano depois, os valores dos royalties ainda não foram definidos.

AGENDA O governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha (MDB), marcou para segunda-feira (12) a sanção do projeto de lei que institui o Plano de Preservação do Conjunto Urbanístico de Brasília.

CONTROVÉRSIA O texto aprovado pela Câmara do DF tem provocado reações negativas. Em nota técnica, o Iphan aponta riscos à preservação da cidade, como uma emenda que ameaçaria o "sistema de espaços livres e verdes" que é uma identidade de Brasília.

Três Poderes

VENCEDOR DA SEMANA
O ex-presidente **Jair Bolsonaro (PL)**, que ganhou brecha para escapar do caso das joias sauditas após decisão do TCU livrar Lula de devolver relógio de ouro.

PERDEDOR DA SEMANA
Pablo Marçal (PRTB), candidato à Prefeitura de SP, que viu o presidente de seu partido dizer que tem elo com o PCC e participou de debate com propostas desarrazoadas e ofensas.

FIQUE DE OLHO
Câmara retoma trabalhos; CCJ do Senado deve votar **PEC da Anistia**; registro de candidaturas para as **eleições** acaba na quinta (15).

Com Catarina Scortecci e Danielle Brant

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

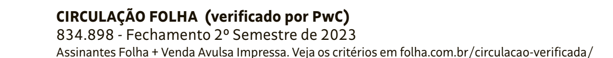
Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado		Digital Premium
PLANO MENSAL	R$ 29,90		R$ 44,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa		Assinatura semestral*
	seg. a sáb.	dom.	Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 6,90	R$ 9,90	R$ 1.085,90
DF, SC	R$ 8	R$ 11	R$ 1.374,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 8,50	R$ 12	R$ 1.729,90
AL, BA, PE, SE, TO	R$ 13	R$ 15,50	R$ 1.868,90
Outros estados	R$ 13,50	R$ 16,50	R$ 2.315,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO FOLHA (verificado por PwC)
834.898 - Fechamento 2º Semestre de 2023
Assinantes Folha + Venda Avulsa Impressa. Veja os critérios em folha.com.br/circulacao-verificada/





O presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL) Marcos Oliveira-5.fev.2024/Agência Senado

Comissão com R$ 1 bi recebe lista de emendas e pressão de aliada de Lira

Divisão de verbas contraria parlamentares, que dizem desconhecer destino; falta de transparência na Câmara está na mira do Supremo

Constança Rezende e Mateus Vargas

BRASÍLIA A Comissão de Integração Nacional e Desenvolvimento Regional da Câmara dos Deputados distribui verba bilionária de emendas conforme orientações repassadas por uma assessora de confiança do presidente da Casa, Arthur Lira (PP-AL), e com destino desconhecido por membros do próprio colegiado.

Mensagens obtidas pela **Folha** mostram que a advogada e assessora parlamentar Mariângela Fialek, que hoje atua na liderança do PP, enviou à cúpula da comissão listas prontas de municípios que deveriam receber obras e maquinário pagos por meio de emendas da comissão, que tem disponíveis um total de R$ 1,1 bilhão.

Os documentos encaminhados por Fialek são minutas de ofícios. Tais listas foram posteriormente assinadas pelo presidente da comissão, o deputado José Rocha (União Brasil-BA), e direcionadas ao MIDR (Ministério da Integração Nacional e do Desenvolvimento Regional), que é a pasta que executa as emendas.

De acordo com as mensagens, Fialek envia à comissão arquivos intitulados "minuta de ofício, indicação de beneficiários RP8- Integração", com a lista de municípios e estados que deveriam ser beneficiados pelas emendas.

Nas conversas, ela alerta assessores de ministérios sobre a impossibilidade de eles empenharem valores diferentes dos que tinham sido combinados.

Fialek chega a reclamar que há diferença entre os recursos da lista que havia enviado à comissão e os montantes da relação que chegou ao Dnocs (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), órgão ligado ao MIDR.

Procurada por mensagem de telefone, email e por meio da assessoria de imprensa da Câmara, Fialek não respondeu sobre por que participa da distribuição das emendas. O presidente da Câmara também não quis se manifestar.

Fialek recebe R$ 22,3 mil mensais para atuar na liderança do PP na Câmara. Até 2023, ela também acumulava o cargo de conselheira fiscal da Codevasf, estatal que executa parte das emendas da comissão presidida por José Rocha.

A maneira como é feita essa divisão tem contrariado parlamentares da comissão, que dizem não conseguir recursos para suas cidades, além de não saber para onde foram as emendas e de quem são suas autorias.

O deputado Félix Mendonça Júnior (PDT-BA), integrante do colegiado, disse à reportagem que não foi consultado e nem sequer sabia que o recurso já estava sendo empenhado. "Se pudesse, indicaria [emendas]. Não participei de nada." Ele afirmou que irá questionar qual foi o critério usado para distribuir a verba.

Também integrante titular da comissão, Silas Câmara (Republicanos-AM) declarou não ter sido consultado sobre as emendas. "Não participei, não estou sabendo nem fui comunicado de nada."

A assessoria da Câmara afirmou que a competência para indicar qual estado ou município vai receber a verba de emendas de comissão é do presidente do próprio colegiado. Disse ainda que não há trâmite legal específico para as indicações, que são feitas por ofícios direcionados aos ministérios.

Deputados da cúpula de duas comissões relataram à **Folha**, no entanto, que os recursos das emendas também têm sido distribuídos conforme decisões de líderes dos partidos.

A assessoria da Câmara disse ainda que as emendas de comissão devem propor ações relacionadas à sua competência temática —como saúde, educação, desenvolvimento regional, entre outros temas— e seguir o que orienta a resolução número 1, de 2006, da Casa.

Pela norma, as emendas de comissão devem ter critérios de aplicação amparados em políticas públicas nacionais ou setoriais, ter caráter institucional e representar interesse nacional.

A mesma resolução exige ata da reunião que decidiu pela apresentação da emenda e dados que justifiquem a aplicação do recurso.

Formalmente, as comissões aprovam emendas genéricas ao Orçamento, sem indicar qual localidade será beneficiada.

O destino da verba é decidido, em geral, por ofícios enviados pelo presidente do colegiado a ministérios.

Conforme a **Folha** noticiou, a Comissão de Integração Nacional favoreceu Alagoas, estado que é base eleitoral de Lira, na divisão das indicações parlamentares de 2024.

Prefeituras e o governo alagoano devem ser o destino de ao menos R$ 320 milhões, do total de R$ 1,1 bilhão em emendas da comissão. O valor supera a soma da verba indicada pelo mesmo colegiado a 19 outros estados.

A falta de informações sobre o real autor das indicações está sob a mira do STF (Supremo Tribunal Federal).

Na última semana, o ministro Flávio Dino determinou a suspensão do pagamento de emendas sem transparência. A corte ainda avalia se o Congresso turbinou os recursos das comissões justamente para driblar o veto às chamadas emendas do relator, que foram declaradas inconstitucionais pelo Supremo em 2022.

No Orçamento de 2024 há mais de R$ 15 bilhões para as indicações dos colegiados. A comissão comandada por José Rocha é a segunda com mais verba na Câmara dos Deputados, atrás do colegiado da Saúde, que tem orçamento de R$ 6,1 bilhões.

Em 2022, o valor reservado às emendas de comissão era de cerca de R$ 300 milhões. Subiu para R$ 6,8 bilhões no ano passado.

O presidente da Câmara tem defendido o uso dessas emendas e dito que parlamentares "não foram eleitos para serem carimbadores" das propostas do Executivo e que o Orçamento da União deve ser construído em contribuição com o Legislativo.

A Secretaria de Relações Institucionais da administração Lula respondeu que a definição da distribuição de valores de emendas parlamentares entre as comissões e as próprias Casas Legislativas é de competência do Poder Legislativo.

Também afirmou que a indicação de beneficiários, caso ocorra, deve ser tratada pelos presidentes das comissões por meio de ofício enviado aos órgãos setoriais do Sistema de Planejamento e Orçamento Federal responsáveis pela execução das emendas parlamentares.

Já o Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional disse que, conforme portaria de abril deste ano, os autores das emendas classificadas como RP7 (de bancada) e RP8 (de comissão) deverão enviar ofício aos órgãos setoriais, "não havendo nenhuma interferência desta pasta ministerial quanto à definição dos municípios".

Também afirmou que as propostas e indicações cadastradas ou apresentadas pelo gestor devem estar em consonância com a Política Nacional de Desenvolvimento Regional.

+ COMO FUNCIONAM AS EMENDAS DO CONGRESSO

Uso de emendas A Constituição de 1988 autoriza o Legislativo a participar do processo orçamentário com emendas na proposta orçamentária anual enviada pelo Executivo

Tipos As emendas parlamentares se dividem em individuais, de bancadas, de comissão e de relator

Emendas de relator Eram uma forma de corrigir eventuais imprecisões no Orçamento. Sob Bolsonaro, foram tornadas permanentes e usadas para destinar recursos federais a despesas de interesse de parlamentares

Emendas de comissão Têm como autores os presidentes das comissões temáticas do Congresso. Os colegiados costumam aprovar o envio do dinheiro de forma genérica no ano anterior

Falta de transparência Diante da falta de dados sobre o envio dos valores, o Supremo Tribunal Federal declarou a inconstitucionalidade do uso discricionário das emendas de relator

INÊS 249

OMBUDSMAN
folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br
Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895


Carvall

Notícia quente fica fora do pódio

Jornal deixa fatos importantes em segundo plano ante cobertura olímpica

Alexandra Moraes

A semana começou mal e terminou ainda pior, com um acidente aéreo em Vinhedo (SP) que tirou a vida de 62 pessoas. O destaque intransigente para a cobertura das Olimpíadas, no entanto, só cedeu um pouco diante deste último fato trágico.

É mais do que justo que se coloque nas vitrines a disputa mundial que acontece a cada quatro anos. Diante do que ocorria fora do esporte, porém, o espalhafato às vezes soava deslocado da realidade.

Foi o que aconteceu na própria tarde de sexta (9). A notícia da queda do avião da Voepass foi publicada pela **Folha** às 14h01. Alguns minutos mais tarde, já havia a informação de que se tratava de uma aeronave de porte médio, num cenário em que se desenhava um acidente grave. Não levou muito tempo para a TV interromper a transmissão dos Jogos e entrar em plantão jornalístico.

No site da **Folha**, o maior destaque ia para a prata de Isaquias Queiroz na canoagem. Apenas no final da tarde o bloco festivo das Olimpíadas deu lugar ao noticiário trágico que se desdobrava em tempo real.

Já na segunda-feira (5), quando do susto nas bolsas orientais puxou para baixo negociações no mundo todo, era incrível notar que a home da **Folha** "do mercado", como alguns leitores chamam o jornal em tom pejorativo, estava quase nem aí.

Não que o conteúdo não fizesse jus à agitação: ele existia, com uma equipe que se fortaleceu nos últimos anos, num esforço de aumentar a cobertura econômica do jornal. Mas o destaque dado a ele era pouco.

Quem abria o site da **Folha** encontrava uma humilde chamada avisando de queda nas Bolsas e disparada do dólar. Por um lado, parecia uma bem-vinda lufada de sobriedade num dia que dava margem a uma cobertura histriônica. Por outro, soou a descuido para quem estivesse intrigado pelo que se passava no resto do mundo, com o maior tombo em Tóquio desde 1987.

Não se tratava de pirraça, porém. O tremor financeiro estava em segundo plano porque havia um sismo também acontecendo nas Olimpíadas.

Rebeca Andrade ganhava seu ouro, tornava-se a maior medalhista olímpica do Brasil e era reverenciada no pódio por Simone Biles e Jordan Chiles. A imagem da trinca virava ali, instantaneamente, um clássico (ainda que o próprio pódio tenha sido alterado neste sábado, com a troca do bronze das mãos de Chiles para as da ginasta romena Ana Barbosu).

Apenas no final daquele dia o espaço para a turbulência no mercado foi calibrado com algo mais potente. Chegou à manchete do papel como "Temor com economia dos EUA derruba Bolsas pelo mundo".

A sorte é que o destempero do mercado passou e os índices se recuperaram no dia seguinte. Menos mau, porque assim o assunto poderia continuar no cercadinho das "principais notícias", apartadas do espaço nobre agora ocupado só pela cobertura olímpica.

No dia seguinte, havia uma megaoperação na cracolândia paulistana com prisões de lideranças criminosas e de policiais, guardas e fiscais acusados de envolvimento no esquema. Mas era também o dia em que a seleção feminina de futebol se qualificava para a disputa do ouro. O topo olímpico continuou imbatível.

Não foi apenas no site que faltou destaque para notícias importantes. E o Google estava em duas das que tiveram pouco ou nenhum espaço na primeira página da edição impressa da **Folha**.

Uma foi a decisão judicial, nos EUA, de que a gigante das buscas violou a lei antitruste e agia para operar um monopólio. Ainda cabe recurso, mas as consequências para o Google e para as outras big techs já começam a ser colocadas na balança.

O veredicto lembrou outro caso importante, do ano 2000, quando a bola da vez era a Microsoft. Nessa ocasião, a notícia ganhou manchete da **Folha**: "EUA condenam Microsoft por abuso". Ainda cabia recurso e não havia penas estabelecidas, como é o caso agora com o Google, que teve um espacinho mirrado no pé da capa.

(A novela da Microsoft ainda se arrastaria, com dois sustos: a ordem judicial que dividia a empresa e a anulação dessa determinação, depois de o juiz ter falado com jornalistas sobre o processo. A condenação, porém, foi mantida.)

Três dias depois da decisão judicial, um furo do Financial Times mostrava o que seria uma "porta dos fundos" encontrada pela Meta e pelo Google para direcionar anúncios do Instagram a menores de idade no YouTube. A **Folha** corretamente republicou o material. Mas não achou que devesse destacá-lo em sua capa e nem enviá-lo entre os "pushes", os alertas para os leitores do app (o alerta a respeito da decisão judicial foi enviado no dia seguinte).

Numa época que finalmente decidiu colocar em questão o papel das redes sociais no mal-estar de crianças e adolescentes, é uma investigação que não parece trivial.

Acabou a Olimpíada? As notícias podem voltar a dominar seu espaço —mas com cuidado, porque agora começa a corrida com obstáculos rumo às eleições municipais.

TSE amplia poder de polícia de juízes e provoca dúvidas

Magistrados podem mandar tirar conteúdo da internet com desinformação

ELEIÇÕES 2024

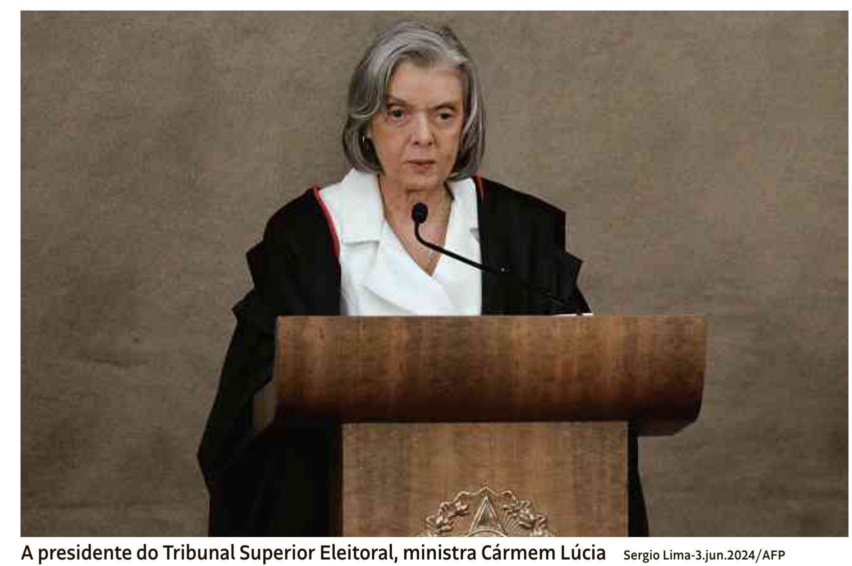
Renata Galf

SÃO PAULO A uma semana do começo do período oficial de campanha, uma nova regra criada pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) está envolta em uma série de dúvidas e indefinições.

Nestas eleições municipais, a corte decidiu pela ampliação do poder de polícia dos juízes eleitorais da primeira instância para remover conteúdo da internet em caso de propaganda eleitoral com desinformação sobre urnas, processo eleitoral e Justiça Eleitoral.

Até então, esse poder estava restrito à avaliação da forma ou do meio da propaganda, mas não do teor.

A nova regra permite que esses magistrados possam fazer a avaliação do conteúdo quando a desinformação for sobre estes temas mesmo que não tenham sido acionados judicialmente por alguma das partes. Nestes casos, eles devem acompanhar e estão vinculados às decisões colegiadas do TSE, que estarão em um repositório —tanto ao atuarem de ofício quanto nas representações judiciais.


A presidente do Tribunal Superior Eleitoral, ministra Cármem Lúcia Sergio Lima-3.jun.2024/AFP

Apesar de a propaganda eleitoral já ter início no próximo dia 16, ainda há indefinição quanto ao repositório que orientará os juízes.

O próprio escopo e a amplitude da regra, aprovada no fim de fevereiro, ainda são alvo de dúvida e divergência.

Parte das incertezas se origina da própria redação da resolução. Não há um consenso de qual deverá ser o procedimento quando houver fato inédito em que não haja decisão prévia do TSE.

Outro ponto de apreensão se refere ao repositório de decisões que os juízes devem consultar.

Ainda na gestão do ministro Alexandre de Moraes no TSE, uma página foi colocada no ar, identificada como sendo tal repositório.

O entendimento predominante, porém, é que ela ainda não atende ao que foi previsto.

O TSE afirmou à **Folha**, em nota enviada no dia 8, que um repositório de decisões está em fase de testes internos, "será publicizado nos próximos dias e estará em pleno funcionamento antes do início dos programas eleitorais".

O site que já está público pelo menos desde maio seguia sem qualquer aviso de que ele ainda passaria por reformulações.

A ministra Cármen Lúcia assumiu a presidência da corte no início de junho.

Um dos argumentos daqueles que entendem que a página colocada no ar pelo TSE ainda não corresponde ao repositório previsto na resolução é que a norma previu a disponibilização na íntegra das decisões, além de um sistema em que as próprias plataformas de redes sociais deveriam adicionar dados sobre as publicações removidas.

O entendimento é de que, por ora, há somente uma coletânea de jurisprudência com resumo de votos selecionados.

E, além de desinformação contra a Justiça Eleitoral, aparecem outras categorias, como desinformação contra candidatos e discurso de ódio.

O TSE não respondeu sobre isso e, em relação a outras perguntas, disse que "eventuais dúvidas sobre a aplicação de resoluções devem ser dirimidas por vias jurisdicionais".

Segundo a nova norma, os juízes de primeira instância designados para exercer poder de polícia ficam vinculados nesse tema às decisões colegiadas do TSE sobre "remoção ou a manutenção de conteúdos idênticos".

A regra vale ainda quando houver "similitude substancial" entre os conteúdos.

Além da incerteza quanto a como os juízes responsáveis pelos mais de 5.500 municípios interpretarão o que é conteúdo idêntico ou com similitude substancial, não há consenso sobre a regra quando se tratar de desinformação sobre o processo eleitoral relativa a teor nunca tratado pelo TSE.

Apesar de o texto não trazer tal previsão, há quem entenda que também nessa hipótese o magistrado tem abertura para decidir remover –posição defendida inclusive por dois juízes ouvidos sob reserva.

Um indicativo de que a resolução do tribunal eleitoral não esgota esse tema é um dos artigos do provimento da Corregedoria Regional Eleitoral de Santa Catarina, publicado em julho deste ano, regulamentando o poder de polícia no estado e que diz que notícias de irregularidade sem decisão prévia serão submetidas ao TSE.

O texto diz que o envio deve ser feito por meio do Sistema de Alertas de Desinformação Eleitoral –por meio do qual qualquer cidadão pode enviar suspeitas.

Entretanto, mesmo essa normatização de SC ainda deve ser alterada. A assessoria do órgão informou que alterações para um novo provimento estão em estudo.

A **Folha** questionou os demais TREs do país. Entre aqueles que responderam, não foi identificado outro caso em que este tópico tenha sido abordado.

Na leitura de Francisco Brito Cruz, diretor-executivo do centro de pesquisa InternetLab, o juiz só pode exercer o poder de polícia sobre matérias em que houve decisão prévia do TSE.

Ele avalia, no entanto, que o conceito de "similitude substancial" abre margem para análise de casos que não são exatamente os mesmos, mas que têm algum tipo de conexão.

Também no entendimento do promotor de Justiça Rodrigo López Zilio, em caso de fato inédito nunca tratado antes pelo TSE, o juiz não pode decidir. Ele considera que o ponto, porém, ainda parece estar em aberto.

Caio Silva Guimarães, membro da Abradep (Academia Brasileira de Direito Eleitoral e Político) e servidor da Justiça Eleitoral, entende que se houver um caso notoriamente inverídico sobre o funcionamento do processo eleitoral, mas em que não haja decisão prévia do TSE, a decisão do juiz estará dentro de um livre convencimento. Segundo ele, o repositório será um guia para situações semelhantes, mas que em situações novas o juiz de primeiro grau irá inaugurar a jurisprudência.

Para Camila Tsuzuki, coordenadora de operações do Instituto Vero, seria muito importante que a sociedade pudesse acompanhar de perto como o poder de polícia vai ser exercido.

Para ela, um dos pontos mais delicados é como vai se dar a interpretação dos juízes do que são conteúdos idênticos, dado que a resolução não fez essa definição.

Em 2022, em um pleito que convivia com o constante pano de fundo de risco à própria democracia, em meio a uma campanha de fake news contra as urnas eletrônicas, o tribunal mudou as regras do jogo, a dez dias da eleição, e ampliou seu poder de retirar conteúdos inverídicos e descontextualizados sobre a integridade eleitoral, mesmo sem ser acionado.

Cármen Lúcia elogia Moraes e diz que irá manter rigor no TSE

A presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Cármen Lúcia, elogiou seu antecessor no cargo e disse que não haverá flexibilização no rigor do combate à desinformação nas redes sociais.

"Foi importantíssima a atuação de Alexandre de Moraes, ele foi rigoroso como tinha de ser", afirmou. "As regras eleitorais votadas na gestão Alexandre de Moraes são as mesmas", disse ela na manhã deste sábado (10), num evento promovido pela revista Piauí no Instituto Moreira Salles, em São Paulo.

Marçal replica lógica de negócio e factoide para prender atenção

Ex-coach usa técnicas do infoproduto e aposta em textos persuasivos e cortes polêmicos produzidos por seguidores



Pablo Marçal (PRTB), pré-candidato à Prefeitura de SP, em debate da Band Bruno Santos - 8.ago.2024/Folhapress

Ana Luiza Albuquerque

SÃO PAULO "Isso aqui vira um corte", sublinhou o influenciador Pablo Marçal (PRTB) antes de falar ao entrevistador. "Minha cabeça pensou 'vrum': alerta de corte, arrebenta."

O empresário parece estar sempre atento para render para o próximo corte —vídeos curtos que prendem a atenção e que rapidamente viralizam nas redes, nos quais ele geralmente aparece com alguma fala polêmica ou inusitada.

Com mais de 12 milhões de seguidores no Instagram, Marçal coloca seus apoiadores para trabalhar para ele. O autodenominado ex-coach estimula competições e premia com valores em dinheiro os criadores dos cortes com maior engajamento.

A estrutura, herdada do seu império digital, já entrou na mira dos adversários pela Prefeitura de São Paulo, que afirmam que a prática implica abuso de poder econômico. A deputada Tabata Amaral (PSB) fez representação ao Ministério Público Eleitoral pedindo a abertura de um inquérito.

Marçal costuma falar de si nos moldes da jornada do herói: filho de mãe faxineira e pai servidor público, trabalhou em call center até começar a empreender e se envolver com eventos, criando um negócio digital e enriquecendo. A Justiça Eleitoral declarou patrimônio de mais de R$ 193 milhões.

O empresário virou uma das maiores referências de infoproduto, ou seja, um tipo de produto que é vendido no formato digital, com alguma informação ou conhecimento específico. No caso de Marçal, cursos e mentorias com pitadas de auto-ajuda, que vão de R$ 20 mil a R$ 250 mil.

O influenciador agora replica as técnicas que o ajudaram a construir seu império na campanha política, chamando a atenção pelas bravatas, polêmicas, factoides, ataques e propostas inusitadas.

"Algumas campanhas, sobretudo do MBL, de setores do bolsonarismo e a do João Doria foram exemplos de adequação das ferramentas do marketing digital e do lançamento de infoprodutos para a política", diz Beto Vasques, professor de comunicação política na FESPSP. "Marçal leva isso a uma segunda geração"

No início do ano, antes de anunciar a pré-candidatura, o empresário virou motivo de chacota na internet com a viralização de cortes de palestras —como um em que ensina a dar soco em um tubarão. Alguns lamentariam a publicidade negativa, não Marçal.

"É o negócio que eu te falei: invada o cérebro e depois discuta a escritura", disse o influenciador em entrevista ao canal do YouTube AchismosTV.

A estratégia é chegar a qualquer custo ao maior número de pessoas, para depois fidelizá-las. "Esse negócio do corte me beneficiou muito porque tenho gastado cada vez menos com tráfego pago", disse, "Infelizmente tenho que parecer tosco. Mas as pessoas começam a te ver e [pensam]: esse cara é de verdade." A polêmica é necessária, diz. "Você tem uma mensagem séria, as pessoas não vão compartilhar."

Empresário, influenciador e especialista em marketing digital, Samuel Pereira diz que Marçal entende o jogo da atenção, o que faz com o algoritmo o entenda como relevante.

Na política, essa estratégia se reflete em ataques agressivos a seus adversários, como na quinta (8), no debate da Band, quando chamou Tabata de adolescente, disse que ela parecia uma "jornalistazinha militante" e era "para-raio de comunista".

A outra face da estratégia pela atenção é a manutenção constante do suspense, envolvendo uma informação reservada que ele pode trazer à tona ou não. É por isso que Marçal afirma que ofereceram milhões de reais para que desista da campanha, mas não revela quem; diz que o União Brasil quer sua alma para apoiá-lo, mas não mostra o que o partido pediu; ou quando afirma, sem comprovação, que dois adversários são usuários de cocaína e que provará a acusação no momento certo.

"Isso é o método do Marçal, que eu chamo de PTE: polêmica, treta e entretenimento", afirma Beto Vasques. "É pensado para disputar a disponibilidade mental em um mundo da economia da atenção, onde todos estão bombardeados por estímulos."

Ele diz que o principal objetivo do empresário é chocar para pescar novos seguidores. "Aí ele vai entrar com os gatilhos emocionais, com conteúdos mais razoáveis. Vai reconstruir a imagem dele na cabeça da pessoa", afirma.



Esse negócio do corte [com vídeos curtos] me beneficiou muito porque tenho gastado cada vez menos dinheiro com tráfego pago. Eu aprendi a jogar desse jeito, infelizmente tenho que parecer tosco. Mas no final das contas as pessoas começam a te ver e [pensam]: esse cara é de verdade.

Pablo Marçal
em entrevista ao canal do Youtube AchismosTV



É o método do Marçal, que chamo de PTE: polêmica, treta e entretenimento... É uma tática pensada para disputar a disponibilidade mental das pessoas em um mundo onde todos estão sendo bombardeados por milhões de estímulos

Beto Vasques
professor na FESPSP

Sem outros partidos na coligação ou acordos a cumprir, o influenciador tem menos amarras do que outros pré-candidatos. Mesmo que não vença, a corrida eleitoral é uma oportunidade para se tornar ainda mais conhecido e expandir o número de clientes.

Com base em dados da plataforma SocialBlade, Pereira diz que Marçal obteve mais de 4.557.587 seguidores nos últimos quatro meses, enquanto Ricardo Nunes conseguiu 151.407 e, Guilherme Boulos, 25.678.

Outra tática dos negócios que Marçal exportou para a pré-campanha é o uso de copy, textos persuasivos permeados por gatilhos emocionais.

Um exemplo apareceu no debate: "Sou o candidato mais próspero aqui. Já paguei mais impostos do que tudo que vocês já geraram de riqueza na vida juntos. Eu de fato posso colocar toda a minha disposição, já resetei esse jogo da vida, construí o que eu quis, saí da periferia. Eu quero que até você que está aí na periferia mais pobre (...) saiba que você, seu filho, vai prosperar".

Vasques defende ainda a hipótese de que o influenciador montou uma semana de lançamento para o debate na Band, da mesma forma que faz com seus infoprodutos. A convenção que confirmou sua pré-candidatura abriu a semana, com a afirmação de que dois adversários são usuários de cocaína —tema que pautou o debate nas redes ao longo dos dias até culminar no debate televisivo.

"O Marçal não é da política. Ele é possivelmente o maior lançador de infoproduto do Brasil. Ele está fazendo algo que a gente nunca tinha visto: uma infocampanha", afirma Vasques.

Janones cumpre acordo e pede desculpa a Kim Kataguiri por chamá-lo de nazista

BRASÍLIA O deputado federal André Janones (Avante-MG) pediu desculpas ao colega Kim Kataguiri (União Brasil-SP) por chamá-lo de nazista em uma rede social em junho.

"Foi feito um acordo para ele apagar os ataques criminosos a mim e se retratar em troca de eu não levar o processo adiante", disse Kim à **Folha**.

Na postagem feita no X (antigo Twitter), Janones diz que, apesar das diferenças ideológicas, não tinha intenção de ofender a honra do colega.

"Expresso, ainda, o máximo respeito à pessoa do requerente enquanto colega parlamentar de relevância, ainda que divergentes nossos entendimentos ideológicos e partidários, tendo-o como cidadão de bem, não havendo conhecimento de minha parte de qualquer fato que desabone a sua conduta até a presente data", diz a nota publicada.

Em junho deste ano, dias após o comentário de Janones, Kim entrou com ação por danos morais contra ele, em que pedia uma indenização de R$ 20 mil. O acordo judicial entre os deputados previu que Janones excluiria as postagens e se retrataria publicamente, em vez de pagar multa.

O episódio que deu origem ao acordo aconteceu em 5 de junho, após Kim usar a rede social para criticar o deputado federal Guilherme Boulos (PSOL-SP) por votar pelo arquivamento do pedido de cassação do mandato de Janones, acusado de "rachadinha". Em reposta, Janones escreveu "Kim, eu poderia te responder, mas não falo com nazistas".

No comentário, o deputado do Avante fazia uma referência a entrevista dada por Kim ao Flow Podcast em 2022, em que, questionado pela deputada Tabata Amaral (PSB-SP), ele disse achar errado a Alemanha ter criminalizado o nazismo.

A reportagem procurou Janones, mas não obteve retorno até a conclusão deste texto.



O prefeito Ricardo Nunes (MDB) em debate na quinta (8)



O deputado Guilherme Boulos (PSOL) Fotos Bruno Santos/Folhapress

61% dos eleitores de Nunes e 43% de Boulos citam falta de opção

Prefeito de SP é considerado candidato ideal por 37% que o escolhem e deputado do PSOL, por 56% dos que votam nele

Joelmir Tavares

SÃO PAULO A maior parte dos eleitores que declara ao Datafolha intenção de votar em Ricardo Nunes (MDB) diz que escolhe o candidato à reeleição porque não há opção melhor. Essa é a resposta de 61% dos apoiadores do prefeito da capital, enquanto 37% deles dizem que tomaram a decisão porque ele é o candidato ideal.

Entre os eleitores do pré-candidato Guilherme Boulos (PSOL), a situação se inverte, com 56% afirmando que o apoiam por considerá-lo o candidato ideal, e 43% dizendo que votam nele por falta de opção melhor.

Nunes e Boulos lideram a pesquisa para a Prefeitura de São Paulo, empatados, com 23% e 22% de intenções de voto, respectivamente.

Na sequência aparecem o apresentador de TV José Luiz Datena (PSDB) e o influenciador Pablo Marçal (PRTB), ambos com 14%, e a deputada federal Tabata Amaral (PSB), com 7%.

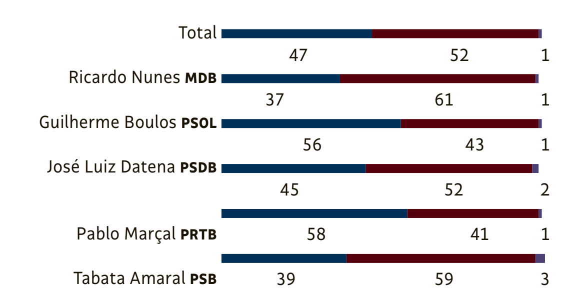
O instituto ouviu 1.092 pessoas na capital na terça (6) e na quarta (7). A margem de erro do levantamento, encomendado pela **Folha** e registrado sob o número SP-03279/2024 na Justiça Eleitoral, é de três pontos percentuais, para mais ou para menos.

Nunes pleiteou o apoio de Jair Bolsonaro (PL), numa estratégia para evitar que o ex-mandatário tivesse candidato próprio e provocasse uma divisão entre os eleitores de centro e direita.

52% dizem escolher candidato por não ser opção melhor

Cenário 1, resposta estimulada e única, em %

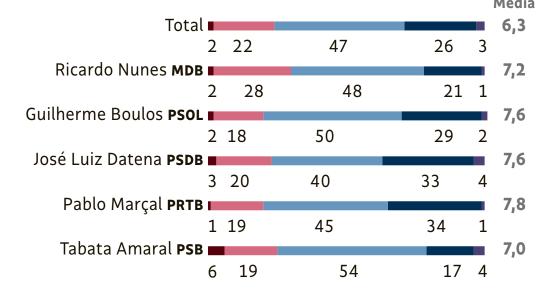
- É o candidato ideal
- Não há opção melhor
- Não sabem



47% dão nota entre 7 e 8 para identificação de propostas de candidatos

Cenário 1, resposta estimulada e única, em %

- Nota 0 a 3
- Nota 4 a 6
- Nota 7 e 8
- Nota 9 e 10
- Não sabe



Fonte: Pesquisa Datafolha realizada presencialmente, com 1.092 pessoas de 16 anos ou mais em São Paulo nos dias 6 e 7 de agosto; margem de erro de 3 p.p., para mais ou para menos. Registro na Justiça Eleitoral sob o protocolo SP-03279/2024

Apesar da indicação de Bolsonaro para que sua base vote no emedebista, Marçal se lançou na corrida disposto a representar o bolsonarismo e tem atraído a simpatia de parcelas mais radicalizadas da direita, que rejeitam o atual prefeito por não considerá-lo suficientemente conservador.

A entrada de Marçal e de Datena bagunçou o clima de polarização antecipada que se desenhava até poucas semanas atrás, com Nunes e Boulos liderando o primeiro pelotão de candidatos com folga sobre os demais e estimulando uma repetição da polarização entre Bolsonaro e Lula (PT).

Boulos, que é aliado do presidente e traz a ex-prefeita Marta Suplicy (PT) como vice, aglutinou a maior parte da esquerda na primeira eleição na capital desde a redemocratização sem um petista na cabeça de chapa.

O deputado tem a maior rejeição no Datafolha, com 35% dos eleitores dizendo que não votariam nele de jeito nenhum.

No caso de Datena, 52% de seus eleitores dizem que optam por ele porque não existe uma opção melhor, e 45% por enxergá-lo como o postulante ideal para assumir o governo municipal.

Marçal, por sua vez, é visto como o candidato ideal por 58% dos que pretendem votar nele, enquanto 41% admitem a escolha pela ausência de nome melhor. Neófito na política, o empresário e ex-coach adota um tom antissistema.

Tabata tem percentual maior de eleitores que a escolhem porque não há opção melhor (59%) do que aqueles que veem a candidata como a ideal para representá-los (39%). A deputada se esforça para ampliar sua taxa de conhecimento, hoje no patamar de 58%, e aposta que assim conquistará mais apoio.

Na média geral do quadro de candidatos, o Datafolha mostra os paulistanos divididos sobre a convicção de sua escolha para prefeito. São 52% os que assumem terem tomado a decisão de voto por falta de alternativa melhor, e 47% os que apoiam seu candidato por julgarem que ele é a opção ideal.

Entre os evangélicos, Nunes chega a 26%; prefeito tem 26% entre católicos, ante 20% de Boulos

Em %

	Católicos	Evangélicos
Ricardo Nunes MDB	26	26
Guilherme Boulos PSOL	20	11
José Luiz Datena PSDB	15	14
Pablo Marçal PRTB	13	18
Tabata Amaral PSB	7	6
Marina Helena Novo	3	7
João Pimenta PCO	1	2
Altino PSTU	0	1
Ricardo Senese UP	0	1
Fernando Fantauzzi DC	0	1
Em branco/nulo/nenhum	9	11
Não sabem	4	3

26% entre os homens dizem votar em Nunes; já entre as mulheres, 24% afirmam votar em Boulos

Em %

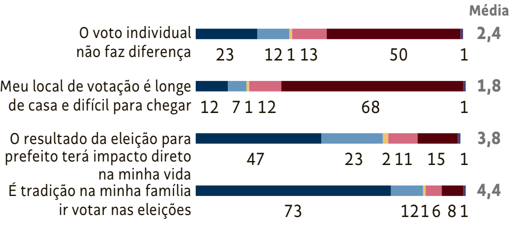
	Homens	Mulheres
Ricardo Nunes MDB	26	21
Guilherme Boulos PSOL	20	24
José Luiz Datena PSDB	13	14
Pablo Marçal PRTB	20	8
Tabata Amaral PSB	5	9
Marina Helena Novo	3	4
João Pimenta PCO	1	2
Altino PSTU	1	0
Ricardo Senese UP	0	1
Fernando Fantauzzi DC	0	1
Em branco/nulo/nenhum	10	11
Não sabem	1	5

Fonte: Pesquisa Datafolha realizada presencialmente, com 1.092 pessoas de 16 anos ou mais em São Paulo nos dias 6 e 7 de agosto; margens de erro: 5 p.p. entre católicos, 6 p.p. entre evangélicos, 4 p.p. entre homens e 4 p.p, entre mulheres, para mais ou para menos. Registro na Justiça Eleitoral sob o protocolo SP-03279/2024

70% concordam que eleição terá impacto direto em sua vida

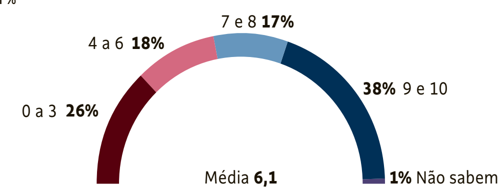
Em %

- Concorda totalmente
- Concorda em parte
- Não concorda e nem discorda
- Discorda em parte
- Discorda totalmente
- Não sabe



38% dizem ter muita vontade de votar neste ano; 26% afirmam ter pouca vontade, média de 0 a 10 é 6,1

Em %



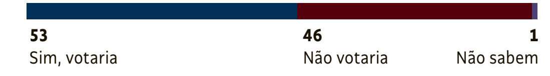
52% dizem ser contra o voto obrigatório, e 46% se posicionam a favor

Em %



53% dizem que iriam às urnas se voto não fosse obrigatório, e 46% disseram que não votariam

Em %



Fonte: Pesquisa Datafolha realizada presencialmente, com 1.092 pessoas de 16 anos ou mais em São Paulo nos dias 6 e 7 de agosto; margem de erro de 3 p.p., para mais ou para menos. Registro na Justiça Eleitoral sob o protocolo SP-03279/2024

Segundo Datafolha, 46% dizem que deixariam de votar se fosse facultativo

Júlia Barbon

SÃO PAULO Quase metade dos eleitores da cidade de São Paulo diz que não iria às urnas se o voto fosse facultativo, mostra pesquisa Datafolha realizada nesta semana. Mesmo assim, 7 em cada 10 reconhecem que o resultado das eleições para prefeito terá um impacto direto em suas vidas.

O levantamento mostra grande relação entre o engajamento político e a renda e escolaridade da população: enquanto no geral 46% dizem que não votariam caso tivessem escolha, esse número sobe para 58% entre os que ganham até dois salários mínimos ou só estudaram até o ensino fundamental.

A proporção dos que deixariam de votar se pudessem também é maior entre os evangélicos, os eleitores que se identificam como centro e os que pretendem escolher o apresentador José Luiz Datena (PSDB) como prefeito no pleito de outubro.

Por outro lado, são 53% os que iriam às urnas de qualquer jeito, mesmo se não fosse obrigatório, com destaque para os mais ricos, os mais escolarizados, os votantes identificados com a centro esquerda e os que preferem o deputado federal Guilherme Boulos (PSOL). Mais 1% não soube responder.

Foram ouvidas 1.092 pessoas nos dias 6 e 7 de agosto, em pontos de fluxo da cidade, considerando uma margem de erro máxima de três pontos percentuais, para mais ou para menos.

O resultado se inverte quando o instituto pergunta se os eleitores concordam ou não com a obrigatoriedade do voto.

Ou seja, 52% dos moradores de São Paulo dizem ser contra o sufrágio compulsório, índice maior entre os homens e os eleitores do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). E outros 46% afirmam ser a favor, com destaque para as mulheres, os jovens de 16 a 24 anos e os eleitores do presidente Lula (PT).

Quando questionados sobre qual é sua vontade de votar nas eleições deste ano, de 0 a 10, a média da capital paulista é 6,1. O engajamento é maior entre os votantes de Boulos (7,8) do que entre os do prefeito Ricardo Nunes, do MDB (6,8), Pablo Marçal, do PRTB (6,6), e principalmente de Datena (4,9).

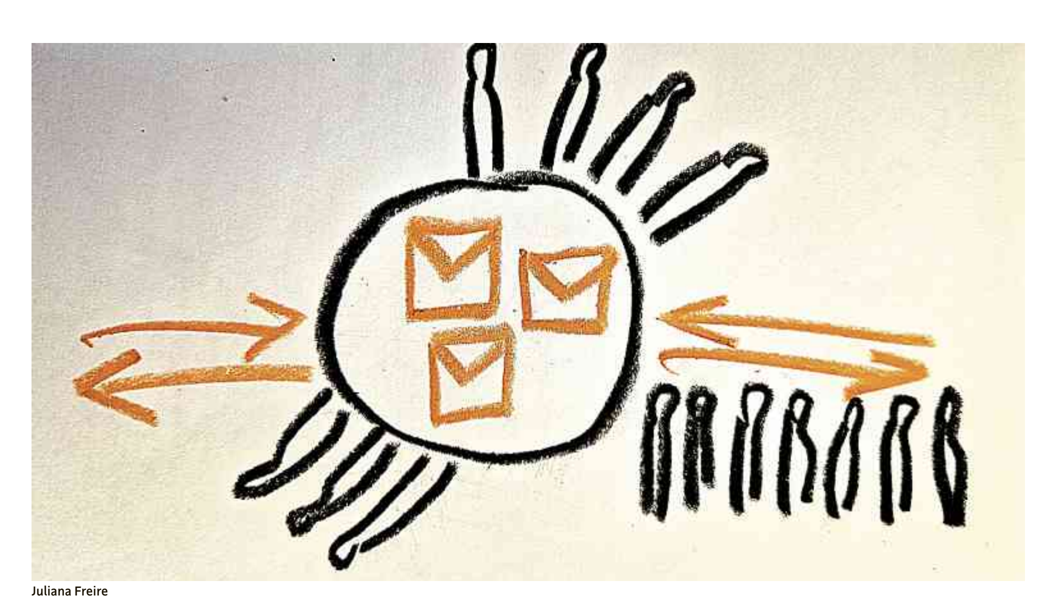
Novamente, têm menos vontade de votar os mais pobres e os menos escolarizados, além dos que estão insatisfeitos com as atuais gestões municipal, estadual e federal.

Mesmo que cerca de metade da população diga que não votaria se pudesse ou que é contra o voto obrigatório, a maioria mostra um reconhecimento da importância de votar: 70% concordam total ou parcialmente que “o resultado da eleição para prefeito terá impacto direto em sua vida” e outros 63% discordam da frase “o voto individual não faz diferença”.

Ainda sobre os fatores que atraem ou afastam as pessoas das urnas, 85% dos entrevistados dizem que “é tradição em sua família ir votar nas eleições”, e apenas 19% concordam total ou parcialmente que “o seu local de votação é longe de casa e difícil de chegar”.

No Brasil, o voto é obrigatório para todas as pessoas alfabetizadas de 18 a 70 anos de idade. Ele é facultativo, portanto, para os adolescentes de 16 a 18 anos, os idosos acima de 70 anos e os analfabetos. O eleitor pode justificar sua ausência nos locais de votação no dia do pleito ou até 60 dias depois. Caso contrário, precisa pagar uma multa.

INÊS 249


Juliana Freire

Lula 3.0 bloqueia dados de pesquisas

O Planalto no estilo de Bolsonaro

Elio Gaspari
Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

O repórter Mateus Vargas revelou que o governo decidiu impor pelo menos dois anos de sigilo para os resultados de 33 pesquisas que custaram à Viúva R$ 13 milhões. Alguns desses levantamentos foram realizados no governo de Bolsonaro.

Segundo a Secretaria de Comunicação do Planalto, o conhecimento dos resultados dessas pesquisas pode "trazer maiores prejuízos à sociedade do que os benefícios de sua divulgação". Diante de um recurso da **Folha de S.Paulo**, a Controladoria-Geral da União entrou na questão e defendeu o sigilo:

"A sua disponibilização possui o potencial de trazer à tona informações distorcidas referentes a uma política pública a ser implantada, frustrar expectativas e gerar a propagação de informações equivocadas."

Sabe-se que algumas dessas pesquisas referiam-se às falas de Lula sobre a guerra de Gaza e sobre as ações do governo contra o crime organizado.

O governo que atacava os sigilos impostos por Bolsonaro bloqueia o conhecimento de simples pesquisas de opinião. Nada a ver com o segredo sobre ações sigilosas.

Tudo coisa de burocrata onipotente, pois o embargo incluiu até o preço do serviço, disponível em outra base de dados.

Essa espécie de funcionário que se investe de poderes para decidir o que a população deve saber é imortal. Em 1974, durante a ditadura, ele tentava bloquear notícias sobre a epidemia de meningite que assolava São Paulo. Meses depois, o governo tomou uma surra eleitoral e o embargo foi um dos fatores da derrota.

Além de imortal ele é universal. Em 1945 o governo americano bloqueava qualquer notícia relacionada ao seu projeto de fabricação de uma bomba atômica. Estava certo, mas, na manhã do dia 6 de agosto, um general impediu que um repórter divulgasse a explosão da bomba sobre a cidade japonesa de Hiroshima, ocorrida horas antes. Vá lá, o general queria esperar que o presidente Harry Truman anunciasse o feito. Na outra ponta, o governo japonês minimizava o estrago.

No Japão, fotografias de Hiroshima só foram publicadas em 1952.

O povo americano sempre soube o que aconteceu em Hiroshima, mas um quadro completo só veio à luz quando o repórter John Hersey publicou sua reportagem na revista New Yorker, um ano depois.

O general que havia bloqueado a notícia da explosão de 1945 foi ouvido informalmente pela revista e liberou o texto de Hersey.

O sigilo imposto pela Secom e pela AGU às 33 pesquisas seria levantado daqui a dois anos, quando tiver terminado o governo de Lula. Pura censura de conveniência.

A lição de Zappa
De uma hora para outra o governo brasileiro viu-se metido em duas saias justas na América Latina. Uma com o governo bolivariano da Venezuela. Outra, que tem cheiro de operação casada, com a ditadura sandinista da Nicarágua, que expulsou o embaixador Breno de Souza da Costa.

A tendência de governos esquerdistas para arrumar brigas com eventuais aliados é histórica. Nos primeiros anos da revolução cubana Fidel Castro encrencava com o democrata Rómulo Betancourt, da Venezuela.

O piti do ditador Daniel Ortega pode ser ignorado, pois as relações com a Nicarágua são desprezíveis. Já com a Venezuela há interesses em jogo e entendimentos passados.

Nicolás Maduro joga com o fator tempo e até agora prevaleceu. O pior que pode acontecer ao Brasil é entrar num jogo de perde-ganha, no qual sua diplomacia sairá derrotada se o ditador venezuelano continuar na cadeira.

Vale a pena lembrar uma lição do embaixador Ítalo Zappa (1926-1997). Ele era chefe de gabinete do chanceler e, diante de uma controvérsia diplomática, perguntaram-lhe: quem ganhou?

Zappa respondeu: "Ganhar ou perder é coisa do prédio ao lado (naquele tempo, o Itamaraty funcionava ao lado do Ministério do Exército). Diplomata é um funcionário encarregado de defender os interesses do Estado. Quando ele faz isso, nada lhe custa dizer que perdeu. Não se incomoda se a outra parte, tendo cedido, diz-se vitoriosa. Nossa profissão é trazer para casa o interesse nacional. Ganhar ou perder, nas relações internacionais, não é coisa de diplomatas".

Em 1903, quando o Barão do Rio Branco negociou com a Bolívia a anexação do Acre, Rui Barbosa acusou-o de ter cedido demais.

Rio Branco ficou calado.

Francis e Ortega
A cada passo do nicaraguense Daniel Ortega transformando-se num ditador de caricatura, cresce a admiração pela implicância intuitiva do jornalista Paulo Francis (1930-1997).

Ele começou a aporrinhar Ortega quando o chefe sandinista foi a Nova York, entrou numa loja chique e comprou um par de óculos de grife. À época Ortega era um queridinho dos viúvos do Che Guevara.

Rodrigo Avila cantou a pedra
A polícia do Maranhão encontrou R$ 1,1 milhão no carro de um ex-servidor da Prefeitura de São Luís. Tanto o dono do carro como o cidadão que o dirigia (outro ex-servidor) negam que o dinheiro lhes pertença.

Nada de novo sob o céu de anil. Em 1969, um comando da Vanguarda Popular Revolucionária roubou um cofre guardado na casa da namorada do ex-governador paulista Adhemar ("rouba mas faz") de Barros. A senhora disse que o cofre estava vazio. Arrombado, dele saíram US$ 2,5 milhões (mais de US$ 20 milhões em dinheiro de hoje).

A canção "Desde a época de Cabral", de Rodrigo Avila, poderia servir de fundo musical para o trabalho dos investigadores: "Desde a época de Cabral corrupção era normal / Mas eu sei que o tempo já passou / Também sei que nada mudou."

A PF se meteu na briga dos presentes
O diretor da Polícia Federal, Andrei Rodrigues, perdeu uma excelente oportunidade de ficar calado. Ele emitiu uma nota dizendo que o caso das joias sauditas de Bolsonaro continuará a ser investigado, a despeito da decisão do Tribunal de Contas liberando o relógio Cartier de Lula.

Misturar os dois casos é comparar girafa com alface, mas não compete à Polícia Federal brandir ameaçadoramente com o prosseguimento de inquéritos. A PF investiga e encaminha suas conclusões à Justiça, se possível, em silêncio.

Polícia Federal amiga do Planalto era coisa de Bolsonaro, que defenestrou o ministro Sergio Moro para influir na sua superintendência do Rio de Janeiro.

Trump x Kamala
Dia 10 de setembro haverá de ter uma noite de emoções olímpicas com o debate de Kamala Harris com Donald Trump.

O ex-presidente saiu-se razoavelmente debatendo com Joe Biden em 2020 e prevaleceu em 2016 debatendo com Hillary Clinton.

Biden é um sujeito de bons modos, e Hillary é um produto da elite americana. Foi de Yale para o grupo de assessores da Promotoria no caso Watergate, que resultou na renúncia de Richard Nixon. Tornou-se mulher do governador do Arkansas e presidente dos Estados Unidos por oito anos. Voltando ao governo, foi secretária de Estado. Era uma flor do andar de cima. Já Trump é um espertalhão educado nas mutretas do mercado imobiliário de Nova York, um milionário vira-lata.

Kamala Harris é uma ex-promotora, habituada a lidar com delinquentes. Com a caneta na mão, foi um mastim. A ver.

Apagado como deputado, líder em BH evita polarizar eleição

Apoiado por Zema e Kalil, Mauro Tramonte desconversa sobre Lula e Bolsonaro

ELEIÇÕES 2024

Artur Búrigo


O deputado estadual Mauro Tramonte Elizabete Guimarães-20.jun.2024/Divulgação/Almg

BELO HORIZONTE Uma postura tímida, pouco presente e avessa a polêmicas. É dessa forma que deputados e assessores que frequentam a Assembleia Legislativa de Minas Gerais caracterizam a atuação do deputado estadual e apresentador de TV Mauro Tramonte (Republicanos), 63.

Líder em pesquisas eleitorais à Prefeitura de Belo Horizonte, ele tem repetido um discurso contrário à polarização política nacional para justificar a gama de apoiadores.

Entre eles, estão o governador Romeu Zema (Novo) e o ex-prefeito Alexandre Kalil (Republicanos), que trocaram críticas públicas quando disputaram o Governo de Minas em 2022, mas agora frequentam o mesmo palanque.

"Eu não quero polarizar com nada. Eu não quero brigar com o lado esquerdo, com o lado direito. Vou polarizar com um ônibus cheio, com UPA [Unidade de Pronto Atendimento] lotada, com esse trânsito maluco que nós temos em Belo Horizonte", disse o pré-candidato, que terá como vice a ex-secretária estadual Luisa Barreto (Novo).

Em 2022 Zema fez campanha para Bolsonaro (PL), e o ex-prefeito, para Lula (PT).

Questionado pela **Folha** sobre em quem votou nas eleições de 2022, Tramonte disse ser de centro e que votou na coligação de seu partido nas eleições — o Republicanos esteve na chapa de Bolsonaro.

"Na minha vida já votei em Lula, já votei em Bolsonaro, já votei em Kalil, já votei em Zema, mas acho que isso interessa pouco neste momento", diz.

A polarização deve ser evocada por outros candidatos, como o deputado estadual Bruno Engler (PL), apoiado por Bolsonaro, e o deputado federal Rogério Correia (PT), apadrinhado de Lula.

No primeiro debate entre os postulantes à Prefeitura de Belo Horizonte, na quinta-feira (8), Tramonte concentrou suas críticas na gestão do atual prefeito da cidade, Fuad Noman (PSD). Quando questionado acerca da aliança para sua chapa, ele disse que todos os candidatos procuraram ter o apoio de Zema ou Kalil e que ambos são políticos de experiência que somam à sua candidatura.

Nascido em Poços de Caldas, no sul de Minas, o apresentador ainda carrega o sotaque da região, que se assemelha ao do interior de São Paulo. Na cidade, o bacharel em direito foi servidor público e árbitro de futebol, mas se destacou à frente do programa Câmera Verdade, de perfil policialesco.

Em 2008, mudou-se para Belo Horizonte para assumir o comando do Balanço Geral, da Rede Record. À frente do programa por 16 anos, ele era o apresentador mais longevo da atração no país até deixá-la em maio.

A audiência do Balanço Geral, que chegou a liderar a audiência na capital mineira, alçou o apresentador a uma votação recorde entre os deputados estaduais de Minas em 2018, quando foi escolhido por 516 mil eleitores.

O programa virou motivo de críticas de colegas de Tramonte na Assembleia. A principal delas era a de que, nas sessões ordinárias, que começam às 14h, ele marcava presença apenas após o fim do programa, às 15h20, dez minutos antes do fim das reuniões.

Os encontros das duas comissões em que o apresentador é membro tiveram que ser transferidos para as 16h para que ele participasse. Além de ser presidente da comissão de turismo e gastronomia, setores dos quais é próximo na cidade, ele é membro da comissão de cultura.

Apesar de ter atuação considerada tímida no Legislativo, o apresentador foi alçado aos holofotes da política em um episódio envolvendo o senador Cleitinho (Republicanos).

Em 2019, quando ambos eram deputados estaduais, Cleitinho foi repreendido pela mesa diretora da Assembleia por aparecer com a camisa do América-MG no plenário.

Em discurso no dia seguinte, o então deputado criticou Tramonte, ainda que sem citar seu nome.

"Respeito o regimento, agora falar da minha conduta, que tem que ter postura? Tem um deputado que agora está apresentando um programa de TV ao vivo. Quando chega aqui, a reunião está acabando, ele bate o ponto e pede questão de ordem", afirmou Cleitinho.

O episódio estaria entre os motivos para o apoio de Cleitinho, que é do mesmo partido de Tramonte, a Bruno Engler nas eleições deste ano.

Tramonte afirma que seu trabalho como deputado deve ser medido pelo resultado. Diz ter apresentado mais de mil proposições e 78 projetos, dos quais 18 foram aprovados. Afirma ter destinado R$ 17 milhões em emendas parlamentares para BH. "Como muita gente, sempre tive dois empregos. E sempre dei conta do recado", disse, em nota.

Por que a democracia sobreviveu

Vale discutir como o Brasil ainda se mostra pronto a acomodar golpistas

Celso Rocha de Barros
Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e autor de "PT, uma História".

Em "Por que a Democracia Brasileira Não Morreu?", os cientistas políticos Marcus André Melo e Carlos Pereira discutem por que a democracia brasileira sobreviveu à crise política que começou com os protestos de 2013 e durou até o fracasso da tentativa de golpe de Jair Bolsonaro.

O livro tem duas teses. Uma é muito mais bem demonstrada que a outra.

Os autores estão certos quando dizem que a culpa das últimas crises políticas não é do presidencialismo de coalizão. Aqui Melo e Pereira jogam em casa: são autores de um livro clássico sobre como o sistema político brasileiro funciona melhor do que se pensa ("Making Brazil Work", de 2013).

Embora acertada, a análise merece um matiz: além dos choques externos, sofremos com legados históricos que enviesaram nosso sistema para a direita. Fizemos nossa transição à democracia com a classe política herdada da ditadura, fortemente conservadora (pois a esquerda foi perseguida) e bastante corrupta (pois na ditadura conviveram grandes projetos de desenvolvimento e ausência de controle institucional).

Por outro lado, em um país desigual como o Brasil, era de se esperar que a esquerda fosse bem-sucedida em eleições majoritárias (como a presidencial). Isso teria criado crises quando a esquerda chegasse ao poder em qualquer cenário.

Por outro lado, discordo dos autores quando dizem que durante o bolsonarismo a democracia nunca correu risco sério. Essa tese não é demonstrada pelo fracasso do golpe: se um investimento deu certo, isso não quer dizer que o capitalista nunca correu risco nenhum. Rebeca Andrade é uma heroína nacional exatamente porque derrotar Simone Biles era altamente improvável antes da prova.

Os autores apresentam bons argumentos sobre a complexidade institucional brasileira contemporânea, que tornaria uma centralização autoritária mais difícil. Entretanto, regimes autoritários podem lidar com alguma complexidade: a própria ditadura de 64 foi institucionalmente mais complexa que, por exemplo, o Estado Novo, sem deixar de ser autoritária.

Talvez uma ditadura Bolsonaro fosse só um passo além da complexidade do regime de 64; ou talvez fosse muito mais violenta, destruindo parte da complexidade institucional em que Melo e Pereira talvez apostem fichas demais.

De longe, a maior falha do livro é a análise muito apressada dos militares. As investigações da Polícia Federal sugerem que a luta interna nas Forças Armadas, sobre a qual ainda não sabemos o suficiente, foi muito importante para o fracasso dos extremistas. O livro não dedica muita atenção aos resultados dessas investigações.

Valeria a pena também discutir como a política brasileira mostrou-se (e ainda se mostra) pronta a acomodar golpistas. A bancada bolsonarista, que em 30 de novembro de 2022 pediu golpe dentro do Congresso Nacional, continua a ser tratada como parte legítima do jogo democrático. Há candidatos à presidência do Senado negociando impeachment de ministro do STF para conseguir votos dos bolsonaristas.

Melo e Pereira conhecem o funcionamento do sistema político brasileiro de trás para frente, mas por vezes subestimam o peso de sua história, bem como as lutas que ocorrem fora dele (no Exército, por exemplo). De qualquer forma, é um livro que faz as perguntas grandes, e já vem suscitando boas conversas.

| DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros | SEG. **Deborah Bizarria**, Camila Rocha | TER. Joel Pinheiro da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Marcos Augusto Gonçalves | SÁB. Demétrio Magnoli



Eduardo Campos (PSB) no lançamento da candidatura de Benedito de Lira e Alexandre Toledo ao Governo de Alagoas, em Maceió, em 2014 Divulgação - 19.jul.2014

Morte de Eduardo Campos fragmentou política em PE

Trágico acidente aéreo que matou ex-governador completa dez anos na terça

José Matheus Santos

RECIFE O trágico acidente aéreo de 13 de agosto de 2014 que matou o ex-governador Eduardo Campos (PSB) e outras seis pessoas em Santos, no litoral paulista, deixou marcas para além dos familiares e amigos das vítimas. Na política, os efeitos apareceram posteriormente em Pernambuco e no partido de Eduardo, o PSB.

Conhecido por formar alianças com políticos que eram adversários outrora, Eduardo Campos era o líder de um grupo político que comandava o poder em Pernambuco à época. Ele exercia um papel central nas articulações e em tomadas de decisão no PSB, em âmbito nacional e na política de Pernambuco. Em 2014, conseguiu um feito raro em Pernambuco: tinha todos os ex-governadores até então vivos aliados ao PSB. No plano nacional, queria chegar à Presidência da República.

Após a morte de Eduardo Campos, a campanha de Paulo Câmara, nome escolhido pelo ex-governador para a disputa do Governo de Pernambuco em 2014, não tinha mais a presença física do ex-governador, mas as propagandas eleitorais faziam menções a ele. Eleito, Paulo não conseguiu manter por muito tempo a unidade de forças políticas que Eduardo Campos tinha viabilizado.

O núcleo de poder ligado ao PSB fragmentou-se ano a ano, ao ponto de, em 2022, os cinco principais candidatos ao governo estadual terem tido ligações com Eduardo Campos.

A atual governadora Raquel Lyra, por exemplo, deixou o PSB em 2016 por não ter o aval do partido para disputar a Prefeitura de Caruaru.

O PSB também viveu tensões ao longo dos últimos dez anos. Para viabilizar sua candidatura à Presidência, Eduardo Campos trouxe nomes de diversos segmentos ideológicos, como Marina Silva (atual ministra de Lula) à esquerda e Tereza Cristina (senadora pelo PP e ex-ministra de Jair Bolsonaro) à direita.

Em 2016, o partido apoiou o impeachment de Dilma Rousseff (PT), com minorias da sigla seguindo aliadas à então presidente. Logo em seguida, a primeira cisão foi sobre a participação ou não no governo Michel Temer (MDB).

Daí em diante, a sigla rachou em votações e teve processos de desfiliação e punições por votações de deputados que tinham entrado no partido em 2014 por posicionamentos em projetos no Congresso Nacional diferentes do que foi pregado pela direção partidária.

Mesmo com os rachas, o PSB saiu das urnas em 2018 com 32 deputados federais eleitos, na última eleição para a Câmara dos Deputados sem coligações nas disputas proporcionais. Em 2022, tendo que alçar voo solo, o PSB caiu para apenas 14 deputados, mesma quantidade da federação PSOL/Rede, formada por partidos mais novos na esquerda.

"O futuro do PSB depende muito do lulismo. O PSB não tem muita alternativa, a não ser caminhar com Lula. Se ele romper com o PT nacionalmente, terá um impacto forte em Pernambuco, podendo empurrar o lulismo para apoiar a governadora Raquel Lyra", avalia o cientista político Adriano Oliveira, da Universidade Federal de Pernambuco.

Apesar da queda, integrantes do PSB classificam o movimento como uma renovação qualificada do partido e dizem que a sigla está mais unida e coesa, mesmo com menos parlamentares. "O partido diminuiu de tamanho, mas acho que aumentou em coesão", diz o deputado federal Pedro Campos (PSB-PE).

"Quando alguém da dimensão dele se vai de forma fulminante, cria-se uma desconformidade. É natural que não tenha ninguém com a capacidade de fazer o que ele fazia e conduzir a frente política que ele fez. E o Brasil entrou em um período de dificuldades", diz o prefeito do Recife, João Campos (PSB).

No cenário nacional, o PSB faz parte da base aliada do governo Lula (PT). A ligação do PSB com Lula é de longa data e retoma os tempos do ex-governador de Pernambuco Miguel Arraes. Os dois partidos —PT e PSB— estiveram juntos, no primeiro ou no segundo turno, em quase todas as disputas desde a redemocratização, exceto em 2014 e 2018, quando o PSB declarou neutralidade.

A ligação da legenda com o petista se intensificou em 2022, quando foi o principal partido a apoiar Lula e viabilizou a filiação de Geraldo Alckmin, atual vice-presidente.

Eduardo Campos dizia a aliados que Lula era um dos principais responsáveis por sua vitória em 2006. Na época, o presidente apoiou dois candidatos no primeiro turno em Pernambuco, um do PSB e um do PT, Humberto Costa, o que deixou segmentos petistas no estado insatisfeitos.

Nos dois primeiros mandatos, Lula costumava fazer pernoites nos estados durante as visitas, um hábito pouco repetido neste terceiro mandato. No caso de Pernambuco, os jantares na residência ou em hotéis com Eduardo Campos e sua família eram costumeiros nas passagens pelo Recife.

Lula chegou a dizer a ao menos dois líderes do governo Dilma, na semana do impeachment em 2016, acreditar que, se Eduardo Campos estivesse vivo, o PSB não teria apoiado a queda dela.

"Acredito que se ele estivesse vivo seria presidente", diz Pedro Campos, que classifica como "muito duro" o ciclo de reposicionamentos do PSB nos últimos anos, estando agora mais alinhado à esquerda em âmbito nacional.

Os governos Campos foram marcados em Pernambuco por avanços na área educacional e na segurança pública. Porém ações dele geraram polêmicas, como a articulação para emplacar a mãe, Ana Arraes, como ministra do Tribunal de Contas da União.

"Eduardo ainda é muito identificado com esperança de um futuro melhor e capacidade de trabalho nas pesquisas qualitativas. É parecido com Lula, mas Lula é mais ligado ao cuidado com os pobres e o eduardismo, à capacidade de trabalho", avalia Adriano Oliveira.

Em Pernambuco, o principal herdeiro político de Eduardo é o prefeito João Campos. Segundo ele, o pai o estimulava a entrar na política, mas, por vontade de João e da mãe, a opção inicial foi por concluir graduação em engenharia.

Aliados acreditam que o sonho de João é ser presidente da República e realizar o feito que o pai não conseguiu. Questionado, o prefeito diz: "Ele vai me servir sempre como inspiração, mas nunca me vejo na posição de querer ser mais do que ele ou ser o que ele não foi".

João Campos conseguiu ser prefeito do Recife, algo que Eduardo não conseguiu em 1992, quando perdeu a disputa municipal. Para 2026, o prefeito é tido como potencial candidato a governador, se for reeleito neste ano, e pode reproduzir, 20 anos depois, a dobradinha entre um Campos e Lula numa campanha eleitoral no estado natal do petista.

> Quando alguém da dimensão dele se vai de forma fulminante, cria-se uma desconformidade. É natural que não tenha ninguém com a capacidade de fazer o que ele fazia e conduzir a frente política que ele fez. E o Brasil entrou em um período de dificuldades
>
> **João Campos (PSB)**
> prefeito do Recife



> [Eduardo Campos] é parecido com Lula, mas Lula é mais ligado ao cuidado com os pobres e o eduardismo, à capacidade de trabalho
>
> **Adriano Oliveira**
> cientista político da Universidade Federal de Pernambuco

mundo

Opositores temem que Maduro se aproveite de negociação por acordo

Coalizão liderada por González e María Corina não descarta incluir mediador europeu no diálogo

Mayara Paixão

BUENOS AIRES Esperança não é uma palavra presente no vocabulário dos interlocutores da oposição na Venezuela hoje, duas semanas após o anúncio oficial da vitória de Nicolás Maduro nas eleições presidenciais e a contestação internacional desse resultado.

Ainda assim, eles projetam cenários possíveis. De maneira reservada, pessoas próximas ao candidato Edmundo González e à líder opositora María Corina Machado relatam apostar na debilidade do ditador para forçá-lo a negociar e destacam o papel do Brasil nessas conversas, embora não descartem um convite a um negociador europeu. Temem, porém, que Maduro aceite dialogar apenas para manter o status quo da ditadura.

O desafio número um, afirmam esses interlocutores à **Folha**, é fazer Maduro aceitar negociar. O ditador não deu sinal de disposição, fato que também preocupa autoridades do Itamaraty em Brasília.

Para alguns, porém, será a debilidade do líder dentro do próprio chavismo que o forçará a uma conversa.

Nas palavras de uma das pessoas que sustenta essa visão, a estratégia seria então seguir insistindo para que o rei fique nu. A interpretação é de que, embora Maduro hoje se sustente nos tentáculos do chavismo em todas as áreas do poder, ele já não é benquisto nas fileiras de sua força política. Além disso, a maneira como conduziu o processo eleitoral, sem divulgar as atas, envergonhou a muitos.

É nesta tarefa de pressioná-lo que a oposição vê um papel central do trio (ou "troika", como ela vem sendo apelidada) Brasil, Colômbia e México. São três países com diálogo com Maduro. No alto escalão da campanha opositora, a opinião é de que os laços históricos de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) com o chavismo, a diplomacia do Itamaraty e a entrada que Celso Amorim, assessor do presidente brasileiro, tem com o entorno do ditador fazem de Brasília um ator central nesse movimento.

Mas ainda faz falta "uma crise que ameace o governo para que ele compreenda que é melhor negociar do que se manter incrustado no poder", diz Phil Gunson, analista do Crisis Group há mais de duas décadas baseado em Caracas. "A questão é: quando vai ocorrer essa ebulição na massa crítica?", ele questiona.

O descontentamento com o chavismo é aparente em sua base e em partes de suas fileiras de poder. Mas Maduro foi por muito tempo hábil em silenciá-lo. Neste momento em que o regime vive um de seus momentos mais difíceis, a repressão em larga escala ameaça as principais vozes críticas que poderiam vir à tona. "Hoje não há Estado de Direito na Venezuela", diz Gunson.

Mesmo que vencida esta primeira etapa e, convencido da debilidade, Maduro se sentasse a negociar, a oposição ainda teria que lidar com uma série de outros dilemas. Interlocutores temem que o ditador use um diálogo para oxigenar a situação sem promover mudanças significativas, e, nas palavras de um deles, dar uma patada na mesa de negociação assim que perdesse a paciência.

Hoje, avalia-se que foi isso que o ditador fez com o Acordo de Barbados, que assinou com a oposição em 2023. Na época, Maduro se comprometeu a convocar eleições com a presença de observadores internacionais. Assim o fez, mas no caminho: 1) inabilitou a principal líder opositora, María Corina; 2) concentrou os recursos do Estado; 3) desconvidou o principal observador do pleito, a União Europeia; 4) dificultou que 7 milhões de pessoas no exterior votassem.

Barbados está morto, diz um dos interlocutores de María Corina. Ele afirma que a ideia é embrionária, mas que o grupo não descarta convidar um interlocutor europeu para a negociação. Isso porque ainda vê Brasil, Colômbia e México como governos mais próximos a Maduro.

Para a oposição se sentar à mesa de negociação, seriam necessárias garantias mínimas. Liberar os presos após a eleição; dar salvo-conduto aos seis asilados políticos que residem na embaixada da Argentina em Caracas; derrubar processos contra González e Corina. Seria como baixar o tom do debate em alguns decibéis.

Os interlocutores também frisam que não há negociação real que não inclua María Corina na mesa. Muitos setores, incluindo alguns de Brasília, resistem em negociar com a líder. De tendência liberal, ela protagoniza protestos contra o chavismo há 20 anos, mas foi a única a conseguir agrupar os opositores recentemente.

A oposição, como manifestou a própria Corina, está ciente do que teria de oferecer em termos de concessões e garantias. O salvo-conduto para deixar o país poderia ser ofertado a Maduro.

O Panamá, um dos países com os quais Caracas rompeu relações, chegou a afirmar que daria asilo ao ditador, permitindo que ele passasse por seu território para se dirigir a um país terceiro, em uma estratégia do novo presidente José Raúl Mulino para se tornar um ator internacional relevante. "Se essa é a nossa cota de cooperação para uma saída na Venezuela, assim o faremos, e já comuniquei isso a Lula", disse Mulino.

O xis da questão é como negociar. A possibilidade de coabitação entre regime e opositores é vista como de alto risco, mas a mais provável. Mesmo que assuma o Executivo, a oposição ainda terá de lidar com um Legislativo, um Judiciário, um Poder Eleitoral e um Ministério Público chavistas.

Maduro deu até aqui provas de que a coabitação não é uma opção para ele. Em 2015, quando a oposição conquistou maioria no Legislativo, o ditador inicialmente aceitou. Até que tirou o poder da Casa, convocou uma Assembleia Constituinte e sufocou a oposição.

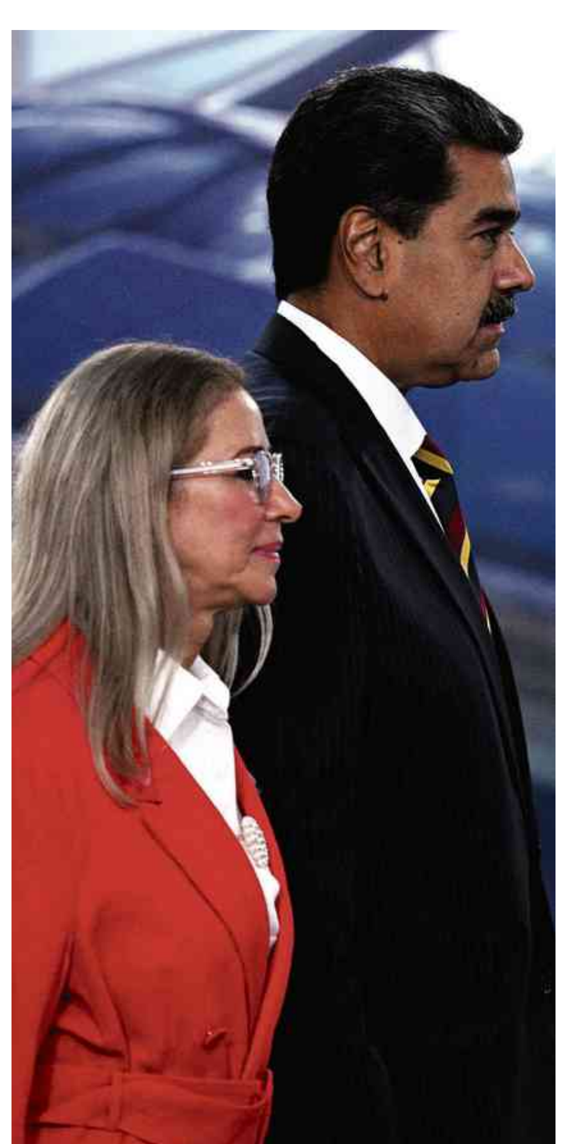
A oposição poderia oferecer ao regime que ele seguisse no controle de instituições-chave para assegurar sua imunidade, como o Supremo e as Forças Armadas. Como lembra Phil Gunson, seria similar ao que ocorreu nos anos 1990 na Nicarágua, quando Violeta Chamorro foi eleita após anos da Revolução Sandinista.

A oposição não têm um consenso sobre, nas palavras de um dos seus membros, o quanto de impunidade estariam dispostos a negociar. Mas também sabe que qualquer oferta de anistia, por exemplo, exigiria diálogo maior.

Nos EUA, Maduro é acusado de ter comandado, junto com seus aliados, um esquema narcoterrorista com as Farc por 20 anos. Ainda assim, altos membros da diplomacia americana já manifestaram reservadamente a autoridades brasileiras que estariam abertos a debater a derrubada dessas medidas.

Também seria preciso negociar com o Tribunal Penal Internacional (TPI), baseado em Haia, que investiga o regime de Maduro por potenciais crimes contra a humanidade.

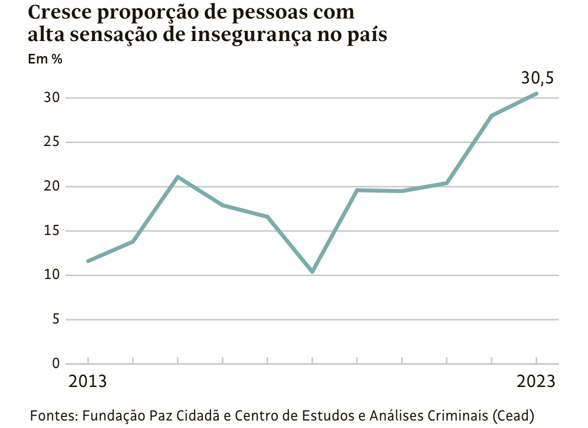
Ainda mergulhados na incerteza, os membros da oposição concordam que é urgente que uma negociação comece o mais rápido possível. É para isso que trabalham Brasil, Colômbia e México, que potencialmente se reúnem no final da semana que vem na República Dominicana, durante a posse do presidente Luis Abinader.



Nicolás Maduro e esposa, Cilia Flores, deixam a sede do Supremo venezuelano, em Caracas Federico Parra - 9.ago.24/AFP

Violência no Chile

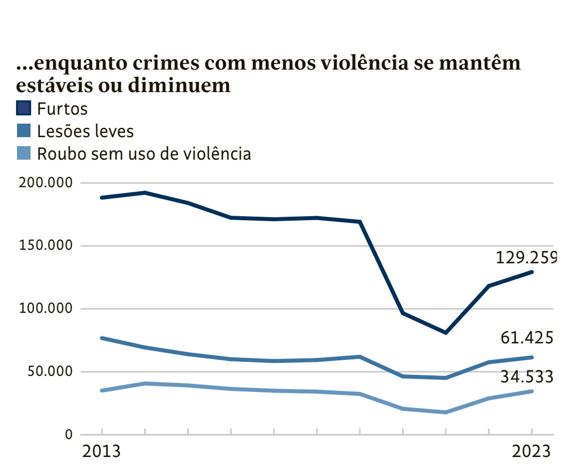
Cresce proporção de pessoas com alta sensação de insegurança no país



Chile registra aumento de crimes violentos...

Roubo com violência ou intimidação
Estupros e crimes sexuais
Homicídios e feminicídios
100.000
75.000
50.000
25.000
0
57.827
81.902
15.370
21.770
522
1.024
2013
2023

...enquanto crimes com menos violência se mantêm estáveis ou diminuem



Fontes: Fundação Paz Cidadã e Centro de Estudos e Análises Criminais (Cead)

Violência se agrava no Chile, e população culpa venezuelanos

Marianna Holanda e Renan Marra

SANTIAGO E SÃO PAULO A mais recente crise eleitoral na Venezuela tem aumentado a preocupação de países latino-americanos com a possibilidade de uma nova onda de migração vinda da ditadura.

Isso também é verdade no Chile, onde o tema está profundamente conectado à questão da violência pública. A atuação da gangue venezuelana Tren de Aragua na nação andina tem sido apontada como um elemento-chave no aumento da sensação de insegurança entre os locais.

Ao mesmo tempo, o fato de a facção ter origem no país controlado por Nicolás Maduro impulsiona casos de xenofobia contra os que fogem de seu regime.

Divulgada na última terça-feira (6), a Pesquisa Nacional Urbana de Segurança e Cidadania aponta que, no ano passado, 87,6% dos chilenos acreditavam que a criminalidade aumentou no país.

Com efeito, dados da Fundação Paz Cidadã mostram que o "índice de temor", que mede a percepção de insegurança pública, atingiu 30,5% em 2023. Trata-se do maior percentual desde 2000, quando a série histórica começou.

Embora a percepção de insegurança seja grande, dados indicam que delitos sem uso de violência, como furtos, não aumentaram. O que tem ocorrido é um aumento de casos mais violentos, que têm mais visibilidade e contribuem para elevar o medo entre a população.

Crimes de homicídio e feminicídio quase dobraram em pouco mais de uma década, saindo de 522, em 2013, para 1.024 casos no ano passado, segundo dados do Cead (Centro de Estudos e Análises Criminais). Roubos envolvendo intimidação aumentaram de 57,8 mil para 81,9 mil no mesmo período.

Ainda que os índices de homicídio no Chile não sejam comparáveis aos do Brasil —6,3 para cada 100 mil habitantes no primeiro, contra 22,8 no segundo—, especialistas afirmam que o país vem registrando crimes que não eram comuns no passado, como assassinatos por encomenda e tráfico de migrantes.

A Tren de Aragua, formada em uma prisão venezuelana em 2014, é uma das facções apontadas como responsável por esses crimes.

Outros países da América do Sul, como Colômbia e Peru, também registram a presença de integrantes do Tren de Aragua. Mas especialistas dizem que a falta de concorrência com outras facções tem favorecido o avanço do grupo criminoso no Chile.

Nas ruas, as pessoas relatam a piora na segurança pública. O motorista de ônibus Arturo Muñoz, 47, conta que, diariamente, vê em seus trajetos os famosos "lanzasos", que ocorrem quando o criminoso passa, de bicicleta ou moto, e rouba o celular de um pedestre.

A reportagem presenciou um furto desse tipo no centro de Santiago, contra uma brasileira, a menos de 1 km da sede do governo, o Palácio de La Moneda —onde o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) esteve com seu homólogo chileno, Gabriel Boric, na semana passada.

Apesar da incidência desses casos, o que mais preocupa a população são os episódios mais violentos. Muñoz diz já ter sido assaltado três vezes com arma de fogo no ônibus em que trabalha.

Ele acusa os imigrantes pelo aumento da violência. "Agora entra de tudo, inclusive migrantes clandestinos e que fazem parte do crime organizado", diz.

Com uma população de cerca de 19,6 milhões de pessoas, o Chile tem atualmente quase 3 milhões de imigrantes em situação legal. Destes, 23%, ou, 693 mil pessoas, são venezuelanos.

Em conjunto com o aumento da insegurança pública, a maior quantidade de migrantes do país levou os casos de xenofobia a também crescerem.

Um venezuelano que preferiu não se identificar relatou à **Folha** que já teve de intervir em brigas para defender compatriotas discriminados.

No Chile há quatro anos, ele trabalha de noite como frentista e de dia, como motorista de aplicativo —pintada em tinta branca, a frase "Venezuela é livre" pode ser lida no vidro traseiro de seu carro.

Nos últimos meses, casos de violência na nação andina ganharam também projeção internacional. Em julho, a brasileira Maressa Crisley Nunes foi agredida durante um assalto e sofreu uma tentativa de estupro. Em abril, outro crime teve ampla repercussão —três agentes foram mortos numa emboscada no sul do país, e seus corpos, carbonizados.

O fim melancólico de Fernández

Ex-presidente acusado de agredir mulher já foi apoiado por feministas

Sylvia Colombo
Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da **Folha** em Londres e em Buenos Aires, onde vive

"Estou muito feliz de ter colocado fim ao patriarcado", dizia o então presidente peronista Alberto Fernández, sorridente, num ato em 14 de janeiro de 2021, no Museu do Bicentenário, em Buenos Aires.

Ele celebrava o fato de ter sido em sua gestão, e com o apoio do Executivo, que o Congresso argentino tinha aprovado a interrupção da gestação apenas por decisão da mulher, até a 14ª semana, de modo gratuito e na rede pública de saúde. A Argentina dava um passo adiante no que diz respeito às conquistas dos direitos das mulheres —passo este que países como Brasil e Chile, por exemplo, ainda estão longe de dar.

Além disso, em sua campanha eleitoral, em 2019, Fernández havia colhido o apoio dos movimentos dos "lenços verdes", distintas correntes feministas que tinham levado adiante a pressão pela aprovação de legislações que também protegessem as mulheres da violência machista.

Na Argentina, afinal, havia nascido o movimento Ni Una Menos, hoje uma ONG presente em vários países. Sua primeira marcha histórica teve lugar em 2015, mesmo ano de seu surgimento, e reuniu milhares de mulheres em mais de 80 cidades argentinas.

O movimento foi tão abrangente que incluiu até mesmo as Desobedientes, grupos de mulheres que eram filhas de repressores dos anos de chumbo e haviam cortado relações com seus pais, vinculados a crimes da ditadura, para reivindicar políticas de proteção aos direitos humanos e em favor de mulheres vítimas de violência física.

Foi defendendo o acesso ao aborto em alto e bom som, em debates e na campanha, que Fernández desbancou Mauricio Macri, então presidente e candidato à reeleição.

O início da gestão de Fernández começou abençoado pelos movimentos feministas.

Qual não foi o susto e a revolta nos últimos dias quando veio a público uma denúncia daquela que tinha sido sua companheira nos anos em que foi presidente.

Fabíola Yáñez, que hoje vive na Espanha junto com o filho de três anos do casal, afirmou em uma audiência judicial por teleconferência ter levado surras contínuas do ex-presidente na Residência de Olivos.

Além disso, disse que era obrigada a dormir na casa de hóspedes da propriedade e que foi forçada a cancelar participações em atos por ter o rosto desfigurado por golpes.

Yáñez também mostrou trechos de mensagens de Fernández em que ele dizia ter tomado essas atitudes porque "não estava bem".

A Residência de Olivos estava naquela época no olho do furacão pois, embora o presidente determinasse medidas de quarentena super duras da porta para a fora, portas adentro havia festas, brindes e mesmo encontros, segundo testemunhas, do peronista com outras mulheres.

Junto às chocantes imagens de abuso físico de Yáñez, também vazou um vídeo que mostra uma amiga de Fernández tomando cerveja com ele no gabinete presidencial no qual ambos dizem "eu te amo" um ao outro.

Obviamente, o que cada mandatário faz com sua vida particular é apenas de sua alçada. Porém, esse caso excede todos os limites.

Foi em espaços destinados ao exercício do governo que teriam sido cometidos delitos graves, como as surras em Yáñez, enquanto o presidente se deleitava com a presença de uma outra mulher, ingerindo álcool em seu escritório oficial de governo.

A seu sucessor, o ultradireitista Javier Milei, o escândalo é um presente, um argumento a mais para dizer como o "governo comunista" que o antecedeu, além de ineficaz, terminou banhado em constrangimento.

Para dizer o mínimo, um melancólico fim a um mandato sem destaques, que agora beira a vergonha.

| DOM. Sylvia Colombo | TER. **Mundo Leu** | QUI. Lúcia Guimarães | SÁB. Igor Patrick



Idoso sentado entre os escombros de uma escola na Faixa de Gaza atingida por uma ofensiva de Israel Omar Al-Qattaa/AFP

Israel bombardeia mais uma escola em Gaza e mata dezenas

Tel Aviv põe cifra de óbitos divulgada por palestinos em xeque e afirma que complexo era usado por terroristas





SÃO PAULO E BRASÍLIA Um bombardeio a uma escola na Cidade de Gaza neste sábado (10) deixou quase cem mortos, disseram autoridades da Faixa de Gaza, controlada pelo grupo terrorista Hamas.

Segundo o porta-voz da Defesa Civil do território palestino, Mahmoud Bassal, o ataque matou ao menos 93 pessoas, incluindo 11 crianças e seis mulheres. "Há restos mortais não identificados", disse ele em uma entrevista coletiva transmitida pela televisão.

Como muitas outras sedes de instituições de Gaza, o complexo de al-Tabi'een vinha sendo usado como abrigo para deslocados pelo conflito, e acolhia cerca de 350 famílias no momento do ataque.

O Exército israelense afirmou que o local era usado como centro de comando do Hamas. Também pôs em xeque o número de mortos divulgado pelos palestinos, acrescentando que entre os mortos havia 19 terroristas —o Hamas chama todos os mortos de "mártires" e não diferencia combatentes de civis.

Se confirmada, a cifra de óbitos faria deste ataque, o quarto a mirar escolas de Gaza em uma semana, um dos mais letais desde o início da guerra Israel-Hamas, em 7 de outubro passado.

Um vídeo filmado no local após o ataque mostra corpos cobertos por mantas espalhados pelo chão enquanto outros são carregados para fora. Entre os destroços, é possível avistar latas de comida vazias boiando em uma poça de sangue, colchões queimados e uma boneca.

As autoridades de Gaza descreveram a ação como um "massacre horrível". "As equipes estão tentando controlar o fogo para retirar os corpos dos mortos e salvar os feridos", disseram no Telegram na madrugada de sábado.

Na quinta-feira (8), ataques contra outras duas escolas em Gaza já tinham deixado ao menos 18 mortos, segundo autoridades palestinas.

Antes, no domingo (4), bombardeios a dois colégios na Cidade de Gaza mataram pelo menos 30 pessoas. No dia anterior, sábado (3), outra ofensiva de Israel matou 15 pessoas em uma instituição de ensino no bairro de Sheikh Radwan.

O Exército isralense afirmou que todas as instalações serviam como centros de comando do grupo terrorista, que nega as acusações.

O bombardeio deste sábado foi condenado por diversos países, incluindo o Egito e o Qatar, que atuam como mediadores nas negociações para um cessar-fogo em Gaza.

O chefe da diplomacia da União Europeia (UE), Josep Borrell, expressou horror diante das imagens da escola destruída, enquanto o chanceler britânico, David Lammy, disse estar consternado com o ataque.

Os Estados Unidos, maiores aliados externos de Israel, por sua vez, declararam estar "profundamente preocupados" com o número de mortes de civis provocadas pelo incidente.

Em nota, a Casa Branca disse ter ciência de que o Hamas usa escolas como centros de operação, mas destacou que tem "afirmado repetidas vezes [...] que Israel deve tomar medidas para minimizar o dano a civis".

Washington tem enfrentado cada vez mais críticas por seu apoio militar a Tel Aviv. O bombardeio deste sábado ocorre um dia depois de um porta-voz da diplomacia americana dizer que os EUA forneceriam US$ 3,5 bilhões (cerca de R$ 19 bilhões, na conversão atual) para Israel gastar em armas e equipamentos militares americanos, após o Congresso ter aprovado os fundos em abril.

Enquanto isso, as mortes do líder político do Hamas, Ismail Haniyeh, em Teerã, e de um comandante do movimento islâmico libanês Hezbollah em Beirute aumentaram os temores de uma guerra generalizada no Oriente Médio.

Israel só assumiu a autoria do segundo desses ataques, mas o Hamas e o Irã também o acusam pela morte de Haniyeh e prometem vingança.

Confrontados com a perspectiva de uma explosão regional, o Egito, o Qatar e os EUA havia exigido nesta quinta que ambas as partes voltassem a negociar um cessar-fogo e a libertação das pessoas que o Hamas tomou como reféns em sua mega-incursão de outubro.

O primeiro-ministro israelense, Binyamin Netanyahu, acusado de querer prolongar a guerra para obter ganhos políticos, concordou em participar dessas novas conversas na data. No entanto, seu Exército lançou na sexta uma nova ofensiva terrestre a Khan Yunis, cidade no sul da Faixa de Gaza de onde as suas tropas haviam se retirado em abril após meses de combate.

Os habitantes da zona leste da cidade, que haviam recebido ordens de esvaziá-la no dia anterior, quinta, fugiram a pé, montados em burros, em carros e em motocicletas pelas ruas devastadas.

"Fomos deslocados 15 vezes. Basta. Somos civis e não somos responsáveis por esta situação", disse Mohamed Abdeen à agência de notícias AFP.

De acordo com estimativas do Escritório para a Coordenação de Assuntos Humanitários da ONU (Ocha), "pelo menos 60 mil palestinos podem ter se deslocado para o oeste de Khan Yunis nas últimas 72 horas".

Com AFP e Reuters

Rússia ordena retirada de 76 mil de região ao sul invadida pela Ucrânia

MOSCOU | REUTERS A Rússia retirou mais de 76 mil pessoas de áreas da região de Kursk, no sul, próxima à fronteira com a Ucrânia, após avanços das forças ucranianas no território na última semana.

Há relatos de batalhas intensas entre as tropas até 20 km dentro da região de Kursk, no maior ataque de Kiev contra território soberano da Rússia desde o início da guerra no Leste Europeu, em fevereiro de 2022.

Até o início desta ofensiva, a guerra vinha sendo travada quase exclusivamente dentro das fronteiras da Ucrânia.

O Kremlin decretou estado de emergência na região de Kursk na quarta (7). A medida suspende provisoriamente alguns direitos, como o de ir e vir sem checagem, e facilita a movimentação de tropas.

Na sexta (9), o governo de Vladimir Putin anunciou o envio de mais tropas para conter a incursão, além de uma lista de equipamentos militares que incluía lançadores BM-21 Grad e caminhões Ural e Kamaz.

Putin denunciou uma "provocação em grande escala" por parte da Ucrânia.

Logo em seguida, na madrugada de sábado (10), medidas antiterrorismo foram implementadas em Kursk e em outras duas regiões que fazem fronteira com a Ucrânia: Belgorodo e Briansk.

O Comitê Antiterrorista da Rússia acusou a Ucrânia de uma "tentativa sem precedentes de desestabilizar a situação em várias regiões" do país e afirmou que as tropas de Kiev feriram civis e destruíram prédios residenciais.

Ainda no sábado, o presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, reconheceu pela primeira vez que forças ucranianas estão lutando em Kursk. Em uma mensagem de vídeo, ele disse que tinha discutido a operação com o principal comandante militar da Ucrânia, Oleksandr Sirskii.

Pelo menos 13 pessoas ficaram feridas, incluindo duas em estado grave, por conta de destroços de um míssil lançado pelas forças ucranianas e destruído em Kursk, afirmou o governador interino da região fronteiriça russa na madrugada deste domingo (11).

INÊS 249



Azeredo da Silveira (ao centro) e Chen Jie (à dir.), na abertura da representação do Brasil em Pequim Embaixada em Pequim/Divulgação

Brasil e China completam 50 anos de relações diplomáticas

Vinda de Xi à cúpula do G20 é vista como comemoração de elos entre nações

Nelson de Sá

PEQUIM Na próxima quinta-feira (15), completam-se 50 anos do estabelecimento das relações diplomáticas Brasil-China. Não haverá festa em Pequim. A liderança do Partido Comunista estará em seu tradicional retiro de verão no balneário de Beidaihe, perto da capital.

Na última semana, porém, a nova vice-ministra das Relações Exteriores chinesa, Hua Chunying, que trata de América Latina, viajou ao Brasil. Prepara a visita de Estado do líder Xi Jinping em novembro, em negociação com a secretária-geral do Itamaraty, Maria Laura da Rocha, e o secretário do órgão para a Ásia e o Pacífico, Eduardo Paes Saboia, inclusive com previsão de novos acordos.

Hua e Maria Laura almoçaram juntas em Pequim há dois meses, dias após a diplomata chinesa assumir o cargo.

A visita de Estado será, na prática, a comemoração do cinquentenário. Estão previstos para a próxima quinta um seminário em Brasília e uma confraternização em Xangai. Depois, em setembro, haverá um concerto de violonistas em Pequim e, em outubro, um show do músico e ex-ministro Gilberto Gil, também em Xangai. Mas a expectativa, tanto do lado chinês como do brasileiro, é quanto ao que será assinado em novembro.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que demonstrou resistência à entrada do Brasil na Iniciativa Cinturão e Rota (BRI, na sigla em inglês) em sua própria visita a Pequim há um ano, passou a admitir a possibilidade de aderir ao programa chinês para a infraestrutura no último mês.

Questionado sobre o tema pela agência estatal chinesa Xinhua em entrevista a jornalistas estrangeiros em julho, afirmou que o Brasil quer antes de tudo "saber em que posição vai jogar" e se vai ser titular no grupo.

Respondendo à metáfora futebolística, a porta-voz da chancelaria chinesa Mao Ning comentou em Pequim que "a China dá as boas-vindas para o Brasil se unir à Cinturão e Rota o mais rápido possível" e aguarda "com expectativa as [suas] jogadas".

Lula tem dito que quer uma nova parceria estratégica, indo além da exportação de commodities e partindo para "ciência e tecnologia, produção de chips e software".

Procurado pela **Folha**, seu assessor especial para a política externa, Celso Amorim, projeta uma "cooperação forte em tecnologia" em temas como inteligência artificial e transmissão energética, inclusive em um ou mais projetos "de impacto".



> O reconhecimento da China foi a prova da maturidade do Brasil em matéria de política externa[...] Isso deu ao Brasil um volume internacional extraordinário na Europa Ocidental, na África e na Ásia. O Brasil passou a ser o país universal porque não tinha medo de reconhecer a China
>
> **Azeredo da Silveira**
> ex-chanceler brasileiro, no livro 'Azeredo da Silveira: Um Depoimento'

Indagado acerca da possibilidade de construção de uma ferrovia até o porto de Chancay, no Peru, com apoio chinês, iniciativa defendida por integrantes do governo brasileiro, diz que "pode ter alguma coisa de infraestrutura, mas isso é o mais simples".

Amorim diz que a BRI enfrenta uma certa resistência burocrática no Brasil, mas que o principal é negociar o "recheio" para o país em caso de entrada no programa chinês. Cita como um potencial projeto de impacto "as baterias de carros elétricos serem produzidas aqui".

No início de sua carreira diplomática, Amorim, 82, foi assessor do chanceler responsável pelo estabelecimento das relações com a China, Azeredo da Silveira (1917-1990). Chegou logo após a decisão, uma das primeiras de Silveira e do general-presidente Ernesto Geisel. "Foi o primeiro sinal de que o Brasil teria uma política independente", diz Amorim, que foi chanceler sob Itamar Franco e Lula e ocupou outras posições de destaque nas últimas cinco décadas.

A independência estabelecida naquela época se estende até hoje, com eventuais solavancos. Ministro das Relações Exteriores de Fernando Henrique Cardoso, Luiz Felipe Lampreia (1941-2016) seguiu o legado de Silveira. Foi seu porta-voz nos anos 1970 e, de tão próximo, via a si mesmo como um filho dele.

Segundo o pesquisador Matias Spektor, que organizou a obra "Azeredo da Silveira: Um Depoimento" (Editora FGV, 2014), o chanceler de Geisel até 1979 "operou uma das transformações mais profundas no comportamento internacional do Brasil". Citando chanceleres, embaixadores e assessores influenciados por ele, escreve que "Silveira deixou marcas profundas no Brasil contemporâneo".

O próprio Silveira diz no livro que "o reconhecimento da China foi a prova da maturidade do Brasil em matéria de política externa" —em parte porque ocorreu anos antes de os Estados Unidos oficializarem laços diplomáticos com Pequim, em 1979. "Isso deu ao Brasil um volume internacional extraordinário na Europa Ocidental, na África e na Ásia. O Brasil passou a ser o país universal porque não tinha medo de reconhecer a China", diz o ex-chanceler.

A negociação foi em Brasília, com o vice-ministro da Economia e Comércio Exterior (hoje apenas Comércio), Chen Jie, enviado por Pequim, e incluiu paralelamente um primeiro "compromisso comercial" entre os países.

Na sequência, lista Amorim, vieram ações como o reconhecimento da independência de Angola (1975) e a saída de um acordo militar com os EUA (1977). "Isso veio dos próprios militares, porque os americanos passaram a condicionar o financiamento anual à questão dos direitos humanos, já no governo Jimmy Carter", diz. "O Silveira tinha essa capacidade de transformar as situações mais difíceis."

O livro-depoimento mostra que o chanceler de Geisel priorizava o político sobre o comercial e, no caso da China, precisou vencer resistências das pastas econômicas.

"É difícil à beça explicar aqui que qualquer gesto é político do ponto de vista internacional, tudo aqui é reduzido a uma dimensão de comércio", conta Silveira na obra. "Tive que dar grande ingrediente econômico porque conheço meu país. Isso é a maior besteira do mundo. O econômico vai vir."

Veio aos poucos, em outros governos, com a ação de diplomatas como Marcos Azambuja, 88, que chefiou em 1980 a primeira Comissão Mista Brasil-China, em missão a Pequim.

"O Silveira é a pessoa que quebra aquele modelo de um Brasil inteiramente limitado", diz ele. "Com seu pragmatismo responsável, abriu caminho para um Brasil sócio natural de todos os projetos, quer dizer, sem inibições ideológicas. Foi uma pessoa de imensa importância para o país."

A expressão "pragmatismo responsável" foi historicamente associada a Azeredo, mas ele a creditava a Geisel, que a usou na primeira reunião ministerial. "Eu nunca a usaria. Batizaria um pouco diferente. De qualquer modo, expressava bem o que se queria dizer em relação à orientação que a política externa brasileira tomaria a partir de então."

Pragmatismo e café levaram ditadura brasileira a reatar laços

Paulo Passos

SÃO PAULO O que levou uma ditadura militar anticomunista a reatar relações diplomáticas com a China comunista? Diplomatas que atuaram nessa retomada e estudiosos do tema têm explicações diversas para a improvável aproximação dos países, à época liderados por Ernesto Geisel, de direita, e Mao Tse-tung, de esquerda, respectivamente.

Há, no entanto, unanimidade sobre um dos motivos que levaram ao anúncio brasileiro: a adoção da chamada "política externa pragmática, responsável e ecumênica" da segunda década do regime militar.

A decisão de reconhecer a República Popular da China —e, consequentemente, romper com Taiwan— completa 50 anos nesta quinta-feira (15), com celebrações planejadas pelas duas nações.

Anunciado em 1974, o ajuste não passou apenas pelo diálogo com os chineses. A ditadura brasileira ainda reatou com Angola e Moçambique, que também viviam sob regime comunista.

"Geisel teve a capacidade de olhar para as relações internacionais de uma maneira pragmática num mundo que mudava", analisa Maurício Santoro, doutor em ciência política, professor da Uerj (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) e colaborador do Centro de Estudos Político-Estratégicos da Marinha do Brasil.

Santoro lembra que, apesar das diferenças ideológicas, havia posições comuns entre os países na época. Cita a oposição ao Tratado de Não-Proliferação Nuclear, patrocinado por Estados Unidos e União Soviética (URSS).

"O diálogo com os chineses não deixou de ser também um recado aos EUA", afirma o embaixador aposentado Rubens Barbosa, que recebeu a missão de resolver os trâmites em Pequim para a reabertura da embaixada brasileira.

Documentos do serviço secreto dos EUA mostram que o movimento do Itamaraty era monitorado. Um informe da CIA, agência de inteligência americana, intitulado "Brasil mudando política externa" e enviado em 23 de agosto de 1974, uma semana após o anúncio do reconhecimento da República Popular da China, relata e analisa a medida, por exemplo.

"A nova iniciativa, embora implementada por razões muito práticas, também serve mais uma vez para demonstrar a independência do país em assuntos externos". O documento teve seu conteúdo liberado ao público em 1999.

O texto aponta que o então chanceler Antônio Azeredo da Silveira (1917-1990) deu avisos claros de que o governo brasileiro divergiria dos EUA em variadas questões. "É lógico esperar que essa tendência continue e cresça", conclui.



EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

FOLHA DE S. PAULO

Brasil reconhece a China de Mao

Cortadas as relações com Formosa

Capa da Folha de 16 de agosto de 1974 Reprodução

Na época, Washington ensaiava um movimento para reatar relações com os chineses, com a visita do então presidente Richard Nixon a Pequim em 1972. O reconhecimento americano do país asiático foi oficializado em 1979.

"Havia até um simbolismo de fazermos esse movimento antes para mostrar independência", afirma o embaixador aposentado Marcos Caramuru, que chefiou a embaixada brasileira em Pequim de 2016 a 2018.

Em outro documento da CIA, enviado da Ásia para Washington em junho de 1973, um ano antes do anúncio brasileiro, os agentes afirmam suspeitar de que havia comércio entre os dois países. "Há rumores de que a China já comprou quantidades consideráveis de açúcar brasileiro [em 1972] para entrega em 1973", informa o relatório.

O mercado de consumo do gigante asiático, ainda um país pobre na época, de fato estava na pauta do governo brasileiro, como demonstra a imagem da celebração oficial do acerto de 1974. A fotografia estampada na capa da **Folha** de 16 de agosto mostra um brinde feito com xícaras servidas com café brasileiro no Palácio do Itamaraty.

Três anos antes, em 1971, a tentativa de vender o produto na Ásia motivou uma missão não-oficial, mas auxiliada pelo Itamaraty, com a presença do então cônsul em Hong Kong, Geraldo Cavalcanti.

À frente da comitiva que visitou Cantão e Pequim estava Horácio Sabino Coimbra, dono da Companhia Cacique de Café Solúvel. Seu objetivo era abrir o mercado local para o grão brasileiro.

Próximo aos militares, o empresário atuou para que o governo reatasse com os chineses. Morto em 1993, Coimbra foi homenageado por Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em 2004, na celebração dos 30 anos das relações entre Brasil e China.

Santoro diz, porém, acreditar que o comércio e os interesses econômicos não tiveram tanta importância na decisão dos militares. "Vejo mais como um pretexto para convencer os anticomunistas", afirma.

"Havia o interesse de alguns empresários, mas isso foi usado mais para tornar o movimento palatável aos militares", explica. Ele lembra que o rompimento com Pequim, que durou dez anos, foi uma decisão tomada após o golpe de 1964.

Um episódio na semana em que os militares tomaram o poder marcou, aliás, as relações entre os dois países. Em 3 de abril daquele ano, nove chineses foram presos no Rio, suspeitos de tramar uma revolução comunista no país. Em depoimento à **Folha** em 2014, um dos presos, o jornalista Ju Qingdong, negou que estivesse em missão revolucionária na época.

A primeira década com relações reatadas foi de comércio tímido. Até mesmo o café só teve relevância na pauta de exportação neste século, quando a população chinesa passou a consumir mais a bebida.

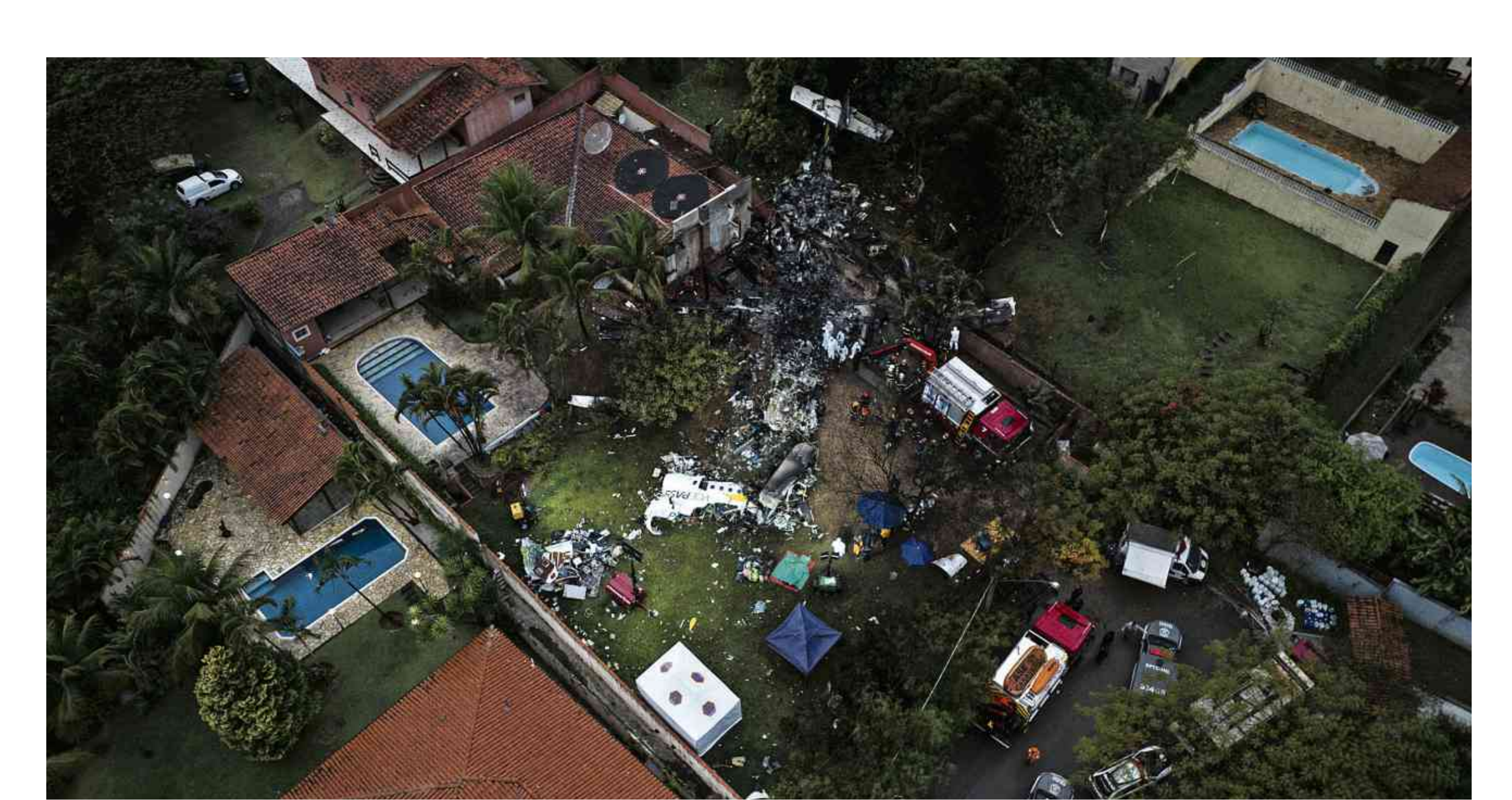
Já a relação diplomática entre as duas nações começou a se intensificar antes, a partir dos anos 1980. Os pontos de inflexão, segundo o ex-embaixador Caramuru, foram as viagens a Pequim do general João Figueiredo, em 1984, e de José Sarney, em 1988.

Desde então, os únicos presidentes brasileiros a não visitarem o país asiático, hoje o maior comprador de produtos nacionais, foram Fernando Collor e Itamar Franco. Pequim foi o destino de 30% das exportações brasileiras no ano passado.

O ex-embaixador Rubens Barbosa faz uma reflexão sobre esse domínio chinês: "Nós ganhamos com essa relação, mas estamos a reboque [dela]".

Em 1994, 20 anos após atuar na missão que abriu a embaixada brasileira em Pequim, ele conta que recebeu uma comitiva do governo chinês no Ministério das Relações Exteriores, em Brasília.

"Era notável que eles sabiam o que queriam. Tinham estratégia, um planejamento", recorda. "Isso nos falta."



Equipes de resgate trabalham em busca dos corpos na área onde caiu o avião da Voepass, em um condomínio de Vinhedo (SP) Bruno Santos/Folhapress

Com resgate concluído, investigação de acidente em Vinhedo deve levar 30 dias

Todos os 62 corpos foram achados; posição de passageiros pode acelerar identificação de vítimas

VINHEDO E SÃO PAULO As equipes de buscas finalizaram na noite deste sábado (10) o resgate dos 62 mortos na tragédia do voo 2283, da Voepass (antiga Passaredo). Com isso, as atenções devem se voltar nos próximos dias para a identificação das vítimas e a investigação sobre as causas do acidente.

A aeronave caiu na tarde de sexta (9) na cidade de Vinhedo, no interior de São Paulo, matando todos os 58 passageiros e quatro tripulantes a bordo.

Ao todo, 34 corpos masculinos e 28 femininos foram retirados do local da tragédia e encaminhados para a unidade central ao IML (Instituto Médico-Legal) de São Paulo para a identificação e liberação às famílias, segundo o governo estadual. A última vítima foi retirada dos destroços pouco antes das 19h.

Além de colaborar para a célere retirada dos restos mortais, a queda em local de fácil acesso também contribuiu para a investigação. O relatório preliminar está previsto para ser concluído em 30 dias, segundo a FAB (Força Aérea Brasileira).

Dois gravadores de voo —conhecidos como caixa-preta— foram recuperados e transferidos para o Labdata (Laboratório de Análise e Leitura de Dados de Voo) do Cenipa (Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aeronáutico) ainda na manhã deste sábado. Com isso, a análise dos dados começou.

Os gravadores têm diferentes funções. O primeiro, identificado pela sigla em inglês CVR (Cockpit Voice Recorder), registra o que foi conversado na cabine. O outro, o FDR (Flight Data Recorder), anota dados do voo, como altitude, meteorologia e velocidade.

Preparação, extração e degravação de dados devem prosseguir de maneira ininterrupta. A análise poderá dar detalhes sobre o funcionamento do equipamento e fatores humanos que podem ter provocado a queda.

Após a retirada dos corpos de todas as vítimas, os bombeiros trabalhavam durante a noite deste sábado para retirar os dois motores e a cauda da aeronave do meio dos destroços.

Segundo a tenente Laís Marcatto, do Corpo de Bombeiros, esses três pedaços seriam recolhidos por funcionários da própria companhia aérea e levados com escolta para o local de perícia.

A previsão era que a retirada dos motores e da cauda seria realizada ainda na noite de sábado. Depois disso, o trabalho dos bombeiros se encerra e a retirada do restante da fuselagem fica sob responsabilidade do Cenipa.



Casa que foi atingida pelos destroços da aeronave Catia Cicari/Divulgação

A aeronave viajava de Cascavel, no Paraná, para Guarulhos, na Grande São Paulo, quando caiu bruscamente no condomínio Recanto Florido, no bairro Capela, em Vinhedo.

Imagens feitas por moradores mostram que o avião sofreu uma queda praticamente vertical, quase sem deslocamento horizontal, embora o som dos motores indique que poderiam estar funcionando.

A forma como o avião despencou manteve tripulantes e passageiros relativamente próximos aos seus assentos. "Os corpos estão como se estivessem sentados em seus respectivos assentos", disse o capitão Michael Cristo, porta-voz do Corpo de Bombeiros.

O resgate começou pela parte da frente da aeronave, menos atingida pelo fogo após a queda. Piloto e copiloto foram os primeiros identificados, ainda no condomínio.

"Para quem viu imagens aéreas, o avião caiu como se estivesse chapado no chão. A gente está com o desenho da aeronave no chão", explicou Cristo.

Inicialmente a Voepass disse que 61 pessoas estavam a bordo do avião, mas neste sábado esse número subiu para 62. Segundo a empresa, um passageiro não estava na lista inicial do voo.

Três métodos não invasivos de identificação estão sendo aplicados para identificar as vítimas. A impressão digital é o mais rápido deles. Os outros dois são por meio da arcada dentária ou exame de DNA, esses mais demorados, segundo Carlos Palhares, diretor do Instituto Nacional de Criminalística.

"Estamos na fase de coleta de informações que vão permitir a identificação", disse ele. "Praticamente todos os corpos retirados até agora são passíveis de análises com impressão digital, que é mais célere", disse Palhares, fazendo referência ao trabalho realizado na parte frontal e menos destruída da aeronave, de onde 31 corpos foram recuperados. O perito disse não saber como seria a identificação dos demais corpos.

Famílias de vítimas cumpriam desde sábado etapas como coleta de material genético, entrevistas para colher informações que possam ajudar na identificação, além de orientação jurídica e psicológica, segundo o tenente Araújo Monteiro, da Defesa Civil. "É um processo trabalhoso. Cada entrevista, por exemplo, pode levar mais de uma hora", explicou.

Familiares ficarão em hotéis na capital e serão concentrados no auditório do Instituto Oscar Freire, próximo do IML.

Nas primeiras horas após o acidente, especialistas em aviação ouvidos pela **Folha** levantaram duas hipóteses principais para o caso com base nos primeiros detalhes, ressaltando que é cedo para determinar as causas.

Vídeos do momento da queda mostram que a aeronave desceu rodopiou no ar, mantendo-se em posição horizontal, manobra conhecida como "parafuso chato".

Essas condições, segundo especialistas indicam que o piloto havia perdido o controle da aeronave e as condições de arremeter —ou seja, apontar o nariz da aeronave para baixo e usar os motores para ganhar novamente sustentação no ar.

O especialista em segurança de voo Roberto Peterka levantou a possibilidade de que gelo tenha se acumulado nas asas da aeronave.

Já o engenheiro Hildebrando Hoffman, professor aposentado de Ciências Aeronáuticas da PUC-RS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), citou a hipótese de que tenha ocorrido uma falha na posição das hélices.

Ambas as hipóteses teriam afetado a capacidade de tração da aeronave. Eles descartaram a possibilidade de falha elétrica ou no motor, pois há sistemas auxiliares que normalmente não fariam com que o avião caísse em queda livre, como se vê nas imagens. A pane seca também está descartada, uma vez que o combustível queimou no solo, após a queda.

O piloto não teria declarado emergência ou reportado estar sob condições meteorológicas adversas.

A Voepass, dona da aeronave, disse que ainda não tem informações sobre a causa do acidente.

O avião era um ATR-72, fabricado em 2010, e tinha certificados de matrícula e de aeronavegabilidade válidos, segundo a Anac (Agência Nacional de Aviação Civil).

"A aeronave estava regular, em todas as condições de aeronavegabilidade. Temos a rastreabilidade desde que a aeronave foi construída e isso será levantado e a informação será prestada à investigação feita pelo Cenipa", disse o diretor da agência, Luiz Ricardo.

O acidente foi considerado de alta complexidade e havia uma preocupação de que altas temperaturas pudessem ter danificado os equipamentos, de acordo com a Força Aérea Brasileira.

A queda do avião em Vinhedo está entre os dez desastres aéreos mais mortais que ocorreram em território nacional. O mais letal ocorreu em 17 de julho de 2007, nos arredores do aeroporto de Congonhas, na zona sul da capital paulista, e causou 199 mortes. O voo 3054 da TAM tinha partido de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, com 187 pessoas a bordo.

Fábio Pescarini, Tulio Kruse, Gabriel Justo, Artur Rodrigues e Cristiane Gercina

Familiares dos mortos na queda do avião vão receber assistência psicológica e jurídica

Artur Rodrigues

SÃO PAULO As famílias das vítimas do acidente de avião que matou 62 pessoas em Vinhedo, no interior de São Paulo, vão passar por um processo que inclui acolhimento psicológico, assistência jurídica e coleta de DNA.

Os processos acontecem em dois hotéis, um no Tatuapé, na zona leste da capital, e outro no centro, e no auditório do Instituto Oscar Freire.

"O que acontece é que a família chega ao hotel, onde recebe acolhimento psicológico e jurídico. No auditório, há uma equipe técnica, da Polícia Técnica-Científica, que orienta sobre a entrega de materiais que possam ser importantes para a dupla checagem de identificação", afirma o capitão Roberto Farina, da Defesa Civil.

"A maioria das vítimas era residente do Paraná, então a maioria dos familiares também é de lá. Até o momento, temos o registro de sete famílias que chegaram. Após o meio-dia, começaremos a receber mais familiares do Paraná, que estão vindo em vários voos", afirmou ele pela manhã. Ao longo do dia, mais famílias chegaram.

O tenente Ramatuel Silvino, da Defesa Civil, afirmou que os trabalhos para a identificação dos corpos foram iniciados e alguns parentes das vítimas, atendidos. Segundo ele, os familiares ficarão em hotéis na capital e serão concentrados no auditório do Instituto Oscar Freire, próximo do IML.

"Estamos fazendo um trabalho cuidadoso para preservar ao máximo os corpos para facilitar a identificação e por respeito às famílias das vítimas", afirmou a tenente Olívia Perrone, também dos Bombeiros.

Todos os corpos resgatados em Vinhedo foram levados até a central do IML, em São Paulo. Destes, dois foram identificados.



No estacionamento de hotel em Cascavel, o prefeito Leonaldo Paranhos (de branco) se encontra com parentes de vítima de acidente com avião da Voepass Zanone Fraissat/Folhapress

Atraso, apreensão e homenagem marcam voo após tragédia

Demora ocorreu porque o avião que originalmente faria o trajeto até a cidade de Cascavel (PR) foi o que caiu em SP

Mariana Zylberkan e Zanone Fraissat

CASCAVEL (PR) Na sala de embarque do aeroporto de Guarulhos, na Grande São Paulo, na manhã deste sábado (10), passageiros do primeiro voo pós-tragédia da rota até Cascavel aguardavam instruções sentados no chão. O embarque programado para as 7h40 atrasou mais de uma hora.

A explicação veio só depois, quando a aeronave modelo ATR-72, do mesmo tipo que caiu na sexta (9) e vitimou 62 ocupantes, se preparava para decolar. "Infelizmente, nós tivemos que aguardar essa aeronave chegar de São José do Rio Preto, sai um pouquinho atrasado de lá, mas tenho certeza que todos vocês entendem", disse o piloto da empresa Voepass.

A aeronave que caiu na sexta em Vinhedo, no interior paulista, faria o trajeto na manhã de sábado, por isso, o remanejamento foi necessário.

Uma das únicas que ligam o oeste paranaense a São Paulo, a rota é usada com frequência por moradores de Cascavel, Marechal Cândido Rondon e outras cidades do entorno. "Estou apreensivo, dá para sentir a tensão no ar, não está como nas outras vezes", disse o consultor de negócios Paulo Feyh, 44, que faz a rota ao menos uma vez por mês para visitar os pais.

Na manhã deste sábado, ele embarcou para passar o Dia dos Pais com a família. Na noite anterior, conta que teve que tranquilizar a família, apreensiva com as imagens da tragédia. "Disse que a probabilidade de morrer voando é muito menor do que viajando de ônibus", disse. "Meus pais devem estar rezando a novena nessa hora", continuou.

Assim como ele, a recepcionista Rafaella Voigt, 20, deixou São Paulo, onde mora, para comemorar o Dia dos Pais com a família em Cascavel. "A primeira coisa que eu pensei é que poderia ser eu, bate um medo", disse ela que se prepara para seguir a carreira de comissária de bordo. "Quando soube do acidente, só pensei no que a tripulação pode ter feito. Só imaginava tudo voando dentro do avião."

O tempo chuvoso e nublado na saída de Guarulhos dificultou o embarque dos passageiros, que se molharam no pequeno trajeto entre o ônibus que deixou todos na pista e a aeronave. O avião partiu com ao menos 15 lugares vazios, apesar do mapa de assentos quase completo no check-in online da empresa.

Antes de partir, o piloto enalteceu a segurança do modelo ATR-72 e pediu respeito à Voepass e orações aos tripulantes e passageiros que se foram na tragédia.

"É notório, todos vocês sabem do acidente que aconteceu ontem [sexta-feira] com nossos amigos aqui na base de São Paulo. Gostaria de dizer que é uma fatalidade. [Danilo Santos] Romano, o comandante, era meu amigo pessoal. Todo mundo que estava a bordo, eu conhecia há muito tempo", iniciou em cumprimento aos passageiros.

O piloto fez ainda três pedidos aos passageiros. "Toda vez que vocês ouvirem alguma coisa sobre o ATR, informem que é um avião ultrasseguro. Existem mais de 2.000 unidades voando no mundo. É um avião que voa na Europa, nos Estados Unidos, na neve, então ele não tem problemas para operar em condições de gelo", disse.

O segundo pedido do comandante foi para que os passageiros solicitassem respeito cada vez que ouvissem alguém falando sobre o acidente ou sobre a companhia. "Todos nós temos famílias, filhos. Essa tragédia não atinge só quem pereceu nesse acidente, atinge todos nós. Estamos aqui hoje com todo nosso coração, dando nosso melhor, todo nosso profissionalismo", afirmou ele.

Por fim, pediu orações para todos os 62 mortos. "Tenho certeza de que a intenção da companhia é que todo mundo chegasse bem aqui em São Paulo", disse o piloto.

A Voepass disse que ainda não tem informações acerca da causa do acidente. Uma das hipóteses levantadas por especialistas até o momento é a possibilidade de que gelo tenha se acumulado nas asas da aeronave.

O pouso em Cascavel foi tranquilo e o único detalhe que remetia ao acidente era a presença de um ponto de atendimento da Defensoria Pública do Paraná montado no saguão do aeroporto para atender parentes de vítimas.

É cedo para cogitar interromper operações da Voepass, diz procurador-geral

SÃO PAULO É cedo para cogitar suspender as operações da Voepass, segundo o procurador-geral de Justiça de São Paulo, Paulo Sérgio de Oliveira e Costa. A declaração foi dada neste sábado (10).

"Por ora, falar sobre responsabilização e interrupção de operações da companhia é muito prematuro. O momento é de atender as vítimas", disse o procurador. "Por enquanto não surgiu nenhum elemento emergencial que venha a interromper as atividades da companhia aérea."

Durante o dia, Costa esteve no Instituto Oscar Freire de medicina legal, na zona oeste de São Paulo. Lá, é realizada a identificação dos corpos retirados dos destroços do voo 2283.

A assessoria jurídica às famílias das vítimas está sendo prestada por promotores de Justiça e defensores públicos tanto do Paraná quanto de São Paulo, que trabalham em conjunto.

O MPT (Ministério Público do Trabalho), por sua vez, disse que vai investigar a responsabilidade da Voepass.

A Procuradoria do Trabalho afirmou que a investigação foi determinada pelo procurador Marcus Vinícius Gonçalves, com a justificativa de que "é evidente a lesão a direitos sociais indisponíveis ligados à segurança no meio ambiente de trabalho".

O objetivo da investigação é entender se a empresa atendia a todas as regras trabalhistas no que diz respeito à contratação e proteção de seus profissionais e também contribuir para que não haja novos acidentes do tipo, dependendo do que for concluído.

A Voepass deverá ser notificada sobre a investigação e deverá apresentar, em prazo não divulgado pelo MPT, documentos referentes às CATs (Comunicações de Acidente de Trabalho), além dos contratos de trabalho dos quatro tripulantes falecidos.

Em nota, a Voepass afirmou que não tinha conhecimento, até este sábado (10), da notificação, e que vai colaborar com todas as autoridades nos esclarecimentos das causas da tragédia. **Gabriel Justo e Cristiane Gercina**

Família venezuelana viajava com cachorro e planejou jornada para seguir até a Colômbia

SÃO PAULO Uma família venezuelana que tentava retornar ao país de origem estava entre os passageiros do voo 2283, da Voepass, que saiu de Cascavel, no oeste do Paraná, e caiu na última sexta-feira (9) em Vinhedo, interior de São Paulo.

Josgleidys Gonzalez, sua mãe, Maria Gladys Parra Holguin, e seu filho, Joslan Perez, estão entre as 62 vítimas do acidente, de acordo com a companhia aérea.

Nas redes sociais, a amiga da família, Thaiza Evangelista, lamentou a morte dos amigos e da cadela Luna, que embarcou com os tutores —a Voepass confirmou a presença de um cachorro de pequeno porte no voo.

"Mãe e filha, duas mulheres guerreiras e corajosas, saíram de seu país e vieram ao Brasil procurar um futuro melhor. Havia também um menininho, filho e neto dessas mulheres, e sua cachorrinha Luna que, diferentemente de muitos casos, não foi deixada para trás", escreveu Thaiza.

Thaiza disse que a família havia migrado para o país em busca de uma vida melhor, no entanto enfrentava dificuldade para regularizar a documentação de Joslan, que nasceu na Venezuela e cresceu no Brasil.

O plano era viajar até Boa Vista, capital de Roraima, e seguir de ônibus até Pacaraima, na fronteira com a Venezuela, onde fariam um percurso de 12 horas até a cidade de origem. Posteriormente, iriam para a Colômbia.

Amiga da família e moradora de Cascavel (PR), Thaiza disse que Josgleidys se esforçou para garantir a segurança de todos durante a viagem. "Ela fazia tudo pelo seu filhinho e, por vê-lo chorando ao saber que se separaria de sua cachorrinha, não mediu esforços para levar a Luna na viagem. Apesar do pouco dinheiro que tinha, não hesitou em pagar R$ 200 de taxa para que ela fosse com eles".

Segundo Thaiza, a família teve dificuldades para levar o animal. Vizinhos e conhecidos chegaram a se reunir em uma campanha para ajudar nos trâmites de embarque, como dinheiro para viagem e bolsa de transporte.

Lucimery Veloso, veterinária responsável da Associação Cidadã de Proteção aos Animais (Acipa Cascavel), disse que ajudou com as vacinas e o atestado de saúde necessário para o embarque do pet. **Mayala Fernandes**

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Retribuiu a educação pública com trabalho inovador

JORGE VICENTE LOPES DA SILVA (1963 - 2024)

Lucas Lacerda

SÃO PAULO Hoje comum e com aplicações na medicina e em diferentes ramos da indústria, a impressão 3D precisou de um ponto de partida no Brasil. Isso ocorreu há três décadas, em 1997, com a criação de um setor em um centro federal de pesquisa em Campinas, no interior de São Paulo.

À frente do projeto estava Jorge Vicente Lopes da Silva, cuja marca de dedicação já seria comprovada pela extensa produção de artigos e livros acadêmicos. Mas seu legado também ficou evidente nos vários agradecimentos de pupilos e instituições de pesquisa.

Sua motivação, no entanto, vinha de uma dívida. "Ele sempre estudou em escola pública. Era muito agradecido ao povo e ao Estado brasileiro por ter recebido essa educação e se sentia em débito", diz a mulher, Ana Clélia Ferreira, 63.

Natural de Muqui, no interior do Espírito Santo, Jorge cursou o ensino técnico na capital do estado, Vitória, onde também fez a faculdade de engenharia elétrica na Ufes (Universidade Federal do Espírito Santo). Já o mestrado e o doutorado foram realizados na Unicamp, em Campinas.

De jeito simples e bem-humorado, Jorge fez muitos amigos. "A casa dele sempre estava de portas abertas", diz Felipe Müller, 58, professor titular da Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

Colegas da pós-graduação, eles mantiveram o contato depois do doutorado, já que Müller se casou com uma campineira e visitava a cidade regularmente. Já Jorge se fixou em Campinas ao entrar para o CTI (Centro de Tecnologia da Informação) Renato Archer. "Ele comprou um terreno e a gente ajudou a montar a casa, até a plantar árvore. Tenho uma de 30 anos plantada lá."

Entre as aplicações de tecnologia tridimensional liderada por Jorge estão a modelagem de placas para cirurgias que recompõem partes perdidas de crânio e um software que cria modelos tridimensionais a partir de imagens de tomografia e ultrassom.

"Muito disso foi feito em software livre, distribuído para quem quisesse e usado até hoje em um trabalho no CTI com médicos do SUS", diz Müller. O pesquisador foi convocado por Jorge, diretor do centro de 2019 a 2022, para coordenar a área técnica, cargo que ocupa atualmente.

No último ano de sua gestão à frente do centro, Jorge foi diagnosticado com um câncer de próstata avançado e iniciou o tratamento. A doença regrediu, entretanto voltou a se manifestar nos ossos.

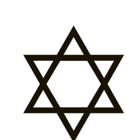
"Ele não queria que ficassem esticando a vida dele e buscou cuidados paliativos", diz Ana Clélia.

Afinal, foi uma vida plena: Jorge ainda arranjou tempo para ser faixa preta de kung fu. Ele morreu em 10 de junho, aos 61 anos. Deixa a mulher e o filho, Victor Ferreira da Silva Telles, 31.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo:
tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha:
tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção:
folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.



Com muito pesar comunicamos o falecimento de

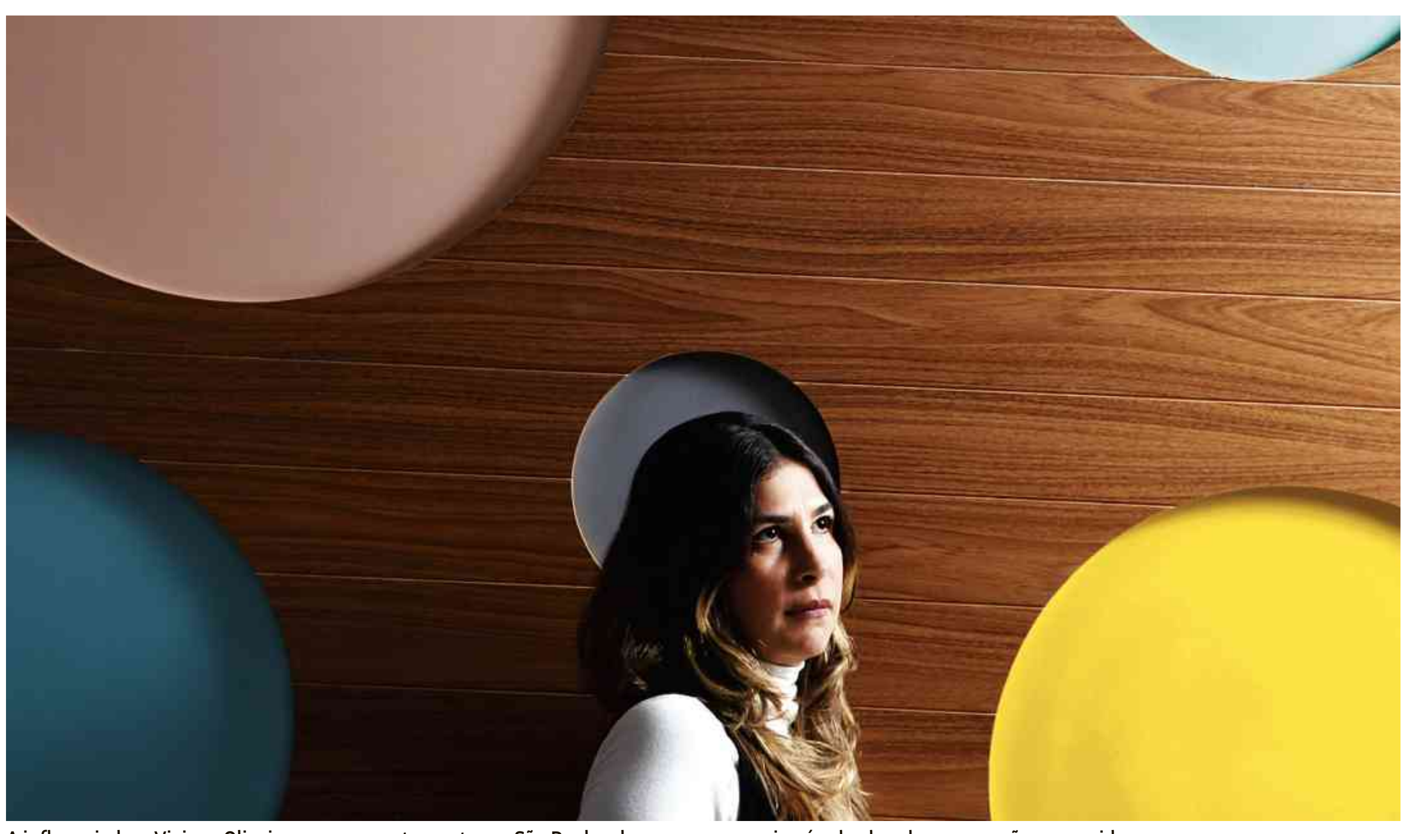
Salomão Schwartzman

querido marido, pai, sogro e avô.

Ele deixa de viver ENTRE nós e passa a viver EM nós.

Te amaremos eternamente.

O sepultamento ocorrerá no Cemitério Israelita do Butantã, às 11h do dia 11 de agosto de 2024.


A influenciadora Viviane Oliveira em seu apartamento em São Paulo; ela cresceu sem pai após ele abandonar sua mãe na gravidez Karime Xavier/Folhapress

Aumenta número de crianças registradas sem nome do pai

Em 2023 isso ocorreu com 173,6 mil dos nascidos, segundo dados de cartórios

Bruno Lucca

SÃO PAULO O número de crianças brasileiras registradas somente pelas mães cresceu nos últimos sete anos. Os dados são da Associação dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen), responsável pelos cartórios.

Em 2016, primeiro ano com números consolidados, 139,7 mil dos 2,9 milhões de nascidos foram registrados sem o nome do pai, ou seja, 5%. Em 2023, foram 173,6 mil dos 2,6 milhões, totalizando 7%.

Nesse intervalo, também houve aumento dos reconhecimentos de paternidade. Eles foram de 14,7 mil em 2016 para 35,4 mil em 2023, uma variação de 141%. Em casos nos quais todas as partes concordam, o reconhecimento pode ser feito diretamente em cartório. Se não, é necessária intervenção da Justiça.

Os destaques do levantamento são Maranhão e Paraná. No estado nordestino, houve a maior quantidade estadual de crianças registradas por mães solo em 2023: 10 mil. No sulista, o maior aumento percentual de pais aparecendo tardiamente de 2016 a 2023: 78.500%.

Gustavo Kloh, mestre em direito civil pela Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e professor da FGV (Fundação Getulio Vargas), tem algumas teorias para o cenário apresentado. Sobre os reconhecimentos, ele diz serem, principalmente, fruto de um trabalho de órgãos públicos de vários estados.

Em São Paulo, por exemplo, há o programa Encontre Seu Pai Aqui. O objetivo é efetuar investigações de paternidade com o Ministério Público e o Instituto de Medicina Social e de Criminologia, que realiza exames de DNA gratuitamente.

Se confirmado o laço sanguíneo, é feita averbação em registro civil e expedição da nova certidão de nascimento, de forma extrajudicial e gratuita. Segundo a Promotoria, a ação pode iniciar a construção de uma relação familiar saudável e facilitar o pagamento de pensão alimentícia.

"Hoje, mais de 80% dos casos julgados em varas de família pelo país são por falta de pagamento de pensão", afirma Kloh. O professor ainda põe outro fator importante nesse contexto de reconhecimento de filhos: a paternidade socioafetiva, quando padrastos adotam seus enteados.

De acordo com dados disponíveis pelo Datajud (Base Nacional do Poder Judiciário), de 2022 para 2023, o total de novos casos subiu de 4.320 para 5.256 —22% a mais. Neste ano, até abril, foram registradas 1.953 novas ações.

Já os dados sobre mães solo, analisa o especialista, fazem parte de um contexto histórico, mas podem ter sido influenciados por um fenômeno recente. "Muitas mulheres têm demonstrado vontade de criar seus filhos sozinhas", afirma ele.

A mãe de Viviane Oliveira, 39, não teve essa opção. Quando engravidou, seu namorado a abandonou. Uma tentativa de aproximação até foi feita, quando a menina nasceu, "mas minha mãe conta que ele me olhou, disse 'essa não é minha filha' e foi embora". Por isso, ela nunca quis conhecer seu genitor.

Sozinha, a família passou muitas dificuldades. Viviane começou a trabalhar na adolescência, formou-se em jornalismo, comprou uma casa para a mãe. A falta de uma figura paterna, porém, era uma cicatriz difícil de curar.

Por isso, ela teve uma ideia: compartilhar sua história para encontrar alívio. Daí, em forma de página no Instagram, surgiu o projeto Filhos Sem Pais. Rapidamente, a iniciativa evoluiu para palestras, depois surgiu um podcast.

"Não existia ninguém nas redes mostrando a visão do filho abandonado, as pessoas tinham curiosidade para me escutar", diz a influenciadora, hoje mãe e muito mais aliviada. "Precisamos falar sobre esse problema e como ela afeta o curso de muitas vidas."

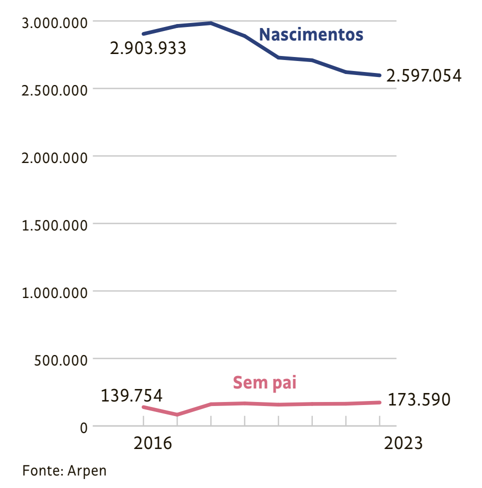
Como reconhecer paternidade biológica e socioafetiva. Nos casos em que iniciativa seja do próprio genitor, basta que ele compareça ao cartório com a cópia da certidão de nascimento do filho, sendo necessária a concordância da mãe ou do próprio filho, caso este seja maior de idade.

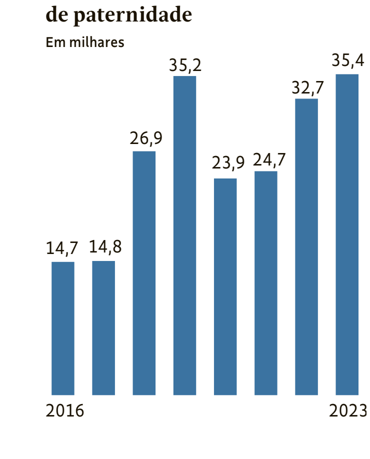
Caso o homem não queira reconhecer o filho, a mãe pode fazer a indicação do suposto pai no próprio cartório, que comunicará aos órgãos competentes para ser iniciado o processo de investigação compulsória de paternidade.

Desde 2017, também é possível realizar em cartório o reconhecimento de paternidade socioafetiva, caso haja a concordância da mãe e do pai biológico.

Cabe ao registrador civil, mediante a apresentação de documentos e entrevistas com os envolvidos, atestar a existência do vínculo afetivo mediante apuração objetiva por intermédio da verificação de elementos concretos.

Registros de paternidade no Brasil





Fonte: Arpen

> "Não existia ninguém nas redes mostrando a visão do filho abandonado, as pessoas tinham curiosidade para me escutar
>
> **Viviane Oliveira**
> influenciadora e criadora do projeto Filhos Sem Pais

Abordagem a filhos de diplomata não teve racismo, conclui polícia

RIO DE JANEIRO A Polícia Civil concluiu não ter ocorrido racismo na abordagem a quatro adolescentes, dos quais três negros, feita por policiais militares armados em Ipanema, zona sul do Rio de Janeiro.

O caso ocorreu no mês passado e envolveu filhos dos embaixadores do Gabão e de Burkina Fasso e de um diplomata do Canadá. O quarto adolescente era um brasileiro branco. A advogada Raquel Fuzaro, que representa os três adolescentes negros, criticou a conclusão da polícia.

A delegada Danielle Bulus Araújo, da Deat (Delegacia Especial de Atendimento ao Turista) concluiu que os PMs "não elegeram suspeitos com base na cor da pele".

Em seu relatório, ela afirma que os agentes "estavam atrás de suspeitos seguindo a descrição de vítimas estrangeiras que tinham acabado de sofrer um crime na praia de Ipanema".

"Note-se que na abordagem não houve tratamento diferenciado para ninguém. O grupo abordado era composto por adolescentes pretos e brancos. Todos foram revistados, inclusive o adolescente branco teve a revista padrão da bolsa escrotal enquanto um dos menores pretos não sofreu a revista", afirma o relatório.

De acordo com o documento, os depoimentos dos PMs envolvidos na abordagem foi corroborado pelas câmeras corporais de outros agentes que ouviram com eles os relatos sobre o assalto momentos antes.

Os PMs que realizaram a abordagem aos adolescentes não usavam câmeras corporais. Eles afirmaram que não estavam atuando no patrulhamento ostensivo, mas apenas na supervisão dos agentes, ação na qual, segundo eles, o uso do equipamento não é obrigatório. O relatório foi enviado ao Ministério Público para análise do caso.

A advogada dos três adolescentes afirmou esperar que o Ministério Público ofereça denúncia sob acusação de racismo contra os dois policiais envolvidos.

Os quatro adolescentes, de 13 e 14 anos de idade, voltavam da praça Nossa Senhora da Paz após jogar futebol e, ao chegar a um prédio, foram empurrados para a garagem e revistados.

Segundo a mãe do jovem branco, os quatro amigos moram em Brasília e estavam no Rio para passar férias, acompanhados dos avós de um deles, em uma viagem planejada havia vários meses.

Ainda de acordo com o relato, os adolescentes foram questionados sobre o que faziam na rua.

Cidade de São Paulo registra dois recordes de frio

SÃO PAULO Com 13,7°C, a cidade de São Paulo teve a tarde mais fria do ano, neste sábado (10), segundo os dados das estações meteorológicas automáticas do CGE (Centro de Gerenciamento de Emergências Climáticas).

O último recorde de tarde mais fria do ano havia sido registrado em 9 de julho, com média de 14,3°C.

A temperatura mínima também bateu novo recorde, com 9,1°C. Até então, a menor média do ano havia sido a do dia 23 de junho, quando os termômetros registraram 9,7°C.

A expectativa é de nova quebra de recorde de temperatura mínima neste domingo (11), quando os termômetros poderão alcançar a casa dos 6°C, de acordo com Adilson Nazário, técnico em meteorologia do CGE.

Até as 13h deste sábado choveu o acumulado de 33,3 milímetros —11,7% acima do esperado para agosto, que é de 29,8 milímetros.

De acordo com o CGE, não há previsão e chuva para as próximas horas e o frio será intensificado, principalmente entre a noite deste sábado e a próxima madrugada.

O ar frio de origem polar vai provocar queda acentuada das temperaturas nos próximos dias. O domingo será marcado por sol entre poucas nuvens e temperatura máxima prevista de 19°C com taxas mínimas de umidade do ar ao redor dos 35%.

A segunda-feira começará com termômetros na marca dos 9°C e a temperatura máxima não deve superar os 19°C . O frio também atingiu outros estados, principalmente na região Sul. A serra de Santa Catarina teve registro de neve na madrugada de sábado.


Adams Carvalho

Duzentas mil Rebecas

Quando nossos pais nos batizam, nos dão um amuleto com poderes mágicos

Antonio Prata
Escritor e roteirista, autor de "Por Quem as Panelas Batem"

"Os sobrenomes são prosa, os nomes são poesia." Trombei com essa definição no livro "Literatura Infantil", do grande escritor chileno Alejandro Zambra. Prosa é quando a gente usa as ferramentas da língua. Poesia é quando a gente constrói as próprias ferramentas.

Eu nasci Prata, filho de um Prata, neto de um Prata. Jheniffer, jogadora da seleção brasileira de futebol, e Daiane, ex-ginasta, nasceram da Silva e dos Santos, filhas e netas de Silvas e Santos. Não tem invenção nem originalidade nestes três casos, só a modorrenta continuidade. Mas quando nossos pais nos batizaram de "Antonio", "Jheniffer" ou "Daiane" eles estavam nos dando um amuleto, cada um deles com poderes mágicos específicos.

"Antonio" era uma afirmação da brasilidade, típica dos pais de esquerda dos anos 70. "Jheniffer" e "Daiane" também são, por um caminho inverso, nossa década, suco de Brasil, como se diz por aí. É a língua falada dando as cartas sobre a escrita. (Como, aliás, sempre foi, é e será, apesar dos plúmbeos burocratas da gramática). É o novo mundo se afirmando, com saudável petulância adolescente, sobre o velho. Em algum lugar Oswald de Andrade sorri. O escritor, aliás, também foi batizado com nome inglês, mas num ato antropofágico pedia para ser chamado com um acento agudo no "a", virando "Oswáld".

Em Portugal existe uma lista oficial de nomes que você pode dar a uma criança. Tenta registrar uma "Rayssa" ou um "Alisson" em Lisboa e um barnabé vai te barrar. A não ser que você encontre, nos arquivos da Torre do Tombo ou em algum alfarrábio, um português homônimo.

Meu amigo, irmão e parceiro de trabalho, Chico Mattoso, foi batizando na mesma onda deste Antonio aqui. Quando nasceu, seus pais estavam exilados em Paris e não sabiam se um dia poderiam voltar. (Dá uma certa esperança lembrar que o mundo já esteve perdido antes, né?). Pois, os expatriados patriotas ficaram entre o brasileiríssimo Francisco e um nome popular e rural francês, Yannick. Num ato de otimismo, fecharam em Francisco.

Gosto de imaginar, numa realidade paralela, este Yannick. Ao contrário do meu amigo Chico, corintiano, fã de Aldir Blanc, casado com a cearense Isabelle, ele seria um patrício contrariado, orgulhoso de sua origem francesa, talvez um alfaiate que, lá por 2008, teria resmungado muito, com um sotaque a la Troisgros, "esse aerroporrrrto tá parrrrecendo uma rodoviárrria".

No prefácio do xará Antonio Candido pra "Raízes do Brasil", obra do pai de outro Chico, o professor se refere a uma geração como todos aqueles que "julgam-se a princípio diferentes uns dos outros e vão, aos poucos, ficando tão iguais, que acabam desaparecendo como indivíduos para se dissolverem nas características gerais da sua época".

Para comprovar a afirmação, nada melhor que dar um Google "IBGE+nomes". No site, você vê quantos xarás você tem, e, num gráfico, qual a prevalência do seu nome, ano a ano, desde 1900 até 2010. (Infelizmente o IBGE não atualizou a lista). Naquele ano havia, no Brasil, 2.576.348 milhões de Antonios. O nosso auge foi bem quando nasci. Franciscos eram 1.772.197. As Daianes eram 244.869. Imagino que depois da Daiane dos Santos sejam muito mais. As Jheniffers eram 4.141, com pico em 2000.

Volto daqui a dez anos pra contar quantas Rebecas teremos. Serão dezenas, talvez centenas de milhares. É a poesia, com entrada de rodante, uma meia volta na primeira fase do voo e uma pirueta e meia na segunda fase, se fazendo estatística.

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Giovana Madalosso | **TER. Vera Iaconelli** | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Federais preveem dificuldades após bloqueio

Governo Lula segurou repasses às universidades para cumprir meta fiscal; reitorias temem até por auxílio a alunos

SÃO PAULO Após o governo Lula (PT) bloquear R$ 1,28 bilhão do MEC (Ministério da Educação) para cumprir metas fiscais, universidades federais começam a calcular o impacto em suas finanças.

Reitorias já preveem dificuldades para pagar despesas básicas e manter programas de assistência estudantil. Questionada sobre a situação, a pasta de Camilo Santana diz apenas atender à programação orçamentária do governo.

Nenhuma verba foi retirada das unidades, mas houve diminuição do limite de gastos por meio do congelamento de repasses.

Os bloqueios foram majoritariamente de emendas parlamentares destinadas às universidades e não empenhadas até 23 de julho. A gestão petista, porém, fez mais. Na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), R$ 29 milhões foram retidos pelo Tesouro até esta quinta-feira (8).

O governo federal prometeu duas janelas para liberação das cifras travadas, de 1º de outubro a 30 de novembro e 1º a 30 de dezembro.

Se houver o retorno do limite de empenho, o orçamento da UFSC para este ano não deve ser afetado. "No entanto, isso dificulta o planejamento e a execução financeira", afirma a instituição.

A situação da Ufcat (Universidade Federal de Catalão), em Goiás, é ainda mais delicada. Conforme o seu orçamento previsto, já eram esperadas dificuldades operacionais a partir de setembro.

O contingenciamento deve adiantar o "ponto crítico" para agosto, diz a instituição. "Essa manobra inviabiliza o pagamento de despesas de toda ordem, inclusive assistência estudantil", segue. Foram retidos mais de R$ 3 milhões da universidade, correspondentes a 18% de seu orçamento.

José Daniel Diniz, presidente da Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior), diz ver com preocupação o fato de o bloqueio do governo recair especialmente na área da educação, mas diz estar em diálogo com os ministros de Lula por algum ressarcimento. "A nossa expectativa é de que o orçamento de 2025 tenha um crescimento real sobre os recursos deste ano."

Enquanto isso, a Ufob (Universidade Federal do Oeste da Bahia) teve travados mais de R$ 5 milhões. Por enquanto, seus gestores afirmam observar de forma cautelosa os passos do governo, mas com uma grande preocupação: a possibilidade de o bloqueio não ser revertido e evoluir para um corte. "Não temos condições de absorver uma redução de crédito. Caso ocorra, impactará diretamente no funcionamento e continuidade das atividades acadêmicas", diz a instituição.

Essa é também a preocupação de outros centros, como a UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), maior federal do país. Lá, cerca de R$ 60 milhões foram encadeados pelo governo. Por isso, alunos organizam um protesto para quarta-feira (14).

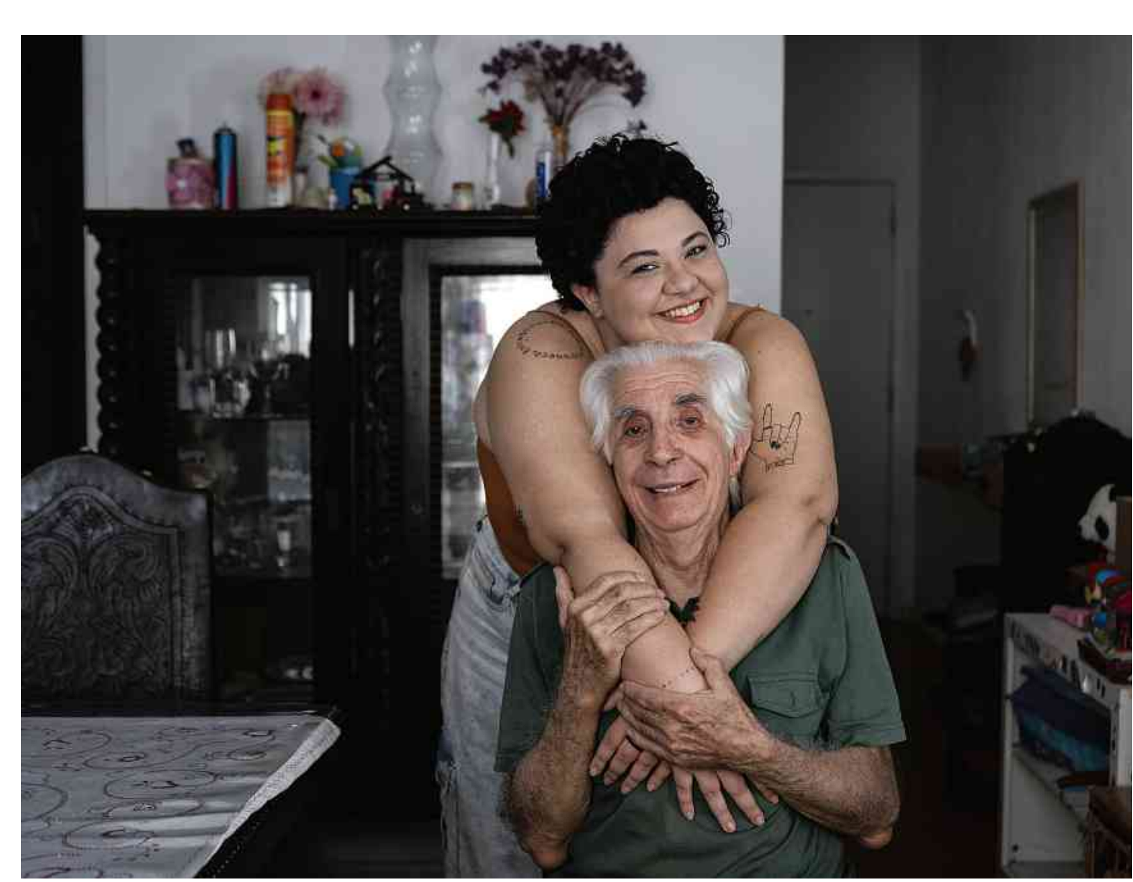
"Recebemos a notícia durante reunião junto a reitoria, que também soube na hora e nos garantiu prioridade e manutenção dos programas de permanência estudantil. Porém, apresentou que o bloqueio pode desencadear em corte de água, luz, falta de pagamento às empresas terceirizadas", diz nota do DCE (Diretório Central dos Estudantes).

Bruno Lucca

equilíbrio

Com genitores ausentes, filhos ressignificam o Dia dos Pais

Com avôs, filhos ou sozinhos, eles relatam como comemoram a data



Luana Vidal, filha de pai ausente, com o avô Noel Miranda, com quem costuma comemorar a data Zô Guimarães/Folhapress

TODAS

Andreza de Oliveira

SÃO PAULO A última vez em que Luana Vidal, 25, teve contato com seu pai foi há cinco anos, numa audiência sobre pensão. Na época, ela fazia um curso tecnólogo na área de eventos, mas foi convocada judicialmente porque ele afirmava que não pagaria mais o benefício. O último Dia dos Pais com ele, no entanto, foi há mais de uma década.

Luana se lembra da celebração com o pai em um churrasco em família, mas sem nada muito especial, já que as visitas que ele costumava fazer eram esporádicas desde que ela tinha dois anos de idade, quando ele se separou de sua mãe.

"Ele tentou manter uma constância, do jeito dele. Ao menos todo mês a gente se via", diz. Mas, com o passar do tempo, essas visitas foram diminuindo.

Na época, os encontros eram os mesmos: costumavam acontecer em shoppings durante o almoço.

Por volta dos 17 anos, ela conheceu seu irmão mais velho, com cerca de dez anos de diferença, que também cresceu sem ter muito contato com o pai.

Das primeiras vezes que comemorou a data longe do pai, chegou a estranhar porque todos os seus primos estavam com os pais. Mas com o tempo isso deixou de ser uma questão.

"Eu acho que por um tempo foi [um problema], porque eu lembro de ter esse choque, especialmente em uma ou duas festas de escola sem meu pai para levar, o que me deixou desconfortável", diz.

Belinda Piltcher Haber Mandelbaum, psicóloga e professora titular do departamento de psicologia social da USP (Universidade de São Paulo), afirma que na infância essa falta pode ser mais difícil do que na vida adulta, mas com o passar dos anos a pessoa começa a entender essa ausência. "É na vida adulta que essa figura de pai ausente vai se diluindo", explica.

Luana diz que costuma passar a data comemorativa com a mãe, o avô materno —com quem passou a viver quando sua mãe se separou— e o padrasto. Ela classifica os dois como referência paterna.

"É para quem eu costumo escolher presentes, por exemplo. Se fosse para o meu pai biológico, eu nem saberia do que ele gostaria de ganhar", afirma Luana.

O Dia dos Pais, tanto quanto o Dia das Mães, pode ter um peso maior para as pessoas que não possuem um desses entes, seja porque morreram ou porque foram ausentes, segundo Manuela Moura, psicóloga clínica especialista em terapia de casal e da família.



> Às vezes, mesmo que o pai esteja vivo e não seja completamente ausente, as relações familiares violentas podem tornar datas como essas sofridas, sobretudo na infância e adolescência, quando esses referenciais são tão importantes na nossa vida
>
> **Manuela Moura**
> psicóloga

"Às vezes, mesmo que o pai esteja vivo e não seja completamente ausente, as relações familiares violentas podem tornar datas como essas sofridas, sobretudo na infância e adolescência, quando esses referenciais são tão importantes na nossa vida", diz Moura.

Na data, algumas pessoas chegam a presentear mães, avós e tias, o que segundo a psicóloga mostra que o referencial paterno independe de gênero e vínculo biológico.

"É comum querer aproveitar e presentear nessas datas pessoas que participaram da sua criação, educação e que ocuparam esse lugar afetivo de apresentação ao mundo, de transmissão da cultura familiar", diz a psicóloga da família.

Além disso, na visão dela é preciso diferenciar o tipo de abandono. Existe aquele em que o pai registrou, mas não participou, e também há o abandono emocional, que é um subtipo. "Existe essa figura paterna, ela é viva e os filhos sabem seu nome e endereço", afirma Manuela.

Outra forma de abandono é convivendo, inclusive, dentro da mesma casa, resumindo os casos em que o pai não se ocupa em absoluto com a criação desse filho e que pode representar uma experiência emocional de profundo abandono.

Essas situações, no entanto, diferem daquelas em que as pessoas não comemoram com o pai biológico por motivo de luto. "Porque existe algo a ser celebrado, que é a memória. Este homem partiu, mas foi um pai presente na minha vida. Eu tenho uma memória, ainda que essa memória venha acompanhada da dor da perda, do luto da morte", completa Manuela.

Analista de qualidade, Letícia Gosse, 27, é uma dessas pessoas que apesar de ter o nome do pai no registro, ele foi ausente durante toda a sua vida e o conheceu há pouco tempo, momentos antes de ele morrer. Ela admite que não conseguiu viver esse luto.

"Acho que é porque vivi um luto dessa relação praticamente a minha vida toda. Até escolhi participar dessa cerimônia para botar um ponto final nisso", afirma Letícia.

Moradora de Sumaré, no interior de São Paulo, ela se lembra de ter sentido falta de ter um pai, principalmente ao ver a relação do irmão mais velho, fruto do primeiro relacionamento de sua mãe, tendo um pai para comemorar a data.

"No começo acho que sentia mais, mas fui me acostumando com o tempo", diz.

Normalmente, Letícia passa a data com o irmão, filho do mesmo pai e mãe, e com os tios —maridos de suas tias. Mas neste ano, pela primeira vez, a comemoração vai ser diferente. Mãe de Nael, de 10 meses, ela afirma já estar se organizando para o primeiro Dia dos Pais do filho e do marido.

"Fiquei pensando com um pouco de antecedência o que fazer, o que ele gostaria de ganhar. Comprei um perfume e disse que é o nosso filho que está dando de presente."

Ensinar um caminho diferente do dela para o filho é a ideia. Segundo Letícia, ela preza muito por uma família estável e que seu filho, já cedo, entenda a importância do papel de seu pai.

"Faço o possível para que ele possa ter essa referência paterna, de um dia, se quiser ser pai, ser presente", diz.

Atitudes como a de Letícia são comuns, segundo Mandelbaum. "Essa busca por reparar aquele dano e construir a família desejada é legítima", diz.

Algumas outras pessoas, inclusive, preferem nem comemorar a data. Como é o caso de Luis Felippe Fonseca de Oliveira, 23. Estudante de administração, ele foi registrado pelo pai e até comemorou algumas datas, ainda na infância, ao lado dele, mas hoje prefere passar sozinho.

"Tinha contato com ele umas três ou quatro vezes por ano, mas hoje costumo ignorar o dia e seguir como um domingo normal, sem comemorações, apenas com meus planos para aquele dia", relata Felippe.

Natural do Rio de Janeiro, ele diz que seu pai sempre viveu a cerca de 10 km de sua casa. Quando ele começou a evitar contato, a sensação foi mais traumática, mas na pré-adolescência passou a ser indiferente.

Moura explica que para muita gente nem faz sentido comemorar essa data, e é comum que isso aconteça.

"Às vezes a pessoa não tem mesmo que celebrar. Que não celebre e faça do seu dia um outro dia, que vá ocupar o seu domingo de uma outra forma, vá fazer alguma coisa que te proporcione prazer, diversão, vá estar com amigos. Que essa pessoa possa dar a ela, a si mesma, um dia agradável sem a lógica comercial" finaliza.

Consumo de bebidas açucaradas entre crianças estagna no país

Gabriel Alves

SÃO PAULO Uma nova pesquisa publicada no British Medical Journal, um dos mais prestigiados periódicos científicos, mostra que, entre 1990 e 2018, houve um aumento de 23% no consumo global de bebidas açucaradas por crianças e adolescentes, de 3 a 19 anos. Refrescos, chás industrializados e refrigerantes, por exemplo, estão nessa categoria.

Em número de porções semanais, a média global em 2018 foi de 3,6, com variação significativa país a país. Por exemplo, no Sul da Ásia, o consumo médio semanal é de 1,3 porção; na América Latina e Caribe, chega a 9,1 porções.

No Brasil a história é um pouco diferente. Entre 1990 e 2018 houve um decréscimo de 3,29 porções semanais no consumo, o melhor desempenho entre os países mais populosos, chegando a 5,1. Na região, países como Paraguai (10,5), Equador (15,5) e Bolívia (10,8) puxam a média para cima.

Cada porção equivale a 248 g de bebida com açúcar adicionado e que tenha pelo menos 50 kcal de conteúdo energético, seja a bebida caseira ou industrializada. Não entram nessa conta sucos 100% de frutas e vegetais, bebidas artificiais não calóricas (como refrigerantes zero) e leite adoçado.

"O Brasil teve uma diminuição no consumo de bebidas açucaradas no período de 1990-2005, mas quase nenhuma mudança no segundo período de 2005-2018. Nossa hipótese é que a redução observada pode ser devido ao aumento inicial da conscientização sobre os efeitos prejudiciais das bebidas açucaradas na saúde, já que o Brasil tem sido um líder na área de nutrição há muitos anos", afirma à **Folha** Laura Lara-Castor, pesquisadora da Universidade Tufts e Universidade de Washington, que liderou o estudo.

A ingestão de bebidas açucaradas é apontada como uma das causas do aumento de obesidade no mundo. No mesmo período analisado pelo estudo do BMJ, de 1990 a 2015, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, a porcentagem de crianças e adolescentes acima do peso saltou de 8% para 20%.

"As bebidas açucaradas tendem a ser os maiores contribuintes para a ingestão de açúcar, principalmente devido à sua forma líquida, que induz uma resposta de saciedade menor em comparação com alimentos sólidos. O aumento da ingestão de açúcar se traduz em calorias extras, que se transformam em aumento de peso corporal e altos níveis de glicose no sangue, principais fatores de risco para doenças cardiometabólicas, incluindo doenças cardiovasculares, a principal causa de morte globalmente, e diabetes tipo 2", explica Lara-Castor.

Uma das preocupações levantadas é o salto no consumo de mais de 100% em países da África Subsaariana, chegando agora a 2,17 porções por semana.

Globalmente, o consumo de bebidas açucaradas foi maior entre crianças e adolescentes mais velhos, residentes urbanos e filhos de pais com maior nível de educação, com variações regionais. Na América Latina e Caribe, porém, essas discrepâncias são menos evidentes, mostrando uma ubiquidade do problema. Na região, crianças de 3 a 4 anos já consomem, em média 4,4 porções semanais. O número chega a 11,5 para os jovens de 15 a 19 anos.

A abrangência do estudo, que contou com dados de 185 países, está sujeita a números sub ou superestimados, devido ao autorrelato em que se baseiam. Contudo, os autores destacam a força do trabalho para influenciar políticas mundo afora.

Para Lara-Castor, estratégias como a taxação de refrigerantes, restrições à propaganda de alimentos danosos à saúde, regulamentações de rotulagem frontal e restrições no ambiente escolar têm se mostrado eficazes em reduzir o consumo de bebidas açucaradas entre os jovens.

"Em países de menor renda, regulamentações complementares de publicidade geralmente estão ausentes ou são lideradas pela própria indústria alimentícia, o que pode resultar em conflitos de interesse. Também foi relatada forte oposição da indústria alimentícia à implementação ou atualização de impostos em alguns desses países", afirma.

Turistas passeiam de gôndola em Baku, capital do Azerbaijão, com as Flame Towers ao fundo; prédios são símbolo de período próspero no país gerado por petróleo e gás Nanna Heitmann/NYT.

Baku, sede da COP29, expõe causa e efeito da crise do clima

Azerbaijão, que mal começou transição energética, vai liderar cúpula da ONU

Max Bearak

BAKU (AZERBAIJÃO) | THE NEW YORK TIMES Em poucos meses, diplomatas de quase todos os países do mundo pousarão no Azerbaijão, um pequeno petroestado no mar Cáspio, situado entre a Rússia e o Irã, para discutir como evitar os perigos cada vez maiores das mudanças climáticas.

É um lugar improvável para essa discussão: fora de mão, sob regime autoritário e, principalmente, hiperdependente de combustíveis fósseis. O Azerbaijão sediará a cúpula anual sobre o clima, a chamada COP29, apenas por conta de um peculiar processo de seleção das Nações Unidas que o deixou como a última opção na mesa.

Mukhtar Babayev, amigável burocrata de médio escalão encarregado das negociações, mal poderia imaginar que assumiria um papel tão desafiador. "Não somos famosos como desenvolvedores de ideias de transição verde", disse em entrevista recentemente. "Sim, para nós é algo novo."

Babayev, 56, e sua equipe têm a tarefa quase impossível de equilibrar interesses divergentes, de petroestados, como a Arábia Saudita, até ilhas que estão afundando, como Vanuatu. É uma curva de aprendizado praticamente vertical para autoridades que reconhecem sua inexperiência na política climática global.

Eles também reconhecem que estão sob pressão de segmentos do próprio país que temem a transição energética global, em direção ao fim dos combustíveis fósseis. Quase todas as exportações do Azerbaijão são de petróleo e gás. Babayev passou a maior parte de sua carreira ascendendo em posições intermediárias da petroleira estatal.

E, apesar do amplo acordo para que o mundo pare de queimar combustíveis fósseis o mais rápido possível, Babayev defendeu aqueles que os produzem, especialmente o gás natural, que transformou seu país em um player mais importante no palco geopolítico nos últimos anos, à medida que a Europa se esforça para encontrar substitutos para os suprimentos russos.

Comparado com o petróleo e o carvão, ele disse, "o gás é um recurso energético menos prejudicial à natureza". Ele também observou: "Se os países europeus são contra o gás, então por que eles solicitam mais do Azerbaijão? Por que a comissária Simson vem a Baku três, quatro vezes por ano?", referindo-se a Kadri Simson, comissária de energia da União Europeia.

De certa forma, o Azerbaijão, apesar de não ter credenciais climáticas, oferece um dos cenários mais marcantes imagináveis para uma conferência sobre o clima. Dentro de suas fronteiras, as causas e os efeitos das mudanças climáticas estão claramente visíveis, e os dolorosos compromissos necessários para combatê-las são profundamente sentidos.

À medida que o alarme sobre o aquecimento global aumenta em meio a temperaturas recorde e clima cada vez mais errático, o Azerbaijão mal começou o processo de substituição do petróleo e do gás.

Raio-X do Azerbaijão



Área: 86.600 km² (cerca de duas vezes a do estado de Santa Catarina)

População: 10,4 milhões (comparável à da cidade de São Paulo)

PIB: US$ 78,7 bilhões (do Brasil é US$ 1,9 trilhão)

PIB per capita*: US$ 17.828 (o do Brasil é US$ 17.821)

IDH: 91º (Brasil é 87º)

* Considerando paridade no poder de compra

Fontes: Banco Mundial, ONU, IBGE e CIA World Factbook

O país argumentou, como muitos dos menos desenvolvidos, que as nações ricas devem desembolsar bilhões para ajudá-los a fazer a transição de suas economias, dado que os mais ricos do mundo são responsáveis, em termos históricos, pela maioria das emissões de gases-estufa.

Os danos ambientais causados pela extração de combustíveis fósseis estarão à vista do estádio na capital, Baku, onde as negociações serão realizadas. Do outro lado de um lago fedorento de enxofre, plataformas rangentes expelem poças de óleo. Dia e noite, uma refinaria ao lado queima metano, um dos gases de efeito estufa mais potentes. E, a apenas algumas milhas da costa do mar Cáspio, dezenas de plataformas de perfuração formam arquipélagos de ferrugem.

O país de 10 milhões de habitantes acabou sediando a COP29 praticamente por acaso. De acordo com a agência das Nações Unidas que patrocina a cúpula anual sobre o clima, os países anfitriões são escolhidos em um ciclo rotativo e, desta vez, era a vez de uma nação do Leste Europeu ou do Cáucaso.

Mas, como a localização deve ser acordada por consenso, a Rússia conseguiu vetar a maioria dos candidatos, vendo-os como hostis à sua invasão da Ucrânia. Por fim, o Azerbaijão foi o único país restante.

O fato de o Azerbaijão sediar a COP29 causou apreensão para alguns ativistas climáticos. Em primeiro lugar, o obstrucionismo da Rússia deixou o Azerbaijão com pouco tempo para se preparar. Mas, mais preocupante, é o segundo ano consecutivo que um petroestado sedia as negociações.

A cúpula do ano passado em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, foi presidida por Sultan al-Jaber, que chefia a Abu Dhabi National Oil Co.. Al-Jaber conseguiu aprovar um documento final da reunião no qual todos os países se comprometeram a se afastar do uso de combustíveis fósseis até meados do século.

Mas também fez alusão ao papel do gás como um "combustível de transição", ainda que os cientistas climáticos alertem que o mundo não pode se dar ao luxo de investir em novas produções de gás se quiser limitar o aquecimento global em 1,5°C acima dos níveis pré-industriais. Esse objetivo, dizem os pesquisadores, é necessário para evitar mudanças catastróficas nos sistemas naturais da Terra.

O gás — de queima mais limpa do que o carvão ou o petróleo, mas que libera principalmente metano, que pode vazar e causar picos de curto prazo no efeito estufa — tem sido promovido por muitos países como uma fonte de energia provisória enquanto as economias se adaptam às energias renováveis e os Estados petrolíferos encontram outros produtos para exportar.

Babayev frequentemente se refere à sabedoria do presidente autoritário do Azerbaijão, Ilham Aliyev, que governa o país desde que assumiu o cargo de seu pai, Heydar Aliyev, em 2003.

Desde que o Azerbaijão conquistou independência com a dissolução da União Soviética, a família Aliyev consolidou poder, riqueza e apoio, impulsionada pela receita de combustíveis fósseis. Baku agora reluz com arranha-céus de vidro pertencentes à sua família e seus associados.

Em toda a região, Babayev diz, agora se veem "estradas, eletricidade fornecida a 100% da população, gás e água para quase todas as casas".

"Agora o governo pode pensar, 'OK, petróleo e gás são bons, mas vamos olhar para o futuro'", diz ele.

O governo de Aliyev afirma que o futuro é investir em energia renovável no país, juntamente com o aumento das exportações de gás.

Para o Azerbaijão e Babayev, a COP29 também representa uma chance de consolidar uma transformação em construção há décadas, que custou a seu país milhares de vidas em guerra e anos de subdesenvolvimento. Ele ainda está um pouco chocado por ter esse papel.

"Se você me perguntar, Mukhtar Babayev, ministro da ecologia, se eu estava pronto para avançar com essa agenda, ser tão popular? Não. Eu não gosto disso", disse ele.

"Mas entendo que temos que fazer isso."

ciência

Influenciadores de ciência atraem milhões nas redes

Com apoio de comitê científico, perfis desmentem fake news e explicam como o mundo funciona

Letícia Naísa

SÃO PAULO Em uma roda de conversa entre calouros e veteranos do curso de física da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), um aluno recém-chegado afirmou que escolheu aquele curso e aquela universidade porque era fã do canal Ciência Todo Dia, criado por Pedro Loos, 27, em 2013. "Naquele momento, eu percebi que meu trabalho estava atingindo um nível especial", relembra o criador de conteúdo, que também foi estudante da UFSC no mesmo curso de seu seguidor, apesar de não ter se formado.

Uma situação parecida acontece com Iberê Thenório, 42, criador do Manual do Mundo. Há 16 anos no ramo da divulgação científica na internet, ele já viu crianças que começaram a seguir seu canal na infância e se tornaram pesquisadores e professores universitários. "Nossa mão faz diferença, queremos que as pessoas se entusiasmem em aprender", diz o jornalista.

Loos e Iberê são alguns dos "milionários" da ciência no Instagram, ao lado de outras figuras como a bióloga Mari Krüger, 34. A rede social de fotos, que se tornou focada em vídeos curtos, é a segunda mais utilizada no Brasil, com 113,2 milhões de usuários, de acordo com o relatório Digital Report 2023, o mais recente, das agências We Are Social e Meltwater.

Por ali, Loos reúne uma audiência de 1,8 milhão de seguidores, enquanto o perfil do Manual do Mundo atinge 2,4 milhões e o de Krüger, 1,1 milhão, conquistados em 2024. Nas redes paralelas, como TikTok e YouTube —onde Loos e Iberê começaram—, os números também impressionam.

Seja em vídeos curtos ou mais longos na plataforma do Google, personalidades da internet que falam sobre ciência e o funcionamento do mundo influenciam a audiência ao desmentir fake news, oferecer dicas de experimentos científicos e explicar como as coisas funcionam.

"Essas pessoas têm um megafone digital na mão para falar certas coisas, existe responsabilidade sobre o que se fala", aponta Jacqueline Lafloufa, pesquisadora independente e mestre em comunicação e divulgação científica e cultural pelo Labjor da Unicamp (Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas).

Para acertar o tom e manter a acurácia do conteúdo, Iberê faz aulas particulares de física e conta com uma equipe para apuração e checagem. "Temos uma pequena Redação", afirma. Por trás das câmeras também está Mariana Fulfaro, terapeuta ocupacional e fundadora do Manual do Mundo ao lado de seu marido. "Ela faz mais vídeos relacionados à saúde e agora tem seu próprio perfil no Instagram", conta Iberê.

Loos também tem seu próprio comitê científico e jornalístico por trás das câmeras. "Meu objetivo é ser lembrado pela informação acurada", afirma ele. "E, por isso, é importante ter humildade e saber que o linguajar acadêmico não é amplamente compreendido, então precisamos de ajuda."

A curiosidade sobre o mundo é o que move o criador a pensar em assuntos para os vídeos. "Acho que tenho uma mente muito fértil e muito criativa, gosto de muitas coisas diferentes", afirma. "A maior parte dos temas surge espontaneamente, às vezes quando estou no escritório, mas também no banho ou na academia."

Em 2018, a produção de conteúdo do canal ocupava quase todo o tempo de Loos, então ele tomou a decisão de formar uma equipe mais robusta e focar o trabalho de divulgação científica, em vez de se tornar, ele mesmo, um cientista.

"Quando eu comecei, a carreira de divulgador científico não era totalmente viável e existiam poucas oportunidades para acadêmicos que queriam fazer divulgação, então eu não tive a chance de fazer um curso, fui meio que aprendendo a fazer fazendo, com os meus erros e observando os dos outros", diz Loos.

Krüger também diz estar aprendendo enquanto exerce o ofício de divulgadora. Para a atriz, bióloga e DJ de formação, fazer caras e bocas e criar personagens para falar sobre ciência é a parte que ela tem maior facilidade. "Eu estudo do zero os assuntos novos que chegam, como se eu não soubesse nada sobre ele, porque muitas vezes eu não sei."

Com mais de uma década de estrada, Loos e Iberê viram a internet e o comportamento dos espectadores mudarem ao longo do tempo e tentam equilibrar a qualidade do conteúdo com as demandas impostas pela lógica dos algoritmos, que favorece alguns tipos de conteúdo e personalidades.

"Nossa linha editorial não é reativa, nós não fazemos vídeos sobre as últimas trends ou os assuntos polêmicos do TikTok, nossa produção é ativa, fazemos conteúdos que vão durar o máximo de tempo possível", diz Loos.

Outra mudança importante no ambiente online que os produtores mais experientes enfrentaram foi o surgimento de uma onda mais forte de negacionismo.

"Não era um movimento organizado, político, ninguém era pago para ser negacionista, então temos uma postura hoje no Manual de não responder a provocações", afirma Iberê. "Pessoalmente, nunca fui cancelado na internet, mas saí do Twitter (atual X) porque se tornou um ambiente que não fazia bem para mim."

Para todos, o aspecto da monetização do trabalho na produção de conteúdo sobre ciência é um dos maiores desafios. Para pagar as contas pessoais e dos negócios, eles fecham parcerias com empresas, institutos de pesquisa, universidades e, em alguns casos, marcas.

"Além de buscar evidências científicas dos produtos que eu aceito fazer publicidade, de não me associar a produtos milagrosos, eu sou vegana, então isso exclui muitas empresas", diz Krüger.

Os critérios de compromisso com a ciência e com a ética também são importantes para Iberê e para Loos. "Da mesma maneira que julgo uma pessoa se ela age de uma maneira com a qual eu não concordo, eu julgo uma marca se ela não estiver alinhada com os meus valores que eu defendo", afirma Loos.

Raio-X dos 'milionários'

IBERÊ THENÓRIO (Manual do Mundo)

Criação: 2008
Instagram: 2,4 milhões de seguidores
YouTube: 18,7 milhões de inscritos
TikTok: 3,5 milhões de seguidores

PEDRO LOOS (Ciência Todo Dia)

Criação: 2012
Instagram: 1,8 milhão de seguidores
YouTube: 5,3 milhões de inscritos
Tiktok: 1,6 milhão de seguidores

MARI KRÜGER

Criação: 2020
Instagram: 1,1 milhão
YouTube: 97,8 mil inscritos
TikTok: 775,5 mil seguidores



Iberê Thenório, 42, criador do Manual do Mundo, que tem 2,4 milhões de seguidores no Instagram Divulgação

Pesquisadores sugerem aquecer Marte com 'glitter' que retém calor

WASHINGTON | REUTERS Cientistas propuseram uma nova abordagem para aquecer Marte e, assim, solucionar um dos obstáculos para a exploração humana. A ideia é bombear em sua atmosfera partículas manipuladas, semelhantes em tamanho a glitter e feitas de ferro ou alumínio, como aerossóis para capturar o calor que escapa e espalhar a luz solar em direção à superfície marciana.

A medida aumentaria o efeito estufa natural no planeta vermelho para elevar a temperatura de sua superfície em cerca de 28°C ao longo de uma década —a temperatura média da superfície marciana é de cerca de - 65°C. Isso por si só não o torna habitável para os humanos, contudo os autores da proposta a veem como um passo inicial.

"A terraformação refere-se à modificação do ambiente de um planeta para torná-lo mais parecido com a Terra. Para Marte, aquecer o planeta é um primeiro passo necessário, embora insuficiente. Conceitos anteriores focaram a liberação de gases de efeito estufa, mas estes requerem grandes quantidades de recursos que são escassos em Marte", disse o cientista planetário Edwin Kite, da Universidade de Chicago. Ele ajudou a liderar o estudo publicado na última quarta (7) na revista Science Advances.

"Os elementos-chave de nosso artigo são uma proposta inovadora de usar nanopartículas projetadas para aquecer a atmosfera de Marte. A modelagem climática sugere que essa abordagem pode ser muito mais eficiente do que conceitos anteriores. Isso é importante porque apresenta um método potencialmente mais viável para modificar o clima marciano, o que poderia ajudar em estratégias futuras de exploração", acrescentou Kite.

"Propomos mostrar que a ideia de aquecer Marte não é impossível. Esperamos que nossa descoberta encoraje a comunidade científica mais ampla e o público a explorar essa ideia", disse a autora principal do estudo, Samaneh Ansari, estudante de doutorado no departamento de engenharia elétrica e de computação da Universidade Northwestern em Illinois.

Ainda há juízes em Brasília?

Enrolação do STF usa direitos indígenas como moeda de troca

Marcelo Leite
Jornalista de ciência e ambiente, autor de "Psiconautas - Viagens com a Ciência Psicodélica Brasileira" (ed. Fósforo)

Triste do povo que precisa de juízes, porque se tornam mais raros aqueles que honram o nome e a função. Povos indígenas se encontram nessa sinuca de bico, encurralados num canto da mesa pelo próprio Supremo Tribunal Federal (STF).

Os herdeiros dos primeiros habitantes da terra que se tornaria o Brasil depositavam ali, na corte, a esperança de ver garantias constitucionais respaldadas. Afinal, o STF já havia decidido por 9 votos a 2 que a tese do marco temporal afronta a Constituição de 1988.

Marco temporal é a tese esdrúxula de que indígenas só teriam direito às terras em que viviam em 5 de outubro de 1988, quando se promulgou a Constituição. Raciocinando por absurdo, se delas tivessem sido expulsos a tiros dias antes, não fariam mais jus ao usufruto.

O artigo 231 da carta, porém, não pode ser mais claro: "São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens".

Oportunistas e rábulas talvez se fixem no tempo presente do indicativo do verbo "ocupam". Mas só carradas de má fé ou de interesses escusos admitiriam desconsiderar o advérbio modulador que o antecede, "tradicionalmente", como critério para reconhecimento oficial de terras indígenas (TI).

Compete à União unicamente delimitar o território utilizado de modo contínuo por um povo, e não constatar se seus integrantes estavam de posse dele num dia arbitrariamente fixado por não índios. São direitos originários, que precedem a própria existência da colônia e do país a que se viram conscritos.

Não houve surpresa, portanto, quando o STF votou pela inconstitucionalidade do marco temporal. Pouco demoraria, porém, para o Congresso dar o troco.

Dominado por ruralistas, o parlamento não se envergonha de atropelar direitos indígenas para alcançar dois objetivos: estancar a redução do estoque de terras disponíveis para grilagem e compra a preços vis, de um lado, e arrostar o Supremo por seu ativismo, dado como usurpador de prerrogativas do Legislativo.

Deputados e senadores dobraram a aposta no conflito aprovando a lei 14.701, na qual se institui o marco temporal. Já prevendo a derrubada da norma no STF, por inconstitucional, propôs-se no Senado emenda à Constituição (PEC 48) para nela entronizar a aberração, em aberto desafio, ou desaforo, a ministros do Supremo.

Encolhendo-se diante do Congresso belicoso, o STF, por iniciativa do ministro Gilmar Mendes, sustou todos os processos judiciais relacionados com o marco temporal em outras instâncias e abriu espaço para um grupo de trabalho promover conciliação entre as partes.

Em português claro: o STF forçou os povos indígenas a entrar numa negociação em que só eles têm algo a perder. Aceitando participar, terão de fazer alguma concessão no gozo de direitos que deveriam ser inegociáveis, pela Constituição.

Em português ainda mais claro: o Supremo piscou. Afinou. Sinalizou para os congressistas com sangue nos olhos (se não nas mãos) que poderão deitar e rolar caso povos indígenas mostrem, como seria de esperar, qualquer intransigência.

Conciliação nos olhos dos outros é refresco. O STF se converteu numa usina de insegurança jurídica, decidindo uma coisa hoje e em seguida o seu contrário, conforme os ventos da conveniência política. O padrão se repete: prisão de Lula, revisão da vida toda no INSS, Lava Jato... e, agora, marco temporal.

Por essas e outras cabe questionar: ainda há juízes em Brasília, no sentido próprio da palavra, ou apenas êmulos e comensais do empreendedor Gilmar Mendes?



Gabriel Bouys - 5.ago.24/AFP

IMAGEM DA SEMANA

As americanas Simone Biles (à esq.) e Jordan Chiles (à dir) decidiram prestar uma reverência à ginasta brasileira Rebeca Andrade (ao centro), quando esta subiu ao pódio para receber sua medalha de ouro na prova individual do solo, na segunda-feira (5), em Paris. Com a conquista, Rebeca se tornou a maior medalhista olímpica da história do Brasil, com seis pódios em dois Jogos. "Era a coisa certa a fazer", disse Biles, dona de 11 medalhas. "Ela é uma rainha."

COMBO

folha.com/hqdtgz47

Mario e Sonic ficam de fora dos games de Paris-2024

PARIS-2024

Gustavo Soares

SÃO PAULO Após marcar presença em quatro edições seguidas das Olimpíadas, a série de jogos "Mario & Sonic at the Olympic Games", lançada entre 2007 e 2019 para videogames da Nintendo, não deu as caras em Paris-2024.

Isso porque o COI (Comitê Olímpico Internacional) decidiu em 2020 abandonar o acordo com a Nintendo e a Sega para explorar novas oportunidades de licenciamento, segundo o site Eurogamer.

No melhor exemplo do espírito olímpico, os jogos reúnem dois personagens de empresas rivais —protagonistas da guerra de consoles dos anos 1990— para competir em modalidades esportivas reais em pé de igualdade, ou seja, nada de vantagem para o Mario no salto em distância nem para o Sonic nos 100 m rasos.

Ao site Eurogamer, Lee Cocker, que trabalhou na empresa de marketing esportivo ISM, responsável por gerenciar a marca das Olimpíadas nos videogames, disse que o COI está de olho em outros parceiros e em projetos que envolvam esportes e até os já fora de moda NFTs. "Basicamente, o COI queria pegar [a marca] de volta para si internamente e olhar para outros parceiros para que pudessem ganhar mais dinheiro", disse Cocker.

Segundo o site da ISM, a série como um todo, que também inclui títulos para os Jogos de Inverno de 2010 e 2014, vendeu mais de 30 milhões de cópias. O site olympicvideogames.com, que concentrava a divulgação desses jogos, não é atualizado desde Tóquio-2020.

Procurado pela **Folha**, o COI não deu detalhes sobre o estado da parceria com as empresas de games, e disse que devido aos prazos apertados após o adiamento dos Jogos de Tóquio, uma edição de 2024 do "Mario & Sonic at the Olympic Games" não era viável.

Mesmo estando longe da qualidade técnica dos jogos principais de seus protagonistas, o primeiro da série, para Pequim-2008, superou a recepção morna da crítica e conquistou o público ao unir minigames que exigem controles de movimento com o carisma de Mario, Sonic e suas turmas.

Dado o sucesso do "Wii Sports", de 2006, o jogo mais vendido do Nintendo Wii, com 83 milhões de unidades, não é à toa que essa primeira edição, lançada em novembro de 2007, tenha vendido mais de 10 milhões quando somada à sua versão para o DS —o jogo mais vendido do Nintendo Switch hoje é "Mario Kart 8 Deluxe", com cerca de 62 milhões.

No "Mario & Sonic" de Pequim-2008, há atletismo, ginástica, tiro esportivo, tiro com arco, remo, natação, esgrima e tênis de mesa. O último, de Tóquio-2020, incluiu skate e surfe, entre outros, além de ter uma versão em estilo retrô para homenagear a edição de Tóquio-1964.

Os games olímpicos vão além de "Mario & Sonic". O COI empresta a marca das Olimpíadas para o setor desde 1992, com "Olympic Gold", de Master System e Mega Drive.

Esses jogos oficiais passaram por todas as edições dos últimos 30 anos, exceto Rio-2016. Em 2019, por exemplo, a Sega também lançou o "Olympic Games Tokyo 2020 - The Official Video Game", de tom um pouco mais sério, para PS4, Xbox One, Switch e PC.

Para a edição deste ano, o único lançamento das Olimpíadas foi o "Olympics Go! Paris 2024", jogo para celulares gratuito desenvolvido pela nWay.

Mesmo com gráficos simplificados e sem o carisma das mascotes, o jogo foi baixado 100 mil vezes na Google Play Store e tem uma nota de 4,8 estrelas na App Store. Mas o ouro dessa competição ainda está com a série deixada de lado pelo COI.

Maratonar

Excepcionalmente, a coluna não é publicada neste domingo (11).



DOWNLOAD

Principais lançamentos dos últimos dias

6.AGO
Pepper Grinder
Xbox One, Xbox Series, PS4 e PS5

8.AGO
Cat Quest 3
PC, Nintendo Switch, Xbox One, Xbox Series, PS4 e PS5

SteamWorld Heist 2
PC, Nintendo Switch, Xbox One, Xbox Series, PS4 e PS5

13.AGO
Madden NFL 25
PC, Xbox One, Xbox Series, PS4 e PS5



Mario e Sonic no jogo das Olimpíadas do Rio-2016 Divulgação

FRASES DA SEMANA



Nós somos diferentes e isso é extraordinário, porque a diferença permite que a gente procure encontrar nossas similaridades, as coisas que nos ajudam

Lula (PT)
presidente brasileiro, ao chileno Gabriel Boric, na segunda (5)



Somos as zebras nesta corrida, mas temos momentum e sei exatamente o que enfrentamos

Kamala Harris
candidata democrata à Presidência dos EUA, em comício na terça (6)



Como foi a prova? Bom, desci com o skate já virado, e pum!

Augusto Akio
brasileiro medalhista de bronze no skate park, na quarta (7)



Não há [na Venezuela] instituições que poderiam balancear os Poderes. A Constituição prega algum nível de independência, mas como o chavismo está impregnado em todos os lugares, eles controlam todos os altos cargos

Ian Batista
analista eleitoral enviado pelo Carter Center a Caracas, na quinta (8)



O mundo inteiro estava contra mim. Esta é a resposta: ouro olímpico. Sou uma mulher forte, uma mulher com uma força especial. Graças a Deus, hoje esta é a resposta

Imane Khelif
boxeadora argelina acusada de ser homem, na sexta (9)

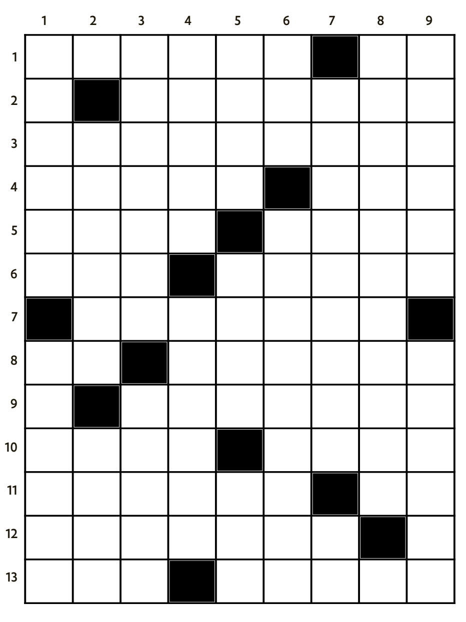
CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Proibido por lei / Rolando Boldrin (1936-2022), cantor e apresentador de TV **2.** Ser digno de receber **3.** (Lia de) Cantora e compositora pernambucana **4.** Embelezar, decorar / Conjunção que equivale a porém **5.** Palavra francesa que designa viagem / Xixi **6.** (-Maria) Oração consagrada à Virgem Maria / (Gír.) Pessoa amalucada **7.** Apelido **8.** As iniciais da empresária Rubinstein, da linha de produtos de beleza / Unida, junta **9.** Que reside em determinado local **10.** Uma semana é formada por 7 deles / Palmeira de até 5 m, com estipe e pecíolos de que se extraem fibras para obras trançadas **11.** O apresentador de TV José Luiz / Al Gore, político e ativista, Nobel da Paz de 2007 **12.** Comportamento afetado **13.** Cinco mais cinco / Dança originária do Haiti, semelhante à rumba.

VERTICAIS

1. Estúpido, imbecil / A Bia tenista brasileira **2.** Expressar por meio de cantigas / Barco de luxo **3.** Nome bíblico que se refere a Jesus Cristo / Passagem suave de uma a outra cor **4.** Lançar rebentos / O aposento onde se guardam roupas e apetrechos pessoais **5.** Sulcar a terra / Desgastar, friccionando / (Pop.) Não **6.** A sigla de Lesão por Esforço Repetitivo / (Pop.) Aquele que se embriaga frequentemente **7.** Uma forma de exercício saudável e barata / Em Mãos (abreviatura usada em correspondências) **8.** Empresa especializada em repavimentação asfáltica **9.** País sul-americano que faz fronteira com a Guiana e com o Uruguai / O sambista carioca Jorge.



HORIZONTAIS: 1. Ilegal, RB, **2.** Merecer, **3.** Itamaracá, **4.** Ornar, Mas, **5.** Tour, Pipi, **6.** Ave, Pinel, **7.** Alcunha, **8.** HR, Ligada, **9.** Morador, **10.** Dias, Iara, **11.** Datena, Ag, **12.** Atitude, **13.** Dez, Mambo. **VERTICAIS: 1.** Idiota, Haddad, **2.** Trovar, Iate, **3.** Emanuel, Matiz, **4.** Gemar, Closet, **5.** Arar, Puir, Num, **6.** LER, Pingaiada, **7.** Caminhada, Em, **8.** Recapeadora, **9.** Brasil, Aragão.

SUDOKU

texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

		2	4				5	
5					2	7		
		7		5		9	8	
	1						9	7
8			3		7			6
7	2						3	
	7	1		9		8		
	4	7						9
	6				3	1		

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com novе lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

1	8	2	4	7	9	6	5	3
5	9	6	8	3	2	7	4	1
4	3	7	1	5	6	9	8	2
6	1	3	5	8	4	2	9	7
8	4	9	3	2	7	5	1	6
7	2	5	9	6	1	4	3	8
3	7	1	6	9	5	8	2	4
2	5	4	7	1	8	3	6	9
9	6	8	2	4	3	1	7	5

ACERVO FOLHA

Há 50 anos **11.ago.1974**

Novo presidente dos EUA quer sugestões para indicar o vice

SÃO PAULO O novo presidente dos Estados Unidos, Gerald Ford, que tomou posse na sexta-feira (9), ainda não declarou quem será indicado para ocupar o cargo de vice em seu governo (ele chegou ao poder depois da renúncia de Richard Nixon).

Ele pretende pedir uma lista de sugestões de nomes a numerosos líderes do Congresso e solicitar a opinião de políticos do seu partido pelo país.

Uma investigação sobre os antecedentes do escolhido será feita pela Comissão de Justiça da Câmara dos Representantes.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br



FOLHA DE S. PAULO

Ford adia a escolha de seu vice

As aulas recomeçam amanhã



Era uma vez uma lenda viva

Aos 76 anos, Jiro Takahashi, que revolucionou o mercado de literatura infantojuvenil com as coleções Vaga-Lume e Para Gostar de Ler, diz que gostaria de misturar games e livros C4

O editor Jiro Takahashi com exemplar de um dos sucessos da coleção Vaga-Lume
Karime Xavier/Folhapress

- HQ brasileira fura barreira e ganha edição de luxo nos EUA C6
- Octavio de Faria, o reaça que demoliu família e narrou amor gay C8

INÊS 249

Assim como nós não perdoamos

A paródia das drag queens nas Olimpíadas é uma blasfêmia sobre outra blasfêmia

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

A reconstituição de um quadro, na abertura dos Jogos Olímpicos, indignou espectadores de todo o mundo. A certa altura da cerimônia, um grupo de drag queens posou de modo a, ao que parecia, reproduzir o célebre quadro "A Última Ceia", de Leonardo Da Vinci, o que naturalmente melindrou um grande número de pessoas.

A este tipo de pessoa costuma chamar-se "floco de neve", para indicar uma espécie de hipersensibilidade, mas é uma alcunha enganadora, porque estes flocos de neve não costumam ter sensibilidade nenhuma. Se tivessem, não teriam se indignado desta forma. Como é evidente, teriam se indignado muito mais.

O quadro de Da Vinci representa Nosso Senhor Jesus Cristo, pelo que constitui uma flagrante violação do segundo mandamento: "Não faças para ti ídolos, nenhuma representação daquilo que existe no Céu ou na Terra." Ou seja, a paródia das drag queens é uma blasfêmia sobre outra blasfêmia, e não se percebe porque é que o senhor Da Vinci — que, além do mais, partilhava com as drag queens algumas inclinações — ficou isento de críticas.

Por outro lado, e ainda mais grave, os próprios Jogos Olímpicos — realizados, como o próprio nome indica, em homenagem aos deuses do Olimpo — são uma flagrante violação do primeiro mandamento: "Não terás outros deuses além de Mim." O número das drag queens é, por isso, uma blasfêmia acerca de uma blasfêmia, levada a cabo no âmbito de uma blasfêmia. Que, no meio desta caldeirada de blasfêmias, os ofendidos consigam divisar apenas uma, parece-me insensível — e, já agora, blasfemo.

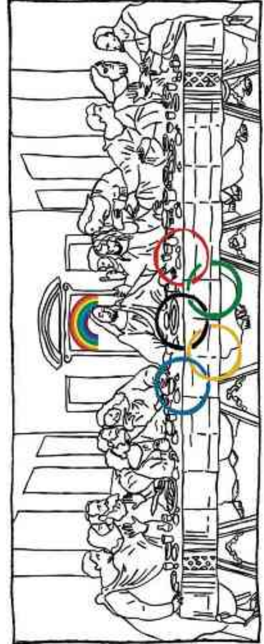
Do outro lado, alguns disseram que não havia razão para indignações, porque a paródia não era sobre o quadro de Da Vinci, mas sim sobre a pintura "A Festa dos Deuses", do artista holandês Jan van Bijlert.

Este argumento tem dois problemas. O primeiro é que o quadro de Van Bijlert é, evidentemente, a versão pagã do quadro de Da Vinci, pelo que é ele mesmo uma paródia do original. O segundo é que, se a paródia das drag queens fosse sobre a última ceia, também não haveria problema nenhum.

Vivemos numa sociedade em que tudo pode ser parodiado. Os ofendidos costumam lamentar que sejam sempre os cristãos as vítimas deste tipo de afronta. "Com uma determinada religião que eu cá sei não fazem eles paródias", dizem.

Embora eu tenha uma vaga recordação de, ali mesmo, em Paris, alguém ter feito aqui há tempos umas brincadeiras com Maomé, vale a pena examinar esta lamúria, que talvez fique mais clara se for exposta deste modo: "Ah, no tempo em que a gente os matava por causa deste tipo de coisa eles piavam mais fininho."

Em última análise, o lamento significa que aquela mensagem de dar a outra face e de perdoar a quem nos ofende é deplorável. Não sei quem teve essa ideia mas, ao que tudo indica, no entender de quem se ofendeu com a cerimônia é uma pessoa que merecia ser parodiada.



Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Hmmfalemais | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Jacqueline Cantore
cantorejac@gmail.com (interina)

Série com ator de 'Game of Thrones' mostra apostas de jovens banqueiros

Industry
Max, 16 anos
Grupo de jovens banqueiros ambiciosos trabalha com o mercado financeiro em um ambiente de alta pressão no banco Pierpoint & Co em Londres, no Reino Unido. Na terceira temporada, a instituição olha para o futuro e arrisca um investimento em uma companhia de tecnologia verde, liderada por Sir Henry Muck, personagem de Kit Harington.

Missão Cruzada
Netflix, 14 anos
O ex-agente Kang Moo, que agora é um marido dedicado, esconde da esposa detetive seu passado sombrio numa unidade de crimes violentos. Quando um caso importante põe os dois em perigo, eles começam uma jornada eletrizante que pode separá-los ou aproximá-los para sempre. Filme coreano de comédia e ação.

Grindhouse: Sessão Dupla
Mubi, 18 anos
Dois filmes coligados usam o cinema apelativo — "exploitation" — dos anos 1970 como referência: "Planeta Terror", dirigido por Robert Rodriguez, uma comédia com uma dançarina que tem uma perna metralhadora para matar zumbis; e "À Prova de Morte", dirigido por Quentin Tarantino, sobre um dublê que mata mulheres.

Pais
Lifetime, 21h15, 16 anos
Um casal gay quer ser pai e opta pela barriga de aluguel. Virgínia, irmã gêmea de um deles, doa seus óvulos sem contar isso para seu marido machista. Mas depois que o bebê nasce, ela e o cunhado morrem num acidente. Filme estrelado pela ex-Miss Universo Dayanara Torres.

Os Paralamas do Sucesso: 40 Anos de História
Band, 22h, livre
Especial gravado em São Paulo em abril deste ano em celebração aos 40 anos da banda. Além dos hits, uma entrevista com a jornalista Paloma Tocci narra a trajetória do grupo.

Pai É Pai
GNT, 22h45, 10 anos
Rafael Zulu e sua filha Luiza buscam relatos sobre as jornadas de pais com suas filhas de famosos e anônimos. Nos dois episódios seguidos, eles conversam com David Junior, Ernani Ribeiro e Raphael Logam sobre identidade, autoestima e amizade.

QUADRÃO

Angeli

MEMORABILIA
COMANDO REVOLUCIONÁRIO KURT COBAIN
ANGELI







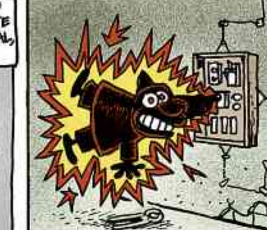














| DOM. Jan Limpens, João Montanaro, Ricardo Coimbra, Angeli, **Laerte**

TV Cultura exibe concerto da OSH no Theatro Municipal

SÃO PAULO A TV Cultura vai apresentar um concerto para convidados da Orquestra Sinfônica Heliópolis, a OSH, no Theatro Municipal de São Paulo, no dia 19 de agosto. O evento será gravado e transmitido na TV Cultura, em data que ainda será anunciada.

A apresentação da filarmônica, regida desde 2011 pelo maestro Isaac Karabtchevsky, conta com composições de Beethoven, Villa-Lobos, Tchaikóvski, entre outros. O evento faz parte da comemoração dos 55 anos da emissora.

Como parte da celebração, alguns de seus programas mais queridos voltaram à grade em versões remasterizadas, como "Mundo da Lua", e outras novas atrações entraram para a programação.

Revista da ABL contra censura terá lançamento em SP

SÃO PAULO A nova edição da Revista Brasileira, da Academia Brasileira de Letras, será lançada na próxima terça-feira (13), na Livraria Travessa de Pinheiros, em São Paulo. A publicação tem "A Força da Palavra" como tema se e propõe a dimensionar o poder da palavra contra a censura.

O evento de lançamento terá presença de membros da ABL, entre eles Lilia Schwarcz, a mais recente imortal, eleita em março deste ano.

A proposta da publicação é provocar o pensamento em um mundo tomado pelas redes sociais. Rosiska Darcy, editora e também uma imortal da casa, escreve na apresentação que "a imaginação artística e a literatura em todas as suas formas resistem".

Folha debate filme sobre comunidade brasileira no Japão

SÃO PAULO A **Folha** realiza uma pré-estreia do drama japonês "Família" na próxima terça-feira (13), às 19h, no Cinesystem Frei Caneca, em São Paulo.

Gratuita, a sessão será sucedida por um debate com Vera Iaconelli, colunista da **Folha**, e Nelson Sato, diretor-executivo da Sato Company, distribuidora do longa. A conversa será conduzida por Paola Ferreira Rosa, repórter da **Folha** e coautora da série Afeto em Preto e Branco, sobre como cor e raça afetam nossas relações.

Com Koji Yakusho no elenco, o filme aborda os laços que aproximam pessoas de contextos diferentes, incluindo brasileiros residentes no Japão. Para participar, é preciso se inscrever em folha.com/familia.

INÊS 249

O pai da Vaga-Lume

[RESUMO] Um dos principais editores brasileiros, Jiro Takahashi transformou o mercado de livros infantojuvenis no Brasil ao idealizar as coleções Vaga-Lume e Para Gostar de Ler, fenômenos sem paralelo em vendas. Aos 76 anos, ele revisita sua trajetória, tema de um novo livro, defende a integração de obras impressas e plataformas digitais para estimular a leitura e critica tendências revisionistas de alteração e censura de livros para crianças e adolescentes

Por ***Laura Mattos***
Repórter especial. Jornalista e mestre pela USP, é autora de 'Herói Mutilado – Roque Santeiro e os Bastidores da Censura à TV na Ditadura'

Milhões de crianças e jovens conectados por horas e horas... em livros.

Fenômeno editorial infantojuvenil sem paralelo no Brasil, a série Vaga-Lume, que lançou best-sellers como "A Ilha Perdida", "O Escaravelho do Diabo" e "O Mistério do Cinco Estrelas", é lembrada com nostalgia pelas gerações de leitores que formou ao longo de cinco décadas. Curiosamente, o idealizador desse sucesso, o editor Jiro Takahashi, não é nostálgico.

Aos 76 anos, hoje consultor de editoras, Takahashi tem dois kindles e um kobo para ler livros digitais e fica imaginando as aventuras da Vaga-Lume no mundo das multiplataformas.

"Joguei games com meus netos para aprender e achei impressionante", conta o editor, que recebeu a reportagem da **Folha** em seu apartamento no Jardim Paulista, em São Paulo. "São ferramentas que poderiam ser usadas para criar conteúdos multiplataformas de livros para crianças e adolescentes", diz, com brilho nos olhos.

"Cheguei a fazer um projeto assim, de uma brincadeira digital para acompanhar um livro para crianças, mas não foi adiante, não sei se me acham velho para essas coisas", afirma, mais com bom humor do que com traços de ressentimento.

É com essa leveza —cheio de orgulho, mas sem saudosismo— que ele relembra a criação, nos anos 1970, da Vaga-Lume e da coleção Para Gostar de Ler, que lançou na sequência. A série era voltada para o mesmo público e também obteve sucesso estrondoso, com crônicas de autores como Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga e Fernando Sabino.

Detalhes desses projetos e outras passagens da trajetória de Takahashi são narrados por ele no novo livro da coleção Editando o Editor, em preparação pela Com-Arte, da Escola de Comunicações e Artes da USP. A série traz perfis de profissionais que foram referência do mercado editorial brasileiro, como Ênio Silveira, Jorge Zahar e Maria Amélia Mello.

No livro, Takahashi conta que a Vaga-Lume surgiu no contexto de uma reforma educacional feita no Brasil em 1971, que ampliou o ensino obrigatório de quatro para oito anos. Além do antigo primário, da 1ª à 4ª série, os brasileiros passaram a ter também de cursar o ginásio, da 5ª à 8ª série.

Os professores não estavam preparados, lembra ele, e os alunos começaram a pedir indicações de leitura. "Eles não se sentiam mais estimulados por livros como 'Iracema' e 'A Moreninha'", afirma o editor, citando os clássicos da literatura brasileira do século 19 escritos, respectivamente, por José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo.

Takahashi também se lembra de uma nova diretriz da educação daquele período, a de que os professores deveriam dar preferência a autores nacionais em suas aulas. Antes disso, conta, eram muito usadas referências estrangeiras, como "Pollyanna" e "Peter Pan".

Era um cenário de oportunidades para a literatura brasileira, que a editora Ática, onde ele trabalhava, soube aproveitar. O editor lembra que um pouco antes, em 1969, o livro "O Gênio do Crime", de João Carlos Marinho, havia sido lançado pela Brasiliense e se tornado uma febre entre adolescentes, com uma história de aventura e mistério em torno da falsificação de figurinhas raras que rendiam prêmios.

"A maioria dos professores não indicava o livro porque não o considerava politicamente correto. E era justamente por isso que a meninada gostava. Isso acendeu uma luz para nós."

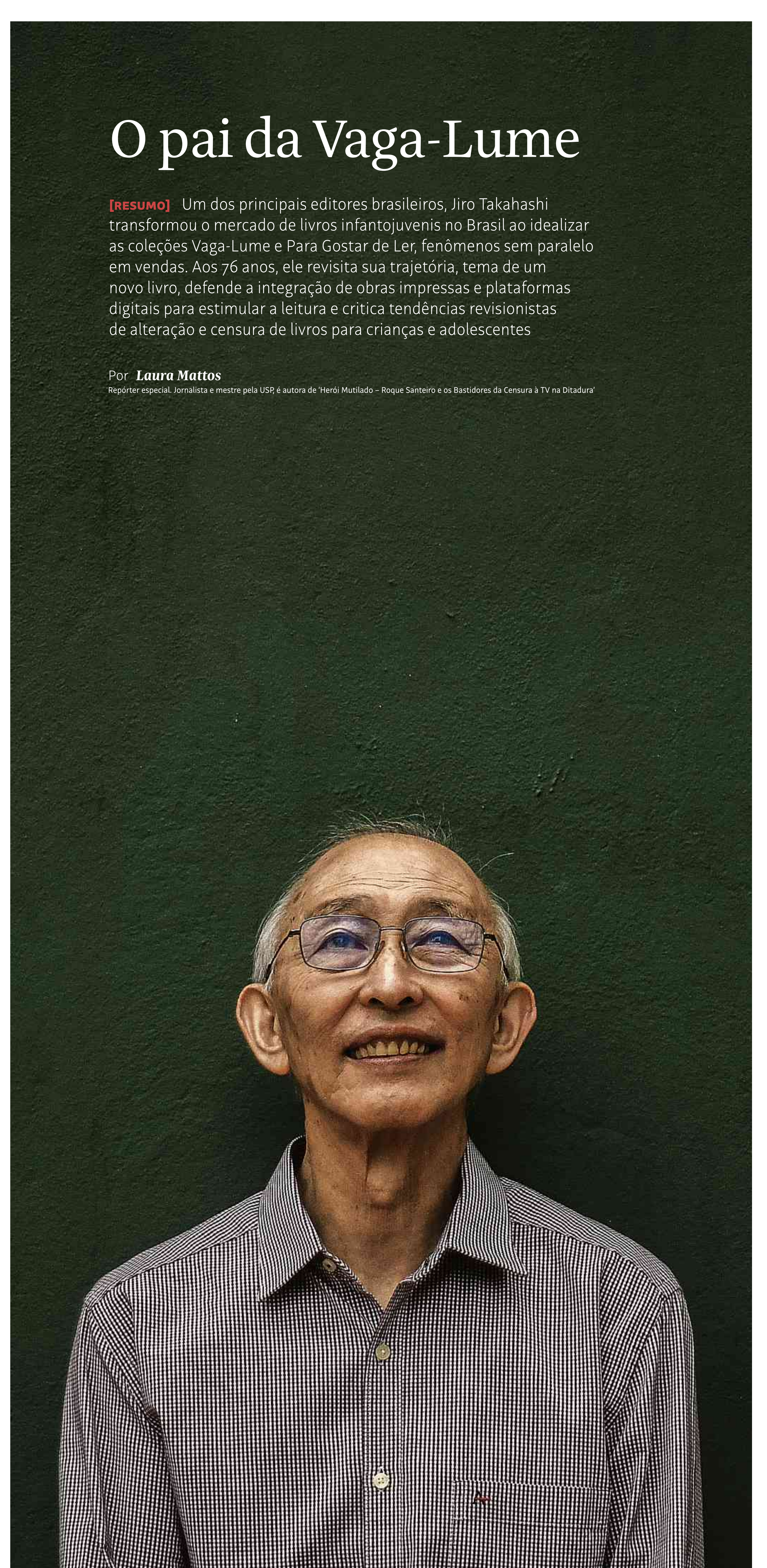
A busca por autores e títulos da Vaga-Lume envolvia não só a equipe editorial, mas também contínuos, recepcionistas, divulgadores e vendedores. Todos davam sugestões.

"Essa busca por autores novos não era comum", conta. "Os autores é que procuravam as editoras, que fugiam deles. A gente quis inverter as coisas."

Foram especialmente preciosas as dicas dos divulgadores, que viajavam pelo país visitando escolas. Havia prêmio para quem emplacasse uma sugestão na série. "Normalmente não há muita interação entre o departamento editorial, o comercial e o administrativo", afirma. "Tínhamos uns 80 divulgadores e, com a ajuda deles, descobrimos nomes que já eram extremamente populares em suas regiões."

Ele lembra o caso de Homero Homem, do Rio Grande do Norte.

Continua na pág. C5



O editor Jiro Takahashi em seu apartamento em São Paulo Karime Xavier/Folhapress

Continuação da pág. C4

Homero é autor de "Cabra das Rocas", lançado em 1966 e incluído na Vaga-Lume em 1973 —nem todos os livros da série eram inéditos. "Ele já era Deus no Rio Grande do Norte. Não ficávamos só com autores de São Paulo, o que dava diversidade às histórias."

Se, com mais de 70 anos, Takahashi quer mesclar livros e games, aos 20 e poucos estava à frente de um processo revolucionário para o mercado editorial, inclusive aos olhos de hoje. A decisão sobre publicar ou não um livro envolvia a produção de uma amostra da obra com 3.000 cópias em formato de apostila, distribuídas a alunos e professores.

Caso a recepção por esse grupo fosse boa, o livro seria editado —hoje, 3.000 exemplares são a tiragem média inicial de um livro no Brasil, e as obras normalmente são escolhidas pelas editoras depois de uma leitura crítica feita por poucas pessoas.

No caso da Vaga-Lume, os 3.000 alunos liam, faziam resumos e davam notas à história. Bem mais do que a nota, conta Takahashi, o que interessava era o tempo que demoravam para ler a obra. Naturalmente, quanto menor, melhor.

A estratégia deu mais do que certo. "A Ilha Perdida", de Maria José Dupré, estreia da Vaga-Lume, vendeu entre 5 e 7 milhões de cópias, nos cálculos do editor. Ele conta que os primeiros títulos tiveram tiragens iniciais de 60 mil exemplares, rapidamente esgotadas.

O número logo subiu para 80 mil, muitas vezes com reedições no mesmo semestre. Na virada dos anos 1980, com as obras de Marcos Rey, como "O Mistério do Cinco Estrelas" e "Um Cadáver Ouve Rádio", a tiragem passou para 120 mil. Ao todo, Takahashi estima que os livros de Rey na Vaga-Lume venderam de 6 a 7 milhões de cópias.

Também foi inovador o folheto que acompanhava os livros, o Suplemento de Trabalho, com perguntas, charadas e caça-palavras relacionados aos personagens e ao enredo, além de ilustrações que ajudavam os leitores a fazer um resumo da história. O material facilitava o trabalho do professor, o que tornava a série mais atraente para as escolas.

"Hoje, esse suplemento é algo ultrapassado, mas naquela época foi revolucionário", ele comenta. "Era um pouco nessa linha do que eu falo dos games, claro que ainda precário, mas de pensar em diferentes formatos para se trabalhar a história do livro."

Essas sacadas também estão ligadas ao fato de que Takahashi, na mesma época em que começou a trabalhar na Ática, se tornou professor do antigo ginásio.

Anderson Fernandes Dias, fundador e dono da editora, exigia que ele seguisse dando aulas para que tivesse um olhar mais crítico como editor. A Ática, inclusive, foi fundada para editar livros didáticos, e nesse segmento começou a carreira de Takahashi. Além de dar aulas, ele visitava escolas para conversar com professores e alunos.

O contato estreito com a educação o ajudou a sedimentar a coleção Para Gostar de Ler, lançada na esteira do sucesso da Vaga-Lume, com tiragens de mais de 100 mil exemplares.

A ideia veio quando recebeu um telefonema do escritor Affonso Romano de Sant'Anna, intrigado com o fato de os livros de Rubem Braga, seu vizinho à época, venderem pouco, apesar de suas crônicas serem muito usadas em materiais didáticos.

A questão era que os livros do autor, bem como os de outros cronistas, não selecionavam as crônicas pensando no público infantojuvenil. Esse foi o pulo do gato da nova coleção.

O primeiro volume, com Braga, Drummond, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos, vinha com uma carta assinada por eles e dirigida ao "amigo estudante". "Este livro não tem intenção de ensinar coisa alguma a você", dizia.

"Nem gramática nem redação nem qualquer matéria incluída no programa da sua série", seguia. "Nós só queremos convidar você a descobrir um mundo maravilhoso dentro do mundo em que você vive. Este mundo é a leitura."

Meio século depois e em pleno mundo das dancinhas do TikTok, Takahashi segue confiante nesse caminho para fazer o público infantojuvenil gostar de ler.

"Tendo a ser otimista", ele diz, sobre a relação de crianças e jovens com os livros na era dos celulares. "Mas algumas ações na educação são necessárias. Muitos professores usam livros a partir de um caráter utilitário, avaliando se ensinam isso ou aquilo."

É preciso se desligar desse utilitarismo, defende. "As crianças ficam pressionadas por esse uso que é feito do livro, que deveria ser inserido nas aulas de forma instigante, como um desafio para os alunos. É preciso valorizar muito mais a história, a imaginação, a criatividade, porque disso as crianças nunca deixaram de gostar."

Apesar de adepto dos ebooks —cita como vantagens o acesso rápido, o custo mais baixo, a praticidade de buscar palavras nos dicionários e a possibilidade de aumentar o tamanho da letra—, Takahashi diz que o impresso é mais interessante para crianças e jovens, considerando a dificuldade de concentração causada pelas telas.

Nascido em Duartina, no interior paulista, filho de imigrantes japoneses, Jiro Takahashi foi criado entre tios ligados às artes, entre eles um poeta, um músico, um pintor e um fotógrafo.

Ganhou na infância uma assinatura do Clube do Livro, criado em 1943, pioneiro no sistema de enviar, a cada mês, um livro diferente a seus sócios.

"Eu lia muito quando era criança e adolescente, até porque a gente não tinha muito o que fazer. Com 12 anos já havia lido todos os livros do Machado de Assis", lembra ele, que também jogava tênis de mesa em nível competitivo nessa época —quase fez parte da seleção paulista, mas teve de deixar o esporte por problemas na visão.

Já na Ática, nos anos 1980, iria atuar em uma tentativa de reerguer o Clube do Livro, adquirido pela editora quando os assinantes mal passavam dos mil —no auge, nos 1950, havia chegado a 80 mil. Na nova fase, chegaria a 18 mil, mas o número voltaria a cair em meio à instabilidade econômica do país.

A carreira de editor teve como impulso o fato de Takahashi, "o japonês", ser reconhecido pelo domínio da língua portuguesa e pela habilidade para redigir bons textos.

A oportunidade chegou quando, no final da adolescência, ele se mudou para São Paulo e se matriculou no recém-criado Curso de Madureza Santa Inês, que preparava jovens para o vestibular. Para produzir o material didático do cursinho, seus proprietários fundaram, então, a editora Ática, na qual ele entrou como datilógrafo em 1966.

Conseguiu uma vaga no curso de direito do Largo São Francisco e entrou para a militância contra a ditadura militar. Em um grupo trotskista, chegou a ter vida dupla.

Com amigos da faculdade, abriu uma editora de esquerda, a Rosa Blindada, que publicou, entre outros, textos de Rosa Luxemburgo, Karl Marx, Leon Trótski e do poeta Vladimir Maiakóvski.

Posteriormente, depois do sucesso da Vaga-Lume e da Para Gostar de Ler, fundaria outra editora, a Estação Liberdade, homenagem ao bairro da imigração japonesa em São Paulo, que depois vendeu e segue em atividade até hoje.

Perto de se formar em direito, em 1970, teve de abandonar a faculdade e a militância, ameaçado pela repressão da ditadura. Decidiu cursar letras na USP, onde fez também mestrado em linguística e semiótica.

Tornou-se professor universitário nessas áreas, sempre conciliando a educação com o trabalho editorial. Atualmente, dá aulas no Centro Universitário FAM e é consultor das editoras Nova Aguilar e Zapt.

Editou recentemente um box com a obra completa de Monteiro Lobato, pela Nova Aguilar. "Fizemos uma edição sem cortar nada, na íntegra. Foi a última edição revista por ele", diz. Conta que não há nenhum texto que não tenha sido escrito por Lobato, nem notas de rodapé dando conta, por exemplo, do debate sobre o racismo nos livros do autor.

O editor lembra que aprendeu na faculdade, com o poeta e romancista Segismundo Spina, a valorizar os originais, preservando-os. Desconfia da tendência editorial revisionista. A questão, ele aponta, não é a obra, mas o uso que se faz dela.

Com Lobato, por exemplo, o leitor pode refletir sobre o racismo. "Não acho que é real acreditar que um livro vai fazer uma geração inteira pensar daquele jeito, ser preconceituosa etc.", afirma.

"O professor é que tem que saber como refletir sobre a obra com os alunos", defende. "Agora, diante da incapacidade de trabalhar um autor, a gente o apaga?"

Nem na ditadura militar, quando lançou a Vaga-Lume e a Para Gostar de Ler, ele se lembra de ter vivido o clima de patrulhamento que a literatura infantojuvenil enfrenta nesses tempos de polarização das redes sociais, com pais, professores, diretores de escola e autoridades das mais diversas banindo livros.

Nesses tantos casos recentes de censura a livros para crianças e adolescentes, opina, "a argumentação é o caminho que está sendo deixado quase sempre de lado".

A "energia do fechamento", ele diz, que busca proteger ou evitar riscos, "não estimula discussões nem permite vislumbrar novas possibilidades no horizonte".

"Não é a censura a determinados livros que irá abrir ou fechar as janelas para melhores ou piores valores humanos", afirma o editor. "O que entra pela janela", ele diz, seguindo em sua metáfora, "pode ou não ser absorvido".

Com um verso do poema "O Vento", de Cecília Meireles, Takahashi resume o ato de ler e sua liberdade: "O vento é o mesmo, mas sua resposta é diferente em cada folha". ←

A busca por autores e títulos para a Vaga-Lume envolvia não só a equipe editorial, mas também contínuos, recepcionistas, divulgadores e vendedores. Todos davam sugestões. 'Essa busca por autores novos não era comum', conta. 'Os autores é que procuravam as editoras, que fugiam deles. A gente quis inverter as coisas'

'Muitos professores usam livros a partir de um caráter utilitário, avaliando se ensinam isso ou aquilo', critica. 'É preciso valorizar muito mais a história, a imaginação, a criatividade, porque disso as crianças nunca deixaram de gostar'

Valor nominal

Normalização da extrema direita encobre o mal em nossas ações

Bernardo Carvalho
Romancista, autor de 'Nove Noites' e 'Os Substitutos'

Por ocasião da eleição presidencial de 2018, o escritor peruano Mario Vargas Llosa, político de direita e prêmio Nobel de Literatura, sentenciou, em defesa de Jair Bolsonaro, que não poderia ser fascista um governo eleito por uma maioria de 57 milhões de votos.

A lógica peculiar e pueril foi reciclada recentemente por comentaristas que insistem em comprar a nova face da extrema direita mundo afora pelo valor nominal de seu programa de normalização, como se assumir e enfrentar as contradições da democracia (que, sim, o fascismo pode ser gestado dentro dela, contra ela, servindo-se de suas instituições) não fosse a única forma de defendê-la e preservá-la.

"O Mal Não Existe", de Ryusuke Hamaguchi, não é uma resposta irônica à leviandade dessa lógica. Não diretamente. O filme também não é uma ilustração da "banalidade do mal" formulada por Hannah Arendt, embora possa ser visto como um desdobramento dela.

A história é simples, mas difícil de contar sem spoilers. Uma pequena comunidade nas montanhas, que vive em equilíbrio delicado com a natureza e da qual fazem parte o protagonista Takumi e sua filha, recebe a visita de uma dupla de produtores do showbiz, associados a um projeto que, com financiamento estatal, pretende instalar um "glamping" (camping com glamour) na região. Uma reunião é convocada com os habitantes, na qual ficam claros os efeitos deletérios e a insustentabilidade ambiental do empreendimento.

De volta a Tóquio, a dupla de produtores confronta o chefe com os problemas e os obstáculos levantados pelos membros da comunidade durante a reunião e é reenviada às montanhas para tentar uma conciliação. Não dá para adiar o projeto sem perder o prazo do financiamento para a revitalização da economia pós-pandêmica na região. Vão procurar convencer Takumi, o faz-tudo local, a participar do empreendimento. É o jeito de quebrar a resistência da comunidade.

No caminho, porém, o produtor dá a entender à colega que já não está tão convicto de seu trabalho e de sua missão. Gostaria de mudar de vida. Ao chegar à comunidade, passa a fazer esforços canhestros para se integrar às tarefas locais. Decide ficar.

Desde o início, diversos elementos vão dando conta da tensão e da precariedade do equilíbrio entre homens e natureza. Ouvem-se tiros de caçadores ao longe. Há carcaças de animais pelas trilhas nevadas. Os cervos alvejados, mas que conseguem escapar feridos, tornam-se violentos, invertendo a balança da ameaça. Tudo parece estar por um triz, de modo que a misantropia do protagonista e a antipatia da comunidade pelo empreendimento se explicam por um sentido urgente de sobrevivência. Qualquer novo elemento pode ser fatal.

A conclusão, entretanto, terá menos a ver com um elogio do conservadorismo e da imobilidade do que com a necessidade de resistência ao mecanismo de autoengano e normalização (essa combinação de narcisismo e ignorância com má-fé e oportunismo) que nunca nos permite reconhecer o mal em nossas próprias ações.

Há uma cadeia complexa de fenômenos, atos e decisões que não podem ser isolados. Querer fazer o bem sem considerar essa cadeia coletiva, sem se ver dentro dela, fazendo parte dela, produz o efeito inverso. É o que mostra a perspectiva trágica, capaz de desconstruir as ideias feitas por trás das premissas que levam ao oposto do que prometiam.

A divisa "ordem e progresso", por exemplo, mesmo sendo falsa e equivocada, é palatável porque traduz uma ideia que não contradiz nossa autoimagem. Já "ordem e destruição", mais verdadeira em vista das informações de que hoje dispomos sobre a ação do progresso humano, é insuportável, inconcebível. Ninguém quer se identificar com "ordem e destruição". Melhor acreditar na normalização da extrema direita, já que teremos de conviver com ela.

É aí que entra o potencial de resistência da arte, ainda mais num momento de crise da consciência e da espécie: na contradição do valor nominal dos discursos, na capacidade de romper a membrana de normalização da autoimagem e fazer ver a complexidade contraditória dos fenômenos e das ações humanas.

Ryusuke Hamaguchi maneja com maestria essa arte crítica, da contracorrente e do dissenso, levando o espectador pela mão até onde ele não gostaria de ir, até a imagem enigmática com a qual ele não gostaria de se identificar. É o contrário da lógica de identificações e soluções fáceis que a cartilha "feel-good" do mercado cultural tem a nos oferecer como espelho, suposto remédio empoderador contra a crise.

[...]

Ryusuke Hamaguchi maneja com maestria a arte crítica da contracorrente e do dissenso, levando o espectador pela mão até onde ele não gostaria de ir, até a imagem enigmática com a qual ele não gostaria de se identificar

| **DOM.** Bernardo Carvalho, **Ailton Krenak**, Juliana de Albuquerque, Glenn Greenwald

Onda braba

[RESUMO] Coletânea de 15 quadrinistas brasileiros, a 'Braba' teve lançamento em proporções inéditas nos EUA para uma produção nacional, fruto de parceria de uma editora icônica de HQs indies, a Fantagraphics, e uma pequena casa paulistana, a Mino

Por ***Filipe Vilicic***
Jornalista, colecionador de HQs e pesquisador. É autor, dentre outros, dos livros 'O Clique de 1 Bilhão de Dólares' (Intrínseca) e 'O Clube dos Youtubers' (Gutemberg)

"Faça um manifesto pessoal sobre..." O convite foi recebido por quadrinistas brasileiros há quatro anos. "Estava bem no final do governo Bolsonaro, atravessando pandemia, com todo esse trabalho de memória e luto que tem a ver com ser brasileiro", recorda Pedro Cobiaco.

Ele se uniu a outros 14 artistas do país para criar, a partir dessa provocação tão simples, a "Braba", antologia que agora em julho será publicada nos Estados Unidos e no Brasil, em inglês e em português, e promete fortalecer uma onda de quadrinistas nacionais que tem surpreendido o mercado norte-americano.

A "Braba", que adota no título uma gíria tão característica de nosso povo, sai em uma parceria entre uma pequena editora paulistana, a Mino, com uma icônica marca do gênero, a norte-americana Fantagraphics. A Mino é conhecida por lançar por aqui nomes mais alternativos da cena internacional, como Paul Pope, e estrelas nacionais, como Rafael Albuquerque. Mas jamais tinha chegado perto do patamar mercadológico (e de ousadia) que agora atinge.

Fundada em 1976, a Fantagraphics é a mais renomada editora de quadrinhos indies do Ocidente, aqueles que saem do circuito típico de super-heróis da Marvel e da DC Comics. Dela vieram clássicos da categoria como "Ghost World", cult-adolescente de Dan Clowes, e "Palestina", de Joe Sacco, não ficção sobre as experiências do autor na Faixa de Gaza nos anos de 1990.

"Publicar na Fantagraphics é como ser um jogador de futebol e ser chamado para jogar no Real Madrid, é o lugar mais alto a que se pode chegar", comenta Cobiaco. Como uma casa tão consagrada no meio das HQs topou uma publicação conjunta com uma pequena editora brasileira?

A história começou em 2018, quando o quadrinista gaúcho Rafael Grampá passava uma temporada a trabalho em Nova York. Naquela época, ele já era célebre no meio por obras como a HQ "Mesmo Delivery", uma pulp fiction que narra a história de dois caminhoneiros que transportam uma carga misteriosa. A obra havia sido lançada dez anos antes, com recepção calorosa da crítica, em especial nos EUA.

Em um dos encontros, Grampá esbarrou com Eric Reynolds, cartunista e vice-presidente da Fantagraphics. Fã do trabalho do brasileiro, o executivo tentava convencê-lo a publicar pela editora. Grampá estava então comprometido com outras demandas, como a que quatro anos depois viria a originar o romance gráfico "Cavaleiro das Trevas: A Criança Dourada", parceria com um dos maiores nomes do meio, o norte-americano Frank Miller (de "Sin City" e "300 de Esparta").

"Criança Dourada", aliás, foi elogiada pelos desenhos dinâmicos e vivos de Grampá, que parecem fazer os personagens se moverem como se saltassem das páginas, mas criticada pelo roteiro (um tanto confuso) de Miller.

"Mas onde come um, podem comer dois", comenta Grampá à **Folha**. Ele aproveitou a oportunidade para apresentar a Eric Reynolds outro artista brasileiro, Daniel Semanas, cujo trabalho então era mais conhecido no campo da publicidade. As negociações avançaram e Santanas lançou "Roly Poly", em 2019, pela Fantagraphics, história futurista sobre uma celebridade virtual na Coreia do Sul.

Grampá não perdeu o contato com Eric. Em 2020 o desenhista gaúcho lhe fez uma proposta, em uma conversa por chamada de vídeo, que começou com uma pergunta: "Eric, você conhece cinco quadrinistas ingleses?". Ao que o executivo logo respondeu com exemplos, assim como soube apontar artistas italianos, franceses, argentinos. "Agora, diga cinco brasileiros." Além de Grampá, o norte-americano só tirou outros dois de cabeça.

"Viajo o mundo inteiro em eventos de HQs e se vê pouco, quase nada, de quadrinhos nossos, ninguém conhece lá fora", comenta Grampá. "Precisamos dividir o que está acontecendo no Brasil, se não o mundo ficará órfão de um monte de artistas brilhantes."

Quando começou a provocar o editor norte-americano com essas questões, ele já sabia onde queria chegar. E propôs: "Então virou tua obrigação moral lançar uma antologia nossa". A Fantagraphics topou.

O brasileiro estava então ganhando cada vez mais renome no meio, não só pelo sucesso de suas obras já publicadas, mas por colegas saberem que ele possuía um contrato com a DC Comics, casa de super-heróis como Super-Homem, que lhe deu sinal verde para criar uma graphic novel própria, totalmente autoral, do Batman. Um feito cobiçadíssimo, pois foram histórias de pegada mais adulta do Homem-Morcego que consagraram autores icônicos como Frank Miller (de "Cavaleiro das Trevas" e "Batman: Ano Um") e o inglês Grant Morrison ("Asilo Arkham").

Ou seja, Grampá estava com moral e resolveu ser mais ousado. Disse que ele próprio não escreveria nem desenharia, mas faria a curadoria de jovens talentos brasileiros ainda sem oportunidades lá fora. E mais: afirmou que só participaria se os norte-americanos aceitassem fazer o projeto em conjunto com uma editora brasileira, sendo que a marca de ambas teria o mesmo peso na capa.

Um tempo depois, o gaúcho mandou uma mensagem para Janaina de Luna, dona da editora Mino e amiga próxima. "Não teve nenhum processo de convencimento, ele simplesmente me informou que íamos lançar uma antologia pela Fantagraphics", lembra Janaina, em meio a risadas.

Logo ela, Grampá e Eric Reynolds chegaram aos 15 artistas convidados para fazer a HQ (dentre eles, Pedro Cobiaco, marido de Janaina) e lhes enviaram a proposta: "Faça um manifesto pessoal sobre...".

Todo mês de julho ocorre uma rave nerd em San Diego, na Califórnia.

Continua na pág. C7



História da artista Amanda Miranda na HQ 'Braba' Reprodução



Continuação da pág. C6

A Comic Con Internacional, a mais tradicional convenção de cultura pop, reúne todos os anos cerca de 100 mil pessoas na cidade californiana para celebrar a idolatria a super-heróis, mangás, RPG, videogames, filmes blockbuster. No ano passado, Grampá apresentou seu Batman autoral, "A Gárgula de Gotham", uma série em quatro volumes, cujo primeiro gibi foi o segundo mais vendido da DC Comics em 2023.

A HQ o levou a um dos painéis de destaque do evento. Esperto, Grampá aproveitou os holofotes para também apresentar a "Braba" a quem o abordava para perguntar sobre Batman. Nessa tática, ele e Pedro Cobiaco, que dividiram o quarto de um hotel cinco estrelas no píer de San Diego, deram uma série de entrevistas contando da parceria da Mino com a Fantagraphics, que estava então em produção.

"É a primeira vez que a Fantagraphics colabora com uma editora sul-americana. Para a cena brasileira, é histórico", propagandeou Grampá em entrevista ao site CBR, o Comic Book Resources, um dos maiores do ramo. "Estamos tentando mostrar para o mundo um pouco mais do que está acontecendo no Brasil. Há uma cena vibrante", completou ele.

Passado um ano, a "Braba" será lançada oficialmente em um evento próprio em 26 de julho, durante a Comic-Con International em San Diego. As pré-vendas, contudo, já começaram. No evento, além da antologia, será apresentada uma música baseada na HQ, criada pelo produtor Pablo Bispo, que trabalha com cantoras como IZA, Gloria Groove e Pabllo Vittar.

"É um momento de várias revoluções e juntamos essa galera do gueto, da rua, que gosta de quadrinhos e de funk, os que chamamos de 'nerd cria', para fazer um movimento disruptivo", vislumbra Bispo.

Eric Reynolds, da Fantagraphics, ficou empolgado com o resultado, segundo contou a este repórter. "Há uma distinta celebração da identidade e da cultura brasileiras que eu não vejo na maior parte dos quadrinistas americanos, pois a maioria deles são mais ambivalentes, se não cínicos, sobre a vida e a cultura dos Estados Unidos."

"Braba" traz 13 contos assinados por 15 artistas. Como é costume em antologias, há altos e baixos. Algumas histórias se destacam pelo visual, como uma série de Gabriel Góes que se inspira em cenas brasileiras para recriar cartas de tarô em quadros deslumbrantes (no baralho, só ficou faltando uma carta, a da Justiça, pois dela carecemos no país); ou ainda a capa e as ilustrações entre capítulos de autoria de Pedro Cobiaco e que parecem saídas de um Brasil apocalíptico.

Ressaltam-se também os traços urbanos, que lembram pichações dos muros de São Paulo, de Amanda Miranda, na história que abre a "Braba". "Me reconectei com uma ansiedade adolescente que é a descoberta da própria sexualidade e as ambivalências que a socialização feminina carrega", nos conta ela sobre o roteiro.

Em 11 páginas, Amanda leva o leitor a um mergulho nas experiências virtuais e sexuais de uma jovem. As cores são berrantes, e a composição dos quadros é frenética. "Pensei nessa comunicação acelerada, violenta, na poluição sensorial que enfrentamos ao usar a internet hoje, de como, para os aplicativos gratuitos, a mercadoria somos nós", diz ela, que retratou chuvas de anúncios, phishing, chats, vídeos eróticos que cercam a protagonista.

"Para traduzir visualmente a ansiedade e o desconforto, criei um grid que conta com uns 30 quadros por página, com sobreposição de objetos e cores", acrescenta a artista. Os estilos variam muito de capítulo para capítulo, indo do cartunesco e do mangá ocidentalizado, a exemplo de títulos pop como "Scott Pilgrim", a linhas mais experimentais, com desenhos que poderiam ser pendurados em galerias de arte.

Algumas histórias se destacam pelo visual, como uma série de Gabriel Góes que se inspira em cenas brasileiras para recriar cartas de tarô em quadros deslumbrantes. Em 11 páginas, Amanda Miranda leva o leitor a um mergulho frenético de uma jovem em experiências virtuais e sexuais

Dentre os roteiros, sobressaem-se aqueles que claramente só poderiam se passar mesmo no Brasil e que levam temperos de nossa cultura que devem causar estranhamento aos olhos gringos. Como uma história de fantasia emocionante, contada e lindamente desenhada por Jefferson Costa, sobre um garoto que escolhe o poder da imortalidade, enquanto outro opta por voar (mas acaba impedido pela polícia).

Ou a saga vampiresca de Rafael Coutinho, que leva para as HQs e para o cenário paulistano algo como um estilo Dalton Trevisan, o Vampiro de Curitiba, de narrar contos meio cômicos, meio de horror.

Os poucos capítulos que passam batido são aqueles de artistas que parecem querer imitar formas norte-americanas de escrever e desenhar quadrinhos independentes, deixando mais de lado a brasilidade. A relação com nossa cultura, aliás, não foi algo explicitamente exigido aos quadrinistas.

"Chamamos autores periféricos, então são narrativas periféricas", defende Janaina de Luna, da editora Mino. "Se é um quadrinista brasileiro, fica com o ponto de vista brasileiro. Não necessitava dessa preocupação de dizer que precisariam falar sobre o Brasil."

A "Braba" nem saiu e já há planos para um segundo volume, apresentando outros artistas nacionais. "Queremos fazer uma invasão com a cultura brasileira, começando pela nossa antologia", diz Grampá, que assinou como criador e coeditor do projeto.

Para Janaina de Luna, "o Brasil já teve muitas eras de ouro nos quadrinhos, como com Laerte e Angeli, mas sempre houve uma dificuldade de internacionalização de trabalhos autorais". Até os anos 2000, desenhistas brasileiros trabalhavam lá fora estritamente na parte visual de gibis de super-heróis pop, como Ivan Reis e Mike Deodato.

Essa tendência começou a mudar de forma mais evidente em 2008, quando Grampá, Fábio Moon e Gabriel Bá se tornaram os primeiros brasileiros a ganhar o Prêmio Eisner, o Oscar dos quadrinhos, com a coletânea "5". Após esse feito pioneiro, outros 12 troféus foram para artistas de nosso país.

Todavia, até agora as histórias de artistas brasileiros publicadas diretamente lá fora não apresentavam muito tempero de nossa cultura. Há muitas traduções de obras lançadas originalmente em português e para o público brasileiro, de autores como Marcelo D'Salete, ganhador do Eisner na categoria melhor edição americana de material estrangeiro em 2018 por "Cumbe" (que nos EUA virou "Run for It", na tradução da Fantagraphics).

"Braba", lançada primeiro nos EUA, representa uma mudança de perspetiva. É certamente a HQ mais, digamos assim, brasileira publicada por uma editora de renome no mercado norte-americano.

Ela irá realmente impulsionar ainda mais uma onda de internacionalização de talentos brasileiros, como vislumbram seus idealizadores? Só saberemos quando saírem os próximos quadros dessa história. ←

Braba
Vários autores. Editora: Mino e Fantagraphics. Quanto: R$ 98 (168 págs.)



Vista do Rio de Janeiro,a partir do Corcovado, por volta de 1930, em imagem do livro 'Lembranças do Brasil - As Capitais Brasileiras nos Cartões Postais e Álbuns de Lembrança' Reprodução

Um reaça demolidor

[RESUMO] Quase desconhecido hoje, desprezado nos meios intelectuais por suas posições políticas reacionárias, Octavio de Faria (1908-1980) ganha nova chance de conquistar leitores com a reedição de "Tragédia Burguesa". A série em 15 volumes, sem paralelo na literatura brasileira, é o oposto do que se poderia esperar do escritor: atrevida, repleta de personagens homossexuais e hedonistas, com críticas demolidoras à família e à Igreja Católica

Por ***João Carlos Rodrigues***
Jornalista e pesquisador. Autor de 'João do Rio: Vida, Paixão e Obra' (Civilização Brasileira) e 'O Negro Brasileiro e o Cinema' (Pallas)

Octavio de Faria é um dos maiores enigmas da literatura brasileira. Muito do desprezo em relação a ele se dá mais por suas posições políticas conservadoras do que pela apreciação de sua obra. Foi cancelado sem ser lido.

Seus romances seriam tediosos e mal escritos —e ele próprio concordou em parte com isso, o que não condiz com a percepção de quem os lê hoje, longe das panelinhas católicas e/ou literárias. É um mundo ficcional muito rico a ser descoberto, que resiste aos enfoques da modernidade.

Um escritor único como ele, que abordou as classes dominantes do Rio de Janeiro durante o Estado Novo, não pode mais ser ignorado em benefício dos muitos regionalistas então na moda, por mais talentosos que estes eventualmente possam ser.

Octavio de Faria encabeçou uma polêmica com o grupo dos regionalistas, que em sua opinião se destacava mais por descrever festas e costumes folclóricos do interior do que por fazer boa literatura de ficção. "Chega de mandacaru, acarajé e chimarrão!", parecia gritar. Admirava, contudo, Graciliano Ramos e lamentava que a política (o autor de "Vidas Secas", como sabemos, era comunista) tenha impedido suas relações pessoais com ele.

Octavio de Faria nasceu no Rio de Janeiro, em uma família muito bem posicionada, com dinheiro e cultura. O pai, Alberto de Faria, foi membro da Academia Brasileira de Letras, onde ele mesmo entrou em 1972, já perto do fim da vida. Nunca precisou ganhar seu sustento, dedicando tempo integral à literatura, que encarava como uma missão.

Bem jovem foi simpatizante do fascismo e do integralismo, publicando livros em defesa dessas posições. Perto dos 30 anos converteu-se ao catolicismo por influência do cunhado Alceu Amoroso Lima e se dedicou a partir daí exclusivamente à literatura de ficção.

Podemos afirmar que é autor de uma obra única composta de 15 romances complementares, porém independentes, escritos nas quatro décadas seguintes e agrupados sob o título de "Tragédia Burguesa".

Evidentemente, uma obra tão vasta tem altos e baixos, mas alguns volumes se destacam pela excelência: o primeiro, "Mundos Mortos" (1937), o terceiro, "O Lodo das Ruas" (1942), o soturno sétimo, "O Senhor do Mundo" (1957), e "Atração" e "A Montanheta", escritos nos anos 1950/60, mas só editados postumamente, pelo temor do escândalo, nas obras completas (1985), como os volumes oitavo e décimo. Ambos tratam do homossexualismo masculino e ficaram praticamente desconhecidos.

Dez outros foram planejados para a saga, mas jamais escritos. Talvez haja sinopses no acervo do autor na Fundação Casa de Rui Barbosa. Os contos de "Novelas da Masmorra" (1968) podem ser considerados obra paralela.

Antes de ser ficcionista e ao mesmo tempo em que publicava seus ensaios reacionários, Octavio de Faria foi um dedicado cinéfilo, um dos fundadores do pioneiro Chaplin Clube, onde defendia a superioridade do cinema silencioso diante do falado e de onde saiu o jovem Mário Peixoto, diretor de "Limite" (1931), cultuado filme de vanguarda quase abstrato.

Durante décadas Octavio de Faria organizou uma sessão anual do filme na Associação Brasileira de Imprensa, ajudando a construção do mito que cercou o cineasta. Numa delas, em 1942, Vinicius de Moraes levou Orson Welles, fato registrado em artigo do poeta.

Octavio escreveu bastante sobre filmes, inclusive faroestes, e "descobriu" no Fluminense Futebol Clube, onde fez parte da diretoria, o jovem Paulo Cezar Saraceni, que desviou do futebol para o cinema. Não por acaso, este foi um dos poucos cineastas intimistas do cinema novo.

O mundo ficcional de Octavio de Faria é muito próximo ao de outro escritor também católico, Nelson Rodrigues, mas sem o sarcasmo e o humor ferino. Os dois dedicaram-se a demolir as classes média e alta cariocas. Estilisticamente, Octavio não é coloquial como Nelson, está mais próximo de intimistas católicos como Lúcio Cardoso, Cornélio Pena, Marcos Konder Reis e o jovem Vinicius de Moraes, que as vespas da intriga apontam como uma paixão platônica.

Uma escrita que trata mais da psicologia dos personagens e bem menos de sua sociologia. Todo aparente ascetismo de sua obra é fruto de muito trabalho, nada é casual e espontâneo.

A leitura de todos os livros de Octavio de Faria reserva muitas surpresas. Não encontramos nenhum proselitismo político, nem mesmo nas entrelinhas, embora a ação se passe no final dos anos 1930, quando no Brasil a luta pelo poder era acirrada com Intentona Comunista, tentativa de golpe integralista e a implantação do autoritário Estado Novo de Getúlio Vargas, inspirado no salazarismo português.

Politicamente as ideias do escritor venceram, mas nada disso, felizmente, transparece nos romances. Outro ponto curioso: embora católico, o narrador não poupa críticas à igreja e a seus sacerdotes, em geral mostrados pejorativamente como gananciosos, fofoqueiros e prepotentes.

Um dos personagens principais é um jovem padre bem-intencionado que tenta enquadrar o mundo pelo ponto de vista religioso, mas sem perceber desencadeia verdadeiras tragédias. Se em alguns momentos, notadamente nos últimos volumes, o autor revela a presença velada de Deus e do Diabo, é sempre à revelia da igreja e do clero. Não somos conduzidos pelas situações ou pelos personagens, mas induzidos pelo narrador.

"Tragédia Burguesa" acompanha o destino de cerca de dez rapazes no Rio de Janeiro no final dos anos 1930 e como cada um enfrenta a chegada da vida adulta. Um deles, desiludido do amor, abandona o Rio por muitos anos. Temos um homossexual que se suicida e outro que se afirma; pai e filho disputando a mesma mulher; o conflito entre um católico e um hedonista. O jovem padre citado antes acaba banido para o interior. Há ainda um velho professor homossexual que foge com um aluno adolescente e acaba abandonado e preso. Enredos nada conservadores, como se poderia esperar.

O primeiro livro, "Mundos Mortos" (1937), começa com um adolescente afogueado em dúvida se a masturbação é ou não um pecado mortal. Do outro lado da cidade, um padre pensa se não foi muito rigoroso com o rapaz ao condenar o ato de modo tão veemente.

Há futricas no ginásio católico e também no laico do segundo volume, "Os Caminhos da Vida" (1939). Alguns suicídios e um assassinato permeiam a trama. Um adolescente é assediado por um fuzileiro naval em plena via pública e se inicia na boêmia homossexual do centro da cidade. O livro traz boas cenas da turma da praia, ambiente pouco presente na ficção sobre o Rio, embora emblemático na personalidade carioca.

Temos um narrador desconhecido e onipresente, que opina diretamente ao leitor, que só conheceremos nas últimas páginas do último volume. "A única saída para a burguesia é o suicídio, mas esse não pode ser praticado por ser um pecado mortal", lemos lá pelas tantas. Não há saída na tragédia de Octavio de Faria.

Nesta saga tão masculina, merecem especial atenção as personagens femininas. A ingênua que se casa com o primo homossexual; a mãe solteira, seduzida e abandonada; as diversas matronas, algumas conservadoras na defesa da família tradicional, outras conformadas com a decadência de sua classe social; a perua desfrutável; as cunhadas cobiçadas; a namorada ciumenta que defende seu amado do assédio de outro homem; a recalcada vingativa.

Nos volumes 11 e 12, "O Cavaleiro da Virgem" (1972) e "O Indigno" (1976), ocorre um inesperado parênteses temático. A aparição dos rapazes é quase episódica, sendo protagonista uma mulher que abandonou o marido por um amante e é pressionada pelos padres a voltar.

Há todo um interessante clima de época na série. Lembremos que o telefone era objeto ainda pouco comum, então uma parte da ação se desenrola através de bilhetes e páginas de diários. Os personagens andam de bonde e raramente de automóvel, frequentam bares e bilhares ambientados no centro, no bairro do Catete, na aprazível Petrópolis, em São Paulo, em sítios e chácaras, colégios e pensões.

Assim, o leitor vai sendo enredado em cada volume sem perceber. Se fosse um filme, "Tragédia Burguesa" teria, paradoxalmente, todas as emoções de um melodrama hollywoodiano concebido pelo barroco Douglas Sirk, mas filmado com a estética despojada de um Robert Bresson. Não há nada parecido na literatura nacional. É pegar ou largar.

Nos últimas décadas, "Tragédia Burguesa" ficou praticamente inacessível aos leitores. A edição póstuma e completa, organizada pelo crítico literário Afrânio Coutinho em quatro volumes, em 1985, está há muito esgotada. Para nossa sorte, uma pequena editora, a Sétimo Selo, está reeditando a série. Os seis primeiros volumes já foram relançados. É uma rara oportunidade para conhecer ou reexaminar esse importante autor maldito.

Octavio de Faria é, ao mesmo tempo, um cronista da juventude carioca dos anos 1930, um polemista católico e um ousado e atrevido escritor LGBT. Sua posição política conservadora não se reflete em uma obra que desafia os cânones literários de sua época (mais um ponto de contato com Nelson Rodrigues).

O tempo do cancelamento se esgotou e já é mais que hora de dissecarmos a "Tragédia Burguesa" e a colocarmos no lugar que merece nos estudos da literatura brasileira. ←

Uma saga trágica

A editora Sétimo Selo já reeditou 6 dos 15 volumes da série 'Tragédia Burguesa'

Mundos Mortos (1º volume)
R$ 70,95; 372 págs.

Os Caminhos da Vida (2º)
R$ 61,54; 408 págs.

O Lodo das Ruas (3º)
R$ 99,33; 712 págs.

O Anjo de Pedra (4º)
R$ 85; 620 págs.

Os Renegados (5º)
R$ 86,33; 548 págs.

Os Loucos (6º)
R$ 70,34; 400 págs.



Octavio de Faria na Academia Brasileira de Letras Divulgação/Domínio público/Acervo Arquivo Nacional



Guerra quintuplica frete e expõe gargalos

Ataques no mar Vermelho e tensão no Irã desarranjam comércio marítimo, mas demanda continua elevada

Igor Gielow

SÃO PAULO A crise no Oriente Médio quintuplicou o preço médio de fretes pagos por empresas de transporte marítimo. Mais importante, os ataques no mar Vermelho e o risco de uma guerra regional centrada no Irã expõem os gargalos globais do comércio por navios.

Ele responde por mais de 90% do fluxo comercial entre países e funciona como uma grande engrenagem com diversos pontos possíveis de engasgo, cortesia de turbulências geopolíticas, caprichos geográficos e mesmo a crise climática —que afetou o canal do Panamá, por onde passam 40% dos contêineres com exportações americanas.

Mas é a mais humana das empreitadas, a guerra, que tem feito governos e empresas refazer contas, de olho em potencial de escalada inflacionária e também lucros. O problema principal hoje se chama mar Vermelho, onde os rebeldes pró-Irã houthis, do Iêmen, passaram a atacar navios mercantes associados a Israel e aliados, como os EUA.

A campanha começou com um ataque com drones contra o porto de Eilat, em Israel, em 19 de outubro passado. Era uma forma de apoio ao grupo terrorista Hamas, que começava a sofrer a retaliação israelense pelo atentado inédito contra o Estado judeu, 12 dias antes.

As ações levaram a duas abordagens: os EUA lideram uma força-tarefa com o Reino Unido que visa interferir em ataques, mas sem escoltar navios, como, por exemplo, fazem os franceses com suas embarcações.

As maiores empresas transportadoras de contêineres e petroleiras passaram em dezembro a usar a rota contornando a África, acrescentando no mínimo duas semanas aos caminhos de cargas vindas do Oriente Médio e do Indo-Pacífico —leia-se China, a maior exportadora do mundo desde 2009.

"O frete não aumentou imediatamente. O mercado adaptou-se aos custos, e isso ocorreu a partir de maio, devido a questões logísticas", diz Andrew Lorimer, CEO da consultoria brasileira Datamar.

O resultado é aferível no índice FBX, da empresa espanhola Freightos, que calcula o custo de transporte de contêineres de 40 pés (12 metros) nas 12 principais rotas mundiais. No dia em que os primeiros drones houthis voaram pelo mar Vermelho, estava em US$ 1.048. Em 2 de agosto, em US$ 4.924.

Até maio, o salto inicial para a casa dos US$ 3.000 arrefeceu, com os preços baixando para níveis em torno de US$ 2.000. Depois, só subiram.

Os problemas são multifatoriais: o seguro para riscos de guerra escalou de 0,02% para 0,75% por contrato, tempo de mar ampliado (combustível, salários etc.) e até questões algo bizantinas: Singapura estava sobrecarregada como ponto de reabastecimento, mas a África do Sul, onde fica o cabo da Boa Esperança que viu crescer o tráfego, não trabalha com o combustível certificado na Europa.

Os houthis dizem ter feito entre 70 e 120 ataques diversos com danos, a depender da fonte. Em junho, explodiram um petroleiro de bandeira grega. Na semana retrasada, voltaram a alvejar navios e anunciaram apoio a uma eventual ação do Irã contra Israel.

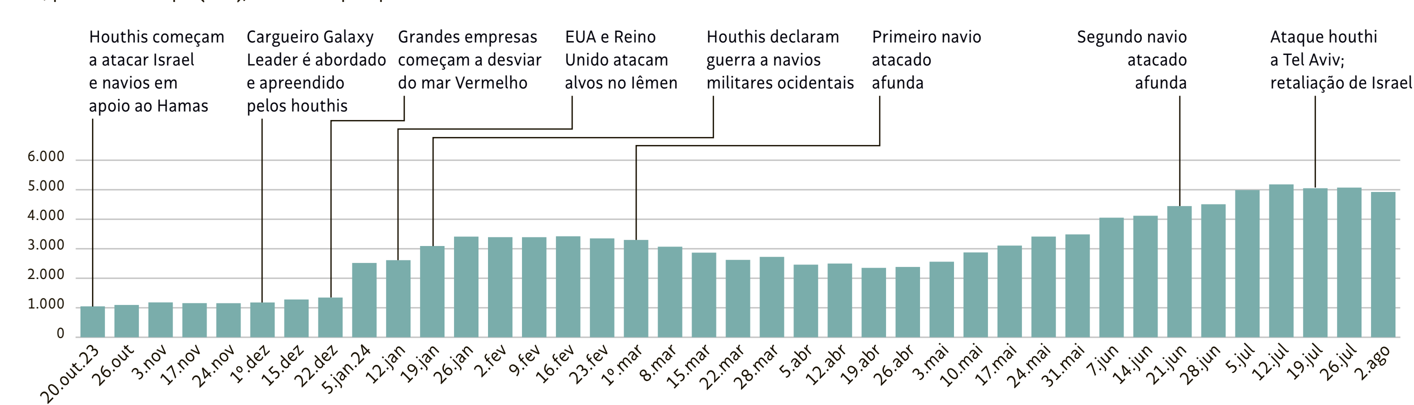
O mar Vermelho tem dois gargalos em um: o canal de Suez, ligando ao Mediterrâneo ao norte, e o estreito de Bab al-Mandab ao sul, levando ao golfo de Áden e ao Índico.

Continua na pág. 2

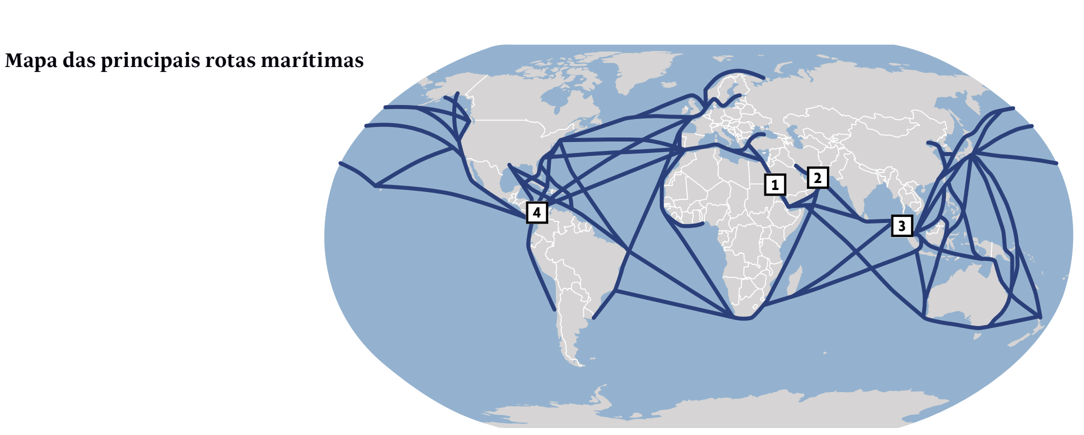
Os gargalos do mar

Preço do frete de contêineres

US$ por modelo de 40 pés (12 m), média das 12 principais rotas mundiais



Mapa das principais rotas marítimas



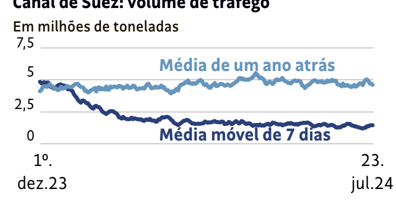
1 Gargalo do mar Vermelho



15% do comércio mundial

30% do tráfego de contêineres

Canal de Suez: trânsito de navios
Número de navios



Canal de Suez: volume de tráfego
Em milhões de toneladas
7,5 / 5 / 2,5 / 0
Média de um ano atrás
Média móvel de 7 dias
1º. dez.23 — 23. jul.24

Estreito de Bab al-Mandab: trânsito de navios
Número de navios
100 / 50 / 0
Média de um ano atrás
Média móvel de 7 dias
1º. dez.23 — 23. jul.24

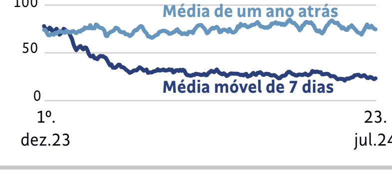
Estreito de Bab al-Mandab: volume de tráfego
Em milhões de toneladas
7,5 / 5 / 2,5 / 0
Média de um ano atrás
Média móvel de 7 dias
1º. dez.23 — 23. jul.24

2 Gargalo do estreito de Hormuz



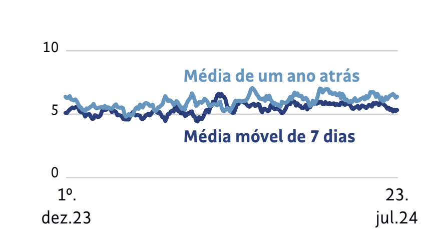
30% do comércio de petróleo

20% do gás natural liquefeito



Trânsito de navios
Número de navios
150 / 100 / 50 / 0
Média de um ano atrás
Média móvel de 7 dias
1º. dez.23 — 23. jul.24

Volume de tráfego
Em milhões de toneladas



3 Gargalo do estreito de Málaca



30% do tráfego de contêineres

80% da importação de energia da China

Trânsito de navios
Número de navios
300 / 200 / 100 / 0
Média de um ano atrás
Média móvel de 7 dias
1º. dez.23 — 23. jul.24

Volume de tráfego
Em milhões de toneladas
20 / 10 / 0
Média de um ano atrás
Média móvel de 7 dias
1º. dez.23 — 23. jul.24

4 Gargalo do canal do Panamá



40% do comércio de contêineres dos EUA

5% dos contêineres do mundo

Trânsito de navios
Número de navios
30 / 20 / 0
Média de um ano atrás
Média móvel de 7 dias
1º. dez.23 — 23. jul.24

Volume de tráfego
Em milhões de toneladas
2 / 1 / 0
Média de um ano atrás
Média móvel de 7 dias
1º. dez.23 — 23. jul.24

Fontes: Freightos.com, Portwatch e Geopolitical Futures

PAINEL S.A.

Julio Wiziack
painelsa@grupofolha.com.br

Charles Lenzi

Na guerra da energia limpa, hidrelétricas defendem novas regras em leilões

Charles Lenzi preside a Abragel, associação de geradoras de energia limpa, a maioria hidrelétricas. Defensor de todas as tecnologias, ele apresentou ao governo um estudo nesta semana para mostrar que os leilões, definidos pelo critério de menor preço por megawatt-hora, estão encarecendo a conta de luz ano a ano.

Isso não é um ataque às fontes solar e eólica? Não é uma crítica a nenhuma fonte. Todas elas são importantes para o sistema, mas todas carregam custos indiretos diferentes, que não são considerados no cálculo da energia contratada pelo governo nos leilões.

Como assim? Em Belo Monte, o preço da energia foi fixado em R$ 75 o MWh [megawatt-hora]. Mas para chegar no Sudeste, por exemplo, era preciso construir linhas de transmissão cujo custo, se fosse computado, dobraria o valor da energia da usina. Esse custo foi posteriormente repassado para a tarifa e dividido pelos consumidores.

Qual é a energia mais barata? A hidráulica. O estudo da consultoria Volt Robotics mostra que esses custos indiretos são maiores na solar (equivalem a 67% do custo total) e na eólica (54%). Nas hidrelétricas, eles representam só 15% e, nas PCHs [Pequenas Centrais Hidrelétricas], 27%.



Raio-X
Engenheiro eletricista (PUC-RS), fez carreira no setor elétrico. Entre 1998 a 2008, ocupou posições de liderança no grupo AES no Brasil, Índia e Venezuela. Foi executivo do grupo Stefani entre 2008 e 2010, presidente da Eletropaulo (2015 a 2018) e COO da AES Brasil (2016 a 2017)

O governo poderia discriminar fontes e dizer de qual delas compraria a energia mais barata? Não, mas pode definir requisitos técnicos para a compra. Em um leilão de capacidade [para energia de segurança com carga elevada] exigiria uma tecnologia capaz de entregar potência em um intervalo curto de tempo, algo que nem todas conseguem.

Isso é uma forma de direcionar a disputa, não? Sem dúvida. No passado, o presidente do ONS [Operador Nacional do Sistema] defendia a realização de leilões por região do país. Isso para evitar que o Sul, por exemplo, que precisava de geração firme, fosse abastecido por uma geração eólica do Nordeste.

De novo, não é uma defesa das hidrelétricas? Não dá para abrir mão de hidrelétrica em um país com muito potencial a ser explorado. A bateria natural de energia que temos é a hidráulica.

Mas o impacto ambiental é maior. Sim, mas acho que importamos um conceito europeu de que fonte renovável é eólica ou solar. Só que lá eles não têm potencial hídrico. O Reino Unido saiu do carvão e não tem matriz hidráulica expressiva. Em contrapartida, a Áustria tem cerca de 4.000 pequenas centrais hidrelétricas.

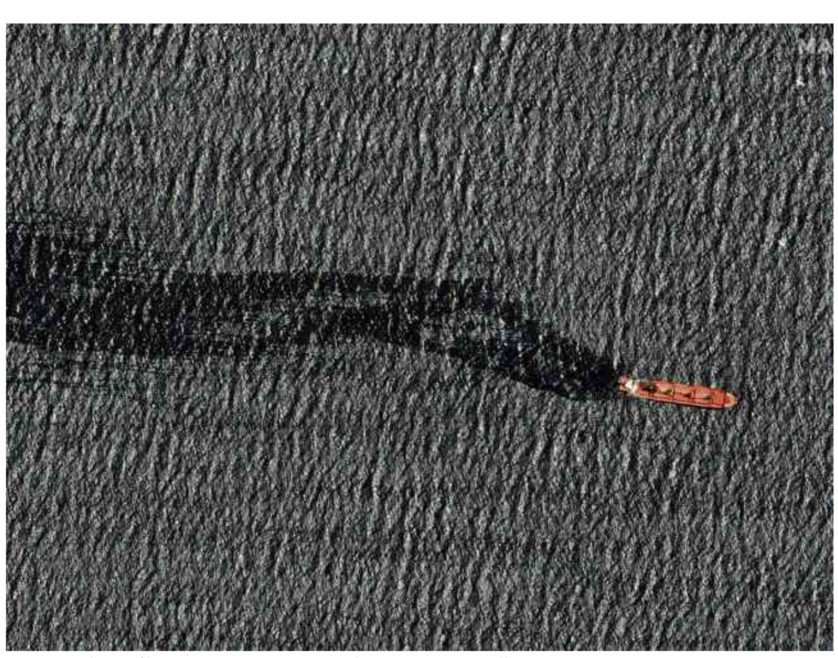


Imagem de satélite mostra navio atingido no mar Vermelho Maxar Technologies - 1º.mar.24/Reuters

Guerra quintuplica frete e expõe gargalos

Continuação da pág. 1

Por lá passavam, antes da guerra, de 12% a 15% do comércio mundial e 30% dos contêineres, sendo a melhor rota à Europa não só para hidrocarbonetos do Oriente Médio mas também de produtos chineses.

O Bab al-Mandab tem sua costa oriental controlada pelos houthis —o nome árabe, "portão das lágrimas", remete à longa história de ação de piratas na região.

Por Suez, um clássico geopolítico aberto em 1869 cujo controle já pariu uma guerra, em 1956, o tráfego segundo o monitor Portwatch, do Fundo Monetário Internacional, despencou. Eram 45 navios de carga e 21 petroleiros passando no dia do primeiro ataque houthi. Foram 25 e 9, respectivamente, em 29 de julho.

A possibilidade de uma guerra ampliada pela provável retaliação do Irã e do grupo libanês Hezbollah pela morte de líderes aliados por Israel, o que terá a participação houthi se ocorrer, joga luz em outro grande gargalo da região, o estreito de Hormuz, que liga as águas do rico golfo Pérsico ao mundo.

A costa setentrional do estreito é iraniana, deixando evidente o risco a embarcações que passarem por lá —responsáveis por 20% do petróleo mundial em 2023. Uma deterioração da segurança vai jogar ainda mais areia na engrenagem global, algo já visto em outras guerras por lá.

A crise atual mostra como toda a máquina pode ser afetada, com potencial de escalada inflacionária mais para a frente. A China, segunda maior potência mundial, depende de míseros 65 km de largura no ponto mais apertado do estreito de Málaca, entre a Indonésia e a Malásia, para receber 80% de seus insumos energéticos.

Além disso, quase toda a exportação de R$ 3,1 trilhões para a Europa, além de R$ 1,3 trilhão na mão inversa para a costa chinesa, passa por lá. Não é casual a militarização chinesa do vizinho mar do Sul da China, que leva a tensões como a levantada na semana retrasada por um exercício militar dos EUA com as Filipinas.

Os dados da Portwatch mostram o impacto da guerra no Oriente Médio também em Málaca, com um decréscimo de navios e de volume comercial transitados por lá. O motivo, explica Lorimer, é o efeito cascata: um contêiner na rota China-Europa demora mais para chegar ao destino e voltar vazio à origem.

Logo, esses caixotões são disputados a tapa depois, elevando custos de forma adicional. A Maersk, segunda maior transportadora de contêineres com 14,6% do mercado em 2023, afirma ter colocado 125 mil unidades a mais nas suas rotas e ainda assim vê o risco de um travamento geral do comércio.

"De longe vivemos a crise mais grave desde a pandemia", diz Lorimer, lembrando que ali os custos chegaram a US$ 14 mil por contêiner devido ao estrangulamento de cadeias logísticas, com milhares de navios parados em portos chineses sem poder sair.

> Com a demanda em alta, os armadores de contêineres estão lucrando horrores
>
> **Andrew Lorimer**
> CEO da consultoria brasileira Datamar

No caso brasileiro, um contêiner menor, de 20 pés (6 metros), teve seu frete aumentado de cerca de US$ 2.000 para até US$ 8.000 ou US$ 10 mil. A culpa é tempo de trânsito de navios em escala global, afetando a cadeia de transmissão entre eles, além do prêmio de risco.

Por evidente no capitalismo, alguém ganha na crise. "Com a demanda em alta, os armadores de contêineres estão lucrando horrores", afirma o consultor. No seu mais recente comunicado, a Maersk disse que previa a ampliação de seu resultado final do ano, excluindo amortizações e juros, de US$ 7 bilhões para até US$ 11 bilhões.

No caso brasileiro, a disrupção do mar Vermelho afeta muito o envio de carnes para o Oriente Médio, grande mercado consumidor de frangos e bovinos. Ainda assim, diz Lorimer, as empresas estão com encomendas em alta, apesar de o tempo para chegar lá ter dobrado de 30 para 60 dias, em média.

Um executivo de uma das maiores exportadoras brasileiras no setor disse, pedindo anonimato, que o plano é manter o pé no acelerador. O problema é na contramão, com impacto inflacionário que ainda não foi sentido, dado que os contratos são de longo prazo.

Por fim, o gargalo que diz respeito aos EUA, no Panamá, por onde passam 40% dos contêineres americanos rumo à Ásia, viveu uma crise diferente. A mudança no regime de chuvas devido ao fenômeno El Niño diminuiu entre 2023 e 2024 a água disponível no curso, obrigando uma redução em seu trânsito.

É um problema já superado, pelos dados da Portwatch que mostram a retomada do fluxo, mas que demonstra que os riscos não decorrem só de mísseis no setor.

Porto de São Francisco do Sul cresce e se torna o maior de SC

Obra vai aprofundar canal, permitindo que navios modernos com até 366 m de comprimento atraquem

Marcelo Toledo

SÃO FRANCISCO DO SUL (SC) Impulsionado por cargas como soja, milho, ferro e aço, o porto de São Francisco do Sul tornou-se o maior de Santa Catarina e precisará passar por um aprofundamento do canal para receber navios maiores, num investimento previsto de R$ 300 milhões.

Localizado no norte do estado, o porto assumiu em novembro do ano passado a liderança na movimentação de cargas dos portos catarinenses e terminou 2023 como o sétimo em movimentação de carga bruta no país, atrás de Santos, Paranaguá, Itaguaí, Itaqui, Rio Grande e Suape.

Com condições de receber só navios com até 310 metros de comprimento, será preciso aprofundar o canal externo que dá acesso aos portos de São Francisco do Sul e da vizinha Itapoá dos atuais 14 metros para 16 metros, o que permitirá que navios de até 366 metros de comprimento atraquem nos locais.

O porto registrou crescimento na movimentação em todos os meses do ano passado, em comparação com o mesmo mês do ano anterior, com um acumulado de 32,9% de alta, e tem mantido o desempenho positivo em 2024, superando outros portos no estado, como os de Navegantes e o de Itapoá. Itajaí, que virou a maior economia do estado tendo seu porto como um dos motivos, viveu nos últimos anos um imbróglio envolvendo o transporte de contêineres.

No acumulado dos seis primeiros meses do ano, o porto movimentou 8,7 milhões de toneladas de cargas, 16% acima das 7,5 milhões do período de janeiro a junho de 2023.

Só em maio, a movimentação atingiu 1,4 milhão de toneladas, 13% acima do mesmo mês de 2023, com predomínio para a exportação.

Em julho, o local recebeu navios de Hong Kong, Libéria e Malta, procedentes de países como Indonésia e Emirados Árabes Unidos. O maior deles tinha 229 metros de comprimento, bem abaixo da meta do porto após as obras.

"Está muito restrito no Brasil hoje [recebimento de grandes navios], e será importante para o crescimento de São Francisco", disse o diretor de administração e finanças do porto, Lindomar Dutra.

Ele afirmou que, ainda que navios com 366 metros de comprimento demorem para chegar ao porto após a obra, os de 336 metros que proliferaram pelo mundo só entram hoje em São Francisco do Sul com restrição de carga.

"Os de 366 metros são navios novos, não há muitos no mercado. Mas o de 336, a gente fazendo esse trabalho, ele vai entrar full. Ele virá direto da China e vai entrar sem precisar passar em algum porto para descarregar", disse.

Em junho, o governador Jorginho Mello (PL) se reuniu com o ministro Silvio Costa Filho (Portos e Aeroportos) para apresentar a proposta de PPP (Parceria Público-Privada) para viabilizar a obra de alargamento e aprofundamento da baía da Babitonga, onde ficam os portos.

O protocolo de intenções estabelece que o porto Itapoá custeará as obras. O documento foi assinado entre o governo estadual e os portos de São Francisco do Sul e Itapoá e prevê que o investimento do porto pagante retornará na forma de desconto em tarifas portuárias. São necessárias licenças ambientais do Ibama.

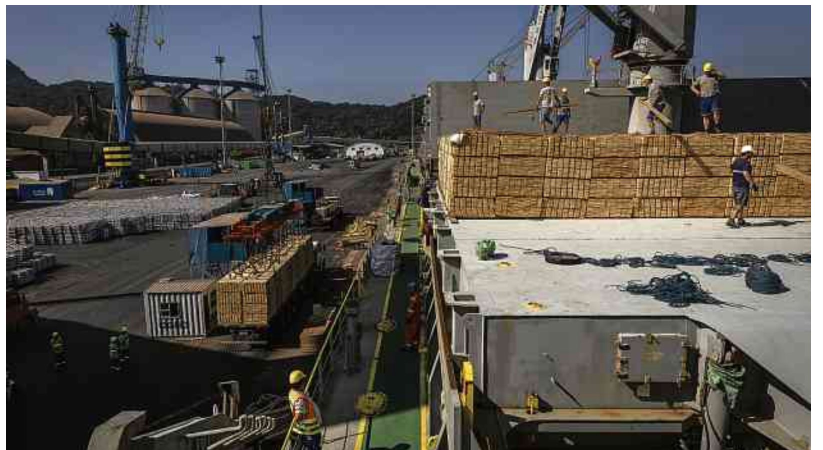
A licitação para contratar a obra deve ser lançada neste ano, e a primeira parte contemplará a suavização da curva do canal, para melhorar a segurança da navegação, seguida pelo alargamento do canal de acesso externo e o realinhamento do seu trecho inicial, aprofundando-o para os 16 metros previstos. A previsão é que a obra seja executada em oito meses.

As exportações foram responsáveis por 61% da movimentação do porto em 2023, tendo como principais destinos China, Estados Unidos, Irã, Japão e Taiwan. Já as importações tiveram como destaques China, Estados Unidos, Omã, Rússia e Marrocos.

Pelo porto, fundado há 69 anos, passam principalmente soja, milho, ferro, aço e fertilizantes, mas também óleos vegetais e madeiras.

Ter feito investimentos em tecnologia nos últimos anos (R$ 20 milhões no total, em 2023), atraído o embarque de fertilizantes, uma ferrovia que leva ao porto, quatro aeroportos relativamente próximos (Joinville, Navegantes, Florianópolis e Curitiba) e conexão rodoviária com a BR-101, uma das principais do país, ajudam a explicar o crescimento do porto, diz Dutra.

A areia retirada para o aprofundamento do canal, caso as obras sejam executadas conforme o protocolo, será utilizada para alargar a praia de Itapoá, que tem sofrido com erosão marítima.



Navio é carregado no porto de São Francisco do Sul Bruno Santos - 7.mai.24/Folhapress

18 meses de Lula 3

Está claro que arrumar o desequilíbrio fiscal não é objetivo do presidente

Samuel Pessôa
Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

Após mais de ano e meio, é possível divisar o que deve ser o terceiro mandato de Lula.

O maior problema no país é o desequilíbrio fiscal. Trata-se de um problema do Congresso Nacional em que a liderança do presidente é importante.

Lula resolveu iniciar seu mandato com pé no acelerador do gasto. Após ano e meio, está claro que arrumar o desequilíbrio fiscal não é objetivo de Lula. Ele empurrará esse tema para seu quarto mandato, se chegar bem em 2026, ou para seu sucessor.

A estratégia de Lula parece ser levar o país até 2026 com uma sucessão de ciclos de tensionamento e distensionamento com o mercado financeiro. Vale lembrar, por mercado financeiro entendem-se as pessoas que financiam o Tesouro Nacional com suas poupanças.

Assim, houve um ciclo de tensionamento das eleições até o primeiro trimestre de 2023, aproximadamente. A aprovação da emenda constitucional da transição e uma retórica muito crítica às reformas azedaram bem o ambiente. O câmbio chegou a R$ 5,3.

Do segundo trimestre de 2023 até o fim do ano passado, o clima distensionou, com o bom desempenho da agenda econômica —aprovação do arcabouço fiscal, da reforma tributária e de diversas medidas de combate ao planejamento tributário— sob a liderança do ministro Fernando Haddad. Contribuíram para a distensão sete meses seguidos de boas leituras para a inflação americana.

As três leituras ruins para a inflação americana no primeiro trimestre do ano e uma postura leniente do Executivo nacional com as metas fiscais geraram um novo ciclo de tensionamento. O dólar andou de R$ 5, no fim de 2023, para R$ 5,35, em meados de maio. Nova rodada de declarações muito agressivas contra o presidente do Banco Central e uma preocupação dos financiadores do Estado brasileiro com as inconsistências do arcabouço fiscal levaram a taxa de câmbio para R$ 5,7.

Iniciou-se um movimento de distensão. O governo se comprometeu com a meta de primário zero em 2024. Contribuíram as falas muito consistentes de Gabriel Galípolo na quinta-feira (8). O real fechou a semana a R$ 5,51. Os dois próximos momentos serão o final do mês, quando o Ministério da Fazenda envia ao Congresso o Ploa (Projeto de Lei Orçamentária Anual) de 2025, e setembro, quando ocorrerá a terceira avaliação bimestral da execução orçamentária de 2024.

O governo não alterará a meta de superávit zero e deverá contingenciar o suficiente para que o objetivo seja alcançado. Esses fatos devem gerar algum alívio no mercado, e o câmbio no final do ano deve ser mais valorizado do que hoje. Ajudará o fato de que até lá ficará mais bem desenhado, do que está hoje, um ciclo mais intenso de redução dos juros nos EUA.

De quanto será a descompressão dos mercados? Penso que menos intensa do que o Palácio do Planalto avalia. O mercado tem enfatizado mais as inconsistências internas do arcabouço fiscal e menos a execução corrente da política fiscal.

Há uma preocupação com a elevação do endividamento —o mercado prevê que, entre dezembro de 2022 e dezembro de 2026, a dívida pública se eleve em 13 pontos percentuais do PIB—, e o governo Lula tem demonstrado até o momento enorme dificuldade de lidar com a escalada do gasto público. O gasto primário nominal da União cresceu 15% nos últimos 12 meses.

Nesse sentido, atender a meta de superávit primário, forçando a barra na receita ou na despesa, é pior do que não satisfazer a meta, sem forçar a mão, e deixar que os mecanismos de correção do arcabouço atuem automaticamente. Não atender a meta não é igual a não cumprir o arcabouço. Este considera a possibilidade de a meta não ser atingida.

Parece que, sem reformas mais estruturais ainda neste mandato, dificilmente o câmbio voltará muito. A consolidação de um patamar mais desvalorizado para a moeda produz pressões inflacionárias —vale a leitura do artigo publicado na quarta-feira (7) nesta **Folha** *sobre o repasse do câmbio para os preços do atacado— que dificultarão um ciclo de queda das taxas de juros à frente.*

| DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Bernardo Guimarães, Lorena Hakak | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. André Roncaglia | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Itália duplica imposto para estrangeiro que vai morar no país

ROMA, COPENHAGUE E LONDRES | FINANCIAL TIMES A Itália dobrou um imposto fixo sobre a renda de novos residentes estrangeiros, em um golpe para expatriados ricos que buscam fugir da perspectiva de impostos mais altos em outros lugares da Europa.

O gabinete da primeira-ministra do país, Giorgia Meloni, aprovou na quarta (7) um aumento no imposto anual sobre a renda no exterior para novos residentes fiscais na Itália para € 200 mil (R$ 1,2 milhão).

O incentivo fiscal atual de €100 mil, embora popular entre indivíduos ricos, tem sido controverso entre os italianos, especialmente em Milão, onde a recente entrada de super-ricos tem sido apontada como uma das razões pelo aumento acentuado nos preços imobiliários e no custo de vida.

O ministro das Finanças, Giancarlo Giorgetti, que se referiu ao imposto como "o chamado imposto fixo para os bilionários", disse que o imposto elevado ainda estava em um nível que permaneceria "interessante" a estrangeiros ricos.

Ele disse que o imposto maior se aplicaria só a pessoas que adotassem a residência fiscal na Itália a partir de agora, e não aos que já se mudaram.

Roma também queria evitar uma corrida para o fundo com outras nações tentando atrair indivíduos e empresas por meio de isenções fiscais.

"Se essa competição começar, países como a Itália —que têm espaço fiscal muito limitado— estão inevitavelmente destinados a perder", disse o ministro das Finanças.

A Itália teve déficit orçamentário de 7,4% do produto interno bruto este ano, mais que o dobro do limite de 3% estabelecido pela União Europeia.

O país emergiu como um destino popular para super-ricos do mundo, graças aos generosos incentivos fiscais iniciados em 2016 em um esforço para reverter o êxodo de cérebros de longo prazo do país.

O esquema de imposto fixo, lançado após a votação do Brexit que levou muitos europeus baseados no Reino Unido a retornar para casa, permite que novos residentes estrangeiros na Itália, ou italianos que retornam de pelo menos nove anos morando no exterior, paguem um imposto fixo sobre qualquer renda ou ativos estrangeiros por 15 anos.

Até agora, o esquema foi creditado por atrair pelo menos 2.730 multimilionários para se estabelecerem na Itália.

INÊS 249


Juliana Cordaro/Flash Humanidades/Divulgação

Kate Darling
Especialista em robótica, é pesquisadora no Media Lab do MIT (Massachusetts Institute of Technology) e líder de ética e sociedade no Boston Dynamics AI Institute. É autora do livro "The New Breed: What Our History with Animals Reveals about Our Future with Robots" [A nova ninhada: O que nossa história com os animais revela sobre nosso futuro com os robôs], sem publicação no Brasil.

Kate Darling
Robôs humanoides são chatos, e tecnologia deveria ser menos antropocêntrica

Pesquisadora do MIT defende que máquinas precisam ir além da experiência humana e abraçar outros tipos de inteligência

TEC
ENTREVISTA

Gustavo Soares

SÃO PAULO Por que não criar algo diferente? Essa é a pergunta que a especialista em robótica Kate Darling, do MIT Media Lab e do Boston Dynamics AI Institute, se faz quando se depara com robôs humanoides.

Para ela, programadores, cientistas e empresas deveriam deixar de lado a busca incessante pela reprodução de aspectos humanos nas máquinas e fazê-las serem boas em outras coisas. Afinal de contas, nós já estamos por aqui.

"Somos fascinados por nós mesmos. Subconscientemente, comparamos robôs a pessoas, e a inteligência artificial, à inteligência humana. É um padrão do qual é preciso esforço para se afastar", disse.

Autora do livro "The New Breed", sobre como a relação histórica da humanidade com os animais pode inspirar nosso entendimento da robótica, ela defende que a tecnologia deve ir além da experiência humana e abraçar outros tipos de inteligência.

"Os animais foram usados na história para trabalho, para guerras, companhia, não porque eles são como nós, mas porque suas habilidades são diferentes das nossas, e isso é útil", disse ela à **Folha** em entrevista em São Paulo, no fim de julho, onde para participou do evento Flash Humanidades.

*

Qual sua história com os robôs? Houve alguma experiência que a colocou nesse caminho? Fiquei interessada por robótica quando eu estava em uma universidade de tecnologia em Zurique, onde há muitos cursos na área. Comprei um robô chamado Pleo, um brinquedo de 2007 que parece um bebê dinossauro, e fiquei ligada emocionalmente a ele. E comecei a notar que meus amigos o tratavam como se estivesse vivo, mesmo sabendo que era uma máquina. Foi aí que comecei a ficar interessada em como e por que fazemos isso com robôs.

E por que acha que se apegou a esse robô? As pessoas têm uma tendência a antropomorfizar, a projetar características e comportamentos humanos em não humanos. Os robôs são interessantes porque são objetos que se movem como agentes de si, e isso faz o cérebro projetar intenção nesse movimento.

Como viu a explosão da IA generativa desde o lançamento do ChatGPT? Fiquei muito surpresa. Tenho tentado descobrir o que isso significa para os robôs. Não é só pegar a IA generativa, colocá-la em um robô e ele passa a conseguir fazer tudo. É mais complicado porque os robôs precisam interagir em espaços físicos, e ainda não temos os dados certos para treiná-los a fazer isso.

Hoje há muito foco e investimento para tentar descobrir como a IA generativa e esses grandes modelos linguagem podem ser usados para tornar os robôs melhores e mais inteligentes. E há muito investimento em robôs humanoides, dos quais eu não sou muito fã.

Por quê? Bem, já temos os humanos. Por que não criar algo diferente? Sempre acho mais emocionante quando olhamos para habilidades de robôs que vão além do que os humanos conseguem fazer.

E por que nos apegamos à ideia de que os robôs precisam ser uma cópia nossa? É só um padrão, recorremos a isso porque é o que conhecemos. Somos fascinados por nós mesmos. Subconscientemente, comparamos robôs a pessoas, e a IA, à inteligência humana. É um padrão do qual é preciso esforço para se afastar.

O que falta para os robôs irem além das aplicações industriais e chegarem às nossas casas e se integrarem ao cotidiano? Eles precisam ser muito mais baratos e funcionar melhor. É muito difícil construir robôs que funcionem de acordo com as expectativas das pessoas, que são muito altas por causa da ficção científica e da cultura pop. É também difícil fazer robôs que sejam robustos e funcionais o suficiente para estar em uma casa, para não quebrar.

O Roomba [aspirador-robô da iRobot] é basicamente o único robô doméstico bem-sucedido. E isso porque ele realiza uma tarefa única e muito simples. Mas as pessoas querem um robô com funções mais gerais, que consegue desde usar a lava-louças até passear com os pets.

Eu diria que estamos a 5 ou 10 anos de eles serem capazes de realizar tarefas domésticas específicas bem. Mas um robô de propósito geral que possa fazer coisas como um humano e se adaptar a diferentes tarefas, isso será difícil.

Estamos mais perto desse tipo de robô ou de uma AGI, a IA que teoricamente fará tudo melhor que os humanos? Já temos IAs que conseguem fazer muitas coisas melhor do que os humanos. Eu não sei se o objetivo deveria ser esse. Seria muito melhor investir nas coisas que a IA consegue fazer bem e seguir nessa direção. Acho que seria um futuro muito mais frutífero ter dois tipos separados de inteligência.

E a robótica também deve seguir o mesmo caminho? Acho que as melhores aplicações para os robôs são aquelas que ajudam as pessoas a fazer um trabalho melhor ou que fazem algo que os humanos não conseguem fazer.

Em vez de apenas tentar substituir os trabalhadores na manufatura, acho que será mais lucrativo se pensarmos mais a longo prazo e readequar nossos locais de trabalho para aproveitar as habilidades dos robôs. Seria um futuro melhor em geral porque não causaria um deslocamento em massa da mão de obra humana. Mas poucas empresas pensam dessa forma porque tudo está configurado para incentivos de curto prazo.

Seu livro "The New Breed" faz um paralelo entre a nossa relação histórica com os animais e o nosso futuro com os robôs. Qual é essa conexão? Sempre achei muito limitante a comparação dos robôs com os humanos porque já lidamos com outros agentes que sentem, pensam, tomam decisões e aprendem. Os animais foram usados ao longo da história para trabalho, guerras, companhia, não porque eles são como nós, mas porque suas habilidades são diferentes das nossas, e isso é útil.

Essa analogia ajuda a ilustrar isso porque amplia nossas perspectivas para pensar nos robôs e na IA como parceiros, não como substitutos.

De que forma o trabalho será modificado à medida que esses avanços na robótica e na IA ocorrem? A forma como o futuro do trabalho evolui não tem apenas a ver com a forma como a tecnologia avança. São as escolhas que fazemos nas nossas economias políticas.

Se você pegar tecnologias automatizadas e as colocar em uma economia sem proteção ao trabalho, com incentivos ao lucro de curto prazo e que basicamente trata as pessoas como commodities substituíveis, você verá a tecnologia sendo usada para tentar substituir funcionários e ganhar dinheiro rapidamente.

Seria diferente se pudéssemos a tecnologia em uma economia com forte proteção ao trabalhador que permita um planejamento a longo prazo. Nesses contextos, você veria usos mais criativos da automação porque há mais valor a ser obtido a longo prazo.

Quais serão as habilidades mais valiosas nesse mercado de trabalho do futuro? Depende das escolhas que fazemos. Deveríamos nos inclinar para o uso do bom senso, da criatividade, da habilidade de entender o contexto de uma situação e de reagir a qualquer coisa inesperada. Os humanos são habilidosos nisso. Seria bom manter essas habilidades nas nossas mãos.

E acha que estamos fazendo as escolhas certas? Não. Acho que estamos tão focados em lucros de curto prazo que vejo muito investimento em tecnologias que são projetadas para substituir pessoas, mas que não vão fazer um bom trabalho substituindo pessoas.

Qual seria a direção certa a seguir? Reconhecer que há coisas que os humanos fazem bem e coisas que a IA faz bem, e tentar combinar essas coisas em vez de primeiro tentar automatizar alguém e depois ter que recontratá-lo.

Enquanto isso, o Vale do Silício tem alimentado o entusiasmo em torno da chegada de robôs humanoides e AGI. Como vê esse movimento? Robôs humanoides são difíceis de serem feitos, são superestimados, não entendo por que investem nisso. Parece uma visão muito limitante também.

Entendo que dá para ganhar dinheiro rapidamente colocando um humanoide em um trabalho para fazer o que uma pessoa faz. Pensarmos mais a longo prazo, em realmente mudar os fluxos e a organização do trabalho, exigiria um investimento maior, mas seria um uso melhor do dinheiro do que investir em humanoides.

Mesmo assim, várias grandes empresas estão investindo neles. Acho isso tão chato. Por que estamos tentando recriar algo que já temos? Poderíamos criar qualquer coisa. Poderíamos criar algo diferente.

Como um robô de estimação? Como um robô de estimação!



Fotos Zanone Fraissat/Folhapress

MPF e ativistas criticam contratos de eólicas no NE

Queixas vão da remuneração à falta de equilíbrio entre empresas e agricultores

Alex Sabino e Zanone Fraissat

CAMPINA GRANDE (PB), REMIGIO, CURRAIS NOVOS E SANTANA DO MATOS José Lopes Galvão pede para ser chamado de Zé de Elias no jeito nordestino de designar que se chama José e é filho de Elias. A terra em que vive, ao lado do Assentamento Acauã, em Santana do Matos, Rio Grande do Norte, era de seus avós.

O tempo todo, 24 horas por dia, vê e escuta um aerogerador ao lado de sua casa. Ele assinou contrato e arrendou a propriedade para o Complexo Eólico Acauã.

"Assinei na besteira. Estou arrependido. Nem sei direito quanto vou receber. Eles não me falaram, não", afirma, sentindo-se pior ainda com a lembrança da promessa de que embolsaria "muito dinheiro".

O rendimento tem sido de R$ 300 por mês. Considera um valor "ridículo". Mais quando cita o barulho do aerogerador à noite. Seu filho coloca pedaços de papel higiênico no ouvido na tentativa desesperada de conseguir dormir.

Zé de Elias é exemplo de problema que ronda o modelo de parques eólicos e solares no Nordeste: os contratos para arrendamento de terras de pequenos agricultores. Uma queixa que movimenta associações de moradores, ONGs, sindicatos, pesquisadores e o Ministério Público Federal.

"É uma Serra Pelada dos ventos", opina Fernando Joaquim Ferreira Maia, professor de direito da UFPB (Universidade Federal da Paraíba) e integrante do projeto Dom Quixote, que analisa questões da transição energética. A referência é ao garimpo a céu aberto no Pará que abriu uma corrida sem lei por metais preciosos.

"Os contratos são a mola de tudo isso. A empresa negocia diretamente com os agricultores numa desproporção, uma assimetria muito grande. O arrependimento vem depois."

Esta é a palavra mais usada por especialistas e advogados ouvidos pela **Folha** no Nordeste, quando o assunto eram os acordos que possibilitam as instalações de parques eólicos e solares: assimetria. Os documentos assinados por agricultores favoreceriam apenas uma parte.

"É quase um colonialismo", critica José Godoy Bezerra, procurador do Ministério Público Federal da Paraíba.

"De um lado, há empresas com conhecimento técnico e capacidade econômica. De outro, agricultores analfabetos, com zero conhecimento sobre energia. A boa-fé contratual não existe. É um processo o tempo todo atravessado, de má-fé. Isso não é energia limpa."

Na instalação de um parque, primeiro há a necessidade de medir os ventos ou a capacidade fotovoltaica (dos raios do sol) do local. Isso pode levar mais de um ano. Quando a viabilidade é constatada, as empresas precisam de terras para colocar o projeto de pé.

O Nordeste vive expansão de parques eólicos e produz 93,6% de toda a energia proveniente de ventos usada no país. Até a metade de 2023, o Brasil tinha 890 parques eólicos instalados em 12 estados. Desse total, 85% estão no Nordeste. O mercado já recebeu R$ 300 bilhões em investimentos. A avaliação das companhias é que até 2030 serão colocados mais R$ 175 bilhões em novos projetos. Os investimentos em usinas solares, desde 2012, foram de R$ 2,8 bilhões.

Os governadores da região estão interessadíssimos no assunto porque, além da arrecadação estadual, há o histórico de crescimento local.

Levantamento da Abeeólica (Associação Brasileira de Energia Eólica) aponta que o PIB (Produto Interno Bruto) das cidades que receberam parques cresceu 21% a partir da instalação e o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) aumentou 20%.

Ainda segundo a entidade de classe, cada R$ 1 colocado em energia eólica resulta em mais R$ 2,9 na economia local.





1 Parque eólico próximo ao assentamento Acauã, no Rio Grande do Norte **2** Moradora do Sítio de Dentro observa aerogerador **3** O agricultor José Lopes Galvão, que se arrependeu do contrato





> Nossa visão é mais no macro. As ações que apareceram até agora contra as empresas são iniciativas individuais, não algo coletivo. Até porque os contratos são entre privados
>
> **José Godoy Bezerra**
> procurador do Ministério Público Federal da Paraíba

Pode ser uma realidade no mercado macro, mas não é reconhecida por moradores de pequenas comunidades ou agricultores afetados pelos empreendimentos.

"Quando eles [da empresa] chegam, a lavagem cerebral é grande. O tempo passa, e os problemas começam. Os problemas existem, e, quando a choradeira fica grande, a empresa faz uma reunião e promete que vai resolver para todo mundo ficar quieto. Não querem divulgação. A maioria das reclamações é quando acontece atraso de pagamento", afirma Geraldo (nome fictício), morador de Junco do Seridó, na Paraíba, e arrendatário de terra para o Parque Eólico Serra do Seridó.

É algo repetido para a reportagem. Cada vez que acontece uma queixa pública, um funcionário do parque vai à comunidade assegurar que haverá soluções e pedir que aquilo não se repita. Nem sempre as promessas foram cumpridas.

Os contratos de arrendamento de terra são longos. Variam de 30 a 50 anos. Valem para os herdeiros. Há questionamentos quanto à perda do uso da terra pelo agricultor porque a companhia vai determinar que áreas utilizará da propriedade e que trechos serão liberados para cultivo.

Há as queixas sobre assimetria, renovação automática, possibilidade de desistência apenas pela empresa e, principalmente, valor pago.

"Esse é um ponto muito sensível. Há casos de R$ 300 anuais. São R$ 25 mensais na primeira fase de instalação. Isso pode levar dois ou três anos. Há a restrição ao uso da terra. Só pode plantar e construir o que a empresa permite. Você é o dono da terra, mas perde autonomia. No Ceará, foi colocada [aos agricultores] a proibição de cavar o solo", relata o advogado Rárisson Sampaio, professor da UFPB.

A mudança de patamar de remuneração acontece apenas quando a energia começa a ser negociada no mercado. Zé de Elias alega que o aerogerador em sua propriedade está em funcionamento há mais de um ano, mas ele continua a receber R$ 300 mensais.

"O retorno para o agricultor é de 1,5% do que é vendido, mas isso é um valor global do parque. Será dividido de acordo com os aerogeradores que estão em cada propriedade. E é o que a empresa diz que vendeu. Não há aferição", ressalta o procurador Godoy.

O Ministério Público fez solicitação ao Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e ao governo paraibano, no ano passado, para fiscalizar os contratos.

"Nossa visão é mais no macro. As ações que apareceram até agora contra as empresas são iniciativas individuais, não algo coletivo. Até porque os contratos são entre privados", completa Godoy, expondo o maior problema para quem reclama da forma como foram feitos os contratos: são acordos entre empresas privadas e indivíduos.

O Incra informa ter publicado a instrução normativa 112, em dezembro de 2021, para regulamentar a anuência do uso de terras de assentamentos para investimentos de energia. Esta apresenta todos os documentos, outorgas e licenciamentos para autorização do projeto. Mas nem todas as terras usadas para parques eólicos ou solares são espaços usados para assentamentos da reforma agrária.

Há a possibilidade de o agricultor arrendar a sua terra, mas, por decisão da empresa, esta não receber nenhum aerogerador. Nesse caso, durante todo o contrato, ele receberá o valor equivalente ao pago durante a construção.

"O avanço de energias renováveis de fonte eólica e solar no Nordeste brasileiro, com seus múltiplos e invisibilizados impactos sobre as comunidades, é mais uma faceta do que chamamos de racismo. Reproduz a exclusão de populações diretamente afetadas pelos empreendimentos. Verifica-se uma sobreposição de interesses econômicos privados em detrimento do bem-estar de comunidades no âmbito da exploração de energias renováveis no Brasil", diz relatório do Inesc, ONG que trata de políticas públicas e direitos humanos, publicado no ano passado.

Os relatos ouvidos em diferentes regiões da Paraíba e do Rio Grande do Norte têm alguns pontos em comum. O principal é a abordagem. No início, era um representante da companhia, engravatado, que fazia promessas de prosperidade e de uma renda que garantiria o futuro da família. O pedido era quase sempre para manter o contrato em sigilo após assinado. O documento não poderia ser levado para vizinhos, sindicatos ou associações de moradores.

Quando a estratégia ficou muito conhecida, os elos passaram a ser líderes comunitários encarregados de falar bem dos parques. Nos últimos tempos, a pressão passou a ser de governos municipais, interessados também na arrecadação do ISS (Imposto Sobre Serviços).

"As empresas usam também os contratos como banco de terras. Arrendam bem mais do que vão usar agora porque no futuro já têm o espaço garantido e evitam a concorrência", diz o advogado Claudionor Vital, 55, sócio do Centro de Ação Cultural da Paraíba.

O Governo da Paraíba, por meio da Sudema (Superintendência de Administração do Meio Ambiente), disse que os contratos entre empresas de parques eólicos e solares e pequenos agricultores são firmados entre particulares e o Estado não tem poder para interferir.

O Governo do Rio Grande do Norte declara atuar em "várias frentes com articulação multidisciplinar para mitigar os eventuais impactos dessas atividades" para que a transição energética ocorra da maneira mais justa possível.

A Abeeólica diz liderar um grupo de trabalho há dois anos para discutir e compartilhar boas práticas "e facilitar ações para solucionar as questões apontadas por comunidades vizinhas aos parques". A entidade considera que as queixas são "minoria em relação ao número de parques no país" e que as empresas cumprem a legislação vigente.

A Absolar (Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica) declara que a implantação de grandes usinas solares no Brasil atende a rigorosos requisitos legais e que são realizadas interações com as comunidades dos territórios e com os gestores públicos.

Responsável pelo complexo eólico Acauã, no Rio Grande do Norte, a Aliança Energia afirma que os contratos de arrendamento foram negociados com os proprietários das terras, que nenhum possui cláusula restringindo direito de associação ou representação jurídica. "A base de remuneração, após a entrada em operação do parque, é o percentual da receita e a área do imóvel", diz a empresa.

Operadora do Parque Eólico Serra do Seridó, a EDP diz que seus projetos "atendem todas as exigências dos órgãos reguladores e ambientais, garantindo a conformidade com as normas vigentes." Segundo a companhia, durante a fase pré-operacional, a área continua disponível para uso dos proprietários, enquanto são conduzidos estudos técnicos necessários.

Consultado pela reportagem, o Ministério das Minas e Energia não respondeu.

"Sabe qual foi o benefício que ficou para a gente? Nenhum. O legado foi dos impactos. Ficou a zoada", constata, melancólico José Antoniel de Lima, 37, presidente da Associação Assentamento Acauã, no Rio Grande do Norte. "Zoada" é o barulho que os aerogeradores fazem dia e noite.



LEILÃO JUDICIAL ELETRÔNICO

IMÓVEIS COM DESÁGIOS DE ATÉ 50% SOBRE O VALOR DE AVALIAÇÃO. APROVEITE!

Parque Fabril

Limeira/SP

Parque Fabril da Unigrês Cerâmica Ltda com área de 217.800 m². Localizado a 9 min. da Rod. Limeira--Piracicaba e a 18 min. do centro da cidade.

Leilão 15/08 - 15:00hs

Avaliação R$ 41.700.000,00 | Lances a partir de R$ 29.190.000,00

Juiz: Exmo. Dr. Mário Sergio Menezes
3ª Vara Cível de Limeira/SP



Imóvel Residencial

Porto Ferreira/SP

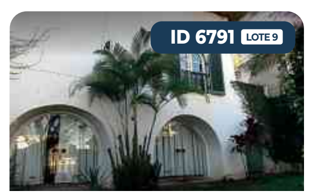
Imóvel com 474 m² de construção e terreno com área de 900 m². Localizado a 3 min. da Rod. Anhanguera e a 4 min. do centro da cidade.

Leilão 27/08 - 09:00hs

Avaliação R$ 2.713.908, 97 | Lances a partir de R$ 2.171.127,18

Juiz: Exmo. Dr. Leonardo Christiano Melo
2ª Vara Judicial de Porto Ferreira/SP





Imóvel Residencial

Bairro Indianópolis/SP

Imóvel assobradado com 300 m² de construção e terreno com área de 804 m². Localizado a 2 min. da Av. dos Bandeirantes e a 13 min. do Shopping Vila Olímpia.

Leilão 12/08 - 15:00hs

Avaliação R$ 4.600.000,00 | Lances a partir de R$ 2.300.000,00

Juíza: Exma. Dra. Clarissa Somesom Tauk
3ª Vara de Falências e Rec. Judiciais de São Paulo/SP



Terreno Rural

Bairro Vila Nova Galvão/SP

Terreno com área total de 20.988 m², localizado a 4 min. da Rod. Fernão Dias e a 16 min. do centro de Guarulhos.

1° Leilão 14/08 - 09:00hs
2° Leilão 04/09 - 09:00hs

Avaliação R$ 18.223.402,06 | Lances a partir de R$ 9.111.701,03

Juíza: Exma. Dra. Fernanda de Carvalho Queiroz
4ª Vara Cível do Foro Regional I - Santana/SP



Vaga de Garagem

Bairro Liberdade/SP

Vaga de garagem indeterminada no Edifício Roger Zmekhol na Liberdade/SP.

1° Leilão 14/08 - 09:00hs
2° Leilão 14/08 - 10:00hs

Avaliação R$ 300.400,51 | Lances a partir de R$ 255.340,43

Juiz: Exmo. Dr. Cassio Pereira Brisola
1ª Vara Cível do Foro Regional XI – Pinheiros/SP

Prédio Comercial

ID 6823

Jaguaré, São Paulo - SP

Imóvel de 3 pavimentos com 487 m² de construção e terreno com área de 520 m². Composto por salão, copa, 2 depósitos, 11 salas e 4 banheiros. Localizado a 7 min. do Continental Shopping e a 10 min. da Marginal Pinheiros.

1° Leilão 14/08 - 14:00hs
2° Leilão 14/08 - 15:00hs

Avaliação R$ 2.098.490,91 | Lances a partir de R$ 1.049.245,45

Juiz: Exmo. Dr. Cassio Pereira Brisola
1ª Vara Cível do Foro Regional XI – Pinheiros/SP



Galpão Comercial

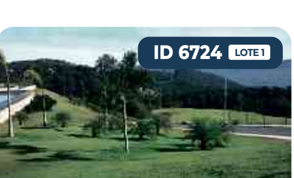
Itapetininga/SP

Imóvel comercial com 600 m² de construção e terreno com área de 1.200 m². Composto por 2 banheiros, escritório e vão livre.

Leilão 14/08 - 14:00hs

Avaliação R$ 1.824.887,90 | Lances a partir de R$ 1.094.932,75

Juiz: Exmo. Dr. Aparecido Cesar Machado
2ª Vara Cível de Itapetininga/SP



Terreno Urbano

Santana de Parnaíba/SP

Lote de terreno com 435 m² no Cond. Residencial e Comercial Serra do Sol - Altavis Aldeia. Localizado a 11 min. da Estrada dos Romeiros e a 23 min. da Rod. Presidente Castelo Branco.

Leilão 14/08 - 16:00hs

Avaliação R$ 540.398,64 | Lances a partir de R$ 270.199,32

Juíza: Exma. Dra. Natália Assis Mascarenhas
1ª Vara Cível de Santana de Parnaíba/SP



Terreno Urbano

Santana de Parnaíba/SP

Lote de terreno com 430 m² no Cond. Residencial e Comercial Serra do Sol - Altavis Aldeia. Localizado a 11 min. da Estrada dos Romeiros e a 23 min. da Rod. Presidente Castelo Branco.

Leilão 14/08 - 16:00hs

Avaliação R$ 537.875,00 | Lances a partir de R$ 277.546,90

Juíza: Exma. Dra. Natália Assis Mascarenhas
1ª Vara Cível de Santana de Parnaíba/SP



Terreno Urbano

Cuiabá/MT

Terreno urbano com área de 15.840 m². Localizado a 3 min. da Av. Fernando Corrêa da Costa e a 13 min. do centro da cidade.

Leilão 15/08 - 15:00hs



Avaliação R$ 3.249.866,27 | Lances a partir de R$ 1.624.933,14

Juiz: Exmo. Dr. Raul de Aguiar Ribeiro Filho
3ª Vara Cível de Barueri/SP

Imóvel de uso misto

ID 6829 — DESOCUPADO

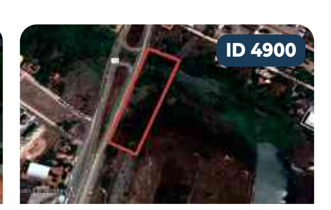
São Paulo/SP

Imóvel de caracterização mista (residencial e comercial), com 294 m² de construção e terreno com área de 455 m². Localizado a 9 min. do Shopping Campo Limpo.

1° Leilão 21/08 - 10:00hs
2° Leilão 05/09 - 10:00hs

Avaliação R$ 994.733,57 | Lances a partir de R$ 497.366,78

Juíza: Exma. Dra. Clarissa Somesom Tauk
3ª Vara de Falências e Rec. Judiciais de São Paulo/SP



Terreno Urbano

Eusébio/CE

Área com 20.000 m², composta por formação em vegetação nativa, localizada em frente a Rodovia BR-116. Não há edificações e o imóvel encontra-se cercado.

1° Leilão 21/08 - 14:00hs
2° Leilão 28/08 - 14:00hs

Avaliação R$ 3.232.566,34 | Lances a partir de R$ 1.616.283,17

Juíza: Exma. Dra. Cyntia Andraus Carretta
3ª Vara Cível de Rio Claro/SP



Apartamento com 109 m²

Guarujá/SP

Imóvel tipo cobertura no Ed. Chateau Marville, composto por sala, terraço, lavabo, 3 dorms, 1 suíte, cozinha, área de serviços, depend. de empregados, área com churrasqueira, piscina, salão de jogos e vaga de garagem dupla.

Leilão 27/08 - 09:30hs

Avaliação R$ 1.090.791,87 | Lances a partir de R$ 545.395,93

Juiz: Exmo. Dr. Marcelo Machado da Silva
4ª Vara Cível de Guarujá/SP



Imóvel Residencial

São Bernardo do Campo/SP

Imóvel com 112 m² de construção e terreno com área de 250 m². Localizado a 5 min. do Golden Square Shopping e a 10 min. da Rodovia Anchieta.

Leilão 27/08 - 09:30hs

Avaliação R$ 1.760.089,88 | Lances a partir de R$ 1.613.298,37

Juiz: Exmo. Dr. Gustavo Dall'olio
8ª Vara Cível de São Bernardo do Campo/SP



Imóvel Residencial

Franca/SP

Imóvel com 153 m² de construção e terreno com área de 304 m². Localizado a 1 min. da Av. Dr. Hélio Palermo e a 8 min. do Franca Shopping.

Leilão 27/08 - 09:30hs



Avaliação R$ 635.585,71 | Lances a partir de R$ 381.351,42

Juiz: Exmo. Dr. Humberto Rocha
3ª Vara Cível de Franca/SP

Chácara e Terreno

ID 6047

São Roque/SP

Chácara com 245 m² de construção e terreno com 8.899 m². Composta por piscina, casa sede de 165 m² e casa de caseiro com 56 m². Localizado a 5 min. da Rod. Bunjiro Nakao e a 9 min. do centro de Vargem Grande Paulista.

Leilão 27/08 - 10:00hs

Avaliação R$ 1.265.989,59 | Lances a partir de R$ 632.994,79

Juiz: Exmo. Dr. Ricardo Augusto Galvao de Souza
2ª Vara Cível de Franca/SP



Prédio Residencial

Santa Isabel/SP

Imóvel com 390 m², localizado ao lado do Cine Teatro e a 2 min. da ETEC de Santa Isabel. Próximo a alguns comércios locais, com acesso pela Av. Prefeito João Pires Filho.

Leilão 27/08 - 11:00hs

Avaliação R$ 1.592.349,33 | Lances a partir de R$ 955.409,59

Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP





Imóvel de uso misto

Diadema - SP

Imóvel com 210 m² de construção e terreno com área de 429 m² utilizado para fins comerciais e residenciais. Localizado a 12 min. do centro de Diadema e a 13 min. da Rod. dos Imigrantes.

Leilão 27/08 - 11:00hs

Avaliação R$ 1.207.877,89 | Lances a partir de R$ 724.726,73

Juiz: Exmo. Dr. Ju Hyeon Lee
1ª Vara do Juizado Esp. Cível do Foro Reg. III - Jabaquara/SP



Terreno Rural

Torrinha/SP

Imóvel denominado Chácara Aratá com área de 40.840 m². Composto por prédio residencial, terreiro ladrilhado, 1500 pés de café, pomar, cercas de arame e pastagens.

Leilão 27/08 - 11:00hs

Avaliação R$ 1.000.000,00 | Lances a partir de R$ 850.000,00

Juiz: Exmo. Dr. Claudio Luis Pavao
1ª Vara Cível de Brotas/SP



Imóvel Residencial

Bairro Planalto Paulista/SP

Imóvel com 254 m² de construção e terreno com área de 500 m², composto por residência com 2 edículas. Localizado a 3 min. do Shopping Garden Sul.

Leilão 27/08 - 11:30hs

Avaliação R$ 1.582.660,61 | Lances a partir de R$ 791.330,30

Juíza: Exma. Dra. Samira de Castro Lorena
4ª Vara Cível do Foro Regional III – Jabaquara/SP

Apartamento com 158 m²

ID 5141

São José dos Campos/SP

Imóvel no Edifício Marya Lúcia, composto por 4 dorms, sendo 2 suítes, com sala de estar e jantar, sacada, cozinha, banheiro e área de serviço.

Leilão 27/08 - 11:30hs

Avaliação R$ 848.625,64 | Lances a partir de R$ 795.586,54

Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP



Imóvel Residencial

Guarulhos/SP

Imóvel com área de 250 m², composto por 2 sobrados e edícula. Localizado a 5 min. do Parque Shopping Maia e a 9 min. da Rod. Fernão Dias.

Leilão 27/08 - 11:30hs

Avaliação R$ 1.268.789,56 | Lances a partir de R$ 634.394,78

Juiz: Exmo. Dr. Jaime Henriques da Costa
2ª Vara Cível de Guarulhos/SP



Imóvel Residencial

São Bernardo do Campo/SP

Imóvel com área de 432 m², localizado a 4 min. da Rodovia Anchieta e a 8 min. do Shopping Metrópole.

Leilão 27/08 - 14:00hs

Avaliação R$ 1.470.027,92 | Lances a partir de R$ 1.436.511,28

Juiz: Exmo. Dr. Og Cristian Mantuan
4ª Vara Cível de Diadema/SP



Imóvel Residencial

Rio Claro/SP

Imóvel com 205 m² de construção e terreno com área de 402 m². Composto por abrigo, sala estar e jantar, 3 banheiros, 3 dorms, sendo 1 suíte, copa/cozinha, lavanderia, área externa e garagem para 2 veículos.

Leilão 27/08 - 14:00hs

Avaliação R$ 672.492,11 | Lances a partir de R$ 403.495,26

Juiz: Exmo. Dr. Alexandre Dalberto Barbosa
1ª Vara Cível de Rio Claro/SP



Imóvel Residencial

Praia Grande/SP

Imóvel com 180 m² de construção sobre terreno de 362 m² e 2 vagas de garagem. Localizado em frente a orla da praia Solemar, com fácil acesso pela Avenida Presidente Kennedy.

Leilão 02/09 - 11:30hs

Avaliação R$ 991.132,08 | Lances a partir de R$ 792.905,66

Juíza: Exma. Dra. Caroline Q. da Silveira Pereira
1ª Vara da Fazenda Pública de Guarulhos/SP

Prédio e Gapão

ID 6852

Manaus/AM

Imóvel comercial com área de 2.048 m², localizado às margens da Rod. Álvaro Maia e a 10 min. do centro da cidade.

1° Leilão 04/09 - 10:00hs
2° Leilão 19/09 - 10:00hs



Avaliação R$ 2.298.151,89 | Lances a partir de R$ 1.149.075,95

Juiz: Exmo. Dr. Leonardo Fernandes dos Santos
3ª Vara de Falências e R. J. do Foro Central de São Paulo/SP



Apartameto Duplex

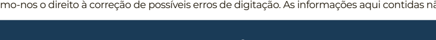
São José dos Campos/SP

Imóvel no Condomínio Porto Seguro com 254 m², localizado a 8 min. do Centervale Shopping e a 12 min. do centro da cidade.

1° Leilão 04/09 - 10:00hs
2° Leilão 25/09 - 10:00hs

Avaliação R$ 1.277.973,63 | Lances a partir de R$ 1.022.378,90

Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP



Reservamo-nos o direito à correção de possíveis erros de digitação. As informações aqui contidas não substituem o edital.

11 3969 1200 | 0800 789 1200 | 11 95577 1200 | www.leje.com.br | @lejeoficial | Leilão Judicial Eletrônico

mercado

Minha Casa, Minha Vida prioriza moradia no Sudeste

Programa deixa de lado estados com alto déficit habitacional, como Pará

Lucas Marchesini

BRASÍLIA O Minha Casa, Minha Vida vive novo impulso no terceiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), mas o desempenho está distante da sua época de ouro, durante o governo Dilma Rousseff (PT). Além disso, a distribuição dos novos empreendimentos diverge em parte do mapa do déficit habitacional do Brasil.

Quase metade das residências contratadas no novo Minha Casa, Minha Vida está no Sudeste. São 396 mil unidades de um total de 826 mil anunciadas desde a retomada do programa, em 2023.

A maioria está no estado de São Paulo, que acumula 270 mil imóveis enquadrados. Em seguida vêm Minas Gerais, com 79,6 mil unidades, e Paraná, com 68 mil.

O principal programa habitacional dos governos do PT foi recriado em fevereiro do ano passado. Ele foi substituído no governo Jair Bolsonaro (PL) pelo Casa Verde Amarela, ação que sofreu reduções expressivas de verba e retirou de seu foco a faixa que atende as famílias mais pobres.

O cruzamento das novas unidades com os dados sobre pessoas que estão em condição de moradia precária, compilados pela Fundação João Pinheiro, mostra que alguns estados com alto déficit habitacional não têm sido priorizados.

Os dois primeiros lugares no número de unidades do Minha Casa, Minha Vida são também os dois estados com o maior problema habitacional, de acordo com essa medida. São Paulo tem um déficit de 1,250 milhão de residências, e Minas Gerais, de 557 mil.

É a partir daí que a situação diverge. O terceiro maior déficit habitacional é o do Rio, com 544 mil. O estado é, no entanto, o sexto em unidades do Minha Casa, com 39 mil.

Paraná, o terceiro em número de unidades do Minha Casa, Minha Vida, é o sétimo em déficit habitacional.

As maiores disparidades nas duas métricas estão no Maranhão e no Pará. O estado nordestino tem o sexto maior déficit habitacional (320 mil) e está na posição 16 em unidades anunciadas do Minha Casa, Minha Vida. Já o Pará tem o quinto maior déficit habitacional e é o 19º em residências anunciadas do programa habitacional.

O diretor do Fórum Norte Nordeste da Indústria da Construção Civil, André Baia, aponta duas razões para o Sudeste liderar no número de residências do Minha Casa.

"A renda média do Norte e Nordeste é bem mais baixa e por isso a Caixa tem mais dificuldades para conceder crédito, especialmente para as rendas abaixo de R$ 2.000, que são a grande maioria do Norte e Nordeste", avaliou.

Nesse caso, disse, seriam necessários mais subsídios para alavancar o financiamento de imóveis para esse perfil.

"A segunda razão, especialmente no Norte, é que material de construção é mais caro por razão logística. O acesso é mais difícil, o que torna material de construção bem mais caro. Nesse caso, o ideal é que métodos construtivos com madeira possam ser homologados por lá e para isso é necessária a atuação de diversos órgãos", sugeriu.

O Ministério das Cidades não respondeu a questionamentos feitos pela **Folha**.

Lançado pela primeira vez em 2009, o programa viveu seu auge na gestão Dilma.

Em 2023, foram 491 mil unidades contratadas. Neste ano, outras 335 mil foram adicionadas ao programa. Os números são menores que os de todos os anos entre 2009 e 2014.

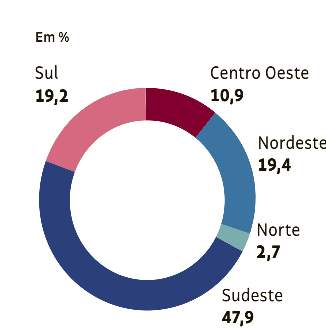
Em 2024, o ministério prevê contratar pelo menos 100 mil novas unidades subsidiadas e financiar 607 mil com recursos do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço).

O Ministério das Cidades pode suspender a seleção de 30 mil novas moradias do programa devido ao congelamento de gastos no Orçamento. As unidades seriam instaladas em municípios com até 50 mil habitantes, para atender famílias da faixa 1.

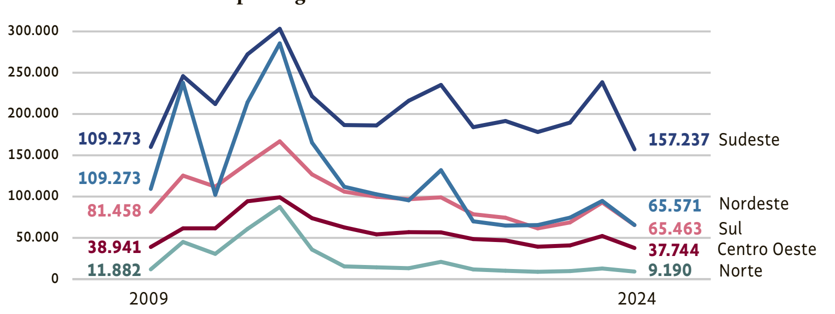
Unidades habitacionais por região

■ 2023 ■ 2024

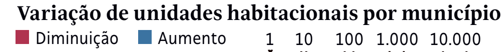
350.000
300.000
250.000
200.000
150.000
100.000
50.000
0
Sudeste Nordeste Sul Centro Oeste Norte

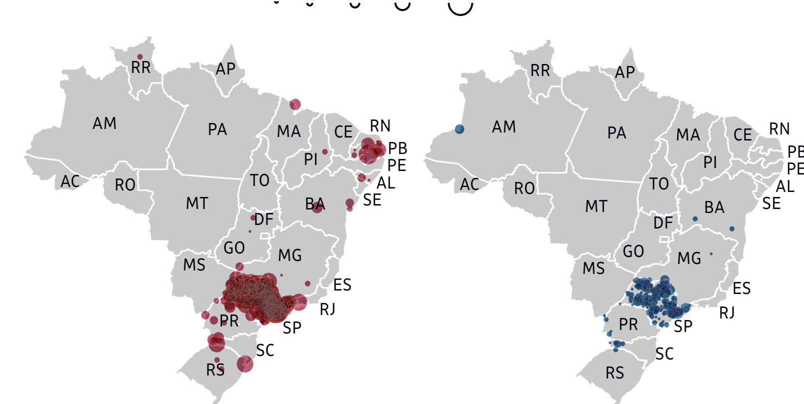


Unidades habitacionais por região

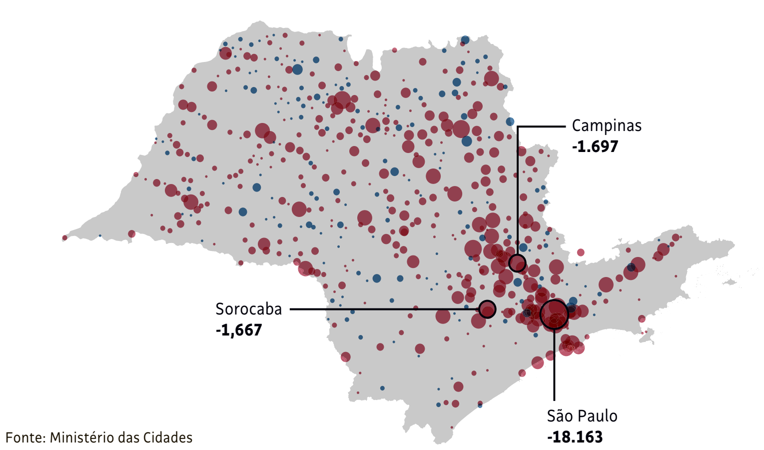


Variação de unidades habitacionais por município





Variação de unidades habitacionais por município paulistano



Fonte: Ministério das Cidades



Vinicius Torres Freire
o colunista está em férias

Pai pode ter mesmo efeito do Pé de Meia na evasão escolar

Precisamos incentivar a paternidade ativa saudável em todas as suas formas

OPINIÃO

Laura Müller Machado
Mestre em economia aplicada pela USP, é professora do Insper e foi secretária de Desenvolvimento Social do Estado de São Paulo

A sociedade brasileira tem refletido e discutido mais sobre a figura paterna na vida dos filhos. Dar banho, colocar para dormir, ajudar nas tarefas da escola, planejar e participar da programação com os filhos e estar disponível para conversar são exemplos de uma paternidade ativa. Quão importante é o papel do pai?

A atividade de cuidado e de participação na vida dos filhos está concentrada nas mulheres. Dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2022 mostram que, considerando casais que exercem alguma atividade profissional e que não têm filhos ou têm filhos com mais de quatro anos, a alocação de horas à vida doméstica varia a depender da presença de filhos.

Mulheres com filhos dedicam em torno de 20 horas por semana às tarefas domésticas, enquanto mulheres sem filhos, 15 horas, uma diferença de 33%. Homens com filhos concentram em torno de 11 horas por semana nas tarefas domésticas; homens sem filhos, 10 horas, 10% menos. É curioso como homens com e sem filhos destinam quase as mesmas horas nos trabalhos e cuidados domésticos.

Considerando que a presença de uma criança demanda cuidado e atenção, talvez nossa sociedade não esteja habituada mesmo a visualizar os pais nas atividades de cuidado, pois todo o ajuste acontece no tempo de dedicação feminino.

Parece que naturalizamos a ausência dos pais, tanto dos que estão na mesma casa do filhos quanto dos que não estão. Será mesmo que ter um pai presente faz alguma diferença?

A Pnad nos permite ver o impacto de ter um pai que mora no mesmo domicílio na probabilidade de um jovem aos 16 anos não frequentar ou concluir o ensino médio. Sabemos que importante não é necessariamente viver na mesma casa, mas ser participativo ou não, mas podemos usar esse dado sabendo de sua limitação.

Um menino negro que não mora com o pai tem 20% de probabilidade de deixar a escola, enquanto um menino negro que mora com o pai tem 12%, um impacto de 8% a mais na chance de evasão no caso da ausência do pai. Uma menina branca que não mora com o pai tem 9% de probabilidade de evasão, enquanto uma menina que mora tem 6%, 3% a mais de chance de evasão.

Assim, o pai pode ser tão importante que apresenta o mesmo efeito na redução da evasão escolar do que o programa Pé de Meia, do governo.

Essa comparação limitada ajuda a tangibilizar a importância da paternidade. Imaginemos, então, qual seria o impacto do aumento da paternidade ativa.

Concluir o ensino médio muda uma vida: aumenta a empregabilidade, a produtividade, a saúde, entre outros. Também sabemos que a presença paterna influencia outras áreas. É de esperar que um pai participativo e saudável ajuda os filhos a ter mais empatia e segurança emocional, o que, novamente, gera uma série de efeitos positivos.

As implicações para a política pública são fortes. Precisamos estimular e incentivar a paternidade ativa saudável em todas as suas formas. Começando, por exemplo, com a licença-paternidade.

Em termos culturais, uma licença-paternidade de cinco dias sinaliza para todos que a dedicação de cuidados deve ser desigual e que o papel do pai é menos relevante, justamente em um momento tão delicado quanto os primeiros momentos de vida.

Outra iniciativa importante seria contar aos pais o tamanho da sua importância, que é muito maior que a do Pé de Meia.

A paternidade ativa fortalece os vínculos afetivos e emocionais com os filhos, além de trazer mais significado para a vida do pai. É crucial reforçar que o pai tem um papel tão importante quanto o da mãe na vida de um filho, e as consequências de um papel bem cumprido são estrondosas.

Edital de Convocação de Assembleia Geral Ordinária

SISDERESP

O Sindicato dos Servidores do Departamento de Estradas de Rodagem do Estado de São Paulo - SISDERESP, pelo presente Edital de Convocação, **Convoca Assembleia Geral da Categoria** a realizar-se no dia 31/08/2024, em sua sede sito à Rua Silveira Martins, nº 53 - 3º Andar - Bairro Sé - São Paulo - CEP 01019-000, Fone (xxx11) 3242-4124, inscrito no CNPJ nº 57.326.639/0001-89. Em 1ª convocação às 09h00min, com a presença de 50% mais um, e em 2ª convocação às 09h30min, com qualquer número dos presentes, para deliberação da seguinte Pauta: a) Análise e discussão do Balanço do Exercício 2023, b) Mudança no Estatuto do Artigo referente a Eleição da Diretoria Executiva, c) Eleição Diretoria, d) Alugar ou Comprar Casa/Sede para o Sindicato, e) Venda da Sede.

São Paulo, 10 de agosto de 2024

CLAUDINEI APARECIDO MANEA - Presidente

Edital de Convocação - O presidente do **SINDICATO DOS SERVIDORES PÚBLICOS MUNICIPAIS DE TIETÊ E JUMIRIM -** Inscrito sob o CNPJ: 07.381.962.0001/87, no uso de suas atribuições legais e estatutárias, vem convocar as eleições para cumprimento de mandato sindical de cinco anos com início em 03 de abril de 2025 a 02 de abril de 2030. As eleições sindicais serão realizadas nos dias **16 e 17 de Setembro de 2024 das 08:00 às 18:00 horas,** com urnas fixas no sindicato, na Rua do Comércio, 712, Centro, Tietê/SP, e urnas itinerantes, quantas se fizerem necessárias, as quais percorrerão todos os locais de trabalho dos servidores públicos municipais de Tietê e Jumirim com os associados aptos a votar. O prazo para registro de chapas para preenchimento dos cargos para diretoria, conselho fiscal, conselho de representantes efetivos e seus respectivos suplentes será de cinco dias, iniciando-se em 12 de Agosto de 2024 e com término em 16 de Agosto de 2024, na secretaria Eleitoral do Sindicato, que atenderá das 08:00 às 14:00 horas, na Rua do Comércio, 712, Centro, Tietê/SP, onde haverá pessoa habilitada para atender e receber a inscrição da chapa. O prazo para propositura de impugnação contra candidatos ou chapas e também o processo eleitoral será de cinco dias a contar da publicação das chapas inscritas; caso não seja alcançado o quórum em primeira votação conforme as normas estatutárias, a segunda votação será nos dias **18 e 19 de Setembro de 2024,** e se mesmo assim não atingir o quórum, será realizada uma terceira votação nos dias **23 e 24 de setembro de 2024.** Caso houver empate entre as Chapas, será realizada nova votação nos dias **25 e 26 de Setembro de 2024,** seguindo sempre os mesmos horários e locais da Primeira votação. Este edital será afixado no quadro de aviso no sindicato e nos locais que determina o Estatuto. Presidente Cesar Dal Pozzo Ercolim. Tietê - SP, 11 de Agosto de 2024.

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

FRAZÃO Leilões — Itaú

Ana Claudia Carolina Campos Frazão, Leiloeira inscrita na JUCESP sob o nº 836, com escritório Rua Hipódromo, 1141, sala 66, Mooca, São Paulo/SP, devidamente autorizada pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setúbal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de bem imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação e Outras Avenças de nº 10141770009, no qual figura como **Fiduciante ESPÓLIO DE CELIA MARIA DE SYLOS,** representado pela inventariante **CELMA REGINA DE SYLOS CASSIMIRO**, brasileira, viúva, RG nº 3.185.276-SSP/SP, CPF/MF nº 028.946,618-00, residente e domiciliada em Itapetininga/SP, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line,** nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no **dia 30/08/2024 às 15h30min, à Rua Hipódromo, 1141, sala 66, Mooca, São Paulo/SP**, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 885.146,94** (oitocentos e oitenta e cinco mil cento e quarenta e seis reais e noventa e quatro centavos), **o imóvel objeto da matrícula nº 74.814 e 74.815 do 1º Cartório de Registro de Imóveis de Campinas/SP**, com a propriedade consolidada em nome do credor Fiduciário constituído por: "**11) Apartamento sob número 28** (vinte e oito), localizado no 2º andar do **Edifício Solar Mil Fontes** [...]

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

FRAZÃO Leilões — Itaú

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

FRAZÃO Leilões — Itaú

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

FRAZÃO Leilões — Itaú

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

FRAZÃO Leilões — Itaú

[...] de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.FrazaoLeiloes.com.br , respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.FrazaoLeiloes.com.br , e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção HABILITE-SE, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil**. As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial. (RENAC-2869-02)

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

FRAZÃO Leilões — Itaú

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

FRAZÃO Leilões — Itaú

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

megaleilões

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

FRAZÃO Leilões — Itaú

1º LEILÃO: 30 de agosto de 2024, às 14h00min *.
2º LEILÃO: 11 de setembro de 2024, às 14h00min *. (*horário de Brasília)

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO DA FMRP-USP

O Órgão Setorial de Recursos Humanos do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, pelo presente, **CONVOCA** os candidatos inscritos para as provas, dos Concursos abaixo relacionados:

- **AGENTE TÉCNICO DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE (PSICÓLOGO), para atuar junto a oficina ortopédica do Centro de Reabilitação - Edital nº 26/2024**
- **AGENTE TÉCNICO DE ASSISTÊNCIA À SAÚDE (FISIOTERAPEUTA), para atuar junto a oficina ortopédica do Centro de Reabilitação - Edital nº 27/2024**

CONVOCAÇÃO PARA A PROVAS

DATA: 18/08/2024 – 08:00H.
LOCAL: ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO – USP (EERP-USP - Campus Universitário s/n – Monte Alegre – Ribeirão Preto – SP).
(Via de acesso pela Av. Prof. Dr. Hélio Lourenço).

Os candidatos deverão comparecer ao local da prova, pelo menos **45 (quarenta e cinco) minutos** antes do horário marcado, portando documento oficial de identidade com foto, comprovante de inscrição, caneta esferográfica de tinta azul ou preta de corpo transparente e copo/garrafa de água.

O Edital na íntegra encontra-se no site https://site.hcrp.usp.br/

EDITAL ÚNICO DE LEILÃO | PRESENCIAL E ON-LINE

BIASI leilões — RODOBENS

1º Leilão: dia 19/08/2024 às 10h — 2º Leilão: dia 21/08/2024 às 10h

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br


Edson Ikê

Jabutis com várias pernas

Novos subsídios a áreas de energia oneram a população e exemplificam o patrimonialismo

Marcos Lisboa
Ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda (2003-2005) e doutor em economia.

Não deveria ser surpresa. Mais uma vez, o patrimonialismo do Brasil distribui privilégios, desta vez para algumas empresas do setor de energia.

Na semana passada, o pedágio foi anunciado por portaria do Ministério de Minas e Energia. A conta será alta para muitas famílias e empresas; cerca de R$ 7 bilhões por ano, como relatou esta Folha.

Como acontece com frequência por aqui, o diabo está nos detalhes. Na profusão de decretos e medidas provisórias, o discurso de energia renovável garante subsídios a quem não precisa e incorpora proteções para fontes poluentes na produção de energia.

Termoelétricas a carvão no Rio Grande do Sul se valem de congressistas para impor a sua participação nos leilões de reserva de capacidade de energia.

Essa medida significa proteger combustíveis fósseis. Assim vamos.

A energia solar, por sua vez, não paga pela infraestrutura de transmissão. Isso beneficia os seus usuários, mas os custos são arcados pelos demais consumidores de energia.

Grandes empresas instalaram "fazendas solares", que se valem da infraestrutura instalada para consumir a energia subsidiada em diversas localidades.

O subsídio cruzado tinha prazo para terminar, até porque o custo da energia solar caiu significativamente na última década.

Uma vez competitiva, a energia solar deveria arcar com sua cota do custo da infraestrutura que a distribui pelo país, para benefício de quem consome aqui a energia produzida acolá.

Nada disso. Rapidamente, surgiu o chavão "taxar o sol"; na sequência, o presidente anterior declarou a sua indignação; e o subsídio vem sendo prorrogado, com a conta sendo paga pelo restante da sociedade.

Novas propostas alteram os fundos para substituir energia "suja", como diesel. Os recursos passariam a auxiliar a queda do custo da energia em áreas localizadas, como o Amapá.

A política paroquial, dominante no Congresso, concede privilégios para grupos com peso no Senado, em prejuízo do bem comum.

Com a capitalização da Eletrobras, novas modalidades de subsídios na conta de energia foram inseridas. A criatividade parece não ter limite, como na distribuição de subsídios e proteções a outras formas de energia.

A MP 1.212, proposta pelo governo, altera a previsão legal de a Eletrobras transferir recursos para reduzir os subsídios concedidos pelo setor elétrico.

A medida propõe vender os benefícios futuros ("securitizar" é o jargão) para reduzir o preço da energia a curto prazo, deixando a conta para o futuro.

A taxa de juros é alta no Brasil. Melhor se preparar para o desconto a ser concedido aos compradores desses títulos.

A conta será paga pelos consumidores de energia, que irão arcar com preços mais altos quando passar o efeito imediato do populismo.

Nada de novo no paraíso.

Muitas das novas fontes de energia são intermitentes, dependendo do vento e da luz solar. No fim do dia, por exemplo, os consumidores têm que recorrer às fontes tradicionais, que devem ter capacidade para satisfazer à demanda.

Como os subsídios fragilizaram a oferta de energia tradicional, o ONS (Operador Nacional do Sistema Elétrico) pediu a grandes consumidores (essencialmente, da indústria) que reduzissem seu consumo nos momentos de pico de demanda, prejudicando a produção, o emprego e a renda.

A falta de uma política de energia, com objetivos e metas discutidos com transparência, acaba facilitando o trabalho dos lobbies.

Na profusão de medidas desencontradas, são adicionados artigos de lei que capturam recursos da sociedade; por vezes, na contramão de uma matriz energética mais sustentável e limpa.

As propostas do Executivo e do Congresso deveriam ser antecedidas por audiências públicas. Isso permitiria às diversas partes apresentar estudos técnicos, com dados abertos para conferência por parte de especialistas, que poderiam analisar o seu impacto.

Mas a luz do sol (o melhor desinfetante, como dizia Louis Brandeis, juiz da Suprema Corte americana) parece ser indesejável aos lobbies e seus vínculos com o poder público.

Na sombra, o que temos são os usuais "jabutis", como são denominadas as medidas introduzidas no Congresso que desvirtuam a proposta original.

A energia a gás, por exemplo, pode ser um apoio importante para a matriz do setor elétrico.

Mas por que impor que o gás, extraído no litoral, tenha que viajar até o Centro-Oeste e o Norte do país por meio de gasodutos, para então ser transformado em energia que, na sequência, deve ser transferida para o centro-sul, onde será consumida?

Não seria mais fácil, e barato, transformar o gás em energia no litoral do Rio de Janeiro, por exemplo, evitando a logística cara que beneficia apenas alguns poucos operadores?

Esse não é o único exemplo de criação de logística complexa e socialmente custosa para poder extrair, no meio do caminho, um pedágio, uma pequena fração do gasto com esses projetos mirabolantes, que beneficia grupos de interesse.

Na frase irônica de tempos atrás, sairia mais barato pagar diretamente o que pedem esses lobbies. Em troca, seus projetos seriam arquivados.

Os jabutis no Brasil por vezes são sutis e têm múltiplas pernas. Quando menos se espera, uma delas se revela sanguessuga.

DOM. Ana Paula Vescovi, Marcos Lisboa, **Candido Bracher**

Licença-paternidade maior vira trunfo para empresas

Adesão é baixa, e maioria dos trabalhadores tem afastamento de cinco dias

Lara Barsi

NITERÓI Com a Constituição garantindo apenas cinco dias de licença-paternidade, empresas que desejam melhorar seus índices de atração e retenção de funcionários veem o aumento do afastamento como um trunfo.

Mas essa é uma realidade de poucos. Levantamento da VR, empresa de soluções para recursos humanos, mostra que 79% dos pais tiraram os cinco dias regulares, ou seja, 8 a cada 10 tiveram só o tempo estabelecido na CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) para se afastarem do trabalho. Os dados foram extraídos de uma base de 28 mil empresas que utilizam os serviços de gestão de capital humano da VR.

O gerente de projetos da Sanofi, Webster Baroni, 52, ficou afastado por seis meses quando seu filho Noah, hoje com dois anos e meio, nasceu. Ele ficou responsável pelo cuidado integral do bebê, pois seu marido, empresário e professor de educação física, não conseguiu se afastar do trabalho.

"Todos os colegas com quem eu compartilhava o fato de ter a licença estendida ficaram surpresos ao descobrir o tempo que eu poderia ficar com o meu filho. Eles diziam: 'Nossa, como eu gostaria de ter tido esses meses quando o meu filho nasceu'", afirma.

Segundo Webster, a iniciativa partiu da própria Sanofi.

O head de pessoas e cultura da Sanofi Brasil, Pedro Pittella, vê vantagens como redução do estresse e da ansiedade dos colaboradores e maior conexão com a empresa. "A licença está alinhada à nossa preocupação com o bem-estar dos funcionários e permite que homens e mulheres vivenciem com equidade o momento da parentalidade."

Segundo Camila Bruzzi e Caroline Burle, presidente e presidente-adjunta, respectivamente, da Coalizão Licença Paternidade, as empresas que adotam a licença ampliada têm conseguindo fortalecer a atração e a retenção de talentos e a criação de ambientes de trabalho mais inclusivos, o que estimula outras empresas a seguir a tendência. A aliança é formada por indivíduos, empresas e instituições em prol da extensão da licença de forma remunerada e obrigatória no Brasil.

Os colaboradores da Diageo Brasil podem usufruir de seis meses de licença. O chefe de finanças e estratégia comercial, César Silva, 37, e o diretor de marketing do cliente, Alain Lamenza, 35, são alguns dos funcionários que optaram por ficar 180 dias com os filhos.

"Minha experiência foi incrível. Além de estar perto da Manuela, que é a recém-nascida, pude aproveitar o Lucas, meu filho de três anos. Reforcei também os laços com a minha esposa, Vanessa, podendo cuidar dela nos primeiros meses da maternidade", diz César Silva, que adicionou 20 dias de férias à licença.


Rodrigo Fernandes, 32, e a filha Isabella; ele teve afastamento de 120 dias do Boticário para cuidar da bebê Arquivo pessoal


Francisco Rodrigues, que trabalha em startup e teve licenças ampliadas após o nascimento dos filhos Jarbas Oliveira/Folhapress

Funcionários do Grupo Boticário também têm direito à licença ampliada. O assistente da Força de Vendas Central Rodrigo Fernandes, 32, é um deles. Na empresa há 11 meses, teve 120 dias de afastamento para cuidar da filha.

"O colaborador sente que ele e sua família são valorizados. Entende-se que a empresa preza pelo bem familiar. Voltei muito animado para trabalhar, com sentimento de dever cumprido", diz.

Segundo o vice-presidente de Pessoas e Tecnologia do Grupo Boticário, Daniel Knopfholz, no período da licença, todos os benefícios são mantidos e o salário segue sendo pago integralmente. A licença é ofertada para homens, casais homoafetivos e pais de filhos não consanguíneos, com 120 dias obrigatórios, além de mulheres e pessoas que gestam, com até 180 dias.

"O retorno que escutamos dos nossos colaboradores só reforça como o benefício estimula que homens e mulheres possam exercer o seu papel familiar igualmente. Alguns pais assumem os cuidados do bebê e dividem as tarefas da casa, além de dar o apoio emocional às suas parceiras. A licença parental universal ainda mitiga o desenvolvimento do viés inconsciente de que as mulheres representam um 'risco' para as empresas."

O levantamento "Radar da Parentalidade", realizado com 803 colaboradores em julho deste ano, aponta que 69% dos entrevistados acreditam que a existência de uma licença-paternidade estendida seria um fator relevante na decisão de um futuro pai por permanecer ou trocar de emprego. O benefício está entre os cinco mais importantes para eles.

O radar revela que 82% dos pais desejam licença-paternidade estendida, sendo 34% superior a 21 dias, 26% superior a 120 dias ou mais e 22% de 6 a 22 dias. Só 11% concordam com os cinco dias atuais.

Parte dos empregadores também vê no Programa Empresa Cidadã uma saída. A licença-paternidade cidadã prorroga o afastamento para mães e pais. Para pais, são acrescidos 15 dias (o tempo total passa a ser de 20 dias).

O engenheiro de software Francisco Rodrigues, 29, trabalha para a startup de gestão financeira Arquivei desde 2020. De lá para cá, teve dois filhos. Com o primeiro filho, pôde ficar 20 dias de licença, já com o segundo ficou 60 dias.

"Pude me dedicar 100% à paternidade. Hoje não consigo imaginar como seria todo esse processo sem o período de licença estendida", diz.

A esposa de Francisco, a consultora do sono infantil Crissia Rodrigues, 29, não trabalhava em regime CLT e não teve licença-maternidade.

O especialista de remuneração e benefícios da Danone Brasil, Ariel Epifanio, 32, é pai de Clara Antonella, 2, e pôde usufruir de 50 dias de afastamento (30 dias de férias e 20 dias de licença). Ele conta que o benefício estendido foi um dos motivos pelo interesse em ingressar na empresa.

Segundo a gerente sênior de RH da Danone Brasil, Giselly Viveiros, a Danone trata a licença-paternidade como uma licença para o segundo cuidador, ou seja, pai biológico, adotivo ou pai/mãe de uma relação homoafetiva têm os mesmos benefícios: 20 dias remunerados e a opção de 30 dias adicionais não remunerados.

Atualmente tramita no Congresso projeto de lei que prevê ampliar a licença-paternidade para 30 dias nos dois primeiros anos e elevação gradual até atingir 60 dias.

BRASIL NO PÓDIO

		Ouro	Prata	Bronze
1º	China	39	27	24
20º	Brasil	3	7	10

Prata aqui, ouro na vida

Com Marta de volta, Brasil perde para os Estados Unidos pela terceira vez em finais olímpicas; capitã reflete sobre legado e futuro da seleção

Leia na pág. 2



Marta, 38, manda corações para a torcida após a derrota da seleção brasileira para os Estados Unidos; torneio deve ser o último da carreira internacional da jogadora Mathilde Missioneiro/Folhapress

BOLA NO CHÃO

Equipe feminina de vôlei passa por cima da Turquia para levar o bronze em despedida de Thaisa p.3

EMBAIXADOR

Ex-jogador Raí critica o estado atual do futebol masculino e fala de seu engajamento político p.4

REMA, REMA, REMA

Com 20 medalhas em Paris, Brasil perde fôlego dois ciclos após sediar Olimpíadas p.5

INÊS 249



Marta, com o braço erguido, agradece os aplausos que recebeu do próprio time, da torcida e das adversárias no pódio Mathilde Missioneiro/Folhapress

Pela terceira vez, seleção feminina é superada pelos EUA e fica com a prata

Brasil leva 1 a 0 em jogo duro contra velhas rivais e repete pódio de Atenas-2004 e Pequim-2008

FUTEBOL BRASIL

Marcos Guedes

PARIS O Brasil chegou pela terceira vez à final do torneio olímpico feminino de futebol. Pela terceira vez, foi superado pelos Estados Unidos.

As norte-americanas levaram a melhor no Parque dos Príncipes, na tarde deste sábado (10). Em um jogo duro, levaram o ouro por 1 a 0, gol marcado por Mallory Swanson.

A equipe brasileira ficou com a prata, em campanha que pode ser considerada surpreendente e marcou a despedida olímpica da veterana craque Marta, 38. A alagoana esteve em seis edições dos Jogos e coleciona três medalhas, todas da mesma cor, definidas em duelos com o mesmo adversário.

Como em 2004, em Atenas, e em 2008, em Pequim, a formação verde-amarela equilibrou as ações contra time feminino de maior tradição. Superado na prorrogação nas duas tentativas anteriores, desta vez sucumbiu no segundo tempo, após uma etapa inicial na qual construiu uma série de oportunidades para abrir o placar.

"Tivemos várias chances. A gente sabia da qualidade do time delas, mas em momento nenhum se menosprezou. Pelo contrário, a gente cresceu, pressionou na goela, fizemos um grande primeiro tempo. Infelizmente, não conseguimos fazer o gol, elas fizeram. Isso é o futebol", afirmou a meio-campista Adriana.

Apesar da frustração, a prata é mais um resultado relevante para uma modalidade que foi proibida no Brasil de 1941 a 1979. Desde os anos 90, a partir do pioneirismo da geração de Roseli, Sissi e Kátia Cilene, há uma luta multigeracional para tirar o atraso.

A glória maior esteve quase ao alcance algumas vezes, como na Copa de 2007, com derrota para a Alemanha na final. Entregues as medalhas, as atletas exibiram a faixa: "Brasil, precisamos de apoio". Com frequência, ouviam que não havia investimento porque elas não venciam, como se o desempenho em campo fosse responsável pelo desenvolvimento estrutural do esporte, não o contrário.

Àquela altura, já estava em ação outra geração de craques, com Formiga, Marta e Cristiane. O grupo teve como maior triunfo o ouro nos Jogos Pan-Americanos, em 2007, no Rio de Janeiro, um 5 a 0 sobre os EUA com o Maracanã lotado. Mas, ainda que a goleada esteja na história, não tem o enorme peso de um ouro olímpico, que mais uma vez ficou no quase.

O caminho em Paris foi tortuoso até a final. Após uma suada vitória sobre a Nigéria, o time dirigido por Arthur Elias levou uma virada do Japão no finalzinho e perdeu também para a campeã mundial Espanha, com expulsão de Marta. A classificação ao mata-mata só foi possível por uma combinação de resultados alheios.

A seleção, então, reagiu de maneira firme. Bateu a anfitriã França, adversário que jamais havia derrotado, 1 a 0 definido em gol de Gabi Portilho. Na sequência, reencontrou a Espanha e aplicou um 4 a 2 que deixou irritadas as vencedoras da Copa do Mundo.

"Estou muito orgulhoso de tudo o que aconteceu, elas mostraram a força do futebol brasileiro feminino", afirmou Arthur. "A seleção feminina volta ao patamar em que merece estar, disputando grandes jogos, finais de campeonatos importantes. E uma hora a gente vai vencer, levar o ouro."

Faltou pouco. Contra os Estados Unidos, o técnico resolveu manter o que funcionara nas duas partidas anteriores, das quais Marta estava suspensa. A veterana começou a final no banco de reservas e observou as titulares criarem uma série de oportunidades.

Ludmila logo de cara recebeu de Jheniffer à frente do gol e bateu sem força, nas mãos de Naeher. A própria Ludmila chegou a balançar a rede, em lance que foi anulado por impedimento. Era boa a troca de passes, e as chegadas eram frequentes. Adriana foi ao chão e reclamou muito de pênalti.

As norte-americanas também tinham seus momentos e criavam problemas sobretudo para as laterais Lauren e Yasmim. Na melhor chance no primeiro tempo, Swanson superou facilmente Lauren na velocidade e parou em Lorena. Do outro lado, Naeher também precisou fazer ótima defesa em chute de Gabi Portilho.

A cara do jogo mudou, no entanto, após o intervalo. A equipe norte-americana adiantou sua marcação e passou a criar enormes problemas para a seleção, que já dava sinais de desorganização. Isso custou caro aos 12 minutos, quando Korbin Albert aproveitou saída errada das adversárias e deixou Swanson na cara do gol para marcar.

A reação de Arthur Elias foi fazer uma substituição tripla, colocando em campo Angelina, Priscila e, ela, Marta. A equipe conseguiu pressionar nos minutos finais e teve excelente chance nos acréscimos, quando Angelina deixou Adriana livre para cabeceio. Naeher fez nova boa defesa e deixou a prata com as brasileiras.

"Eu estou muito orgulhosa de tudo o que a gente fez nesta competição. A gente eliminou a dona da casa com o estádio lotado, a gente ganhou da campeã mundial. Fizemos uma grande Olimpíada e daqui para a frente a gente vai crescer, vai amadurecer, vai trabalhar mais", disse Gabi Portilho. "O Brasil é potente, é uma potência."



Alyssa Naeher, dos Estados Unidos, defende cabeceada de Adriana Benoit Tessier/Reuters

Sem o ouro, mas orgulhosa, Marta passa o bastão à nova geração

FUTEBOL BRASIL

André Fontenelle

PARIS Um ditado francês diz: "Jamais deux sans trois" ("Nunca duas sem três.") Aquilo que acontece duas vezes provavelmente acontecerá uma terceira. Marta teve sua terceira chance, quando ninguém mais esperava, 16 anos depois da segunda. Mas não conseguiu mudar o resultado. Encerra sua carreira internacional com três medalhas olímpicas de prata.

Terminado o jogo, Marta cumprimentou uma a uma as companheiras de equipe. Cochichou longamente no ouvido de Angelina, 24, candidata a comandar o meio de campo da seleção nos próximos anos. Foi abraçada pelo técnico Arthur Elias.

Chamou o time para saudar, na arquibancada, um grupo de parentes das jogadoras, levados pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol) a Paris para assistir à decisão. As adversárias vieram cumprimentá-las, em sinal de respeito.

O time formou uma roda e o técnico Arthur Elias fez um discurso. Terminado o papo, caminhando ao longo da linha central do campo, o treinador e Marta conversaram abraçados. Emocionados, os dois deixaram o gramado ovacionados. Com os dois indicadores, Arthur "mostrou" Marta para a torcida, que entendeu e começou a aplaudir, ciente de que talvez a estivesse vendo pela última vez com a camisa 10 da seleção.

"Eu tenho muito orgulho dessa medalha de prata. Para nós vale ouro, porque a gente fez uma grande competição, a gente superou obstáculos e adversidades, a gente merece reconhecimento. Que essa prata sirva de muito crescimento para o futebol brasileiro, muita visibilidade. Temos um grupo muito jovem aqui e eu tenho certeza que a gente vai conquistar grandes coisas ainda", afirmou a camisa 10.

> "Essa prata é o resgate do orgulho que a gente tem que sentir quando a gente coloca a camisa da seleção brasileira e representa o nosso país e joga com alegria, como a gente fez em todos os jogos. E é isso aí, galera. Prata aqui, ouro na vida. Valeu, fui!
>
> **Marta**
> jogadora da seleção brasileira

Marta começou a partida no banco, como já era esperado depois das boas atuações da equipe em sua ausência. Um cinegrafista sentado em um caixote, ao lado do banco de reservas do Brasil, acompanhava cada reação da estrela.

Assim que saiu o gol das rivais, Marta foi chamada por Arthur Elias. Ouviu as enfáticas instruções do técnico, pegou de Adriana a faixa de capitã e partiu em busca da virada.

Como nas outras partidas que disputou nestas Olimpíadas, Marta jogou bem, preocupando o tempo todo a defesa americana, mas não o suficiente para fazer a diferença. As bolas que jogava na área nunca encontravam os pés das companheiras. A cada erro, levava as mãos à cabeça.

Marta só finalizou uma vez na partida: aos 43 minutos, de pé esquerdo, cobrou uma falta do bico direito da área, mas a bola subiu muito. Aos 54 minutos, ainda teve uma última oportunidade, mas no bate-rebate na entrada da área a bola tocou em seu braço. Era o fim.

"Sensação de orgulho, muito orgulho. Eu acho que quando ganhei a medalha de prata das duas vezes em 2004 e 2008, eu não senti tanto orgulho como eu tô sentindo neste momento. Porque foram 16 anos esperando voltar a uma final de Olimpíada. E pelos históricos das competições anteriores da seleção, vamos ser sinceros, quase ninguém tava acreditando que o Brasil iria chegar a uma final de Olimpíada."

Três medalhas de prata, conquistadas nos Jogos de Atenas-2004, Pequim-2008 e Paris-2024, representam um retrospecto raríssimo na história olímpica, mas a estrela de Dois Riachos (AL) certamente queria mais. Talvez o futuro reserve à nova geração as conquistas que ainda faltam à seleção feminina, mas terá que ser sem Marta.

"Não tô chorando aqui lamentando que a gente ficou com a prata. Olha o quanto a gente teve que se superar nessa competição pra chegar nessa final. Então, essa prata, como eu falei, ela é o resgate do orgulho que a gente tem que sentir quando a gente coloca a camisa da seleção brasileira e representa o nosso país e joga com alegria, com vontade, com determinação, perseverança, como a gente fez em todos os jogos. E é isso aí, galera. Prata aqui, ouro na vida. Valeu, fui!"



Seleção feminina de vôlei do Brasil comemora a vitória que deu à equipe o bronze, contra a Turquia, em Paris Annegret Hilse/Reuters

Brasil bate Turquia, leva o bronze e chora em Paris

Seleção conquista seu 6º pódio olímpico em despedida emocional de Thaisa

VÔLEI BRASIL

José Henrique Mariante

PARIS Depois de uma derrota difícil para os EUA na semifinal, a seleção feminina de vôlei conquistou o bronze neste sábado (10) ao bater a Turquia por 3 sets a 1 (25/21, 27/25, 22/25 e 25/15). Uma campanha impecável, seis vitórias e apenas um set cedido, exceto pelo duelo contra as atuais campeãs olímpicas, em que caíram no tie-break.

Apesar do gosto amargo, Paris proporcionou o sexto pódio das mulheres no vôlei, que já contava com dois ouros, uma prata e dois bronzes, em contraste ao time masculino. A equipe dirigida por Bernardinho caiu nas quartas, pior resultado do time desde Sydney-2000. É a primeira vez, também desde as Olimpíadas australianas, que o vôlei de quadra do país não alcança uma final.

"Eu ficaria muito triste se nós voltássemos para o Brasil sem nada. Era uma questão, assim, extremamente importante. Representar o nosso povo, a nossa bandeira, de sair daqui com uma medalha olímpica. Porque isso é história. A gente deixou os nossos nomes como medalhistas de bronze na Olimpíada de Paris", disse o técnico José Roberto Guimarães, muito emocionado, com lágrimas nos olhos desde a execução do hino.

A partida marcou a despedida de Thaisa, "uma das maiores centrais do mundo", nas palavras de Zé Roberto. "Foi uma vida inteira dedicada a isso, à seleção e ao vôlei. Vou continuar no clube, mas a seleção realmente para mim é muito desgastante. E tem uma galera voando. Peguei a Diana pelo braço, abracei e falei 'cara, está contigo, estou passando o bastão para você'", disse, sobre a colega mais nova.

"Queria muito ter conseguido ajudar mais, chegar à final e vencer, mas, a gente está falando, este bronze é ouro para a gente", declarou Thaisa, 37, que, em longo relato, lembrou como Zé Roberto, em 2017, a manteve no esporte após uma séria contusão. "Ele me trouxe de volta à vida, depois ele me trouxe de volta para a seleção. E, depois de tudo isso, conseguimos uma medalha, nós conseguimos uma medalha", afirmou a atleta, abraçando o técnico, que já enxugava as lágrimas com a camisa.

Zé Roberto, 70, indagado sobre seu futuro e Los Angeles-2028, afirmou que tem uma reunião marcada com a Confederação Brasileira de Vôlei. "Precisamos conversar. Quem manda em mim é a Alcione", afirmou, citando sua mulher. "Eu só tenho a certeza de que a Gabi vai", decretou, fazendo rir a atacante, que estava ao seu lado na entrevista coletiva.

> "Queria muito ter conseguido ajudar mais, chegar à final e vencer, mas, a gente está falando, este bronze é ouro para a gente
>
> **Thaisa**
> central da seleção brasileira

> "Eu ficaria muito triste se nós voltássemos para o Brasil sem nada. Era uma questão extremamente importante
>
> **José Roberto Guimarães**
> técnico do Brasil

Em quadra, o time brasileiro começou ofensivo, prevalecendo com jogadas de ataque. Com o placar em 8 a 4, um pedido de tempo da Turquia ajustou o adversário, que passou no placar, 9 a 10, após um emocionante rali e uma pancada de Vargas.

O set seguiu equilibrado até 20 a 20, com a turca e Rosamaria, as duas maiores pontuadoras até ali, se alternando nos ataques.

Dois bloqueios seguidos, de Thaisa e Gabi Guimarães, mudaram o ritmo do jogo, e o Brasil fechou o primeiro set em 25 a 21.

Embaladas, as brasileiras cresceram e logo abriram 4 a 0 no começo do segundo set, série que só foi interrompida por pedido de tempo e, como de hábito, Vargas. Em outro emocionante rali, com 13 toques na bola, a Turquia fez 5 a 6. A partida cresceu, o bloqueio turco era mais efetivo, e o Brasil só alcançou o empate com o placar em 20 a 20.

Em uma repetição da primeira etapa, dois bloqueios brasileiros seguidos, de Thaisa e Ana Cristina desta vez, puseram o Brasil na frente. A Turquia, porém, só cedeu o segundo set por 27 a 25 após uma intensa troca de pontos.

A disputa foi mais pragmática no terceiro set, com a igualdade se impondo no placar até 15 a 15. Dois erros de recepção do Brasil entregaram a vantagem à Turquia, e Zé Roberto pediu tempo. O técnico brasileiro teria que intervir novamente com o placar em 17 a 21. Com dificuldade, a Turquia fechou em 25 a 22.

O Brasil voltou ofensivo para o quarto set, com Gabi Guimarães virando muitas bolas. Ela foi o destaque do time, com 28 pontos. Sem maiores complicações, a seleção fechou o set e o jogo em 25 a 15.

"Foi um momento muito difícil", disse a ponteira sobre a derrota dos EUA. "Assim que a gente entrou no vestiário, o Zé já puxou a gente e nos trouxe, com muita lucidez, a importância de voltarmos com essa medalha de bronze para casa."

Neste domingo (11), as americanas defendem o título olímpico contra a Itália, a partir das 8h (horário de Brasília).



BIA SOUZA É RECEBIDA COM FESTA NA VOLTA AO BRASIL, MAS DIZ QUE ENCURTARÁ FÉRIAS POR MAIS TÍTULOS
A medalhista de ouro no judô andou em carreata em Peruíbe (SP), distribuiu autógrafos e se encontrou com alunos da Associação Budokan, ONG que a apresentou ao esporte Adriano Vizoni/Folhapress

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Raí

Futebol masculino está em decadência e precisa investir em treinadores

Ex-jogador fala sobre os problemas da seleção, a imagem negativa de Neymar e o seu engajamento político para derrotar a ultradireita na França e no Brasil

Andar pelas ruas de Paris com Raí e com sua mulher, Viviane Lescher, é parar em cada quarteirão para que uma pessoa o cumprimente, elogie e tire fotografias. É começar a chover e um desconhecido correr em sua direção para dar um guarda-chuva de presente.

Ao contrário de celebridades internacionais como ele, Raí jamais se estressa com quem o aborda. É totalmente acessível.

Naquela manhã parisiense, com a cidade em festa por causa das Olimpíadas, Raí conversou com a coluna sobre o que entende ser a decadência do futebol masculino brasileiro, a imagem negativa de Neymar e o engajamento para derrotar a ultradireita na França e no Brasil. "Sempre fui discreto, mas há limites", diz.

Raí se tornou ídolo na França depois de jogar no Paris-Saint Germain (PSG) de 1993 a 1998, e ganhou do governo a cidadania francesa.

Em junho, ele concluiu o mestrado em Políticas Públicas na Sciences Po. Agora pretende ficar seis meses em Paris, onde é sócio do Paris Futebol Clube, e seis meses no Brasil, onde mantém a Fundação Gol de Letra e a Raí + Velasco, que tem cinema e camarote no Morumbi.

O ex-jogador se vê como uma espécie de embaixador informal do Brasil na França. Almoçou com Emmanuel Macron e Lula (PT) quando o presidente francês visitou o país, em março — e voltou com ele a Paris no avião presidencial.

Nesta entrevista, revelou que vai escrever um livro sobre o pai, Raimundo Vieira de Oliveira, que se preocupava com o futuro do filho, distraído e com notas escolares baixas. Pensou que ele poderia ser músico ou, por ter uma boa alma, virar padre.

*

Quando você volta pro Brasil? Na verdade eu nunca saí do Brasil. Eu fiquei mais tempo na França nesses dois anos por causa do mestrado, e minha formatura emendou com as Olimpíadas. Mas normalmente a cada dois meses eu vou para o Brasil.

Desde que parei de jogar, o meu objetivo é ficar meio a meio [nos dois países]. Mas quero ficar com propósito, e não turistando. Quero ter trabalho dos dois lados e motivo para estar nas duas cidades. Sou agora parceiro do Paris Futebol Clube, que é um projeto novo, interessante. Sou conselheiro e embaixador do clube, já trouxe investidores como a Renault. É um projeto que investe nos jovens, no futebol feminino — é um dos poucos clubes, aliás, em que as meninas são melhores do que os meninos. Elas já estão na Liga dos Campeões, na primeira divisão. Eles ainda estão na Segunda Divisão.

Você gosta de futebol feminino? Comecei a acompanhar nos últimos tempos. Me surpreende como a qualidade do jogo melhorou. Eu sou um ativista pelo futebol feminino, até pela causa que ele representa. As jogadoras foram alijadas do processo por muito tempo. Os grandes times pagam bem.

As jogadoras do meu time, por exemplo, atuam como profissionais. Mesmo assim, elas ainda precisam ter um segundo trabalho. Elas ganham [salário], conseguem viver, mas não conseguem guardar dinheiro para o futuro.

E o futebol masculino, você acompanha? O Brasil está em uma decadência? É da seleção que você está falando?

É. Ah, o Brasil está numa decadência, com certeza. Você não vê perspectiva de sermos campeões do mundo no curto prazo. Pode acontecer, porque temos talentos [individuais]. Mas o Brasil estava há dois anos sem um treinador fixo. Mudou várias vezes [de técnico]. Anunciou [que tinha contratado o treinador] [italiano Carlo] Ancelotti [em junho do ano passado], mas ele não veio. Agora começou com o Dorival [Júnior], vamos ver até quando [ele fica]. Tem que dar um tempo, né [para ter resultados]. Mas é claro que a seleção não tem as melhores condições de ter bons resultados.

Vê problemas estruturais? O futebol do Brasil sempre foi baseado nos talentos e nunca investiu muito na formação de treinadores. Os super-treinadores como o Telê Santana, por exemplo, aprenderam na prática. Então, claro, você vai sempre ter os gênios como ele. Mas são raros. Como não investimos em treinadores, hoje 90% dos técnicos dos últimos campeões brasileiros são estrangeiros.

É a comprovação do que eu sempre pensei. Se na elite do futebol você não tem treinadores suficientes, imagine na formação.

Em países como Portugal, Espanha, França, Inglaterra, eles sempre investiram nos treinadores, que por sua vez formam os jogadores. O Brasil se acomodou e pensou 'ah, sempre vamos ter grandes jogadores e vamos ganhar por causa disso'. Mas o futebol foi evoluindo. Hoje em dia a técnica, os esquemas táticos e a estratégia contam muito.

O Brasil tem curso reconhecido de treinador há muito pouco tempo. Os outros países têm isso há 50 anos. Antigamente, só o talento bastava. Hoje, não.

E a questão do excesso de dinheiro que alguns jogadores ganham? É um problema mundial, não é só do Brasil. Os jogadores hoje são megaestrelas. Alguns sabem lidar com isso, outros não.

No seu tempo não era assim? Não tem nem como comparar. Eu não reclamo porque ganhava super bem [ele era o camisa 10 da seleção quando o Brasil conquistou o tetracampeonato]. Mas hoje um jogador [de elite] ganha em seis meses o que eu ganhei na carreira inteira. Isso termina mexendo com a cabeça.

Os jogadores são muito assediados, e acabam blindados. Cada um tem o seu assessor de imprensa, o seu nutricionista, o seu empresário, a sua equipe. Fica no seu universo, cuida do seu. Na nossa época, todos esses profissionais que nos atendiam eram do clube

Mas é natural. Fica difícil para um garoto que se transforma em uma estrela gerir todo esse assédio, toda essa grana, organizar tudo isso.

Você acha que o Neymar, por exemplo, consegue organizar isso bem? Ele é um atleta genial, um jogador de talento. Mas penso que o Neymar teve dois problemas na vida: contusões em momentos [importantes]. E às vezes ele alimenta muita polêmica onde não precisa. E isso prejudica, conturba a carreira dele. Por causa das polêmicas, as pessoas têm uma imagem muito negativa dele.

O engraçado é que todo o mundo que conhece o Neymar — eu já o encontrei, cumprimentei, mas não o conheço bem — gosta do Neymar. Pelo lado humano, ele não é um cara do mal.

O presidente Lula (PT) nomeou no início de seu governo uma ministra do Esporte muito respeitada em seu meio, a ex-jogadora de vôlei Ana Moser, que deveria estar aqui hoje representando o governo nas Olimpíadas, mas foi substituída pelo Centrão. Como viu a saída dela? Eu vejo de uma maneira cética. Ela saiu por questões de governabilidade. É triste. As pessoas às vezes não são escolhidas por sua capacidade técnica, mas por outros interesses. Mas a Ana [Moser] está aqui em Paris. Organizamos juntos na [Universidade de] Sorbonne um debate sobre política pública.

Estamos trabalhando em um grupo que, junto com o Instituto Península, vai apresentar até o fim do ano ao governo um plano sistêmico que envolva educação, saúde e esporte para todos, não apenas para os atletas de elite. É possível fazer política sem estar no governo.

Você fez campanha para a derrota da ultradireita nas mais recentes eleições da França. A esquerda ganhou, mas até agora não levou. Como analisa a situação no país? Eu me envolvi porque me chamaram, eu sou cidadão francês desde 2006. E me preocupa esse movimento global [de ascensão da extrema direita]. E foi incrível porque o meu discurso [num comício] repercutiu no Brasil tanto quanto na França. Eu fiquei surpreso. Acho que acertei porque as pessoas, na França e no Brasil, estão sensíveis aos mesmos temas.

As preocupações são parecidas, com extrema direita, democracia, racismo. E a minha opinião foi muito baseada no que eu vivi no Brasil. Eu contei o que foram os quatro anos de [Jair] Bolsonaro [PL]. Eu dei o testemunho do que é viver sob a extrema direita.

Ao se posicionar politicamente, isso não te afeta em outras áreas? Com certeza eu coloco muita coisa em risco, e já perdi muita coisa. Já houve patrocinadores que pensavam em fazer projetos comigo e recuaram. Querendo ou não, o país está dividido.

Mesmo assim, você acha que vale a pena? Eu sempre fui um cara discreto. Mas acho que tem limites. Quando estamos no meio de uma pandemia [de Covid-19], com centenas de milhares de pessoas morrendo, o cara [Bolsonaro] fala de cloroquina? Não sei se tivemos uma involução na sociedade, ou se agora estamos mostrando os nossos demônios que antes estavam escondidos, envergonhados. Mas a partir do momento em que se começou a naturalizar discriminação, violência contra as mulheres, contra meninas de 13 anos estupradas — como não falar sobre isso? São coisas básicas. É o limite dos valores humanos.

Eu sempre me posicionei, mas nunca de uma forma tão veemente. Sempre fui paciente, tranquilo. Mas eu estava no Brasil na pandemia. E chegou uma hora em que eu dava umas estouradas, era um sentimento que vinha forte, lá de dentro. Muita gente dizia para eu não me manifestar, ter cuidado. Mas, gente, foi um nível de absurdo que não dava para ficar quieto.

Há diferença entre a extrema direita francesa e a brasileira? A grande diferença é que aqui você tem um tecido social muito mais organizado. Se um cara de extrema direita vencesse, ele teria muita resistência para implantar coisas que talvez no Brasil ele conseguisse. Ninguém aqui toca na qualidade da educação pública, na saúde pública.

É diferente do Brasil e também dos EUA, onde ainda se discute se a saúde será pública. As coisas aqui já estão estabelecidas em um patamar muito mais civilizado, organizado. Mas, em termos de valores [da extrema direita], é a mesma preocupação. É absurdo demais.

Vai voltar ao Brasil para as eleições municipais? Vai votar? Em quem? Sim, vou votar em São Paulo. Eu vou analisar, mas estou mais para o [Guilherme] Boulos. Ele é uma liderança, tem uma história interessante, tem legitimidade para falar do que ele fala. Eu acredito muito nele. E achei legal também que, pela primeira vez, o PT de São Paulo abriu mão de candidatura para apoiar outro partido.

Não acha que a esquerda, no Brasil, depende excessivamente da figura do Lula? É uma coisa que me preocupa, e é uma crise global de lideranças também. Aqui na França, por exemplo, o Macron não vai poder se reeleger. E até agora não surgiu outro nome. No Brasil há um desafio maior, por causa do tamanho do país. Você pode ser muito conhecido no sul, mas não no norte, no nordeste.

Mas um cara em quem eu boto muita fé é no [ministro da Fazenda, Fernando] Haddad. É um cara coerente, inteligente, preparado, muito fiel. E a formação fala muito: Filosofia, Ciências Sociais, Economia.

O mesmo perfil do seu pai? É, talvez eu me identifique com ele [Haddad] por causa disso. O meu pai, um homem que saiu da periferia de Fortaleza, um autodidata [que depois fez três faculdades], falou para o Sócrates [jogador e irmão de Raí] quando ele ameaçou se candidatar: 'Você vai fazer o que sempre foi o meu sonho, vai ser deputado constituinte [que escreve e aprova a nova Constituição]'. Veja, não é que ele queria ser deputado. Ele queria ser deputado constituinte. Como era a sofisticação dele, né?

Eu tenho um projeto de vida que é fazer um livro sobre o meu pai, eu já tenho muita coisa pesquisada e guardada.

É verdade que seu pai te pedia para cantar porque achava que você não daria certo em nenhuma profissão e talvez, se tivesse boa voz, poderia seguir essa carreira? [rindo] Para você ver como o cara era uma figura. [Dizia] 'Canta aí, deixa eu ver se você [consegue]'. Ele era um cara pessimista, de início. Ele fazia tudo para dar certo, mas demorava a acreditar. Eu era muito distraído, não ia tão bem na escola quanto os meus irmãos. E ele dizia 'quem sabe o Raí tem uma alma boa e vai ser padre'. Ele não estava vendo muito futuro para mim. Mas eu tinha apenas 13 anos.

Eu sempre tive alguns erros. Por exemplo, eu troco P com B. Eu hoje teria o diagnóstico de algo como dislexia. Eu perco óculos, chave. Hoje existe diagnóstico. Naquele tempo a pessoa tinha problema, [diziam] 'vai cantar, jogar bola'.



O ex-jogador Raí em um café na região do Marais, em Paris Mathilde Missioneiro/Folhapress

> "A partir do momento em que se começou a naturalizar discriminação, violência contra as mulheres, contra meninas de 13 anos estupradas — como não falar sobre isso?

INÊS 249



Medalhistas do judô brasileiro desfilam aos pés da Torre Eiffel Rafael Bello/Divulgação COB

Brasil perde fôlego dois ciclos após hospedar Olimpíadas

Colocação no quadro é inferior a Tóquio e Rio, apesar de total de medalhas alto

DELTAFOLHA

Marina Pinhoni, Nicholas Pretto e Daniel Mariani

SÃO PAULO Sediar as Olimpíadas em 2016 levou o Brasil a mudar de patamar no quadro geral de medalhas, se aproximando pela primeira vez das grandes potências olímpicas com o 13º lugar. Após conquistar a melhor colocação da história na edição seguinte —o 12º lugar em Tóquio-2020—, o país perdeu fôlego em Paris e encerrou sua campanha neste sábado (10) longe dos dez primeiros colocados.

Os três ouros, conquistados por Bia Souza, Rebeca Andrade e pela dupla Ana Patrícia e Duda, não são suficientes para ultrapassar os 19 países que já estão em colocações melhores no pódio antes do encerramento neste domingo (11), que não terá nenhum representante brasileiro nas provas restantes.

Quando considerados o total de medalhas e a presença em finais, no entanto, o Brasil manteve desempenho melhor que o apresentado antes dos Jogos no Rio.

Análise feita pela **Folha** mostra que esta é uma tendência também observada em outros países que sediaram as Olimpíadas nas últimas décadas. Foram considerados dados da colocação geral, por medalhas de ouro, a partir de 1988 (em 1984 e 1980 houve boicotes de países).

A exemplo da França, é de se esperar que os países melhorem seu desempenho no ano em que sediam os Jogos, já que há vagas reservadas em mais modalidades. A França ficou em 8º em Tóquio-2020, e deve terminar os jogos de Paris em 5º.

Já os casos do Japão, algoz do Brasil nestes jogos, e da Grã-Bretanha mostram que o impulso da sede pode durar ao menos até o ciclo seguinte. Assim como o Brasil, Coreia do Sul e Espanha desaceleraram na segunda edição após serem sede.

A exceção mais clara é o caso da Grécia, que não foi capaz de manter legado olímpico depois de Atenas-2004, em parte devido à forte crise econômica que atingiu o país. Despencou da 15ª posição nos Jogos em que sediou para a 61ª na edição seguinte, e desde então não voltou ao patamar dos vinte primeiros colocados.

Os Estados Unidos também são um caso à parte, pois se consolidaram como o país que mais enviou atletas em todas as edições das Olimpíadas, independentemente de sediar ou não os jogos. A disputa pelo primeiro lugar no quadro de medalhas antes travada com União Soviética e Rússia, hoje se dá com a China.

Embora tenha ficado em uma colocação pior no quadro geral em Paris, o Brasil teve o segundo maior percentual de representantes em finais da sua história. Atletas que chegam até a 8ª posição, corte para as finais da maioria dos esportes, são diplomados pelo COI (Comitê Olímpico Internacional).

Dados analisados até este sábado (10) mostram que 2,7% dos atletas até a 8ª colocação são brasileiros. O melhor resultado foi no Rio-2016, com 2,9%. Antes de sediar os jogos, o percentual sempre foi inferior a 1,7%.

Há também casos como o de Bárbara Domingues, que levou o país pela primeira vez a uma final da ginástica rítmica, mas terminou na décima posição, e de Miguel Hidalgo, que também ficou em décimo lugar na prova masculina de triatlo —melhor resultado do país nessa prova em Olimpíadas.

Em Paris, o Brasil igualou o total de três ouros que teve em Londres-1012, Pequim-2008 e Atlanta-1996. Ficou atrás dos sete ouros de Tóquio-2020 e Rio-2016, e dos cinco ouros de Atenas-2004.

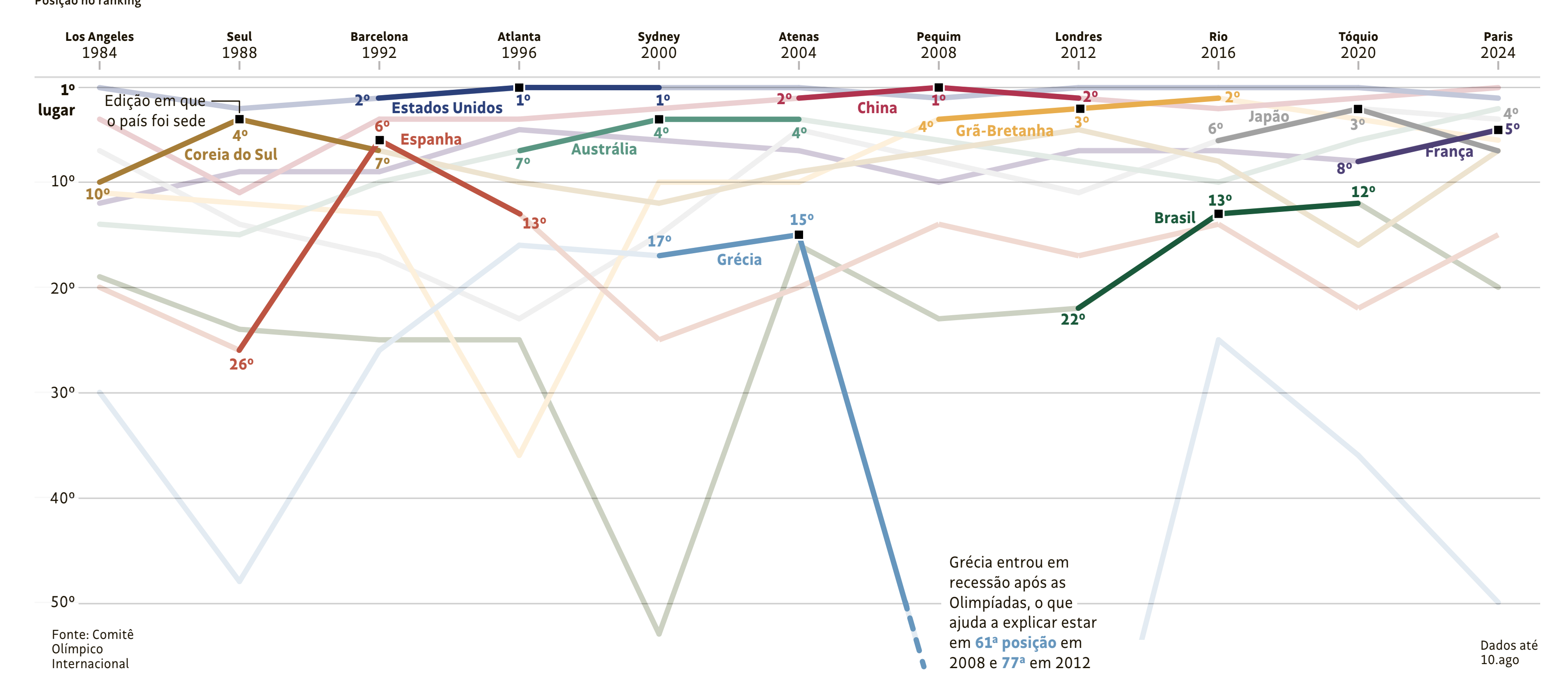
Já o total de 20 medalhas de 2024 (três ouros, sete pratas e dez bronzes) é o segundo melhor alcançado, atrás apenas das 21 medalhas em Tóquio (sete ouros, seis pratas e oito bronzes). No Rio-2016 o Brasil conquistou 19 (sete ouros, seis pratas e seis bronzes), e 17 em Londres-2012 (três ouros, cinco pratas e nove bronzes).

O tamanho da delegação brasileira caiu em relação às duas edições anteriores dos jogos, voltando a patamar semelhante ao de Pequim-2008, segundo dados do COB (Comitê Olímpico do Brasil). Depois do recorde de 465 atletas no Rio-2016, foram enviados 301 representantes a Tóquio-2020.

O Brasil começou os Jogos de Paris com 274 atletas, mas teve algumas perdas por lesões e a expulsão da nadadora Ana Carolina Vieira por indisciplina. Nas Olimpíadas imediatamente anteriores à sede, o país enviou 259 atletas para Londres-2012, e 277 para Pequim-2008.

A grande novidade de Paris foi a composição de maioria feminina na delegação brasileira, com 153 mulheres e 121 homens. No quadro geral, a delegação feminina também teve mais sucesso que a masculina. Dos 20 pódios brasileiros, 12 foram conquistados por mulheres e um pela equipe mista do judô. Os três ouros brasileiros (no judô, ginástica e vôlei de praia) foram todos femininos.

Evolução dos países no quadro de medalhas, antes e depois de hospedar uma edição das Olimpíadas
Posição no ranking



Alemanha e Cuba passam de potências a coadjuvantes em Jogos

Claudinei Queiroz

SÃO PAULO Nas Olimpíadas de Barcelona-1992, Alemanha e Cuba eram potências esportivas e ocupavam a terceira e a quinta posições no quadro de medalhas, respectivamente. A dois dias do fim de Paris-2024, no sábado (10), as duas nações estavam em colocações intermediárias —9ª e 29ª—, longe da briga pela liderança da lista, entre Estados Unidos e China.

O que se viu nesses 32 anos foi uma queda de desempenho dos dois países, que não conseguem mais as mesmas vitórias de antes. De acordo com Ary José Rocco Jr, professor da Escola de Educação Física e Esporte da USP (Universidade de São Paulo), tanto o sucesso em Barcelona quanto o declínio subsequente foram em decorrência da queda do Muro de Berlim, em 1989, uma das marcas do fim da Guerra Fria, período do embate entre EUA e a então União Soviética.

Com o apoio da União Soviética, o governo da Alemanha Oriental investia fortemente na infraestrutura esportiva, e também em doping, para conquistar muitas medalhas, que eram usadas como ferramenta de marketing político. Para não ficar atrás, o governo do lado ocidental também investia, o que deixava as duas nações entre as principais potências.

O mesmo acontecia com Cuba. A proximidade do país comunista com os EUA fazia com que o governo cubano recebesse grande investimento da União Soviética, o que possibilitou a construção de instalações esportivas de ponta.

"A partir do momento em que há a dissolução da antiga União Soviética, esses recursos financeiros em Cuba vão diminuir, o que faz com que o país tenha uma estrutura de valorização do esporte, mas as instalações, os investimentos necessários para a medicina esportiva e todo aquele suporte do esporte vão se perder. Atualmente, aquela estrutura ainda existe, mas está obsoleta", diz Rocco Jr.

Com o fim da guerra, a dissolução da União Soviética e a reunificação da Alemanha, as edições olímpicas seguintes ainda tiveram a influência do poderio vivenciado até então.

Um outro fator desencadeado pelo fim da Guerra Fria, segundo Rocco Jr., foi a mudança do cenário esportivo. O financiamento estatal praticamente acabou, dando espaço para um outro tipo de investimento: o privado, no qual empresas multinacionais começaram a investir por interesses comerciais.

"Isso vai ter um impacto direto na criação e no desenvolvimento da indústria do esporte como a gente conhece hoje e, consequentemente, vai trazer uma procura por uma melhoria na gestão. E aí a gestão vai trazer para esse universo dos Jogos Olímpicos uma série de outros atores, como a Austrália, a China, a própria Grã-Bretanha, que no auge da Guerra Fria perde muita importância."

Com outras nações crescendo de rendimento, Cuba e Alemanha, já sem o mesmo investimento de antes, começaram a perder espaço. Mais os cubanos, devido aos embargos econômicos impostos ao país pelos EUA.

A partir dos anos 1990, o esporte do país passou a perder muitos de seus atletas, que desertavam para fugir da pobreza e ganhar a vida em outra nação, recebendo dinheiro para isso. O jogador de vôlei Leal, que defendeu a seleção brasileira em Paris, é um exemplo.

A final do salto triplo, nesta sexta, no Stade de France, é outro. Quatro saltadores nascidos em Cuba disputaram a prova, e três deles ocuparam todos os lugares do pódio. No entanto, a ilha ficou sem medalha. O único que representava o país, Lazaro Martínez, terminou em oitavo. O ouro ficou com Jordan Alejandro Díaz Fortun, naturalizado espanhol, seguido por Pedro Pichardo, que defende Portugal, e Andy Díaz Hernández, com a camisa da Itália.

"A questão do dinheiro passou a contar muito na performance e no investimento esportivo. Então, por conta de problemas econômicos e financeiros, Cuba não conseguiu acompanhar a evolução de outros países", diz o professor.

E como atualmente existem muitos países que se especializam em modalidades específicas, a distribuição de medalhas aumentou, tirando pódios das potências atuais, mas também de Cuba e da Alemanha. Em relação aos caribenhos, não há expectativa de melhora. A Alemanha, por outro lado, tem recursos suficientes para investir no esporte e tentar voltar a ser a força de antigamente. O tempo dirá.

INÊS 249


Iluminação na Torre Eiffel durante a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Paris Lionel Bonaventure - 26.jul.2024/Pool/AFP

Jogos foram um 'belíssimo negócio', diz prefeita de Paris

Na contramão de estudos que apontam déficit em megaeventos, Anne Hidalgo exalta sucesso de políticas públicas

Cerimônia de encerramento
15h. Na TV: Globo, SporTV e Cazé TV

José Henrique Mariante e André Fontenelle

PARIS Organizar Jogos Olímpicos costuma ser um mau negócio, do ponto de vista financeiro. Mas para Anne Hidalgo, realizar o megaevento na cidade que ela administra valeu a pena. "Eu posso dizer a vocês: é um belíssimo negócio", disse a prefeita de Paris à **Folha** na sexta-feira (9).

Hidalgo calcula em € 385 milhões (cerca de R$ 2,3 bilhões) o custo dos Jogos para a capital francesa. Ela aponta ainda outra estimativa: um orçamento de € 1 bilhão (R$ 6 bilhões) para o comitê francês e € 500 milhões (R$ 3 bilhões) para governos regionais e locais.

A conta é bem maior, na verdade, mas a prefeita enxerga outro tipo de benefício com a realização dos Jogos. "O que eles trouxeram a Paris, seriam necessários pelo menos 20 anos de trabalho árduo para juntar todos os esforços, em matéria de acessibilidade, de mobilidade, de luta contra a poluição. E na França é difícil fazer isso em torno de um projeto."

Ela se refere à despoluição do rio Sena, novas estações de metrô, ciclovias, áreas verdes, rampas para deficientes e outras obras que ficarão como legado.

Hidalgo ressalvou que ainda será feito o cálculo do custo total, público e privado, dos Jogos de 2024. Saber exatamente quanto custam as Olimpíadas, em todo caso, é complicado, devido à dificuldade em definir se certos custos estão relacionados ao evento ou não.

Um estudo da Universidade de Oxford, publicado pela primeira vez em 2016 e atualizado em maio deste ano com novos dados, mostra que as últimas três edições do evento tiveram um custo combinado de US$ 51 bilhões (R$ 281 bilhões) e, na média, estouraram o orçamento em 185%.

Paris-2024, avaliada com números de 2022, já custa US$ 8,7 bilhões (R$ 47,9 bilhões), com estouro de 115% do orçado.

A análise, assinada por Alexander Budzier e Bent Flyvbjerg, lista quatro conclusões principais: o custo dos Jogos aumenta de maneira estatisticamente significativa; o estouro de orçamento diminui até Pequim-2008, mas desde então aumenta; a conta de Paris e o estouro parisiense podem aumentar; estouro de orçamento é norma olímpica desde sempre.

Questionado nesta sexta se, diante disso, seria mais sensato organizar os Jogos apenas em países ricos, dispostos a bancar o prejuízo —Arábia Saudita e Qatar são candidatos a sede—, Thomas Bach, presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), foi direto: "Não estamos dispostos a vender os Jogos Olímpicos a quem der o maior lance". Segundo ele, "vamos atribuir os Jogos à cidade ou país mais promissor".

Em relação aos estouros de orçamento, Bach apontou para a Agenda Olímpica, uma espécie de "mapa do caminho" elaborado pelo COI para orientar os Jogos futuros. Um dos capítulos trata da "resiliência financeira e econômica" do movimento olímpico. Inclui um "grupo de otimização", que mantém contato com todas as cidades-sede.

Paris-2024 é a primeira edição dos Jogos realizada inteiramente a partir do documento lançado em 2015. Além de custos, questões como sustentabilidade, legado e responsabilidade social se tornaram também parâmetros de controle dos Jogos.

Contas de grandes eventos esportivos sugerem uma confusão deliberada. Depende de quem e do que se contabiliza. Os pesquisadores de Oxford, por exemplo, tiram da análise custos de infraestrutura urbana, aeroportos, linhas de trem e metrô, hotelaria etc. É um modo de viabilizar a comparação, não imune a controvérsias.

Pequim-2008, no estudo, sempre com cifras atualizadas para 2022, teria consumido US$ 8,2 bilhões (R$ 45,2 bilhões). O número, porém, sobe para mais de US$ 50 bilhões (R$ 275, 5 bilhões) se as inúmeras obras de modernização da capital chinesa realizadas à época forem incluídas.

Algo parecido ocorre com Tóquio-2020, evento adiado em um ano devido à pandemia da Covid-19. O custo declarado dos Jogos foi de US$ 13,7 bilhões (R$ 75,5 bilhões), mas outro estudo publicado neste ano aponta que o comitê organizador japonês excluiu da conta vários itens, inclusive o orçamento despendido pela prefeitura da cidade, equivalente ao que Hidalgo usa agora em sua argumentação. Com infraestrutura e outros gastos exóticos, como um satélite meteorológico, o valor subiria para US$ 33,4 bilhões (R$ 184 bi).

Bem mais do que os US$ 23,6 bilhões (R$ 130 bilhões) da Rio-2016 e os US$ 16,8 bilhões (R$ 92,5 bilhões) de Londres-2012, pelas contas do estudo de Oxford as Olimpíadas de verão mais caras já realizadas. Também bem mais do que o recordista da lista quando incluídos os Jogos de inverno: Sochi-2014, com US$ 28,9 bilhões (R$ 159,2 bilhões), talvez a aventura olímpica mais perdulária da história.

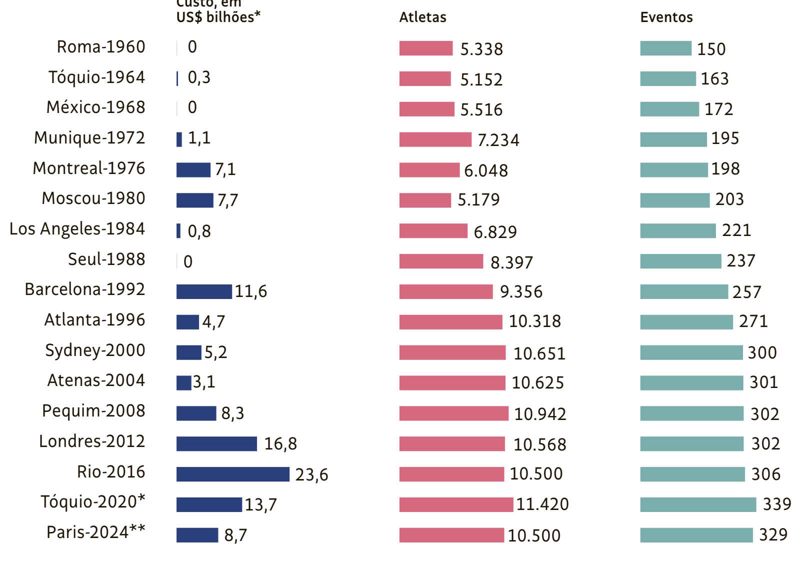
Olimpíadas de inverno, que existem desde 1924, quando a França organizou as duas versões no mesmo ano, são eventos de menor porte, com menos de 3.000 atletas, contra os 10,5 mil da irmã mais velha. O custo dos Jogos por atleta revela o tamanho da brincadeira patrocinada por Vladimir Putin em seu balneário preferido: US$ 10,4 milhões (R$ 57,3 milhões) por participante, contra US$ 2,3 milhões (R$ 12,7 milhões) no Rio. O custo de uma única competição em Sochi foi maior do que o projetado para dez eventos em Paris.

Outra métrica verificada pelos pesquisadores põe luz em um dos piores exemplos olímpicos, Montréal-1976. A cidade simplesmente perdeu o controle dos custos dos Jogos, e a dívida gerada pelo evento levou décadas para ser sanada.

É o maior estouro de orçamento já registrado, 720%. Rio-2016 (352%), Lake Placid-1980 (324%), Sochi-2014 (289%), Lillehammer-1994 (277%) e até Barcelona-1992 (266%), tida como exemplo de sucesso, integram a lista.

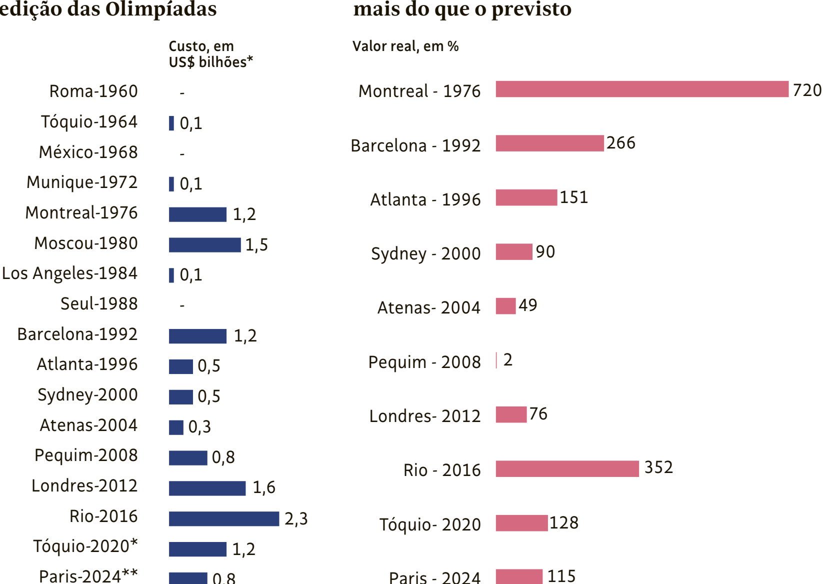
Não importa a lente usada, é difícil não concordar com a conclusão principal do estudo de que organizar Jogos Olímpicos é um mau negócio.

Custo, atletas e eventos de cada edição das Olimpíadas



* Valores corrigidos com dólar 2022 constante ** Custos e atletas de Paris ainda são, em parte, estimativas

Custo por atleta de cada edição das Olimpíadas / **Quanto cada edição custou mais do que o previsto**



Fonte: Estudo "Are Cost and Cost Overrun at the Games Coming Down?"

BISPO DA CIDADE DIZ ESPERAR CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO 'MENOS OFENSIVA'

O bispo auxiliar de Paris, Philippe Marsset, disse à **Folha** esperar que a cerimônia de encerramento dos Jogos, neste domingo (11), seja "um pouco menos ofensiva" que a de abertura. A festa inaugural, em 26 de julho, causou polêmica devido a ousadias do responsável pelo espetáculo, o diretor de teatro Thomas Jolly. Uma das maiores controvérsias foi uma suposta paródia da Santa Ceia, com a presença de drag queens, que irritou muitos católicos. Marsset disse achar Jolly um "homem de boa fé" e que espera que o diretor "tenha compreendido o que suas equipes provocaram".

PETITES

B-girl afegã exibe mensagem política e é desqualificada

A afegã Manizha Talash, integrante da equipe de refugiados, foi desqualificada do breaking de Paris-2024 por revelar na sexta-feira (9) no palco um casaco onde se lia "Libertem as mulheres afegãs", informou no sábado a Federação Internacional de Dança Esportiva. A mensagem viola a regra 50 da Carta Olímpica, segundo a federação. Nascida em Cabul, cidade sob o regime do Taleban desde 2021, Talash deixou seu país para se refugiar na Espanha com seus dois irmãos.



Odd Andersen/AFP

Boxeadora Lin Yu-ting, imersa em polêmica de gênero, ganha o ouro

A boxeadora taiwanesa Lin Yu-ting ganhou neste sábado (10) o ouro na categoria até 57 kg. Lin derrotou a polonesa Julia Szeremeta por decisão unânime. A taiwanesa e a argelina Imane Khelif, ouro na categoria até 66 kg, foram alvo de críticas e ofensas durante os Jogos por parte de algumas rivais e políticos conservadores que pediram sua saída do torneio olímpico em razão de controvérsia sobre testes de elegibilidade de gênero em torneio anterior organizado pela Associação Internacional de Boxe (IBA) —organização hoje banida do esporte.

França atropela a Polônia e leva o ouro no vôlei masculino

Os anfitriões dos Jogos Olímpicos venceram a Polônia por 3 sets a 0 (25/19, 25/20 e 25/23) e ficou com a medalha de ouro no vôlei masculino. Os franceses agora são bicampeões olímpicos, já que também conquistaram o topo do pódio em Tóquio-2020.

Nadadora holandesa dedica vitória a seu cachorro que morreu

A nadadora holandesa Sharon van Rouwendaal dedicou sua medalha de ouro ao seu cachorro, Rio, que morreu há alguns meses. Ao sair da água na prova de maratona aquática de 10 km, a primeira coisa que fez foi beijar o punho direito, onde tem uma tatuagem em homenagem ao animal. No pódio, Rouwendaal levantou o punho e apontou para a tatuagem —a patinha do cachorro, feita três dias depois de sua cremação. O animal tinha conexão com as Olimpíadas. Ela o batizou de Rio após as Olimpíadas do Rio-2016, quando ela ganhou sua primeira medalha olímpica. A holandesa é a primeira atleta de maratona aquática a ganhar três medalhas na modalidade.

MEDALHAS

Considerando o total de ouros*

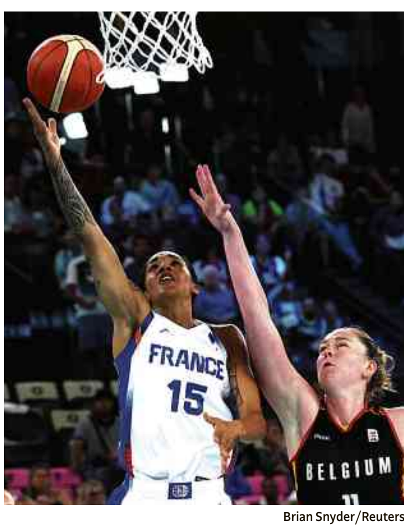
		Ouro	Prata	Bronze	TOTAL
1º	China	39	27	24	90
2º	Estados Unidos	38	42	42	122
3º	Austrália	18	18	14	50
4º	Japão	18	12	13	43
5º	França	16	24	22	62
6º	Grã-Bretanha	14	22	27	63
7º	Coreia do Sul	13	8	9	30
8º	Holanda	13	7	12	32
9º	Alemanha	12	11	8	31
10º	Itália	11	13	15	39
20º	Brasil	3	7	10	20

*Atualizado até 18h30 de 10.ago



NA TV

IMPERDÍVEL



Brian Snyder/Reuters

BASQUETE FEMININO
10h30 A França tenta barrar a equipe dos Estados Unidos em decisão que repete o confronto vencido pelos americanos na final masculina no sábado
SPORTV 2/CAZÉ TV

LEVANTAMENTO DE PESO
7h Final fem. +81kg
SPORTV 3



Patricia de Melo Moreira/AFP

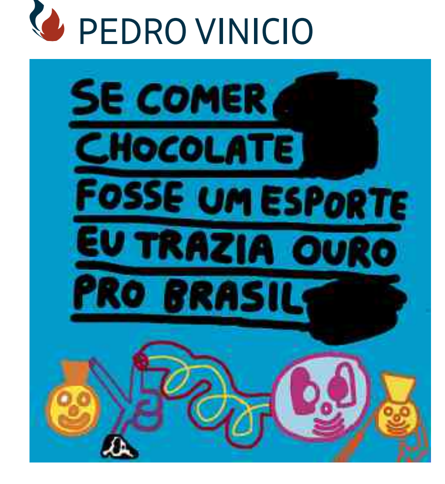
VÔLEI FEMININO
8h A Itália enfrenta as atuais campeãs olímpicas e algozes do Brasil na semifinal em busca do ouro olímpico na decisão contra os Estados Unidos
SPORTV 2 /CAZÉ TV

HANDEBOL MASCULINO
8h30 Final - Alemanha x Dinamarca
SPORTV

POLO AQUÁTICO MASCULINO
9h Final - EUA x França
SPORTV 2/CAZÉ TV

LUTA LIVRE
10h30 Finais
SPORTV 3

PEDRO VINICIO



As rainhas do Brasil

Juca Kfouri
Jornalista, autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

A proclamação da República, em 1889, desaguou num mar de reis e rainhas pelo Brasil afora. À falta de uma monarquia respondemos com o Rei do futebol, o maior rei de todos, com a Rainha do futebol, Marta, e com uma série interminável de monarcas.

Temos o Rei da Batida, o Rei da Pamonha, o Rei do Filé, o Rei do Gado, até o rei da cocada preta.

Sim, temos mais reis que rainhas, e apesar do machismo vigente é capaz de começarmos a tê-las em série.

Verdade que uma rainha como Marta ainda desperta restrições como vimos em torno da tola polêmica se ela deveria ou não ser escalada para enfrentar os Estados Unidos. Tão tola como desinformada por aqueles que perguntavam o que foi que ela ganhou com a seleção brasileira, esquecidos de que simplesmente, enquanto a discussão atingia o auge, a Rainha Marta já tinha assegurada, simplesmente, sua terceira medalha de prata olímpica. Repitamos: a terceira medalha olímpica!

Alguém tem dúvida que Rebeca Andrade está perto de ser proclamada Rainha da ginástica? Que Bia Souza mais um pouco será a Rainha do judô?

Temos um problema no quesito monárquico em relação ao vôlei de praia: a mineira Ana Patrícia ou a sergipana Duda, quem será a rainha? Na dúvida, considerando que já temos um rei mineiro, de Três Corações, talvez a coroa deva ir para a nordestina, embora a região já tenha a alagoana Marta.

Fato é que mais que nunca a mulherada bronzeada mostrou seu valor e deu origem às melhores sacadas, como a de que na festa da delegação brasileira os rapazes entraram com os salgados e as meninas com as medalhas.

Brincadeira que Piu, que Isaquias, Medina, Willian Lima, Caio Bonfim, Augusto Akio e Edival Pontes hão de levar numa boa, com espírito esportivo, medalhados que também são com muita dedicação e brilho.

Alegria olímpica

Foram dias de muitas emoções, de cenas magníficas, de dramas, de muito choro para o bem e para o mal. Difícil voltar à normalidade, embora seja impossível viver mais que duas semanas com tanta intensidade, ainda mais no fuso francês.

Demagogia olímpica

Em vez de, enfim, formular uma política esportiva para o país, o governo Lula, que trocou Ana Moser por Fufuca, preferiu, pressionado pelas redes antissociais, isentar os medalhistas do pagamento do imposto que todo brasileiro paga ao receber salários ou prêmios por seu trabalho.

Populismo barato que não resolve coisa alguma nem homenageia os vitoriosos na proporção que merecem, porque medida de curtíssimo prazo e vigência.

Mentira olímpica

A grande mentira pregada por Carlos Nuzman para vender a ideia de sediar a Olimpíada de 2016, a de que seria o pontapé inicial do Brasil poliesportivo, é desmascarada a cada nova edição dos Jogos.

Sediar Olimpíada deve coroar processos que fazem de um país potência esportiva, jamais como primeiro passo.

O Rio fez linda festa do começo ao fim, ninguém teve de dormir fora do quarto por causa de calor, a baía da Guanabara estava aparentemente em condições até melhores que o rio Sena, mas não resultou em progresso algum na formação de mentalidade olímpica.

Nem muito menos concorreu para a democratização do acesso à prática esportiva, como agente de saúde pública, que deveria ser a prioridade.

Tristeza olímpica

Impossível não pensar em todos os atingidos pelo desastre aéreo em Vinhedo.

Terrível paradoxo: a comemoração das medalhas em meio à dor pela perda de tantas vidas.

É preciso saber perder

Tostão
Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Terminam neste domingo as Olimpíadas. Vou sentir saudades. Parabéns aos vencedores e perdedores. Atletas que não ganharam medalhas, mas que superaram suas melhores marcas são também vitoriosos. Para ser um campeão, é necessário muito talento, força emocional e ambição de ir além, ultrapassar os limites, sem perder o respeito e a dignidade.

Os Jogos Olímpicos ensinam ao futebol brasileiro saber perder. Não dá mais para aguentar nos campeonatos nacionais e sul-americanos tantas reclamações, tumultos, gestos agressivos e até obscenos durante as partidas. É necessário fazer algo com urgência, antes que destruam o nosso futebol.

Muitas coisas que desejamos não conseguimos. Outras, que já temos, corremos o risco de perder. Por muito pouco, pequenos detalhes, acasos, a vida e os resultados mudam.

Após as duas fraquíssimas atuações e derrotas na fase de grupos da seleção, parecia que o nosso futebol feminino continuava muito atrás das principais seleções do mundo. Não é a realidade. O Brasil mostrou, nas vitórias contra a França e Espanha, e na derrota para os EUA em um jogo equilibrado, que está entre os melhores. A medalha de prata significa ouro, pois coloca o Brasil em outro nível técnico. Parabéns à equipe. O Brasil soube perder, sem criar tumultos.

É preciso saber perder. A excelente jogadora da seleção da Espanha Jenni Hermoso foi presunçosa e não soube perder ao dizer, após a derrota por 4 a 2, que a seleção brasileira não sabe jogar futebol.

Ela deve achar que só existe uma maneira de atuar, trocando muitos passes, tendo o domínio da bola e do jogo, como fazem muito bem as seleções espanholas feminina e masculina. A Espanha é campeã da Eurocopa e medalha de ouro no futebol masculino das Olimpíadas.

Gosto mais também desse tipo de jogo, porém há outras maneiras eficientes de atuar bem e de vencer, como fez a seleção brasileira feminina na vitória contra a Espanha. A equipe alternou muito bem a pressão para não deixar a Espanha trocar passes com uma marcação mais recuada para contra-atacar com velocidade.

No futebol brasileiro, os árbitros, o VAR e a interpretação das regras precisam ser repensados. Durante as disputas pela bola, não há condições de um atleta ficar com os braços colados ao corpo, como um robô. O suposto pênalti tão reclamado pela diretoria do Flamengo na partida contra o Palmeiras nunca existiu. Os braços se movimentam com o corpo.

Foi absurda a expulsão de um jogador do Botafogo no final do primeiro tempo contra o Bahia, quando a partida estava equilibrada e empatada em 0 a 0. O jogador, quando sobe para disputar uma bola, movimenta os braços e pode atingir o adversário. Isso não é agressão. Com um jogador a mais, o Bahia passou a ter muitas mais chances de vitória.

Palmeiras e Flamengo jogaram muito bem em casa e muito mal no campo do adversário. A superioridade do Flamengo em seu campo foi um pouco maior no primeiro jogo do que a do Palmeiras em casa no segundo.

No Brasil, é bastante frequente as equipes serem bem diferentes na qualidade técnica em casa e fora. Mudam bastante a postura dos atletas e a estratégia dos treinadores. Seguem modelo antigo e ultrapassado de que empate no campo do adversário é ótimo resultado, mesmo em um campeonato longo e por pontos corridos como é o Brasileirão, em que a vitória vale três pontos e o empate só um.

É preciso saber perder e saber ganhar.

A vitória de prata

Paulo Vinicius Coelho
Jornalista e autor de "Escola Brasileira de Futebol". Cobriu sete Copas e nove finais de Champions

O apito final de Estados Unidos 1 x 0 Brasil teve festa norte-americana e tristeza brasileira, contraste com a cena de cinco minutos mais tarde, quando terminou a decisão de terceiro e quarto lugar que deu ao Brasil sua vigésima medalha, bronze no vôlei das mulheres. Estranha lógica olímpica em que se chora pelo segundo lugar e se festeja o terceiro.

A história recente do esporte indica que houve mais sucesso das mulheres no vôlei do que no futebol, porque, com as mãos, a seleção de José Roberto Guimarães já ganhou duas vezes o ouro, inédito no futebol feminino.

O primeiro tempo de Estados Unidos x Brasil foi de absoluto domínio do time de Arthur Elias, Marta e Gabi Portilho. Ludmila teve a chance de fazer 1 x 0 na primeira jogada, logo depois do apito inicial. Mais tarde, marcou, mas o gol foi anulado por impedimento. Com as melhores chances e o time mais bem postado em campo, quem esteve mais perto de abrir o marcador sempre foi o Brasil. Até que, aos 12 da segunda etapa, Swanson aproveitou o mau posicionamento do lado direito da defesa, infiltrou-se e tocou na saída de Lorena.

Até Tom Cruise, presente ao Parque dos Príncipes para a finalíssima, percebeu que não havia Missão Impossível Parte 3, depois das derrotas brasileiras para as norte-americanas, nas prorrogações de Atenas-2004 e Pequim-2008. Apesar de Swanson ter marcado no minuto 57, sem necessidade de tempo suplementar, esta foi a decisão mais difícil.

Edinho, filho de Pelé, diz que na década de 1980 disputava mais partidas de basquete e beisebol, em Nova York, porque via o esporte do qual seu pai foi rei como "de meninas". Razão pela qual sabe-se até hoje que os Estados Unidos representam a nação mais desenvolvida na modalidade entre as mulheres. Cinco vezes campeãs olímpicas, em oito edições, quatro vezes vencedoras da Copa do Mundo, em nove participações.

A grande diferença ainda está neste quesito. Pais e mães brasileiros ainda dão de presente uma bola para o filho, e a menina passa longe dos campos, na maior parte das vezes. Quando a Fifa criou a Copa do Mundo, tardiamente, 61 anos depois do início dessa história para os homens, as forças europeias estavam na Escandinávia. Noruega, Suécia, em menor escala a Alemanha.

O investimento de Espanha, Inglaterra e França mudou esse cenário. Foi a partir da obrigatoriedade de Barcelona, Real Madrid e Atlético terem equipes femininas. Na Inglaterra, o Chelsea montou um timaço, sete vezes campeão da Super League sob o comando de Emma Hayes, a treinadora campeã olímpica dirigindo as norte-americanas. A derrota se explicaria por todas estas razões. A medalha de prata é uma vitória, por tudo isso.

Arthur Elias assumiu o comando depois da pior campanha de todos os tempos em Copas, sob a direção de Pia Sundhage. Chegou tentando convencer as jogadoras de que serão campeãs olímpicas ou mundiais. Lembre-se de que o próximo Mundial será disputado no Brasil, em 2027. Se for bem organizado e difundido, pode servir de incentivo para muitas outras crianças entrarem na modalidade.

Em Paris, a seleção quebrou o tabu contra a França, venceu as campeãs mundiais espanholas, compreendeu que jogar com Marta é bom, mas haverá vida depois dela, conheceu outros modelos táticos, conseguiu atacar as norte-americanas, mesmo defendendo-se com linha de cinco zagueiras.

Falta agora um pouco mais de investimento dos clubes brasileiros. Também das famílias. O país do futebol só vai voltar a ser aqui quando for de meninas e meninos, homens e mulheres.

| DOM. Juca Kfouri, Tostão e Karen Jonz | **SEG. Juca Kfouri, Maurício Stycer e Daniel E. de Castro** | TER. Paulo Vinicius Coelho, Sandro Macedo e Eduardo Sodré | QUA. Tostão, Sandro Macedo e Marina Izidro | QUI. Juca Kfouri, Sandro Macedo e Daniel E. de Castro | SEX. Paulo Vieira, Zeca Camargo e Sandro Macedo | SÁB. Marina Izidro, Paulo Vinicius Coelho e Daniel E. de Castro

Dream Team derruba valentia da França e leva o ouro olímpico

Formação de estrelas liderada por LeBron James, Kevin Durant e Stephen Curry derrota os franceses por 98 a 87

BASQUETE

André Fontenelle

PARIS Nem o jovem gigante Victor Wembanyama (20 anos, 2,24 metros oficiais) conseguiu romper a hegemonia dos EUA no torneio olímpico masculino de basquete. No aguardado duelo entre o veterano LeBron James e o francês, prevaleceram os norte-americanos (98 a 87).

Foi o quinto triunfo olímpico consecutivo dos EUA e o 17º em 21 torneios. Os franceses perderam pela quarta vez a decisão para o mesmo rival. As anteriores foram em Londres-1948, Sydney-2000 e na última edição, Tóquio-2020, disputada em 2021 devido à pandemia de Covid-19.

Uma enterrada de LeBron James e uma cesta de três pontos de "Wemby" foram os primeiros pontos do jogo. "Vamos, Azuis, os torcedores estão aqui!", gritava o público que lotou a Arena Bercy.

Wembanyama, que apesar do tamanho é um jogador ágil e completo, foi o cestinha da partida, com 26 pontos. Mas seu talento ainda está sendo lapidado e ele não teve bom aproveitamento nos arremessos de três pontos (acertou apenas três de oito).

James, 39, em sua quarta olimpíada, ganhou a terceira medalha de ouro, depois de Pequim-2008 e Londres-2012. Em Atenas-2004, sua primeira participação com apenas 19 anos, os EUA perderam a semifinal para a Argentina e ficaram com o bronze.

A divisão de pontos entre os norte-americanos, por sua vez, mostra a qualidade do time: Stephen Curry (24), Kevin Durant (15), Devin Booker (15), James (14), Anthony Davis (8), Anthony Edwards (8).

Todos os pontos de Curry foram da linha dos três pontos, 8 de 12 tentativas —um aproveitamento alto até para ele, que é um dos maiores, se não o maior, arremessador de longe de todos os tempos no esporte.

Os americanos lideraram o primeiro quarto por 20 a 15, e chegaram a abrir sete pontos no segundo quarto, mas os franceses reagiram com duas cestas de três pontos e reassumiram a liderança com 25 a 24.

Porém, sempre que a França equilibrava a partida, a equipe americana recorria àquilo que no jargão da NBA é conhecido como a "profundidade" do elenco à disposição do técnico Steve Kerr: cestas de três não só do especialista Curry, do Golden State Warriors, mas de Booker e Durant, companheiros do Phoenix Suns, ou de Edwards, do Minnesota Timberwolves.

O aproveitamento americano da linha de três pontos foi de 45% no primeiro tempo, contra apenas 19% dos franceses.

No primeiro tempo, o destaque francês não foi Wembanyama, mas o ala Guerschon Yabusele, ex-jogador do Boston Celtics, hoje no Real Madrid, da Espanha. "MVP! MVP!" (sigla que, nos EUA, designa o jogador mais valioso de uma competição, o "most valuable player"). Yabusele foi o cestinha do primeiro tempo, com 15 pontos.

A dinâmica do jogo continuou parecida no segundo tempo: a França se aproximando no placar, os EUA rapidamente reabrindo vantagem. O veterano ala Evan Fournier, 31, até então discreto, começou a aparecer. Fournier, que joga há doze anos na NBA, marcou oito pontos no terceiro quarto, que terminou com os EUA seis pontos à frente (72 a 66).

A cinco minutos do fim, começaram os gritos de "USA! USA!". Mas os franceses reagiram e reduziram a diferença para apenas três pontos (82 a 79), com as contribuições de Yabusele e Wembanyama.

Mas três cestas de três pontos de Curry mantiveram os franceses à distância.

Mesmo incentivando o próprio time, os franceses aplaudiam as boas jogadas dos americanos. Com uma exceção: Joel Embiid. Nascido em Camarões, mas possuidor da cidadania francesa, ele foi sondado para defender a França nos Jogos, mas optou pelos EUA.

O ambiente na Arena Bercy era de jogo da NBA, mas com sotaque francês. "Dé-fense! Dé-fense!", gritava a torcida local, à maneira das torcidas americanas. No intervalo entre os quartos, a coreografia das cheerleaders fazia alusão ao can-can.

Nos intervalos da decisão, o locutor da Arena Bercy anunciava os nomes das celebridades presentes. Entre elas, o apresentador de TV americano Jimmy Fallon; o ator francês Omar Sy; os ex-jogadores de basquete Carmelo Anthony, Dirk Nowitzki, Pau Gasol e Scottie Pippen; os ex-jogadores de futebol Megan Rapinoe e Thierry Henry; e os multicampeões olímpicos franceses Teddy Riner (judô) e Léon Marchand (natação).

Na decisão da medalha de bronze, disputada de manhã, a Sérvia derrotou a campeã mundial Alemanha por 93 a 83. O Brasil terminou em sétimo lugar, eliminado pelos EUA nas quartas de final.



Stephen Curry (à esq.), comemora com seus companheiros de time o quinto ouro olímpico seguido do basquete masculino americano, conquistado neste sábado (10) Stephanie Lecocq/Reuters

'Foi a minha pior maratona', afirma Eliud Kipchoge após desistir da prova com dores

MARATONA

AFP "Foi a minha pior maratona", lamentou a lenda queniana Eliud Kipchoge, depois do seu abandono na mítica distância dos 42,195 quilômetros dos Jogos Olímpicos de Paris, neste sábado (10).

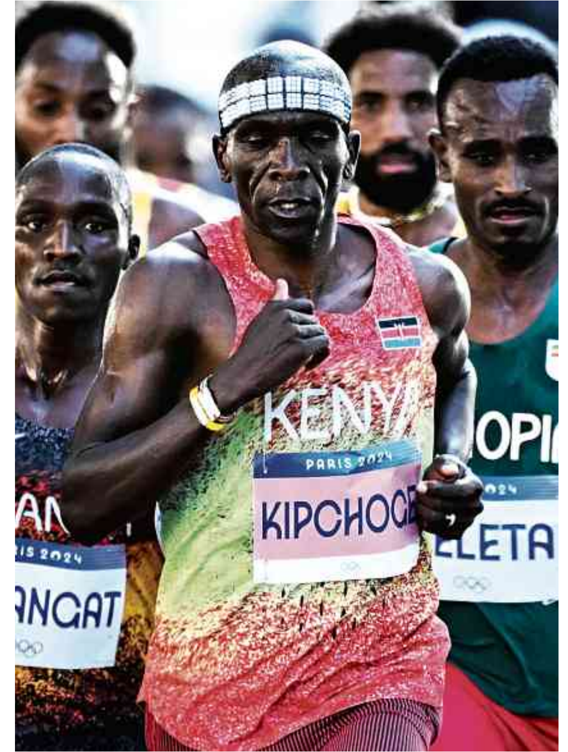
"Foi um dia difícil. Isto é como o boxe, pode treinar durante cinco meses para uma luta e ser nocauteado em dois segundos. Mas a vida continua", disse o maratonista de 39 anos, que decidiu abandonar a prova depois do quilômetro 30.

"Foi a minha pior maratona. Nunca tinha abandonado, mas assim é a vida. Me nocautearam, como a um boxeador. No passado ganhei, terminei em segundo, décimo quinto e agora abandono. Assim são as coisas", disse.

O vencedor das maratonas olímpicas do Rio de Janeiro em 2016 e de Tóquio em 2021, ex-recordista mundial, explicou que decidiu parar por "uma dor nas costas".

"Os outros participantes me encorajaram a continuar, mas disse-lhes que não podia, que me doía. Senti o seu afeto e respeito", afirmou.

"Não sei qual será o meu futuro. Vou pensar nos próximos três meses. Quero tentar continuar a correr maratonas", indicou.



O corredor queniano Eliud Kipchoge na prova deste sábado (10), em Paris, antes de desistir no km 30 Kirill Kudryavtsev/AFP

> Foi a minha pior maratona. Nunca tinha abandonado, mas assim é a vida. Me nocautearam, como a um boxeador
>
> **Eliud Kipchoge**
> maratonista queniano ganhador do ouro na prova nos Jogos do Rio-2016 e Tóquio-2020

O etíope Tamirat Tola, 32, venceu a prova, com o tempo de 2h06min25s. Campeão da maratona de Nova York no ano passado, com direito a recorde, Tola era um dos favoritos da prova. O etíope ainda foi medalhista de bronze nos 10.000m na Rio-2016.

O belga Bashir Abdi ficou com a prata, enquanto o queniano Benson Kipruto levou o bronze.

Recurso de romena é aceito, e Jordan Chiles perde bronze

GINÁSTICA ARTÍSTICA

SÃO PAULO Após protagonizar uma cena histórica ao lado de Simone Biles e Rebeca Andrade no pódio do solo em Paris-2024, a ginasta americana Jordan Chiles perdeu sua medalha de bronze, decidiu o Tribunal Arbitral do Esporte (CAS, na sigla em inglês) neste sábado (10).

A premiação foi transferida para a romena Ana Barbosu após recursos formais apresentados pelo Comitê Olímpico da Romênia.

Os romenos, incluindo a lenda da ginástica Nadia Comaneci, fizeram três pedidos: a revisão da nota de Chiles —que, no dia da final, acabou aumentada em um décimo após requerimento dos americanos—, a anulação de uma punição de um décimo de outra romena, Sabrina Maneca-Voinea, e a entrega da medalha de bronze às três ginastas, Chiles, Voinea e Barbosu.

Apenas a solicitação quanto à nota de Chiles foi aceita.

Última a se apresentar, Chiles recebeu inicialmente 13,666, o que a deixaria no quinto lugar, atrás das duas romenas, que tinham ambas 13,700 —Barbosu estava à frente pelo critério de desempate, a nota de execução. Ela chegou a comemorar o pódio, mas a equipe americana pediu revisão da nota de Chiles aos árbitros, que a aumentaram para 13,766.

Neste sábado, o CAS anulou o aumento da nota de Chiles.

"O requerimento apresentado em nome da Sra. Jordan Chiles na final do exercício feminino foi registrado após o término do prazo de um minuto previsto no artigo 8.5 do Regulamento Técnico da FIG [Federação Internacional de Ginástica] de 2024 e teve seus efeitos revogados", diz o texto, que prevê que a FIG determine a classificação final com base na decisão.

A USA Gymnastics, órgão regulador da ginástica artística dos Estados Unidos, emitiu nota conjunta com o comitê olímpico americano em que declaram estar "arrasados" com a decisão.

"O recurso a respeito da nota de dificuldade da rotina de exercícios de solo de Jordan Chiles foi aplicado de boa-fé e, em nossa opinião, de acordo com as regras da FIG para garantir uma pontuação correta", escrevem.